

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 6 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2020

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 06 – Número 01 – Junho / 2020

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica



R454 Revista Ensaios Teológicos : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 06, n. 01, Jun. 2020. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2020. -
166 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zaroni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzerá (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Daniel Torgan (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Me. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Me. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Me. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

Revisão do Abstract

Me. Gabriel Giroto Lauter e Bernardo Kuss

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	-----------

ARTIGOS

Karl Barth: sua vida e programa de interpretação bíblica Karl Barth: his life and biblical interpretation program <i>Francis Natan Gonçalves Martins.....</i>	11
As Bem-Aventuranças: o caminho (teo)lógico do discipulado The Beatitudes: the (theo)logical way of the discipleship <i>Flaviano Nogueira Siedeliske.....</i>	24
A Palavra de Deus como base para qualquer ministério, em qualquer lugar e em qualquer época The Word of God as a basis for any ministry, anywhere and any time <i>Cléber Mateus de Moraes Ribas.....</i>	42
Paulo: vida, viagens missionárias e morte Paulo: life, missionary trips and death <i>Gustavo Albernaz Dias Carreiro.....</i>	53
Concepção do demoníaco no Evangelho de Marcos Demonic conception in the Gospel of Marks <i>Cleiton Góes da Silva e Ezequiel da Silveira de Souza.....</i>	63
A Contrarreforma: resposta contra o protestantismo e renovação eclesial dentro do Catolicismo The Counter-Reformation: response against Protestantism and ecclesiastic renewal within Catholicism <i>Josemar Valdir Modes e João Vicente Hörig</i>	77
Ser professor de ensino religioso: oportunidade para apresentar Cristo aos alunos Being a religious teaching teacher: opportunity to present Christ to students <i>Rosilene Francisca Machado Sälzer.....</i>	89
A pessoa do conselheiro e a moralidade da pós-modernidade The counselor's person and the post-modernity morality <i>Bernardo Stollmeier Kuss.....</i>	100

Profetismo e Política: a incorruptibilidade sociopolítica como um princípio ético paradigmático na mensagem de *Isaías*

Prophetism and politics: sociopolitical incorruptibility as a paradigmatic ethical principle in Isaiah message

Antonio Elias Silva Neto 121

A mensagem de Amós: uma denúncia a espiritualidade superficial de ontem e da contemporaneidade

The Amos message: a denunciation to the superficial spirituality of yesterday and contemporaneity

Silvio Oliveira da Silva 145

RESENHA

A história que faz diferença

Jaqueline Bresch 162

Normas para publicação 165

APRESENTAÇÃO

Prezado Leitor,

A Revista **Ensaios Teológicos** apresenta mais uma edição. Ensaios Teológicos é uma revista teológica que viabiliza espaço de publicações para autores que já possuem caminhada de publicação, bem como para acadêmicos que estão iniciando suas publicações. Nesta edição, os autores de *Ensaios Teológicos* disponibilizam dez artigos e uma resenha.

O primeiro artigo tem por título **“Karl Barth: sua vida e programa de interpretação bíblica”**. Este artigo foi escrito por *Francis Natan Gonçalves Martins* e nele o autor mostrou que Karl Barth é considerado o mais brilhante teólogo do século XX. Este rompeu com o liberalismo teológico dando início ao movimento neo-ortodoxo, pois propôs uma teologia baseada na Palavra de Deus e não na racionalidade humana. Martins fez uma abordagem da vida, formação teológica, crise com a teologia liberal e seu programa de interpretação bíblica. Também foi avaliada a relevância dos recursos teológicos de interpretação e os equívocos apresentados na hermenêutica bíblica de Karl Barth.

O segundo artigo foi escrito por *Flaviano Nogueira Siedeliske* e está intitulado como **“As bem-aventuranças: o caminho (teo)lógico do discipulado”**. Neste artigo foi analisada a passagem das bem-aventuranças, encontrada em Mateus 5.3-12. Desenvolveu-se a ideia apresentada por Martyn Lloyd-Jones de que elas estão organizadas numa sequência lógica e espiritual. O autor submeteu a passagem à análise dos contextos histórico, cultural e literário. Também apresentou as análises de personagem, léxica, estilística, verso a verso e teológica, e relacionou-as com o texto de Lucas 6.20-23. Tendo por base diversos pensadores, tais como Lloyd-Jones, Carson e Shedd, o autor destacou a necessidade de uma sequência lógica e espiritual como fundamental para a análise desta passagem, para quem almejar ser discípulo de Cristo.

Na sequência, com o título **“A palavra de Deus como base para qualquer ministério, em qualquer lugar e qualquer época”**, temos o terceiro artigo escrito por *Cléber Mateus de Moraes Ribas*. Neste artigo, o autor mostra que a sociedade atual é pós-moderna e pluralista, num aspecto mais forte em relação à religião. Sendo assim, de maneira geral, as pessoas acreditam que não existe uma verdade absoluta, mas as concepções religiosas são apenas aceitáveis. Assim, surgem os desafios para o pastor e o perigo deste tornar-se um profissional do púlpito. Além disso, o autor mostra que o pluralismo é algo já observado no primeiro século, portanto é necessário que o pastor tenha por norte somente as Escrituras. Sendo assim, foi enfatizado, neste artigo, que a Palavra de Deus precisa ser base para o trabalho ministerial.

Na sequência, temos o quarto artigo, que tem por título **“Paulo: vida, viagens missionárias e morte”**. *Gustavo Albernaz Dias* foi o autor e trabalhou questões que envolvem a vida do apóstolo Paulo, tendo por foco as suas viagens missionárias. Foi apresentado uma biografia de Paulo, iniciando com sua juventude, seguido das viagens missionárias do apóstolo. O texto foi finalizado com assuntos referentes as teorias quanto a prisão e morte do apóstolo.

Cleiton Góes da Silva e *Ezequiel da Silveira de Souza* são os autores do quinto artigo, que tem por título **“Concepção do demoníaco no Evangelho de Marcos”**. Neste artigo, os autores trabalharam questões sobre divergência no entendimento do demoníaco no Novo e Antigo

Testamentos. Eles descrevem que, no Antigo Testamento, Satanás aparece como um servo fiel de Deus e no Novo Testamento ele é visto como representação das forças do mal e o inimigo de Deus. O foco está no evangelho de Marcos. O início da escrita deu-se com a análise etimológica do termo *daimon*, até que se chegou à construção histórica da figura demoníaca. A análise do artigo também fez uma relação do demoníaco com o poder opressor humano e classificou as estruturas sociais da época como figuras demoníacas. Para os autores, Satanás e seus demônios, no Evangelho de Marcos, são figuras que representam os judeus contrários a Cristo, bem como o poder do Império Romano.

O sexto artigo também teve dois autores na sua escrita, *Josemar Valdir Modes* e *João Vicente Diniz Höring*, os quais desenvolveram o tema intitulado **“A contrarreforma: resposta contra o protestantismo e renovação eclesial dentro do catolicismo”**. Neste trabalho, eles analisaram o evento *Contra-reforma* ou *Reforma Católica*. Também abordaram os motivos que levaram a Igreja Católica a fazer a Contra-reforma e também fazem apontamentos sobre os anos de hegemonia de poder e influência na Europa. O *Concílio de Trento* e as tentativas de reconciliação entre protestantes e católicos são evidenciados e, para finalizar, foi destaque a fundação da ordem dos Jesuítas e o seu papel na Contra-reforma.

O sétimo artigo está intitulado como **“Ser professor de ensino religioso: oportunidade para apresentar Cristo aos alunos”**. Neste artigo, escrito por *Rosilene Francisca Machado Sälzer*, foi analisado o privilégio de ser professor de Ensino Religioso. Para a autora, a ordem de Jesus em levar o Evangelho a todos os lugares deve ser cumprida também nesse espaço. Além disso, evidencia-se que as escolas brasileiras estão solicitando ajuda; por isso, as oportunidades de apresentar Cristo ao coração dos alunos devem ser aproveitadas.

O oitavo artigo tem como título **“A pessoa do conselheiro e a moralidade da pós-modernidade”** e foi escrito por *Bernardo Stollmeier Kuss*. No texto, abordou-se a prática do aconselhamento, na Pós-modernidade, e sua relação com a moralidade atual. O autor mostra que as críticas e desconstruções pós-modernas atingiram a moralidade humana, que julga o certo e errado no que diz respeito ao ser humano e ao próximo. O autor também mostra que o ser humano ficou sem padrões e assim surgiram as diferentes propostas de aconselhamento. Após tais constatações, foi exposto o modelo cristão de aconselhamento, o qual tem por base a Bíblia e na sua opinião gera soluções efetivas.

Antonio Elias Silva Neto escreveu o nono artigo que tem como título **“Profetismo e Política: a incorruptibilidade sociopolítica como um princípio ético paradigmático na mensagem de Isaías”**. Neste artigo, foram destacadas questões e referencial ético-crítico na doutrina bíblica, a qual se opõe e combate à prática de corrupção na esfera social e política das nações. A base para desenvolvimento deste tema foi o contexto e mensagem dos capítulos 1 e 5 do profeta *Isaías*. A partir das concepções históricas e etiológicas da corrupção, o autor fez um comprovativo destas práticas nas civilizações do Oriente Médio Antigo, vizinhas ao Antigo Israel. Seguindo, examinou a influência desta corrupção nas estruturas sociopolíticas israelitas, com ênfase no contexto isaiano. Finalizando o artigo, Neto analisou a recepção e a continuidade do paradigma profético “anticorrupção” e sua relevância para a contemporaneidade.

Para finalizar, como último artigo temos o texto de *Silvio Oliveira da Silva*. O título deste artigo é **“A mensagem de Amós: uma denúncia a espiritualidade superficial de ontem e da contemporaneidade”**. Neste artigo, foi oferecida uma análise da mensagem de Amós e a sua denúncia sobre a espiritualidade superficial. Foi utilizada pesquisa bibliográfica para desenvolver o texto. Evidenciou-se que, embora o texto do profeta seja antigo, a mensagem é contemporânea e extremamente importante.

Certamente, todos estes artigos serão importantes reflexões aos leitores da nossa revista. Acreditamos que os saberes aqui compartilhados podem abençoar aqueles que desejam aperfeiçoar-se nos temas aqui descritos. Desejamos que sua vida seja edificada com esses artigos!!

Dr^a. *Marivete Zanoni Kunz*
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

KARL BARTH: SUA VIDA E PROGRAMA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Karl Barth: his life and biblical interpretation program

Francis Natan Gonçalves Martins¹

RESUMO

Karl Barth é considerado ainda nos dias de hoje o mais brilhante teólogo do século XX, o qual rompeu com o liberalismo teológico e deu início ao movimento neo-ortodoxo, propondo uma teologia baseada na Palavra de Deus e não na racionalidade humana. Foi um dos teólogos mais produtivos da história em quesito de produção de obras, influenciando ainda na atualidade o mundo acadêmico e religioso. Fez-se uma breve abordagem de sua vida, sua formação teológica, crise com a teologia liberal e seu programa de interpretação bíblica. Avaliou-se assim a relevância e utilidade de seus recursos teológicos de interpretação, assim como os equívocos apresentados em sua hermenêutica bíblica.

Palavras-chave: Karl Barth. Palavra de Deus. Neo-ortodoxia. Interpretação. Teologia.

ABSTRACT

Karl Barth is still considered today the most brilliant theologian of the 20th century, who broke with theological liberalism and started the neo-orthodox movement, proposing a theology based on the Word of God and not on human rationality. He was one of the most productive theologians in history in terms of production of works, still influencing the academic and religious world today. Here was made a brief approach to his life, his theological formation, his crisis with liberal theology and his biblical interpretation

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

program. Thus, the relevance and usefulness of its theological resources of interpretation were evaluated, as well as the mistakes presented in its biblical hermeneutics.

Keywords: Karl Barth. God's Word. Neo-orthodoxy. Interpretation. Theology.

INTRODUÇÃO

Pouco mais de vinte anos nos distanciam do último século, o século XX. Muitos foram os nomes que influenciaram e compuseram a teologia deste período. Mas bom número de estudiosos dos dias atuais não hesita em afirmar, sem mescla de dúvidas, que o principal e mais brilhante entre esses foi Karl Barth², sendo o mais influente pensador cristão do século XX.³ Karl Barth foi reconhecido como pai da igreja moderna, sendo classificado junto a grandes nomes, como Agostinho, Tomás de Aquino, Lutero, Calvino e Schleiermacher, devido a sua enorme contribuição original à teologia⁴, chegando a publicar 553 títulos durante toda a sua vida⁵, sendo um dos mais densos teólogos da história da Igreja cristã.⁶

Sua influência foi notória no meio teológico, sendo expressa através das palavras descritas por seu aluno Eberhard Jüngel, em 1982:

Karl Barth é o mais importante teólogo protestante desde Schleiermacher, o qual ele procurou superar, mas de quem, ainda assim, é devedor em muitos aspectos. A influência pessoal e literária de Barth mudou profundamente o formato da teologia cristã, ultrapassando barreiras confessionais e alterando de modo significativo o rumo da igreja protestante. Deixou, ainda, sua marca inconfundível na vida política e cultural do século 20.⁷

Algo que despertou muita atenção de seus críticos foi sua forma de interpretação da Bíblia. Teria o programa de interpretação do teólogo suíço Karl Barth influência e relevância nos dias de hoje? Não há como descrever seu programa de hermenêutica bíblica sem falar de sua vida, da construção de sua ótica de interpretação e os frutos desta. Para isso o presente ensaio se dispõe, abordando no primeiro ponto a vida e a formação teológica do teólogo Karl Barth. A segunda sessão discorrerá a crise de Barth com a teologia liberal. Em sequência, o terceiro ponto, abordará seu programa de interpretação bíblica, com apontamentos deste em suas obras. Para concluir, apontar-se-á os efeitos nocivos da hermenêutica barthiana, sendo que esta não conseguiu se desvincular totalmente das influências do liberalismo teológico.

1. VIDA DE KARL BARTH

O teólogo Karl Barth nasceu em 10 de maio de 1886 na Basileia, Suíça. Seu pai, Fritz Barth, era professor Novo Testamento e História da Igreja em uma universidade na cidade de

² SANTANA FILHO, Manoel B. **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana**. São Paulo: ASTE, 2013, p. 13.

³ LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 211.

⁴ GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A teologia do século 20: e os anos críticos do século 21**. 2.ed. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 75.

⁵ BUSCH, Eberhard. **Karl Barth: his life from letters and autobiographical texts**. Michigan: Eerdmans, 1994, p. 509-512.

⁶ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁷ JÜNGEL, Eberhard. **Karl Barth: a theological legacy**. Tradução de Garret E. Paul. Westminster, 1986, p. 22.

Berna⁸ e identificava-se com um grupo tido como conservador dentro da Igreja Reformada na Suíça. A família de Barth era muito rígida, mas feliz em seu convívio familiar, sendo que ele guardava grande apreço pelos seus pais.⁹

Ainda jovem, Barth decidiu tornar-se teólogo, no ano de 1902, as vésperas de sua profissão de fé. Essa decisão foi tomada não por ansiar o pastoreio de uma igreja local, mas como forma de sanar suas dúvidas relativas ao credo e as questões vagas que existiam em sua mente e coração.¹⁰ Barth recebeu sua educação cristã inicial através de seu pastor Robert Aeschbacher, na Igreja Reformada na Suíça. Educação esta que deixou marcas profundas em sua mente, às quais o motivaram a carreira teológica e podem ser percebidas em muitos traços de sua produção teológica.¹¹

Movido pelo anseio de preparo teológico mais aprofundado, Barth estudou teologia em universidades em Berna, Berlim, Tübingen e Marburg, sendo fortemente influenciado por um posicionamento teológico na linha ritschiliana de pensamento teológico liberal. Barth recebeu grande influência de Harnack durante o período que esteve em Berlim. Já em Marburg, tornou-se discípulo do teólogo ritschliano Wilhelm Herrmann.¹² Após este período de sua vida, concluiu seu bacharelado em 1909.¹³

Ainda antes de sua formação, no ano de 1908, Barth foi ordenado ao ministério e assumiu o pastoreado na Igreja Reformada em Genebra, igreja onde em anos anteriores João Calvino havia pastoreado. Mesmo em uma congregação tão reconhecida, Barth sentiu-se frustrado com seu ministério local e então decidiu assumir o pastoreio de uma pequena congregação na também pequena cidade de Safenwil na Suíça, no ano de 1911. Neste ministério local, Karl Barth iniciou uma revolução teológica, fazendo história no meio teológico.¹⁴ Barth permaneceu no pastoreio em Safenwil até o ano de 1921.

Em Safenwil e região, deparou-se com abusos de patrões de fábricas aos seus operários. A partir do então, passou a envolver-se com conflitos e questões sociais, tornando-se nesta época um socialista cristão. Barth participou ativamente e influenciou movimentos políticos, chegando a organizar um sindicato entre os operários. No ano de 1915, Karl Barth filiou-se ao Partido Social-Democrata. Mas devido ao início da I Guerra Mundial, Barth percebeu-se em crise com sua fé liberal, assim como seus ideais socialistas.¹⁵

No ano de 1922, tornou-se professor de teologia reformada na Universidade de Göttingen, onde juntamente com nomes como Thurneysen, Bultmann, Gogarten e Brunner, ajudou a desenvolver a teologia dialética. Em 1926 foi convidado para lecionar Dogmática e Teologia do Novo Testamento na Universidade de Münster, função que desenvolveu até 1929,

⁸ FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução a sua carreira e aos principais temas de sua teologia. Fides Reformata, VIII, Nº1, 2003, p. 30.

⁹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹¹ FERREIRA, 2003, p.30.

¹² GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹³ FERREIRA, 2003, p.30.

¹⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76.

¹⁵ FERREIRA, 2003, p. 31.

visto que em 1930 tornou-se professor de Teologia Sistemática na Universidade de Bonn, na Alemanha.¹⁶

No período dos anos 30, Barth envolveu-se com o movimento eclesial antinazista na Alemanha, cooperando com a elaboração da Declaração de Barmen, em 1934, a qual declarava que Jesus Cristo é o único Senhor. Desta forma, levantou uma crítica aos cristãos alemães que exaltavam ao Führer Adolf Hitler à posição do Messias nacional. Assim Barth é notado como forte opositor ao nazismo.¹⁷

Devido ao seu descumprimento em iniciar suas aulas com uma saudação nazista e a recusa em assinar um juramento de lealdade ao Führer, o governo alemão suspendeu sumariamente seu cargo de professor universitário na Universidade de Bonn, em 1935, expulsando-o da Alemanha. Após este episódio, Barth foi convidado para assumir como cátedra na Universidade da Basileia, na Suíça, voltando à sua cidade natal, onde viveu e lecionou pelo restante de sua vida.¹⁸

Durante os vinte e sete anos seguintes, Barth esmerou-se em sua obra “*A Dogmática da Igreja*” e em muitas outras obras. Estudantes do mundo todo se dirigiam a Basileia para ouvir suas palestras. Bom número de alunos ingleses e americanos participavam de seus seminários, ao ponto de ministrar aulas semanais em inglês para atendê-los.¹⁹

Em 1962, aos 75 anos de idade, Karl Barth se aposentou do ensino de tempo integral, dedicando-se a viagens e conferências na Europa e América, chegando a ser convidado pela Igreja Católica Romana para o 2º Concílio do Vaticano, que ocorreu entre outubro de 1962 e dezembro de 1965. O teólogo suíço faleceu em 9 de dezembro de 1968, em sua casa.²⁰

Barth nunca completou seu doutorado, embora tenha recebido grande número de honras durante sua vida, com o título *Doctor Honoris Causa* de grandes universidades²¹, como a Universidade de Chicago nos Estados Unidos, Münster na Alemanha; Utrecht na Holanda; Glasgow, St. Andrews, Edinburgh e Aberdeen na Escócia; Oxford na Inglaterra; Budapeste na Hungria; Faculdade Teológica Protestante de Estrasburgo, Paris e Sorbonne na França.²²

2. CRISE DE KARL BARTH COM O LIBERALISMO TEOLÓGICO

Bart foi moldado no liberalismo teológico alemão em seus primeiros anos de preparo acadêmico. Suas referências teológicas e mestres foram os mais renomados teólogos liberais europeus, podendo citar entre estes Schleiermacher, Adolf Von Harnack, Hermann Gunkel, Adolf Schlatter e Willhem Herrmann.²³

Faz-se necessário uma breve abordagem sobre do que se trata o Liberalismo Teológico. Este, por sua vez, foi um “cristianismo” gerado a partir do Iluminismo, com base no

¹⁶ FERREIRA, 2003, p. 33.

¹⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

¹⁸ FERREIRA, 2003, p. 38.

¹⁹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

²⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 81.

²¹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 76,81.

²² FERREIRA, 2003, p. 31.

²³ FERREIRA, 2003, p. 31.

racionalismo. Seus intentos acabaram por retirar da Bíblia o sobrenatural. Entre as suas principais crenças, elencam-se os seguintes pontos:

- 1) A Bíblia não é a Palavra de Deus, como um registro infalível e inspirado, mas é apenas um testemunho redigido da religião praticada por israelitas e cristãos, que registravam suas impressões sobre a Divindade. Em suas páginas não se encontra Deus, mas apenas relatos da fé de um povo antigo.²⁴
- 2) Relatos históricos da Bíblia que não sejam comprovados pela arqueologia, não são válidos. As profecias são enganosas, tendo sido registradas após os fatos mencionados. Os relatos da vida de Jesus nos evangelhos são mentiras e o apóstolo Paulo vem a ser o real fundador do cristianismo.²⁵
- 3) A única coisa permanentemente de valor no cristianismo é o ensino moral sobre Jesus Cristo. As declarações doutrinárias da Igreja não têm valor, visto que as experiências pessoais são o fator modelador da religião, sem necessitar da revelação.²⁶
- 4) Todas as religiões são boas e levam a Deus, sendo o cristianismo apenas a melhor delas.²⁷
- 5) O ser humano é bom em si, pois mantém dentro de si um pouco do caráter de seu Criador. Ele necessita apenas de encorajamento para fazer o que é correto.²⁸
- 6) Jesus Cristo não era Divino nem Salvador, apenas um homem normal que não demonstrou quaisquer aspectos sobrenaturais. Em relação a salvação, somente foi um exemplo de conduta irrepreensível, não tendo poder salvífico em sua vida.²⁹
- 7) Deus está totalmente despido de valores morais, sendo seu caráter dominado pelo Amor. Desta forma, todos os homens são seus filhos e o pecado não separa ninguém dele.³⁰

Foi o Liberalismo que gerou o método histórico-crítico de hermenêutica bíblica. Seus intérpretes tentavam interpretar a Bíblia esquecendo propositalmente o pressuposto de sua inspiração, Divindade e aspectos miraculosos, defendendo que, desta forma, sua interpretação seria “neutra” e de fato “científica”. Assim trocaram o pressuposto da fé, tão importante para a real compreensão da Palavra de Deus (1Co 2.14), pelo pressuposto da incredulidade ao folhear as páginas da Escrituras Sagradas.³¹

Apesar de ser doutrinado no liberalismo teológico e abraçar muitas de suas ideias, Barth viu sua fé liberal abalada com o início da I Guerra Mundial.³² Muitos motivos poderiam ser

²⁴ LOPES, 2007, p. 194.

²⁵ LOPES, 2007, p. 195.

²⁶ LOPES, 2007, p. 194.

²⁷ LOPES, 2007, p. 194.

²⁸ LOPES, 2007, p. 194.

²⁹ LOPES, 2007, p. 194.

³⁰ LOPES, 2007, p. 194.

³¹ LOPES, 2007, p. 195.

³² FERREIRA, 2003, p. 31.

elencados para explicar a frustração de Barth com o Liberalismo, mas dois sobressaem como maiores motivadores.³³

Primeiramente, Barth como um pastor de uma igreja local, ainda em Safenwil, percebeu que a teologia liberal não lhe oferecia uma proposta efetivamente proveitosa que o ajudasse a pregar o Evangelho de Cristo semanalmente no púlpito da pequena congregação. A partir de então passou a dedicar-se a analisar na Bíblia de forma diferenciada, o que lhe proporcionou uma visão desconhecida até então. Barth encontrou realmente na Bíblia uma mensagem relevante ao rebanho que pastoreava, algo que a teologia liberal fora incapaz de fazer,³⁴ chegando a afirmar que descobrira “O Estranho Mundo Novo Dentro da Bíblia”.³⁵

Em segundo lugar, ele entrou em uma profunda crise ao ver seus principais professores aprovando a política que moveu a Alemanha à I Guerra Mundial.³⁶ Barth frustrou-se ao ler a declaração redigida por noventa e três intelectuais alemães que apoiavam o levante do imperador Kaiser Guilherme II à guerra, sendo que entre estes estavam nomes de seus honrados professores de teologia. Para Barth, tal apoio provava que havia algo profundamente errado na teologia destes, a ponto de promoverem a ideologia da guerra. Concluiu então que seria um erro “aceitar suas éticas e dogmas, sua exegese bíblica, sua interpretação da História”.³⁷

Sua frustração com seus mestres liberais fora tamanha que chegou a propor-se a mostrar que toda a teologia liberal do século XIX era esdrúxula, passando a dedicar veementemente seu talento teológico a desqualificá-la. Ainda no período da guerra, Karl Barth começou a redigir o seu tão famoso comentário sobre a carta aos Romanos, o qual foi publicado no ano de 1919, onde elevou os ânimos e a oposição de seus críticos (até mesmo seus mestres) devido suas severas críticas à teologia liberal protestante.³⁸

A partir desta frustração, Barth se esforçou em subjugar os efeitos nocivos ao cristianismo que o tão disseminado liberalismo teológico, assim como o método histórico-crítico o eram. Ele propôs uma nova hermenêutica bíblica e uma nova teologia, que posteriormente veio a ser nomeada de neo-ortodoxia.³⁹ Barth empenhou-se para se ver livre da dependência de sistemas filosóficos ou modismos culturais e intelectuais, embasando sua teologia na revelação de Deus. Mas embora tivesse este ímpeto, não conseguiu se ver totalmente livre das influências liberais, o que será apontado no ponto em sequência.⁴⁰

³³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁵ BARTH, Karl. **A palavra de Deus e a palavra do homem**. Tradução de Claudio Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004, p. 27.

³⁶ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

³⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁸ GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

³⁹ LOPES, 2007, p. 211.

⁴⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 88.

2.1 Problemas da teologia de Barth

Alguns aspectos se fazem relevantes serem elencados, são os pontos negativos da teologia de Barth, a saber:

- Separação entre “inspiração verbal” e “inspiração literal” da Bíblia;⁴¹
- Descrença na inerrância da Bíblia, ou seja, esta contém erros;⁴²
- Inspiração seletiva da Bíblia, em caráter de “acontecimento”;⁴³
- Predestinação e rejeição apenas de Jesus Cristo;⁴⁴
- Universalismo soteriológico.⁴⁵

Como se pode analisar, alguns pontos que ele defendia eram contraditórios, sendo sua teologia dialética e paradoxal.⁴⁶ A teologia de Karl Barth também fora nominada como a “teologia da crise”, devido suas mudanças transitórias e contrapontos que ele defendia.⁴⁷

Embora mantivesse alguns pontos em comum com o liberalismo teológico, seu levante contra este resultou no nascimento de um novo movimento teológico, a neo-ortodoxia, da qual viera a ser chamado de “pai”.⁴⁸ Karl Barth fora tido como o precursor de uma nova reforma.⁴⁹

2.2 Resgates benéficos da teologia de Barth

Eis alguns pontos salutareos que Bart resgatou e defendeu através de seu esforço contra o liberalismo teológico:

- Doutrina da Trindade;⁵⁰
- Teologia Dogmática e fé cristã a partir da Palavra e não da razão;⁵¹
- Teologia centrada em Deus e não no homem;⁵²
- Transcendência de Deus;⁵³
- Rejeição total da teologia natural, pois esta é um modo sutil de condução a uma sujeição do evangelho à cultura;⁵⁴
- Senhorio total de Cristo;⁵⁵
- Reconciliação da humanidade com Deus através de Jesus Cristo;⁵⁶

⁴¹ LOPES, 2007, p. 212.

⁴² LOPES, 2007. p. 212.

⁴³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 82.

⁴⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 86.

⁴⁵ GRENZ; OLSON, 2014, p. 87.

⁴⁶ GRENZ; OLSON, 2014, p. 83.

⁴⁷ MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna:** de Schleiermacker a Bultmann. Tradução de Deuber de Souza. Itapetininga: Novo Século, 2002, p. 281-283.

⁴⁸ LOPES, 2007, p. 211-212.

⁴⁹ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁵⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 90.

⁵¹ LOPES, 2007, p. 212.

⁵² GRENZ; OLSON, 2014, p. 77.

⁵³ GRENZ; OLSON, 2014, p. 90.

⁵⁴ GRENZ; OLSON, 2014, p. 81.

⁵⁵ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

⁵⁶ GRENZ; OLSON, 2014, p. 80.

- Compreensão da revelação objetiva de Deus em Jesus Cristo através da fé.⁵⁷

Apesar de ter se levantado contra o Liberalismo Teológico, Barth ainda nos dias de hoje é tido como um liberal. Barth tornou-se alvo de diversos levantes de embates de diferentes posições teológicas, sendo considerado pelos americanos como liberal e pelos europeus um conservador fundamentalista.⁵⁸ Seria isso realidade? Necessário é discorrer sobre seu ponto de vista referente a Bíblia e seu programa de interpretação para uma melhor definição sobre a questão.

3. PROGRAMA DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Em relação a seu programa de interpretação bíblica, faz-se necessário pontuar que Barth não enxergava a Bíblia como Palavra de Deus, mas meramente como testemunha da revelação e dos feitos divinos na esfera humana, sendo que a Bíblia não poderia revelar expressamente a pessoa de Deus. Para Barth, a Bíblia torna-se Palavra de Deus na medida em que Deus a usava para tocar o coração do indivíduo, dando significância aos registros nela contidos.⁵⁹

Ao mesmo tempo, a Bíblia não poderia ser rejeitada como um livro escritos por homens ou pela Igreja, pois no ato da proclamação, Deus permite que esta venha a se tornar Sua Palavra. Ela não se torna Palavra por que o homem crê nela, mas porque Deus permite que esta venha se tornar revelação para o indivíduo. Portanto, a Bíblia é a Palavra de Deus apenas na medida que este fala por meio dela.⁶⁰

Não é vão que se perceba a seguinte afirmação em uma de suas obras, Introdução à Teologia Evangélica: “...Bíblia. “O que está escrito” – a saber, nos textos deste livro – é o testemunho da palavra de Deus, é a palavra de Deus contida neste testemunho.” Tal afirmação expressa a compreensão que Barth defendia, de que a Bíblia não é em si Palavra de Deus, mas um testemunho da Palavra de Deus.⁶¹

Eis uma afirmação de Barth ao fim de sua obra “Dogmática da Igreja”, que ampara estas duas últimas considerações:

Em suma, nossa declaração distingue a Palavra falada na existência de Jesus Cristo de todos os outros, como a Palavra de Deus. Quando pensamos nesses outros, fazemos bem em incluir até as palavras humanas ditas na existência e testemunho dos homens da Bíblia e da Igreja. Na distinção de tudo isso, Jesus Cristo é a única Palavra de Deus.⁶²

Outro fator relevante referente ao programa de interpretação bartiano, é que a Bíblia é compreendida através da pessoa de Cristo. Tudo na Escritura aponta para Cristo, como o Eixo central, sendo que do início ao fim, a Bíblia nos direciona à Jesus na sua compreensão.⁶³

⁵⁷ GRENZ; OLSON, 2014, p. 79.

⁵⁸ SANTANA FILHO, 2013, p. 31.

⁵⁹ LOPES, 2007, p. 215.

⁶⁰ MACKINTOSH, 2002, p. 306-307.

⁶¹ BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5.ed. Tradução de Lindolfo Weingartner. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 28.

⁶² BARTH, 1996, p. 30.

⁶³ BARTH, Karl. **Church Dogmatics: a selection with introduction by Helmuth Gollwitzer**. Louisville: John Knox, 1994, p. 31.

Segundo Karl Barth, Jesus é a Palavra de Deus desde toda eternidade que veio a revelação na encarnação de Cristo.⁶⁴ Deus tem falado através de Jesus a sua humanidade criada. Sendo assim, é na pregação que Deus fala aos indivíduos em linguagem humana.⁶⁵

Para Barth, Deus não fala apenas pela Bíblia, mas Sua revelação vai além desta. Quando indagado sobre sua posição sobre a revelação da Palavra de Deus em uma entrevista em 1967, um ano antes de sua morte, Barth afirmou:

O Deus que falou sua palavra decisiva em Jesus Cristo, este não é um Deus morto como muitos tolos estão falando atualmente. Em vez disso, este é o Deus vivo que também fala hoje. E, se tivéssemos ouvidos para escutar, poderíamos ouvi-lo constantemente. Por que o mundo em que vivemos foi criado por Ele. E, se tivéssemos olhos para enxergar, poderíamos muito bem aprender a revelação não apenas na Bíblia, mas em outros lugares.⁶⁶

Embora Barth tenha se proposto ao afastamento das influências da teologia liberal, elaborando sua teologia de forma centrada na Palavra, não conseguiu ser eficiente em seu levante. Barth afirmava e defendia uma distinção entre “inspiração verbal” e “inspiração literal”, defendendo que a inspiração verbal não poderia ser excluída teologicamente pelo fato de a Bíblia ser testemunha de Cristo. Já a inspiração literal deveria ser negada, pois esta seria uma tentativa de dar uma garantia miraculosa para o testemunho bíblico que pode conter erros. Os fatos e testemunhos relatados na Bíblia não expressam a voz de Deus, pois esta é transcendental, sendo a Escritura e a história da redenção apenas um testemunho da ação de Deus na história da humanidade. A partir deste posicionamento, Barth expõe sua descrença na Inerrância Bíblica, fato que é notado em seu programa de interpretação bíblica.⁶⁷

Uma boa e honesta forma de identificar a hermenêutica de Karl Barth é a partir de seus escritos, onde sobressaem seus valores e ótica de interpretação. Cita-se aqui alguns trechos de suas obras:⁶⁸

A história somente é útil quando o historiador procurar entender o passado nas multifacetadas de sua unidade; quando fizer ressaltar os inúmeros aspectos que apontam, no passado, ao sentido de nossa presente existência; quando ele der voz inteligível ao discurso da simultaneidade e tornar visível e audível aquela parte não material, não histórica que está na origem e no fim de todos eventos históricos e que, por princípio, se situa, primeiramente, na crise do desfalecimento para a morte.⁶⁹

Percebe-se neste trecho de seu comentário sobre o texto de Romanos 4.17-25 que em relação à utilidade dos escritos bíblicos nos dias de hoje, Barth defendia a “simultaneidade histórica”, onde a Bíblia só se faz relevante caso haja correlação entre o fato relatado e nossa

⁶⁴ BARTH, 1994, p. 38.

⁶⁵ MACKINTOSH, 2002, p. 304-306.

⁶⁶ BARTH, Karl. Trecho de Entrevista em vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iLvDY8NU80o&feature=youtu.be>> Extraído do filme "JA und NEIN, Karl Barth zum Gedächtnis" (1967), dirigido por Heinz Knorr, Calwer Verlag. Acesso: 06 de jun. de 2020, às 00:26.

⁶⁷ LOPES, 2007, p. 212.

⁶⁸ LOPES, 2007, p. 212.

⁶⁹ BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 2.ed. Tradução de Lindolfo Anders. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 229.

vivência momentânea no agora. Sendo assim, a relevância dos relatos da Bíblia é totalmente condicional a aplicabilidade na história do indivíduo, a partir do momento que este se vê no texto e traz para si seu conteúdo.⁷⁰

Tendo isso em mente, Barth defendia que a Bíblia só é Palavra de Deus em sentido instrumental, em caráter de “acontecimento”, em que Deus torna a Bíblia sua Palavra, falando através dela mesmo que esta contenha erros.⁷¹

O trecho também revela que Barth parece não se importar muito com a firmeza histórica da Bíblia, pois não considerava necessária a prova dos atos históricos ali relatados. Poderiam ser reais ou não, mas eram expressões da mesma fé do agora vivida em outrora. Tal ótica de Barth desconsidera a importância do relato histórico da fé, fato que é acentuado também no seguinte trecho, referente ainda ao texto de Romanos 4.17-25:⁷²

Estamos juntos com o Abraão do Gênesis que é muito mais “não-histórico”... Não crendo, resta-nos, entre outras possibilidades possíveis, a da crítica analista que, conscientemente — propositadamente —, se atém ao Abraão que não nos diz respeito, que não nos concerne, nem pode interessar-nos... somente poderá testificar que o Abraão histórico não nos diz respeito... E à medida que o fizer, ela abrirá os olhos para o Abraão “não histórico” do Gênesis, para a necessidade da síntese, e para a impossível possibilidade de podermos, todos, atrever-nos a contar com nossa fé.⁷³

Outro trecho que acusa seu pensamento de desconsideração a relevância histórica da Bíblia, é o comentário sobre Romanos 5.12-21: “Nem Adão, nem Cristo, a quem Deus ressuscitou dos mortos e estabeleceu como fonte da vida, e de quem Adão é a projeção prefigurativa, — são personagens de nossa história secular”.⁷⁴

Ainda dentro de seu programa de interpretação bíblica, Karl Barth buscou rebater o método histórico-crítico de interpretação bíblica. Mas seu posicionamento, ao invés de ser conciso e dar uma réplica ao levante do histórico-crítico ao querer desmerecer fatos bíblicos não comprovados pela ciência, parece ter ficado em um meio de campo, aceitando que alguns trechos das Escrituras contêm de fato erros que não podem ser provados ao serem analisados. Sua desculpa diante de tal colocação é que há trechos nas Escrituras que não precisam ser realmente históricos, mas trazem testemunhos com lições que inspiram a fé imaterial. Tal pensamento evidencia-se no comentário referente a Romanos 6.1-11:⁷⁵

Apenas como parábola! Pois está absolutamente claro que o despertar de Jesus de entre os mortos não é um acontecimento de extensão histórica ao lado [e a par] de outros acontecimentos de sua vida e morte porém, é o relacionamento não histórico... de toda sua vida histórica testificando a sua origem em Deus.⁷⁶

⁷⁰ LOPES, 2007, p. 212-213.

⁷¹ GRENZ; OLSON, 2014, p. 82.

⁷² LOPES, 2007, p. 213.

⁷³ BARTH, 2003, p. 231.

⁷⁴ BARTH, 2003, p. 265.

⁷⁵ LOPES, 2007, p. 213.

⁷⁶ BARTH, 2003, p. 299.

Outro relato que deixa certa dúvida sobre sua confiança na historicidade do relato bíblico é o que se encontra em seu livro “Esboço de uma Dogmática”, onde classifica o relato da criação como uma “saga” que tem por finalidade mostrar a ação de Deus diante do povo da aliança:

...com Gênesis 1 e 2. Pode-se, no máximo, afirmar que o texto de Gênesis conservou alguns traços mitológicos. Mas a maneira pela qual a Bíblia os utiliza é sem paralelo na mitologia. Se tivermos de dar um nome ao relato bíblico ou classificá-lo dentro de um gênero literário, pode-se falar de saga. Em Gênesis 1 e 2, a Bíblia fala de acontecimentos que escapam ao nosso conhecimento histórico. Mas ela está falando com base em um conhecimento e se remetendo a uma história. A característica dos relatos bíblicos da criação é que eles estão estreitamente ligados à história de Israel, vale dizer, à história da ação de Deus desencadeada pela sua aliança com o homem.⁷⁷

Barth demonstra não crer na necessidade de um momento histórico para os relatos bíblicos. Segundo sua forma de pensamento, os resultados de uma análise histórico-crítica podem trazer resultados não tão favoráveis em relação a historicidade dos relatos, mas ainda assim, o cristão deve ser guiado pela fé, pois “a fé independe da historicidade da narrativa bíblica”.⁷⁸

A realidade da desconsideração de Barth à historicidade da Bíblia é um fato preocupante, pois este ato coloca em risco a revelação e a teologia bíblica. Um cristianismo sem bases históricas de sua fé, mantém sua argumentação de defesa do seu credo como que “flutuando no ar”. Não é em vão que Barth acaba por defender algumas distorções bíblicas como o universalismo.⁷⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Barth desencadeou uma reação contra o liberalismo que dominou o cenário teológico até a segunda metade do século XX. Foi o pai de um novo movimento na teologia, influenciando ou instigando bom número de teólogos de sua época e posteriores. O movimento neo-ortodoxo, iniciado por Barth, teve como marca a tentativa de redescobrir o significado para o mundo moderno de certas doutrinas que haviam sido centrais para a antiga ortodoxia cristã e se perderam no caminho da história.⁸⁰

Lamenta-se que aquele que é considerado o maior teólogo do século XX tenha tido uma visão distorcida e neutra quanto à historicidade bíblica, julgando realmente desnecessária a historicidade dos atos relatados na Bíblia. Barth permaneceu em uma dicotomia entre Bíblia e Palavra de Deus, chegando a não admissão da inerrância bíblica.⁸¹ Embora seu intento em contrapor o Liberalismo e o método hermenêutico histórico-crítico fosse nobre, não se despiu

⁷⁷ BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. Tradução de Paulo Zacarias. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 67.

⁷⁸ LOPES, 2007, p. 213-214.

⁷⁹ LOPES, 2007, p. 215.

⁸⁰ GRENZ; OLSON, 2014, p. 73.

⁸¹ LOPES, 2007, p. 215.

totalmente de suas influências em sua teologia e hermenêutica, não indo muito longe em sua proposta.⁸²

Seu posicionamento e influência podem ser tão nocivos ou até quantitativamente maiores, que o liberalismo teológico, visto que é dúbio e paradoxal, tornando-se sutil a “presas fáceis”. Não se aconselha seguir a ótica de interpretação bíblica de Barth, pois desmerece a firmeza, a historicidade, a inerrância e a inspiração da Bíblia, a verdadeira Palavra de Deus!

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **A Palavra de Deus e a palavra do homem**. Tradução de Claudio Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2004. 247 p.

BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**. 2.ed. Tradução de Lindolfo Anders. São Paulo: Novo Século, 2003. 854 p.

BARTH, Karl. **Church Dogmatics**: a selection with introduction by Helmuth Gollwitzer. Louisville: John Knox, 1994. 260 p.

BARTH, Karl. **Esboço de uma dogmática**. Tradução de Paulo Zacarias. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. p. 67.

BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. 5.ed. Tradução de Lindolfo Weingartner. São Leopoldo: Sinodal, 1996. 128 p.

BARTH, Karl. **Trecho de Entrevista em vídeo**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iLvDY8NU80o&feature=youtu.be>> Extraído do filme "JA und NEIN, Karl Barth zum Gedächtnis" (1967), dirigido por Heinz Knorr, Calwer Verlag. Acesso: 06 de jun. de 2020, às 00:26.

BUSCH, Eberhard. **Karl Barth**: his life from letters and autobiographical texts. Michigan: Eerdmans, 1994. 569 p.

FERREIRA, Franklin. **Karl Barth**: uma introdução à sua carreira e aos principais temas de sua teologia. Fides Reformata, VIII, N°1, 2003. p. 29-62.

GRENZ, S. J.; OLSON, R. E. **A Teologia do Século 20**: e os anos críticos do século 21. 2.ed. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 464 p.

JÜNGEL, Eberhard. **Karl Barth**: a Theological Legacy. Tradução de Garret E. Paul. Westminster, 1986.

LOPES, A. N. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. 287 p.

MACKINTOSH, Hugh R. **Teologia moderna**: de Schleiermacker a Bultmann. Tradução de Deuber de Souza. Itapetininga: Novo Século, 2002. 384 p.

⁸² LOPES, 2007, p. 212.

SANTANA FILHO, Manoel B. Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana. São Paulo: ASTE, 2013. 425 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AS BEM-AVENTURANÇAS: O CAMINHO (TEO)LÓGICO DO DISCIPULADO The Beatitudes: the (theo)logical way of the discipleship

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

O presente artigo analisa a passagem das bem-aventuranças, compreendida em Mateus 5.3-12, e desenvolve a ideia apresentada por Martyn Lloyd-Jones de que elas estão organizadas numa sequência lógica e espiritual. Para tal, a passagem foi submetida à análise de seus contextos histórico, cultural e literário; também foram apresentadas as análises de personagem, léxica, estilística, verso a verso e teológica, além de relacioná-la com o texto de Lucas 6.20-23. Dessa maneira, baseado no pensamento de autores como Lloyd-Jones, D. A. Carson e Russel Shedd, dentre os resultados obtidos nessa pesquisa, destaca-se que a existência de uma sequência lógica e espiritual é uma leitura plausível para a passagem, sendo ela uma espécie de caminho percorrido por aquele que deseja ser um discípulo de Cristo.

Palavras-chave: Bem-aventuranças. Discípulo. Evangelho de Mateus. Sermão do Monte.

ABSTRACT

This article analyzes the text of the beatitudes, in Matthew 5.3-12, and develops the idea presented by Martyn Lloyd-Jones that the text is organized in a logical and spiritual sequence. For that, the text was submitted to an analysis of its historical, cultural and literary contexts; was presented the character, lexical, stylistic, verse by verse and theological analysis as well, in addition to relating it to Luke 6.20-23. So, based in authors like Lloyd-Jones, D. A. Carson and Russel Shedd, among the results obtained in this research, it stands out that the existence of a logical and spiritual sequence is a possible

¹ Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.

hypothesis for the text, and the text is a kind of path to be traveled by one who wishes to become a disciple of Christ.

Keywords: Beatitudes. Disciple. Gospel of Matthew. The Sermon on the Mount.

INTRODUÇÃO

O Sermão do Monte (Mt 5-7) é um texto que despertou muito o interesse dos cristãos ao longo do tempo, sejam estudiosos, pregadores ou leigos. A primeira perícopes presente neste sermão está localizada em Mateus 5.3-12 e é conhecida como *as bem-aventuranças*, e será essa a perícopes a ser analisada neste artigo.

Este estudo justifica-se pelo fato de que, no Sermão do Monte, localiza-se o mais conhecido ensino de Jesus a respeito da ética e moral,² sendo que as bem-aventuranças são parte central desse ensino. Além disso, tal ensino está descrito no Evangelho de Mateus, o mais influente na história da igreja, citado pelos pais da Igreja mais que qualquer outro dos Evangelhos³, demonstrando sua importância para os estudos teológicos.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar que, como afirma Martyn Lloyd-Jones,

Não há que duvidar que essas bem-aventuranças foram arrumadas em uma sequência bem definida. Nosso Senhor não as colocou em suas respectivas posições por mero acaso, acidentalmente; antes, há nelas aquilo a que poderíamos denominar de *sequência lógica e espiritual*.⁴

Logo, a partir da ideia de Lloyd-Jones, este artigo terá o objetivo de desenvolver a teoria da existência de uma *sequência lógica e espiritual* no discurso das bem-aventuranças. Para isso, elas serão divididas em três grupos: 1) *bem-aventuranças de arrependimento* (v. 3-4); 2) *bem-aventuranças de santificação* (v. 5-9); e 3) *bem-aventurança de consequência* (v. 10-12).

A hipótese defendida é que essa é uma leitura possível do texto, sendo que os resultados a serem obtidos ao longo da pesquisa poderão corroborar com essa teoria, demonstrando que as bem-aventuranças podem ser encaradas como uma espécie de “caminho”, tanto lógico como espiritual, que o discípulo pode percorrer ao converter-se e assim buscar desenvolver um caráter compatível com as ordenanças do Reino de Deus.

1. ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Inicialmente, será exposta a visão geral do texto, para em seguida trabalhar-se com as questões de datação e autoria do Evangelho. Também serão demonstrados os critérios para a delimitação da perícopes e algumas diferenças nas traduções da Língua Portuguesa.

² STOTT, W. R. J. **A mensagem do Sermão do Monte**. 3.ed. São Paulo: ABU, 1985, p. 1; SHEDD, Russel P. **A felicidade segundo Jesus: reflexões sobre as bem-aventuranças**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 9.

³ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 135; FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 265.

⁴ LLOYD-JONES, David Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel: 2015, p. 37, grifo meu.

1.1 Visão geral

O texto bíblico que será analisado nesta pesquisa é o de Mateus 5.3-12, todavia, num primeiro momento é interessante ver, também, os dois primeiros versos do capítulo:

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós (Mt 5.1-12).⁵

De início, observa-se que o Sermão do Monte, discurso maior no qual as bem-aventuranças estão contidas, é endereçado aos discípulos, pois são esses que se aproximam (v. 1) e são ensinados por Jesus (v. 2), em oposição à multidão citada em Mateus 4.25, ainda que esses discípulos não sejam exclusivamente os doze apóstolos.⁶ Logo, as bem-aventuranças também se endereçam aos discípulos. Também é interessante notar quais são as características dos bem-aventurados: 1) humildade de espírito; 2) choro; 3) mansidão; 4) fome e sede de justiça; 5) misericórdia; 6) pureza de coração; 7) promoção da paz; e 8) perseguição por causa da justiça; totalizando, assim, oito bem-aventuranças.⁷

1.2 Delimitação do texto

Para delimitar a perícopes analisada, alguns critérios foram observados. Primeiro, percebe-se que houve uma mudança de espaço, pois Jesus muda de “toda a Galileia” (Mt 4.23-25) para um monte (5.1); e, conseqüentemente, há uma mudança de estilo, pois o texto salta de uma narrativa para um discurso de Jesus. Por fim, nota-se uma mudança de assunto: em Mateus 4.23-25 são narrados o ensino e as curas de Jesus pela Galileia; já em 5.1-2 é introduzido o Sermão do Monte; o tema das bem-aventuranças se estende do verso 3 até o 12; e, em seguida, Jesus muda de assunto novamente falando sobre o sal da terra e luz do mundo (v. 13-16).

⁵ Todas as citações bíblicas seguirão a tradução Almeida Revista e Atualizada – ARA, salvo indicação contrária.

⁶ FRANCE, R. T. Mateus. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1369; STOTT, 1985, p. 6; e WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Santo André: Geográfica, 2006, p. 23. Todavia, não são todos os estudiosos que concordam com essa visão. D. A. Carson (CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: exposição de Mateus 5 – 7. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 15), por exemplo, defende que a palavra grega para *discípulo* pode designar qualquer um que esteja aprendendo naquele momento, independente do grau de compromisso da pessoa. John Wesley (WESLEY, John, 1703-1791. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012, p. 65) também defende que tal sermão não é destinado somente aos discípulos, mas a multidão que seguia Jesus ao subir o monte.

⁷ Nessa pesquisa, o foco está nas características elencadas acima, e não nas bênçãos que as seguem.

1.3 Data e autoria

O primeiro Evangelho na ordem canônica não declara quem é seu autor, sendo que o primeiro conhecido que atribuiu a autoria ao apóstolo Mateus foi Papias, em aproximadamente 125 d.C.⁸ Todavia, como defendem os professores Carson, Moo e Morris, não há provas de que tal Evangelho não era designado como *kata Maththaion* (segundo Mateus), antes mesmo de Papias atribuir-lhe a autoria.⁹

Ex-coletor de impostos escolhido por Jesus para ser um apóstolo (Mt 9.9; Mc 2.14, 15; Lc 5.27, 29), Mateus possivelmente era, como afirma Blomberg, alguém próspero, ainda mais se seguia a prática comum de cobrar uma taxa a mais nos impostos, para fins de obter lucro pessoal.¹⁰ Outro ponto interessante é sobre seu nome, pois há versos em que ele é chamado Mateus (Mt 9.9) e versos em que é chamado Levi (Mc 2.14). Blomberg explica que “era comum os judeus terem dois ou até três nomes”, sendo que Levi é o nome do filho de Jacó (Gn 29.34) e Mateus significa “presente de Deus”, em aramaico.¹¹

Com relação à data da escrita de Mateus, a mesma é desconhecida; no entanto, após oferecer uma densa discussão sobre o tema, Carson, Moo e Morris sugerem uma data entre 60 e 70 d.C., mesmo afirmando que a maioria defende uma data posterior, entre 80 e 100 d.C.¹²

1.4 Diferentes traduções

Analisar as diferentes traduções de uma perícopes é importante para, além de buscar compreender como os tradutores interpretaram e adaptaram os verbetes para seu contexto atual, visualizar novas possibilidades de análise e interpretação das passagens. Da perícopes em questão, destacam-se duas expressões para análise.

Primeiramente, a expressão traduzida, na ARA,¹³ como *bem-aventurados* (v. 3-11) aparece como *felizes*, nas traduções da Nova Bíblia Viva¹⁴ e da Edição Pastoral.¹⁵ Outra expressão que merece destaque é *humildes de Espírito* (v. 3), que foi traduzida como *pobres de espírito* na ARC;¹⁶ *pobres em espírito* na KJA¹⁷ e na Edição Pastoral; e *humildes* na Nova

⁸ FEE; STUART, 2019, p. 265.

⁹ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 72-74.

¹⁰ BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 442.

¹¹ BLOMBERG, 2005, p. 442.

¹² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 85-90.

¹³ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

¹⁴ BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

¹⁵ BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulinas, 1990.

¹⁶ BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross Publicações, 2010.

¹⁷ BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. São Paulo: Abba Press & SBIA, 2012.

Bíblia Viva. O motivo dessas diferenças e as implicações da escolha de determinada tradução serão analisadas no decorrer do artigo.¹⁸

2. O CONTEXTO BÍBLICO

Estudar o contexto de uma passagem bíblica é de extrema importância, pois Deus “escolheu falar suas verdades dentro das circunstâncias e dos eventos específicos da história humana”.¹⁹ Diferentemente das epístolas, que possuem um contexto unidimensional, ou seja, Paulo, em 54 d.C., escreve para Corinto, que também estava em 54 d.C.; os Evangelhos possuem um contexto tridimensional:²⁰ 1) ditos e narrativas sobre Jesus; 2) tempo de preservação dos mesmos pela igreja; e 3) seleção, arranjo e adaptação daqueles pelo evangelista. Assim, serão analisados separadamente o contexto histórico e cultural do evangelista e do próprio Jesus,²¹ para, por fim, estudar-se o contexto literário da passagem.

2.1 Contexto histórico e cultural: evangelho e evangelista

Uma vez que as diferentes comunidades de cristãos, em diferentes contextos, necessitavam de um livro falando de Cristo, deu-se razão para a escrita dos quatro Evangelhos.²² Mateus possui certo “sabor de judaísmo”, assim, não é de se admirar a recusa de Marcião de aceitá-lo em seu cânon, visto que ele era avesso a tudo que era judaico.²³ Esse “sabor de judaísmo” se dá quando o autor relaciona a história de Jesus com a de Israel, como é o caso em sua genealogia (1.1-17), o cumprimento de profecias (1.22-23; 2.15, 23; 8.17), o ensino sobre a lei (5.17-48) e a referências às ovelhas perdidas de Israel (10.6). Todavia, Mateus não se restringe apenas ao lado judaico, mas o evangelho apresenta interesse pela missão aos gentios, como no caso da genealogia de Jesus (1.5) e na Grande Comissão (28.18-20).²⁴ Dessa maneira, pode-se inferir que a escrita deste Evangelho se deu num contexto de divisão entre a sinagoga e a igreja, provavelmente a respeito da sucessão das promessas do Antigo Testamento.²⁵

¹⁸ Outras diferenças menos relevantes são: o uso de *afritos*, na Edição Pastoral, no lugar de *os que choram* (v. 4); *humildes*, na KJA, no lugar de *mansos* (v. 5); e, no lugar de *limpos de coração* (v. 8), o uso de *coração puro*, na Nova Bíblia Viva, e *puros de coração*, na Edição Pastoral.

¹⁹ FEE, Gordon D; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. revisada e ampliada. São Paulo, Vida Nova, 2011, p. 15.

²⁰ STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 218-219.

²¹ Conforme Fee e Stuart (2011, p. 160), “descobrir o contexto histórico de Jesus [...] não é algo que necessariamente afetará o significado básico de um determinado dito. Contudo, o fato de conhecê-lo ampliará nossa perspectiva e muitas vezes nos ajudará a compreender *a razão de ser* daquilo que Jesus disse” (grifo dos autores).

²² FEE; STUART, 2011, p. 155.

²³ MORRIS, 2003, p. 138; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 92.

²⁴ FEE; STUART, 2019, p. 266.

²⁵ FEE; STUART, 2019, p. 267.

2.2 Contexto histórico e cultural: Jesus

Quando se trata do contexto em torno do próprio Jesus, para essa pesquisa é interessante observar dois pontos: a visão judaica da época sobre o Reino de Deus e a atuação do partido dos zelotes. Primeiramente, Lloyd-Jones²⁶ expõe qual era a visão dos judeus contemporâneos de Cristo acerca do reino de Deus: encaravam o Messias como um líder militar, que lhes conferiria emancipação política, e liberdade da servidão e impostos do Império Romano; o autor ainda comenta que “foi por esse motivo que Mateus apresentou o verdadeiro ensino a respeito do reino logo nas primeiras páginas do seu Evangelho, porque o grande propósito deste sermão é o de oferecer uma exposição do reino como uma realidade essencialmente espiritual”.²⁷ Assim, para Lloyd-Jones, Jesus pronunciou o Sermão do Monte, e, obviamente, as bem-aventuranças para combater essa visão materialista e militarista do Reino de Deus.

Apesar da maioria dos problemas de Cristo ser com os fariseus, o destaque para esse artigo é outro grupo: os zelotes. Os zelotes eram um movimento que, inspirados pelas vitórias dos macabeus, no período inter-bíblico, constituía-se de judeus radicais, que odiavam o governo estrangeiro e pagão que estava sobre Israel e desejavam estabelecer o Reino de Deus através da força, da guerra e da espada.²⁸ Todavia, Jesus deixou claro nas bem-aventuranças, e em todo Sermão do Monte, que o Reino de Deus não pertence àqueles que querem trazê-lo pela espada, mas sim aos *humildes de espírito* e aos *perseguidos por causa da justiça*, sendo que somente os *mansos* herdarão a terra e os *limpos de coração* verão a Deus.

Dessa forma, pode-se inferir que, no discurso do Sermão do Monte, Cristo desejava combater uma visão distorcida do Reino de Deus, sendo esse não uma realidade política ou militar, mas uma realidade espiritual. Além disso, não é o partido religioso a qual se pertence, nem a força que se possui, nem sequer o ódio aos governos pagãos, mas são as bem-aventuranças que demonstram o caráter dos verdadeiros discípulos do Messias.

2.3 Contexto literário

Os estudiosos Douglas Stuart e Gordon Fee afirmam que “o contexto literário tem a ver com o motivo de alguma coisa ter sido dita em determinado ponto no argumento ou narrativa”.²⁹ Para isso, os mesmos propõem algumas perguntas a serem feitas para o próprio texto: por que tal perícopes foi preservada pela tradição? Como ela funciona na narrativa? Como ela se encaixa nos propósitos narrativos do autor?³⁰ Como o texto das bem-aventuranças está contido no chamado Sermão do Monte, será realizada uma análise introdutória deste sermão.

²⁶ LLOYD-JONES, 2015, p. 15, 57.

²⁷ LLOYD-JONES, 2015, p. 15.

²⁸ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 89; MCCONVILLE, Gordon. História Bíblica. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**. Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 70.

²⁹ STUART; FEE, 2008, p. 205.

³⁰ STUART; FEE, 2008, p. 221, 224.

Primeiramente, uma das maneiras de se observar a estrutura do Evangelho de Mateus é através dos cinco grandes discursos de Cristo relatados em tal livro:³¹ 1) Mateus 5-7 – discipulado; 2) Mateus 10.5-42 – apostolado; 3) Mateus 13.1-52 – o ocultar da revelação; 4) Mateus 18.1-35 – a administração da igreja; e 5) Mateus 23-25 – o juízo.³² Dessa maneira, o assim chamado Sermão do Monte é o primeiro discurso de Jesus, cujo tema é *discipulado*, e, estando as bem-aventuranças inseridas nesse discurso, obtém-se as mesmas refletidas nessa temática.

É interessante refletir sobre a posição de Tasker: o mesmo defende que a expressão *Sermão do Monte* é enganosa. Para o autor, o mais provável é que não se trate de um discurso único de Jesus, mas sim de uma coletânea de seus ditos sobre o discipulado. O argumento utilizado pelo autor é que muitos ditos do Sermão do Monte são encontrados em diferentes contextos no Evangelho de Lucas.³³ Em concordância a essa ideia, France demonstra que os cinco discursos de Jesus registrados em Mateus podem ser, na realidade, cinco antologias temáticas de seus ensinamentos.³⁴ O foco desse artigo não é responder a questão da composição da estrutura do Sermão do Monte, mas é interessante notar as diferentes teorias a respeito do mesmo, que aumentam sua complexidade e possibilidades de análise.

Sobre a divisão do Sermão do Monte, Lloyd-Jones propõe: 1) o caráter do crente – Mateus 5.3-10; 2) a reação do mundo ao caráter do crente – Mateus 5.11-12; 3) a relação do crente com o mundo – Mateus 5.13-16; 4) o crente diante da lei – Mateus 5. 17-48; 5) a vida do crente diante de Deus – Mateus 6; e 6) o crente e o temor a Deus – Mateus 7. De acordo com essa divisão, as bem-aventuranças se encaixariam tanto no caráter do cristão como na reação do mundo a esse caráter.³⁵

Com o que foi exposto acima, pode-se responder às questões anteriormente propostas. O Sermão do Monte foi preservado pela tradição por ser uma coletânea de ditos de Cristo sobre o discipulado e o Reino de Deus; ele funciona na narrativa como o primeiro sermão, ou antologia de ditos, a aparecer no Evangelho de Mateus, trazendo noções sobre o Reino de Deus e o caráter do cristão; e, por fim, o texto se encaixa nos propósitos narrativos de Mateus ao demonstrar a realidade espiritual do Reino de Deus e a mudança de vida pela qual o discípulo precisa passar, moldando seu caráter ao padrão deste Reino.

3. ANÁLISE DO TEXTO

Partindo para a análise do texto, a seguir serão apresentadas a análise de personagem, focando na figura de Jesus como mestre; a análise léxica do termo *makarios*; a análise estilística; a análise verso a verso, na qual será demonstrada as “categorias” de bem-

³¹ Outras maneiras de se interpretar a estrutura do livro são a estrutura Geográfica e a estrutura Cristológica (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 67-68).

³² FEE; STUART, 2011, p. 159; MORRIS, 2003, p. 137; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 69.

³³ TASKER, R. V. G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p. 47.

³⁴ FRANCE, 2009, p. 1358.

³⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 22-23.

aventuras; e a análise teológica, que relacionará as bem-aventuras com as doutrinas do da fé cristã.

3.1 Análise de personagens: Jesus enquanto Mestre

Uma vez que Mateus “deixa claro que os discípulos aprenderam muitas coisas importantes de Jesus” (Mt 13.51; 16.11-12; 17.13),³⁶ e que Jesus faz o papel de mestre na passagem analisada, faz-se necessário estudar essa faceta do Cristo: como ele atuou nessa função durante seu ministério terreno? O que ele ensinou? Qual a importância de seus ensinamentos?

Segundo Gardner, o ensino de Jesus em seu ministério terreno se concentrou em quatro grandes áreas:³⁷ 1) Ensino sobre si mesmo (Lc 2.49; Jo 5.17-18; 14.10; 17.5, 24); 2) Ensino sobre o Pai (Mt 6.9, 31-34; 10.29; 24.36; 26.39; Mc 13.19; Jo 20.17); 3) Ensino sobre o Reino (Mt 21.28-32); e 4) Ensino sobre o Espírito Santo (Mt 10.19-20; 12.31-32; Mc 12.36; Jo 3.5; 4.34; Jo 14.15-17; Jo 16.12-16).

Além disso, outra área que se destaca no ensino de Jesus é na área ética. Apesar de alguns rejeitarem sua teologia, a sua ética é elogiada e a ela é atribuída significado permanente. Exemplo disso é a Teologia Liberal, que coloca a ética ensinada por Jesus como um padrão de conduta ideal, válido para todas as épocas.³⁸ Para Ladd, a ética ensinada por Jesus reflete o padrão de justiça de um Deus santo, válido para qualquer era.³⁹

Dessa maneira, Cristo atuou como mestre em seu ministério terreno ensinando seus discípulos sobre Deus, seu Reino e sua ética. Todavia, onde se encaixam as bem-aventuras no ensino de Jesus? Diversos autores concordam que as bem-aventuras são qualidades do caráter do cristão regenerado e participante do Reino de Deus,⁴⁰ descrevendo o perfil do discípulo⁴¹ e sua conduta perante Deus e o mundo.⁴² Logo, as bem-aventuras se encaixam no ensino de Cristo no que diz respeito ao Reino de Deus e a ética que o discípulo e participante desse reino precisa manifestar em seu caráter e conduta.

3.2 Análise léxica: *makarios*

Apesar de ser uma forma literária comum tanto na literatura grega quanto na judaica,⁴³ há muita discussão sobre o significado da expressão grega *makarios*: algumas traduções optam por *bem-aventurados*, outras por *felizes* e, ainda, outras por *abençoados*. Logo abaixo serão analisadas essas e outras opções e quais as implicações de cada uma.

³⁶ MORRIS, 2003, p. 165.

³⁷ GARDNER, Paul. Jesus (Cristo, o Senhor). In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 331-335.

³⁸ LADD, 2003, p. 164.

³⁹ LADD, 2003, p. 172.

⁴⁰ TASKER, 1980, p. 48.

⁴¹ FRANCE, 2009, p. 1369.

⁴² STOTT, 1985, p. 11, 27.

⁴³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 57.

Primeiramente, Shedd opta pelo termo *felizes* como tradução de *makarios*. Para o autor, essa felicidade que o texto fala é causada pela fé, pela qual o cristão recebe os benefícios prometidos no texto.⁴⁴ Logo, ao optar-se por essa tradução, entende-se que o homem verdadeiramente feliz é aquele que, pela fé, vive de acordo com as bem-aventuranças e desfruta das bênçãos recitadas por Cristo.⁴⁵

Todavia, há quem discorde que *felizes* é a melhor tradução para *makarios*. Exemplo disso é Carson, que, baseado na tradução do termo para o latim, *beatus*, defende que a opção por *felizes* deixa a desejar, sendo que *benção* (ou *abençoados*) seria a opção correta.⁴⁶ Segundo esse ponto de vista, o discípulo que molda seu caráter a partir das bem-aventuranças é o verdadeiramente abençoado, ou seja, aquele que possui a aprovação de Deus em seu Reino.⁴⁷

Outro significado, proposto por France, que discorda das duas anteriores, é que *makarios* é um termo que designa *congratulação, recomendação, qualidades que devem ser imitadas e definem a vida com qualidade*.⁴⁸ Optando-se por essa tradução, define-se que o discípulo que manifesta em seu caráter as bem-aventuranças é um exemplo para os homens, e deve ser visto e imitado pelos demais.

Apesar das várias interpretações, percebe-se que elas não são, necessariamente, contraditórias, podendo ser adotadas em conjunto. Ou seja, o bem-aventurado é o discípulo que encontrou a perfeita felicidade, porque é abençoado e aprovado por Deus e participante do seu Reino, servindo como padrão e modelo de caráter para os seus semelhantes.

3.3 Análise literária e estilística

A respeito da estilística da passagem, citam-se duas técnicas: 1) Lloyd-Jones reconhece, nas bem aventuranças, a presença de um *paralelismo*, pois, para o autor, a humildade de espírito relaciona-se com os misericordiosos (v. 3, 7); os que choram relaciona-se com os limpos de coração (v. 4, 8); e os mansos com os pacificadores (v. 5, 9);⁴⁹ 2) Carson destaca a presença da técnica chamada *inclusio* (inclusão), que consiste em começar e terminar um discurso com a mesma expressão, no caso das bem-aventuranças, “porque deles é o reino dos céus” (v. 3, 10), o uso dessa técnica define que tudo que se encontra entre os versos iguais faz parte do mesmo tema, nesse caso, do Reino dos Céus.⁵⁰

⁴⁴ SHEDD, 1998, 13.

⁴⁵ Além disso, ao optar-se pela tradução *felizes*, abre-se um interessante diálogo com a filosofia, pois, como comenta o professor Clóvis de Barros Filho, sempre houve, na história do pensamento, “uma grande luta ou disputa pela identificação das condições de uma vida feliz” (BARROS FILHO, Clóvis de; KARNAL, Leandro. **Felicidade ou morte**. Campinas: Papirus 7 Mares, 2016, p. 8). O autor ainda sugere que a humanidade fala tanto sobre a felicidade por causa de sua falta, ausência e escassez (p. 7, 8). Nesse sentido, a contribuição bíblica para a discussão sobre a felicidade estaria nas bem-aventuranças: a felicidade verdadeira é sentida quando se vive a ética do Reino de Deus e se desfruta de suas bênçãos.

⁴⁶ CARSON, 2018, p. 16.

⁴⁷ CARSON, 2018, p. 16.

⁴⁸ FRANCE, 2009, p. 1369.

⁴⁹ LLOYD-JONES, 2015, p. 109.

⁵⁰ CARSON, 2018, p. 17.

3.4 Análise verso a verso

Antes de analisar propriamente as bem-aventuranças, vale citar o estudo de Blomberg, que relaciona cada uma das bem-aventuranças com um texto do Antigo Testamento: 1) humildes de espírito – Isaías 61.1; 2) os que choram – Isaías 61.2; 3) mansos – Salmo 37.11; 4) fome e sede de justiça – Isaías 55.1-3; 4) misericordiosos – Êxodo 34.6; 5) limpos de coração – Salmo 54.3-5; 6) pacificadores – Salmo 34-14; 7) perseguição pela justiça – profetas, principalmente Jeremias.⁵¹

A seguir, para demonstrar e defender a hipótese da *sequência lógica e espiritual* das bem-aventuranças, as mesmas serão divididas e analisadas em três diferentes categorias: bem-aventuranças de arrependimento, de santificação e de consequência. Todavia, não é a intenção oferecer uma análise exaustiva de cada bem-aventurança, mas sim demonstrar um panorama geral e a maneira como elas se relacionam entre si.

3.4.1 Bem-aventuranças de arrependimento

A primeira bem-aventurança de arrependimento é a *humildade, ou pobreza, de espírito* (v. 3). Entender essa primeira bem-aventurança é essencial para o intérprete, pois, como comenta Lloyd-Jones, “ela serve de chave para a compreensão de tudo quanto vem em seguida”,⁵² pois um cristianismo verdadeiro sempre começa pela humildade de espírito.⁵³

A palavra para *humildes, ou pobres, no grego é ptochos*, e significa muito mais do que dependência financeira, mas refere-se à humilde condição que gera mendigos; e, inicialmente, era utilizada literalmente para descrever necessidades materiais, mas logo essa pobreza recebeu nuances espirituais, pois esses necessitados tinham refúgio e eram dependentes de Deus (Pv 16.19; Is 6.5; 57.15; Lc 5.8).⁵⁴ Logo, a dependência de Deus torna-se uma característica fundamental do cidadão do seu Reino, e “todas as demais características são, em certo sentido, resultantes dessa primeira qualidade”.⁵⁵

Uma interpretação equivocada da expressão *pobres de espírito* levou à criação do chamado voto de pobreza, no qual monges se voluntariam a uma vida renúncia a todos os bens materiais,⁵⁶ em busca de maior santidade. Todavia, Jesus aqui não fala sobre privação financeira ou carência material,⁵⁷ pois a humildade de espírito é o reconhecimento da falência espiritual e da própria indignidade perante Deus;⁵⁸ é encarar a própria miserável condição de

⁵¹ BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: BEALE G. K.; CARSON D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 25.

⁵² LLOYD-JONES, 2015, p. 37.

⁵³ WESLEY, 2012, p. 68.

⁵⁴ SHEDD, 1998, p. 15; STOTT, 1985, p. 28. Uma curiosidade sobre essa bem-aventurança é que a expressão *pobres de Espírito* era usada pelos essênios de Qumran para designar os membros de sua comunidade (1Qm 14.6), pois esse grupo entendia a pobreza como uma virtude, pois era uma vida livre de avarezas, e quem vivia dessa maneira se conformava a vontade de Deus (RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019, p. 42-43).

⁵⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 37.

⁵⁶ LLOYD-JONES, 2015, p. 39; STOTT, 1985, p. 21.

⁵⁷ CARSON, 2018, p. 17.

⁵⁸ CARSON, 2018, p. 18.

pecador⁵⁹ que nada possui e depende inteiramente da misericórdia e graça de Deus;⁶⁰ é saber que se é “desprezível, pobre, miserável, cego e nu”.⁶¹ Reconhecer a própria pecaminosidade e miséria e tornar-se um humilde de espírito é o primeiro passo para a corrida espiritual e é a mais profunda forma de arrependimento.⁶²

O reconhecimento que a humildade de espírito possibilita do próprio pecado e indignidade perante Deus leva a uma tristeza que caracteriza a segunda bem-aventurança: o choro (v. 4). Quando Jesus se refere *aos que choram*, não fala sobre tristeza terrena ou luto, mas sim aos que choram pela tristeza causada pelo arrependimento de seus pecados.⁶³ Além disso, é a tristeza e o choro espiritual que resulta da humildade de espírito (Sl 51.1-19; Is 6.5; Rm 7.24).⁶⁴

Esse também é o choro resultante dos pecados alheios: do fato de poder enxergar a miséria do mundo e das outras pessoas (Sl 119.136);⁶⁵ como comenta Kempis, em sua obra *Imitação de Cristo*, no livro 1, capítulo 22: “quanto mais espiritual um homem deseja ser, mais amarga se torna para ele essa vida presente, porque percebe melhor e vê mais claramente os defeitos da corrupção humana”.⁶⁶

Assim, aquele que chega ao ponto de chorar pelo estado pecaminoso de sua vida e da humanidade é quem já começou a experimentar o arrependimento,⁶⁷ por isso as duas primeiras bem-aventuranças são as *de arrependimento*: o homem inicia seu caminho no discipulado do Reino de Deus quando reconhece seu próprio pecado e entende que, sozinho, jamais poderia se chegar a Deus, tornando-se completamente dependente de sua graça e misericórdia, e, em seguida, entristece-se e chora, arrependendo-se completamente da afronta de seu pecado.

3.4.2 Bem-aventuranças de santificação

A primeira bem-aventurança dessa categoria é a *mansidão* (v. 5). A palavra grega *praiis* ganha significados como “gentil”, “humilde”, “atencioso” e “cortês”, relacionando-se com o autocontrole;⁶⁸ de maneira que Wiersbe afirma que era usada para descrever “um cavalo domado e se refere ao poder sob controle”.⁶⁹ Ao contrário do que se pode imaginar, mansidão

⁵⁹ COLLI, G. A.; OLIVEIRA, E. C. T. O Conceito de 'Pobres de espírito' em Mateus 5.3. **Teologia e espiritualidade**, v. 3, p. 79-93, 2015, p. 92. Os autores comentam ainda que “a característica do ‘pobre de espírito’ é saber que ele depende completamente de Deus, não existe autogoverno no pobre de espírito, mas sim uma disposição para a obediência, para a submissão a Deus e a sua palavra” (p. 92).

⁶⁰ LLOYD-JONES, 2015, p. 45.

⁶¹ WESLEY, 2012, p. 69.

⁶² WESLEY, 2012, p. 71; CARSON, 2018, p. 18.

⁶³ LLOYD-JONES, 2015, p. 48; STOTT, 1985, p. 30.

⁶⁴ CARSON, 2018, p. 19; LLOYD-JONES, 2015, p. 52.

⁶⁵ LLOYD-JONES, 2015, p. 53.

⁶⁶ KEMPIS, T. A. **A imitação de Cristo**: e a centralidade da cruz na luta contra a carne. Santo Amaro: Shedd, 2001, p. 46.

⁶⁷ LLOYD-JONES, 2015, p. 54. O Catecismo de Heidelberg segue essa linha quando responde, na pergunta 89, que a mortificação do velho homem é “a profunda tristeza pelo fato de termos provocado a Deus com os pecados, e cada vez mais odiá-los e afastar-nos deles” (BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformadas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 106).

⁶⁸ STOTT, 1985, p. 32.

⁶⁹ WIERSBE, 2006, p. 24.

não tem a ver com fraqueza, pelo contrário, ela é compatível com força de caráter, autoridade e poder.⁷⁰ Na Bíblia, exemplos de mansidão podem ser vistos em Abraão (Gn 13.1-13) e Moisés (Nm 12.3), todavia, o maior exemplo de mansidão está na figura de Cristo (Mt 11.28-29; Fp 2.1-11).

A bem-aventurança destinada aos mansos só é possível após a humildade de espírito: “ninguém pode ser manso, exceto se já se viu como um vil pecador”, pois não há nada em si de que possa se vangloriar, e sabe que ninguém fará contra ele algo tão mal quando o que ele fez a Deus com seu pecado.⁷¹

Seguindo, logicamente, às bem-aventuranças anteriores, a *fome e sede de justiça* (v. 6) não diz respeito à retidão geral ou moralidade entre nações, mas ao desejo de libertar-se do pecado que entristece aquele que experimentou a humildade de espírito.⁷² Carson afirma que a palavra *justiça*, no Evangelho de Mateus, refere-se à “um padrão de vida em conformidade com a palavra de Deus”, logo, essa bem-aventurança refere-se àqueles que, arrependidos do pecado, desejam, com todas as forças, viver conforme a vontade de Deus.⁷³

A bem-aventurança seguinte diz respeito aos *misericordiosos* (v. 7), que são os que, conscientes de seu estado pecaminoso, sabem que são alvos da misericórdia do próprio Deus e que, sem essa misericórdia, seriam condenados.⁷⁴ Assim, percebendo a atitude de amor de Deus perante sua miséria, agem da mesma maneira perante a miséria do próximo (At 7.60).⁷⁵ O maior exemplo da misericórdia divina para com o ser humano é o de Cristo (Mt 6.34).

A próxima bem-aventurança refere-se aos *limpos de coração* (v. 8). O coração, na Bíblia, não se refere apenas aos sentimentos, mas sim ao verdadeiro “eu”, pois tem a ver com o pensar, considerar, avaliar, resolver, planejar, regozijar-se e entristecer-se.⁷⁶ Nos tempos de Jesus, a “contaminação” era causada pelo contato com gentios impuros ou alimentos proibidos, mas, nessa bem-aventurança, Cristo fala da pureza moral, não simplesmente da cerimonial (Sl 24.3-4; 51.10; Mt 23.25-28; Mc 7.15-23; Lc 11.39).⁷⁷ Ou seja, ao perceber o coração impuro que possui, o pecador se arrepende e tem o coração purificado da mesma maneira que Deus é puro, desejando, a partir disso, viver para a glória de Deus em todos os aspectos da vida.⁷⁸

Por fim, a última bem-aventurança de santificação diz respeito aos *pacificadores* (v. 9). Estes são aqueles que, da mesma maneira que Cristo, o príncipe da paz, pacificou a relação do

⁷⁰ LLOYD-JONES, 2015, p. 61.

⁷¹ LLOYD-JONES, 2015, p. 62, 63.

⁷² LLOYD-JONES, 2015, p. 66, 69, 70.

⁷³ CARSON, 2018, p. 24.

⁷⁴ TASKER, 1980, p. 49-50.

⁷⁵ SHEDD, 1998, p. 75; WESLEY, 2012, p. 86.

⁷⁶ SHEDD, 1998, p. 85.

⁷⁷ SHEDD, 1998, p. 86; STOTT, 1985, p. 38.

⁷⁸ WESLEY, 2012, p. 96; LLOYD-JONES, 2015, p. 100, 103.

homem com Deus (Rm 5.1),⁷⁹ desejam promover a paz,⁸⁰ esforçando-se para efetuar reconciliações⁸¹ e fazendo o bem a todos.⁸²

Logo, as bem-aventuranças compreendidas em Mateus 5.5-9 são *de santificação* porque, após passar pelo arrependimento, o homem deseja mudar seu caráter, tornando-o semelhante ao de Cristo, se tornando manso, justo, puro, misericordioso e pacificador, para, assim, continuar sua caminhada pelo discipulado do Reino de Deus.

3.4.3 Bem-aventurança de consequência

A última bem-aventurança, dedicada aos *perseguidos por causa da justiça* (v. 10-12), é a bem-aventurança de consequência, pois ela deriva da mudança de caráter efetuada pelas bem-aventuranças anteriores. De modo geral, os cristãos perseguidos nessa passagem são os que desejam viver como Cristo viveu,⁸³ pois, a partir do momento em que Ele se retirasse do mundo, o ódio direcionado a ele seria convertido aos discípulos⁸⁴ (Mt 24.9; Mc 13.9; Lc 21.16-17; Jo 15.18; 2Tm 3.12; 1Jo 3.13-14).

Dessa maneira, a *sequência lógica e espiritual* ocorre, nas bem-aventuranças, na medida em que o homem reconhece seu pecado e arrepende-se verdadeiramente (v. 3-4), para então, com a ajuda do Espírito Santo, mudar seu caráter e, em busca de santidade, tornar-se como Cristo (v. 5-9), e a consequência disso é que o discípulo torna-se um *hóspede indesejado* no mundo e sofre perseguições, assim como Cristo e os profetas sofreram (v. 10-12).

3.5 Análise teológica

A análise teológica de um texto busca compreender como tal passagem se encaixa dentro do *corpus* da revelação da dogmática cristã.⁸⁵ A passagem das bem-aventuranças pode ser relacionada com duas doutrinas da teologia cristã: o *arrependimento* e a *santificação*.

Sobre o *arrependimento*, os estudiosos o relacionam com a *fé*, para, juntos, formarem aquilo que é conhecido como *conversão*.⁸⁶ Hoekema define arrependimento como “o abandono consciente, por parte da pessoa regenerada, do pecado, e uma volta para Deus, numa completa mudança de vida, manifestando-se numa nova maneira de pensamento, sentimento e vontade”.⁸⁷ A humildade de espírito é indispensável para o arrependimento: é

⁷⁹ CARSON, 2018, p. 28.

⁸⁰ SHEDD, 1998, p. 101.

⁸¹ TASKER, 1980, p. 50.

⁸² WESLEY, 2012, p. 101.

⁸³ CARSON, 2018, p. 29. Lloyd-Jones (2015, p. 125) afirma que, ao tentar *imitar* a Cristo, o mundo elogiará ao cristão, no entanto, quando se tenta *tornar-se* como Cristo, o mundo o odiará como fez com o Messias.

⁸⁴ TASKER, 1980, p. 50. Nessa fala, Jesus estava indicando que os discípulos teriam uma missão extraordinária, pois Ele os compara aos profetas, sendo que, naquela época, a crença na existência de profetas como os do Antigo Testamento era escassa entre os judeus (KEENER, 2017, p. 57).

⁸⁵ STUART; FEE, 2008, p. 228.

⁸⁶ HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 111, 121. Millard Erickson comenta que fé e arrependimento se complementam, pois, arrependendo-se dos pecados, percebe-se a necessidade da fé em Cristo para a provisão de justiça; enquanto que, ao ter fé no sacrifício de Cristo, o homem torna-se consciente do pecado e isso o conduz ao arrependimento (ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 905).

⁸⁷ HOEKEMA, 2018, p. 125.

fácil apontar e exortar o pecado alheio, mas é difícil ver o próprio pecado, sendo necessário o entendimento da própria condição pecadora e da total dependência em Deus.⁸⁸ Por fim, faz-se importante ressaltar os três elementos do arrependimento:⁸⁹ 1) o *elemento intelectual* acontece quando há um *epignosis hamartias* (conhecimento do pecado), ou seja, um reconhecimento do próprio pecado, da culpa e do desamparo (Mt 5.3; Rm 3.29); 2) o *elemento emocional* deriva da *lupe kata theou* (tristeza segundo Deus), manifestada pela consciência do pecado contra um Deus santo (Mt 5.4; Sl 51.2,10,14); e 3) o *elemento volitivo* consiste no abandono do pecado e na mudança de propósito, de caráter (Mt 5.5-9; Sl 51.5,7,10).

A *santificação*, por sua vez, é definida, pelo Breve Catecismo de Westminster, pergunta 35, como “a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, e habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão”,⁹⁰ e o Catecismo Maior de Westminster, na pergunta 74, completa afirmando que ela só ocorre “tendo os germes do arrependimento que conduz à vida”.⁹¹ O padrão da santificação deve sempre ser a imagem de Cristo,⁹² assim como as bem-aventuranças de santificação, que demonstram, cada uma, uma qualidade do caráter do próprio Jesus. Por fim, vale citar o caráter processual da santificação, pois ela é um processo regular na vida do discípulo, apesar de que, nessa vida, o homem nunca estará completamente livre do pecado (Ec 7.20; Lc 11.4; 2Co 3.18; Fp 3.13-14; 1Jo 1.8).⁹³

4. CORRELAÇÕES DO TEXTO

Mesmo com nenhum dos evangelistas indicando que sua obra deveria ser lida paralelamente a outros Evangelhos, o intérprete deve exercitar o chamado *pensar horizontalmente*: ter a consciência da existência de paralelos e aumentar as possibilidades de análise.⁹⁴ As bem-aventuranças têm paralelo com o texto conhecido como Sermão da Planície:⁹⁵

Então, olhando ele para os seus discípulos, disse-lhes: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus. Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.

⁸⁸ MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 104.

⁸⁹ BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. rev. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 448.

⁹⁰ BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 101.

⁹¹ BEEKE; FERGUSON, 2006, p. 101.

⁹² HOEKEMA, 2018, p. 187.

⁹³ GRUDEM, Wayne. **Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 126.

⁹⁴ FEE; STUART, 2011, p. 162-163.

⁹⁵ Tendo em vista a existência do Sermão da Planície, novamente é necessário visitar a teoria de que os sermões de Jesus em Mateus são, na verdade, cinco grandes antologias temáticas de seus ensinamentos. Howard Marshall informa que, provavelmente, Mateus aumentou a versão encontrada em Lucas ao acrescentar outros ditos sobre a mesma temática (MARSHALL, I. Howard. Lucas. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1490).

Regozijai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu; pois dessa forma procederam seus pais com os profetas (Lc 6.20-23).

Novamente é possível notar que Jesus dirige-se aos discípulos (v. 20), significando que suas palavras endereçam-se a eles.⁹⁶ Jesus fala dos *pobres* (v. 20), que, para Aquino, “são aqueles que fazem parte do povo de Deus, aqueles que não se comportam como amantes do dinheiro, aqueles que valorizam e servem Deus acima de mamom, aqueles que sofrem nesta vida por terem escolhido buscar os valores do reino”.⁹⁷ Além disso, Lucas enfatiza, nesse caso, as necessidades, pois cita apenas *os que têm fome* (v. 21), e não fala da fome e sede por justiça; também fala dos *que choram*, prometendo que eles ainda haveriam de rir (v. 21); e, por fim, ao falar sobre a *perseguição* (v. 22-23), Marshall entende que Jesus falava “dos privilégios e das implicações de ser um discípulo”.⁹⁸

Dessa maneira, percebe-se que o texto das bem-aventuranças em Mateus relaciona-se com o Sermão da Planície de Lucas. Ainda assim, o texto de Mateus possui particularidades, não sendo apenas uma cópia. Uma das particularidades é a organização optada pelo autor, que, como visto, possibilita que as bem-aventuranças de Mateus 5 sejam relacionadas umas com as outras e interpretadas dentro da possibilidade de serem uma *sequência lógica e espiritual*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que pôde ser concluído com o exposto nesta pesquisa, destacam-se seis ideias que se sobressaem a respeito das bem-aventuranças. A primeira é que, assim como todo o Sermão do Monte, as bem-aventuranças foram direcionadas aos discípulos de Jesus (Mt 5.1; Lc 6.20), ou seja, somente demonstram as características e gozam das bênçãos ali elencadas aqueles que se dispõem a percorrer um caminho de discipulado com Cristo.

A segunda conclusão é a de que as bem-aventuranças demonstram qual o caráter e como o mundo trata os discípulos de Cristo, pois, como conclui-se em terceiro lugar, o ensino das bem-aventuranças se encaixa naquilo que Jesus demonstra sobre a ética do Reino de Deus.

Em quarto lugar, como observado no uso da expressão *makarios*, as bem-aventuranças demonstram a felicidade perfeita do discípulo, pois descrevem qual o é caráter aprovado por Deus e que serve de exemplo para os demais. A quinta conclusão é que as bem-aventuranças encaixam-se, na teologia cristã, nas doutrinas do arrependimento e da santificação, sendo a primeira parte da conversão e a segunda a renovação do caráter à imagem de Cristo.

Por fim, o mais importante que se conclui deste artigo é que a teoria de que as bem-aventuranças são organizadas numa *sequência lógica e espiritual* é uma possibilidade plausível, pois, de acordo com essa visão, o homem percebe seu pecado e dependência de Deus, entristecendo-se profundamente e caracterizando as *bem-aventuranças de*

⁹⁶ MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 120.

⁹⁷ AQUINO, J. P. T. Bem-aventurados os pobres e aí dos ricos: lendo Lucas 6.20 e 24 em contexto. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 24, n. 1, p. 51-76, 2019, p. 68.

⁹⁸ MARSHALL, 2009, p. 1491.

arrependimento, para, em seguida, buscar mudar seu caráter, tornando-o semelhante ao de Cristo, desenvolvendo as *bem-aventuranças de santificação*. Diante dessa escolha, o discípulo de Cristo, aquele que está disposto a tornar-se semelhante ao seu mestre, é perseguido pelo mundo, assim como Jesus foi, e essa é a *bem-aventurança de consequência*. Logo, é possível inferir que as bem-aventuranças, acima de tudo, descrevem o caminho do homem em discipulado com Cristo.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. P. T. Bem-aventurados os pobres e ai dos ricos: lendo Lucas 6.20 e 24 em contexto. **Fides Reformata**: São Paulo, v. 24, n. 1, p. 51-76, 2019.

BARROS FILHO, Clóvis de; KARNAL, Leandro. **Felicidade ou morte**. Campinas: Papyrus 7 Mares, 2016. (Coleção Papyrus Debates).

BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de Fé Reformadas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. 4.ed. Revisada. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessas**. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: King's Cross, 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia King James Atualizada (KJA)**. São Paulo: Abba Press & SBIA, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional / Paulinas, 1990.

BÍBLIA. Português. **Nova Bíblia Viva**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: BEALE G. K.; CARSON D. A. **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1-138.

BLOMBERG, Craig L. Mateus. In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 442-447.

CARSON, D. A. **O Sermão do Monte**: exposição de Mateus 5 – 7. São Paulo: Vida Nova, 2018.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

COLLI, G. A.; OLIVEIRA, E. C. T. O Conceito de 'Pobres de espírito' em Mateus 5.3. **Teologia e espiritualidade**, v. 3, p. 79-93, 2015.

ERICKSON, Millard J. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.ed. rev. e amp. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FRANCE, R. T. Mateus. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1358-1421.

GARDNER, Paul. Jesus (Cristo, o Senhor). In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005. p. 327-343.

GRUDEM, Wayne. **Bases da fé cristã**: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

HOEKEMA, Anthony A. **Salvos pela graça**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KEMPIS, T. A. **A imitação de Cristo**: e a centralidade da cruz na luta contra a carne. Santo Amaro: Shedd, 2001.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LLOYD-JONES, David Martyn. **Estudos no Sermão do Monte**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

MARSHALL, I. Howard. Lucas. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 1472-1535.

MCCONVILLE, Gordon. História Bíblica. In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 43-75.

MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MURRAY, John. **Redenção consumada e aplicada**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **As religiões no tempo de Jesus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2019. (Coleção Cristianismo Primitivo em Debate).

SHEDD, Russel P. **A felicidade segundo Jesus**: reflexões sobre as bem-aventuranças. São Paulo: Vida Nova, 1998.

STOTT, W. R. J. **A mensagem do Sermão do Monte**. 3.ed. São Paulo: ABU, 1985.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980.

WESLEY, John. **O Sermão do Monte**. São Paulo: Vida, 2012.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo: Novo Testamento**. Santo André: Geográfica, 2006.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PALAVRA DE DEUS COMO BASE PARA QUALQUER MINISTÉRIO, EM QUALQUER LUGAR E EM QUALQUER ÉPOCA

The Word of God as a basis for any ministry, anywhere and any time

Cléber Mateus de Moraes Ribas¹

RESUMO

A sociedade atual é pós-moderna e pluralista – principalmente em relação à religião. Isto significa que as pessoas, de forma geral, creem que não existe uma verdade absoluta, mas todas as ideias religiosas são aceitáveis. Por conta disso, são muitos os desafios enfrentados pelo pastor, como a visão de muitos de que ele deve se amoldar aos seus padrões, ou o perigo de tornar-se um profissional do púlpito. No entanto, este pluralismo presente na sociedade atual não é restrito a ela, uma vez que também existia na do primeiro século. Assim, da mesma forma que os líderes cristãos daquele tempo, os pastores atuais devem seguir a Palavra e nada mais. Somente as Escrituras devem nortear o pastor em seu ministério e assim ele será bem-sucedido, pois estará cumprindo a vontade de Deus. Diante desse quadro o presente artigo enfatizou que Palavra de Deus deve ser a base de todo ministério.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Pluralismo. Ministério pastoral.

ABSTRACT

Today's society is postmodern and pluralistic - especially in relation to religion. This means that people, in general, believe that there is no absolute truth, but all religious ideas are acceptable. Because of that, the pastor faces many challenges, such as the view of many that he must conform to his standards, or the danger of becoming a professional of the pulpit. However, this pluralism present in today's society is not restricted to it, since it also existed in that of the first century. So, just like the Christian leaders of that time, today's

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduando em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

pastors must follow the Word and nothing else. Only the Scriptures should guide the pastor in his ministry and thus he will be successful because he will be fulfilling the will of God. Facing this picture, this article emphasizes that the Word of God must be the base for each and every ministry.

Keywords: Post-modernity. Pluralism. Pastoral ministry.

INTRODUÇÃO

É noite de um dia útil qualquer. Um cristão chega em casa após o trabalho e liga sua televisão. Ele vai trocando de canais. Dentre as opções há uma novela com temática espírita, uma entrevista com um agnóstico e dois ou três canais com cultos neopentecostais. Após alguns minutos em frente à televisão, ele a desliga e vai ler o jornal. Nos classificados ele encontra o anúncio de alguém que afirma poder resolver todos os seus problemas por meio do tarô. Logo mais, ele acessa em seu notebook uma pregação de algum pastor que ele admira e “segue” em uma rede social. E assim é boa parte de sua semana. No domingo, então, ele se dirige ao templo da igreja em que congrega para ouvir a mensagem da Bíblia, pregada por seu pastor – apenas mais uma informação dentre tantas que ouviu ao longo da semana.

Esta história pode ser um resumo da realidade cristã atual. A sociedade em que os membros das igrejas estão inseridos é uma sociedade pós-moderna e, por conseguinte, pluralista, na qual se acredita que todos os caminhos levam a Deus. Neste contexto, os pastores, chamados por Deus para cumprir este ministério, acabam por enfrentar os desafios desta era e, por vezes, não sabem como reagir a ela. Bem por isso, o presente artigo busca apresentar uma solução a estes desafios.

Primeiramente, são apresentados conceitos em relação à sociedade contemporânea. A seguir, são apresentados os desafios desta em relação ao ministério pastoral e é feito um paralelo desta sociedade com a do primeiro século. Por fim, é apresentada uma proposta de solução para a ação do pastor em qualquer sociedade, seja ela a atual ou ainda outra que possa surgir.

1. UMA SOCIEDADE PLURALISTA

Todas as verdades devem ser aceitas. Nenhuma, porém é a verdade. Esta é uma das ideias da sociedade atual – a sociedade pós-moderna. Esta é um tanto complexa de ser definida, uma vez que se trata de uma resposta à modernidade.² No entanto, no presente artigo será adotada a definição a seguir:

Pós-modernismo. Termo que designa uma variedade de desenvolvimentos intelectuais e culturais da sociedade ocidental do final do século XX. O etos do pós-modernismo caracteriza-se pela rejeição dos valores modernistas e por uma desconfiança para com os princípios racionais supostamente universais desenvolvidos na época do ILUMINISMO. Os pós-modernistas

² AMORESE, Rubem. **A pós-modernidade e o desafio da aliança.** Disponível em: <http://www.amorese.com.br/hp/Blog/Entradas/2010/6/15_A_pos_modernidade_e_o_desafio_da_alianca.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

geralmente adotam o PLURALISMO e atribuem valor a uma diversidade de cosmovisões e religiões características da sociedade contemporânea.³

A partir desta definição é possível entender a presente época como “uma era de relativismo – um sistema de crença baseado na absoluta certeza de que não há absolutos”.⁴ De acordo com Ribeiro, “vivemos num mundo que abraçou o relativismo pluralista como ideologia. Este pluralismo pós-moderno admite muitas visões e concepções diferentes a respeito da vida”.⁵

O pluralismo pode ser definido como um

sistema social que promove a autonomia e o desenvolvimento constante de diversos grupos religiosos, étnicos e sociais dentro do sistema. Na teologia, o pluralismo faz crer que existam muitos caminhos para a verdade sobre Deus e para suas manifestações, e vários meios igualmente válidos de SALVAÇÃO.⁶

Ou seja, de acordo com a visão pós-moderna, todas as religiões são eficientes em seu objetivo de religar o homem a Deus. Todas as verdades são aceitas. Tudo é relativo – ou nem tanto. Segundo Ribeiro, “o pluralismo pós-moderno não admite divergências no que considera fato científico. Crenças para nós não passam de decisão pessoal, mas o que é ciência é conhecimento público e deve ser considerado de aplicação absoluta”.⁷ Assim, crê-se que o que é definido pela ciência é um fato real – uma verdade. E assim, a teoria da evolução, por exemplo, é ensinada como fato científico em escolas, enquanto que as crenças são pessoais e nelas não pode ser encontrada ou pregada uma única verdade, mas todas as crenças devem ser aceitas.⁸

No entanto, esta certeza da ciência não é absoluta. Ela é fruto também de uma crença. Ribeiro afirma ainda que

O que a sociedade relativista pós-moderna chama hoje de explicação ‘científica’ das origens do cosmo não passa de uma declaração de fé. Ensina-se a religião secular humanista como fato, quando, na verdade, ela não passa de hipótese religiosa que nos leva à crença da ausência de Deus do processo de criação.⁹

Assim, este pluralismo faz com que as pessoas procurem a religião ou doutrina que melhor lhes convêm; segundo suas próprias ideias e conceitos pessoais. E esta pluralização transforma a sociedade em uma sociedade-supermercado, na qual todas as religiões são vistas como igualmente válidas e nenhuma superior à outra, e cabe à pessoa escolher qual é para

³ GRENZ, Stanley J; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de teologia**: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2007, p. 107.

⁴ WASHER, Paul. **O poder e a mensagem do evangelho**. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/05/um-evangelho-escandaloso-paul-washer-726/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

⁵ RIBEIRO, Bráulia. **Tem alguém aí em cima?** Viçosa: Ultimato, 2013, p. 59.

⁶ GRENZ; GURETZKI; NORDLING, 2007, p. 105.

⁷ RIBEIRO, 2013, p. 59-60.

⁸ RIBEIRO, 2013, p. 60.

⁹ RIBEIRO, 2013, p. 62.

ela a melhor – ela é soberana.¹⁰ Amorese ilustra esta ideia de sociedade-supermercado ao afirmar que

ocorre a seguinte situação: você avalia, compara, e escolhe. Temos na prateleira, desde o tradicional Cristianismo até adoradores de Satanás. Nesse pêndulo, você passa por produtos tais como ufologia, Santo Daime, com suas poções místicas ou a salada de frutas espiritual da nova era, sem esquecer-se do ‘creme de leite’ esotérico: única forma de unir ‘frutas’ tão diferentes.¹¹

E assim as pessoas vão escolhendo qual a melhor forma de se chegar a Deus, fazendo de si mesmas uma forma de deus soberano. E o desenvolvimento tecnológico favoreceu grandemente esta ideia pluralista de uma possibilidade de escolha do “melhor” caminho a se seguir – inclusive no meio evangélico. Ele “abriu largas avenidas para a pregação do Evangelho por meio da mídia, principalmente pelo rádio e pela televisão, dando assim acentuada visibilidade a um fenômeno muito antigo e nada recomendável: o culto à personalidade”,¹² uma vez que muitos novos pregadores surgem a cada dia com uma excelente retórica e uma péssima teologia. E assim, das bocas de muitos cristãos ouvem-se afirmações que parecem querer dizer que Deus deve servir ao homem e não o contrário.¹³ O homem “diz a Deus quando quer ser salvo, quão rico gostaria de ser e ainda escolhe sua própria versão da teologia”.¹⁴

No entanto, a mesma sociedade pluralista que propõem que há inúmeras respostas possíveis, não pode oferecer nenhuma resposta às necessidades espirituais das pessoas – apenas mais indagações e falta de esperança. Washer afirma que

Contra toda lógica, ouvimos que todas as visões com relação à religião ou moralidade são verdadeiras, não importa quanto radicalmente diferentes ou contraditórias elas sejam. O aspecto mais impressionante de tudo isso é que, por meio do incansável esforço dos meios de comunicação e do mundo acadêmico, essa se tornou rapidamente a visão da maioria. Contudo, o pluralismo não resolve o problema ou cura a mazela. Ele somente anestesia o paciente para que ele não mais sinta ou pense. O evangelho é escandaloso porque desperta o homem do seu sono e se recusa a deixá-lo descansar em talo [sic] posição ilógica. Força-o a chegar a alguma conclusão: ‘Até quando coxearéis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o’.¹⁵

¹⁰ AMORESE, Rubem. **A pós-modernidade e o desafio da aliança**. Disponível em: <http://www.amorese.com.br/hp/Blog/Entradas/2010/6/15_A_pos_modernidade_e_o_desafio_da_alianca.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

¹¹ AMORESE, Rubem. **Cristianismo em perigo**. Disponível em: <http://www.amorese.com.br/hp/Blog/Entradas/2010/6/13_Cristianismo_em_perigo.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

¹² ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise: decadência doutrinária na igreja brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 51.

¹³ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000, p. 121.

¹⁴ LUTZER, 2000, p. 121.

¹⁵ WASHER, Paul. **O poder e a mensagem do evangelho**. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/05/um-evangelho-escandaloso-paul-washer-726/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

Assim, é claramente perceptível que a sociedade pós-moderna e pluralista não somente não atende às necessidades das pessoas como tenta afastá-las do lugar onde encontrar. Então, como isto se reflete nos ministérios dos pastores existentes na era atual? Quais os desafios que o pluralismo traz ao pastor propriamente dito? Esses são alguns dos destaques na sequência deste texto.

2. DESAFIOS DE PASTOREAR EM SOCIEDADES PLURALISTAS

Primeiramente, é perceptível que este pluralismo leva às pessoas a não somente buscarem aquilo que desejam, mas também determinarem como deve andar o ministério, de acordo com suas ideias. E assim, na igreja, “a maioria das brigas [...] são sobre orçamento, música ou estilo de liderança. Muitas vezes, o verdadeiro conflito é sobre quem manda”.¹⁶ Além disso, esta possibilidade de escolhas em relação à fé faz com muitos queiram definir o que seu líder deve pregar ou como deve agir. Lutzer afirma que

dentro do meio evangélico, há uma tendência crescente à adaptação – selecionar o que gostamos na Bíblia e deixar o resto de lado. Ficamos tão enredados pelo espírito da nossa época, que mudamos de cor como um camaleão para nos conformar ao mais recente matiz do mundo.¹⁷

Isso faz com que o pastor tenha de lidar com muitas críticas dentro da igreja, muitas das quais sem fundamento, bem como muitos ataques fora dela.¹⁸ Infelizmente, muitos cristãos procuram de todas as formas moldar o pastor conforme outros pastores, ou mesmo com o que acham que deve ser o pastor. Sentindo coceira nos ouvidos, muitos juntam mestres para si mesmos (2 Tm 4.3), segundo seus próprios conceitos. E assim, “muitas vezes o pastor sente como se tivesse muitos padrões”.¹⁹ Para alguns, o pastor jovem deve ser como antigamente ou o pastor mais experiente tem de ter o “pique” de um pastor jovem. Traça-se um perfil do pastor desejado, pede-se o seu currículo e apresenta-se o desejo da igreja em relação a ele. E com isto, a cada dia surgem mais “pastores” profissionais. Conforme Queirós,

como o ministério está vulgarizado, qualquer um pode tornar-se pastor. Essa é a razão por que muitos, movidos por interesses egoístas, têm buscado no ministério uma alavanca propulsora que possa remetê-los para os mais altos níveis da promoção do ego. Já não se exige hoje preparação teológica para estar no ministério. Qualquer pessoa com um pouco de poder de influência, uma boa oratória, ou mesmo uma demonstração de fé, pode ser recrutada para ser pastor, mesmo não possuindo qualquer conhecimento teológico.²⁰

Assim, por muitas vezes, mesmo em igrejas sérias não se valoriza tanto as ênfases bíblicas sobre o ministério pastoral, mas sim como o pastor deve cumprir as tarefas que são vistas como “tarefas do pastor”. Rega afirma que

¹⁶ LUTZER, 2000, p. 55.

¹⁷ LUTZER, 2000, p. 87.

¹⁸ QUEIRÓS, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998, p. 21.

¹⁹ LUTZER, 2000, p. 133.

²⁰ QUEIRÓS, 1998, p. 14.

[este pragmatismo] foi se instalando em nossa cultura denominacional de modo a priorizar a ação e a funcionalidade a ponto de reduzir o Cristianismo em trabalho, programas e eventos. Ser pastor é ser hábil em liderar programas e atividades. Ser pastor é saber-fazer (visita hospitalar, visitas domésticas, dirigir assembleia, redigir atas, dar conselhos, dirigir reuniões, colocar as pessoas em movimento, etc.). Tanto que na década de 70 e 80, mas também recentemente, surgiu a frase ‘o seminário precisa formar pastores e não teólogos’, como se fosse possível formar médicos sem Medicina, engenheiros sem Matemática. [...] Para formar pastores para atender esta demanda basta ter um curso prático e sem profundidade em outras áreas da formação teológica e ministerial.²¹

Desta forma, corre-se o risco de a igreja acabar se tornando semelhante a uma empresa, cuja meta é arrumar cada vez mais sócios, tal qual uma cooperativa da fé. E o pastor é o único funcionário, que deve cumprir todas as metas exigidas. Busca-se a forma mais atraente de se conseguir adeptos e o melhor método ou abordagem em particular que teve um maior sucesso em termos de resultado.²² E o pastor pode cair no erro de “ir nesta onda”. De acordo com Swindoll, “podemos nos tornar tão dedicados à vontade de Deus, tão dirigidos por um falso sentido de propósito, que podemos sem querer tomar as rédeas do assunto e deixar Deus completamente fora dele”.²³

Contudo, “já não é tempo de vermos as igrejas crescendo sem nenhuma explicação, exceto que Cristo soberanamente escolheu edificar sua igreja”.²⁴ Assim ocorreu com os primeiros cristãos, quando “o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos” (At 2.47). Semelhantemente ainda pode e deve ocorrer nos dias atuais. Muito embora a sociedade do primeiro século não fosse pluralista e complicada como a atual. Ou era? Eis a questão: é somente a sociedade atual que apresenta estes problemas? Os cristãos de tempos anteriores não tinham este tipo de problema em relação à sociedade da época?

É possível refletir sobre isso. Segundo Washer,

Vivemos em uma era de pluralismo – um sistema de crença que põe fim à verdade declarando tudo como sendo verdade, especialmente com respeito à religião. Pode ser difícil para o cristão contemporâneo compreender, mas os cristãos vivendo no primeiro século eram na verdade marcados e perseguidos como ateus. Imagens de deidades enchiam o mundo, e a religião era um negócio em expansão. As pessoas não só toleravam a deidade uns dos outros, mas também trocavam e compartilhavam. O mundo religioso inteiro estava indo muito bem até que o cristianismo apareceu e declarou ‘não serem deuses os que são feitos por mãos humanas’. Eles negavam aos Césares a homenagem que demandavam, recusavam dobrar os joelhos a todos os outros assim chamados de deuses e confessavam somente a Jesus como Senhor de todos. O mundo inteiro olhou para essa assombrosa

²¹ REGA, Lourenço Stelio. O caráter estratégico da educação teológica e ministerial para a denominação e igreja. **O Jornal Batista**, Rio de Janeiro, ano CXIII, n. 47, p. 15, 24 nov. 2013.

²² LUTZER, 2000, p. 157.

²³ SWINDOLL, Charles R. **Moisés: um homem dedicado e generoso**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 61.

²⁴ LUTZER, 2000, p. 157.

arrogância e reagiu com fúria contra a intolerante intolerância à tolerância dos cristãos.²⁵

Sim, os cristãos do primeiro século também tinham de conviver com uma sociedade pluralista. Segundo Ramachandra, “os autores bíblicos viviam num ambiente social tão pluralista quanto o nosso em matéria de religião [...] Desde o início, a igreja cristã, que também vivia num mundo religiosamente pluralista, considerou adequado falar de Jesus na linguagem usada para Deus nas escrituras hebraicas”.²⁶ Semelhantemente, “na palestina do tempo de Jesus, a sociedade era diversificada, mais ou menos como a nossa”.²⁷

Havia, por exemplo, tanto no período grego quanto no romano, a questão da homossexualidade como nos dias atuais.²⁸ Praticavam-se orgias homossexuais e, além disso, “os homens gregos envolviam-se em relacionamentos homossexuais com adolescentes. Muitos, na verdade, consideravam isso uma experiência para atingir a maturidade”.²⁹

O apóstolo Paulo enfrentou grande contrariedade por pregar a Cristo em um mundo religiosamente pluralista. Ele “foi criticado, odiado e fisicamente maltratado por judeus e gentios. Suas viagens missionárias lhe trouxeram grandes dificuldades”.³⁰ As pessoas da época não ficavam indiferentes à pregação de Paulo, pois “ou as pessoas o odiavam, porque ele mexia na zona de conforto das certezas que elas tinham, ou as pessoas o amavam, porque a mensagem que ele trazia era vida para eles também”.³¹

Washer afirma que

a carne de Paulo tinha todos os motivos para estar envergonhada do evangelho que ele pregava porque contradiz absolutamente tudo que era considerado como verdadeiro e sagrado entre seus contemporâneos. Para o judeu, o evangelho era o pior tipo de blasfêmia pois reivindicava que esse Messias judeu era Deus na carne. Então, Paulo sabia que toda vez que abrisse sua boca para falar o evangelho ele seria completamente rejeitado e ridicularizado com escárnio a menos que o Santo Espírito interviesse e movesse sobre o coração e a mente de seus ouvintes. Em nossos dias, o evangelho primitivo não é menos ofensivo, pois contradiz cada dogma, ou ‘ismo’, da cultura contemporânea: relativismo, pluralismo e humanismo.³²

Ou seja, a mensagem de Paulo era a mesma mensagem que deve ser pregada ainda hoje. Jesus é o mesmo, ontem, hoje e sempre será. Cristo “fez a afirmação de que ele é o único

²⁵ WASHER, Paul. **O poder e a mensagem do evangelho**. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/05/um-evangelho-escandaloso-paul-washer-726/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

²⁶ RAMACHANDRA, Vinoth. Jesus numa sociedade pluralista. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER David (Edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri, SP: SBB, 2008. p. 83.

²⁷ RAMACHANDRA, 2008, p. 83.

²⁸ BÍBLIA de estudo arqueológica NVI. **Romanos**. Tradução de Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse. São Paulo: Vida, 2013, Amostra, p. 16.

²⁹ BÍBLIA de estudo arqueológica NVI, 2013, p. 16.

³⁰ MOTYER, Stephen. Paulo. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008, p. 689.

³¹ MOTYER, 2008, p. 689.

³² WASHER, Paul. **O poder e a mensagem do evangelho**. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/05/um-evangelho-escandaloso-paul-washer-726/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

caminho que leva a Deus num mundo semelhante ao nosso, ou seja, um mundo em que diferentes religiões disputavam a preferência das pessoas”.³³ Assim sendo, a solução para os líderes da Igreja no primeiro século em relação aos desafios da sociedade em que viviam é ainda a mesma para os pastores da atualidade.

3. A BÍBLIA COMO SOLUÇÃO EM QUALQUER SOCIEDADE

Os primeiros cristãos viviam em uma sociedade pluralista como a atual. E é plenamente possível identificar a forma como os líderes serviam a Deus naquele tempo – baseados nas Escrituras (2 Tm 2.15; 3.16-17; 4.2). Segundo Guthrie e Motyer,

a confusão naquele mundo das Epístolas era muito real, produzindo um anseio espiritual, um desejo por verdade sólida num mundo cheio de mudanças e incertezas. A confusão era produzida em parte porque as pessoas podiam se deslocar com tanta facilidade, e então descobriam que havia muitas filosofias e religiões disponíveis, todas prometendo respostas às suas dúvidas. A grande variedade deixava as pessoas confusas. [...] Onde poderíamos encontrar a verdade em toda essa confusão?

Numa rua menos movimentada [da cidade de Éfeso] encontraríamos a escola de Tirano, onde um judeu estranho chamado Paulo ensinava mais uma religião, centrada em Jesus que promete vitória sobre a morte e todos os poderes do mal a qualquer pessoa que simplesmente nele crer e confessar que ele é ‘Senhor’. (...) Não é difícil traçar paralelos entre o mundo das Epístolas e nosso mundo atual, com todas as suas culturas! A mensagem das Epístolas é tão relevante hoje quanto era naquela época.³⁴

Eles estavam convictos da verdade bíblica acerca de Cristo e “se negavam a considerar-se apenas membros de uma ‘religião’ entre várias: eles eram testemunhas entre as nações do que Deus, em Jesus, fizera por toda a humanidade”.³⁵ Semelhantemente, a única forma de se pastorear em qualquer sociedade é baseando-se unicamente na verdade do evangelho e nos ensinamentos das Escrituras – em nada mais. Por isso, os pastores têm de estar dispostos a viver baseados na Palavra, sejam quais forem as consequências para si. Não se trata de ser um profissional da Palavra, mas “servos que vivam a fé de maneira íntegra, solidária e justa”.³⁶

Segundo Lutzer, “os pastores são chamados por Deus para se separar da sociedade, para pregar a Palavra de Deus sem considerar o que as pessoas querem ou não ouvir”.³⁷ Não se trata de pregar contra a sociedade ou se amoldar aos padrões dela, mas pregar a Palavra e viver dela – unicamente isso. É claro que isto certamente implica sofrimento.³⁸

³³ RAMACHANDRA, 2008, p. 85.

³⁴ GUTHRIE, Donald; MOTYER, Stephen. As epístolas. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008, p. 676.

³⁵ RAMACHANDRA, 2008, p. 85.

³⁶ GONDIM, Ricardo. **Eu creio, mas tenho dúvidas: a graça de Deus e nossas frágeis certezas**. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 201.

³⁷ LUTZER, 2000, p. 124-125.

³⁸ SWINDOLL, Charles. **Eu, um servo? Você está brincando!** Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1983, p. 195.

No entanto, conforme Swindoll, “quando Jesus realmente tem o controle de nossa mente, e nós lhe submetemos todos os pensamentos, tornamo-nos espiritualmente imbatíveis. Operamos com um poder sobrenatural. Passamos a andar sob o controle total de Deus”.³⁹ Ou seja, o pastor pode escolher realizar seu ministério à sua maneira ou à de Deus,⁴⁰ mas, segundo o mesmo autor,

aqueles que buscam agradar somente a Deus são invencíveis por dentro. [...] quando paramos de tentar agradar as pessoas, também deixamos de ser intimidados por fora. A igreja de Jesus Cristo precisa de mais pastores invencíveis e destemidos.⁴¹

Assim sendo, o pastor deve buscar na Palavra de Deus a forma como deve se portar em toda e qualquer situação, independente da sociedade vigente. Somente um pastor que busca realizar a vontade de Deus de forma plena, por meio de sua Palavra, pode enfrentar os desafios da sociedade em que está inserido.

Por isso, o pastor deve, por exemplo, zelar pela pregação desta Palavra, uma vez que esta é uma orientação bíblica para ele (1Tm 5.17; 2Tm 4.2). Infelizmente, na época atual, “um espírito de concessões permeia os púlpitos evangélicos. [...] A Bíblia é distorcida para se ajustar à cultura em vez de mudá-la”.⁴² As Escrituras não são levadas a sério, a ética cristã vai ficando comprometida⁴³ e os pastores, que deveriam levar a Palavra aos perdidos, sequer buscam conhecimento sobre o seu autor.⁴⁴

No entanto, como bem afirma Romero, “nenhuma experiência, sonho ou visão, pode estar acima do fundamento sólido da Palavra de Deus. Ao contrário, todas as experiências devem ser cuidadosamente avaliadas à luz das Escrituras”.⁴⁵ As pessoas, as igrejas e a sociedade como um todo necessitam de pastores que preguem e vivam as Escrituras. Pastores que obedeçam a Deus, custe o que custar, e não aos homens, quando as suas leis forem contrárias às do Senhor.⁴⁶ Ministros do evangelho que afirmem: “se alguma ‘verdade’ científica entra em conflito direto com algum elemento fundamental da minha fé, fico com a fé. (...) Verdade, para o cristão, não é determinada pela ciência, mas pela Palavra ou revelação de Deus”.⁴⁷

Da mesma forma, o pastor deve ser um exemplo para as ovelhas de Cristo aos seus cuidados (1Tm 4.12; Tt 2.7; 1Pe 5.3). Atitudes incompatíveis com o procedimento cristão têm reflexos imediatos no ministério.⁴⁸ Ou seja, “nosso testemunho mais eloquente ficará sem efeito algum se o contradissemos com o nosso exemplo; por outro lado, nada influirá tanto

³⁹ SWINDOLL, 1983, p. 99.

⁴⁰ SWINDOLL, Charles R. **O despertar da graça**. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 234.

⁴¹ SWINDOLL, 2009, p. 103.

⁴² LUTZER, 2000, p. 121.

⁴³ ROMEIRO, 1995, p. 18.

⁴⁴ LUTZER, 2000, p. 44.

⁴⁵ ROMEIRO, 1995, p. 29.

⁴⁶ LUTZER, 2000, p. 68.

⁴⁷ RIBEIRO, 2013, p. 64.

⁴⁸ QUEIRÓS, 1998, p. 97.

a favor de Cristo do que uma vida que Ele esteja transformando”.⁴⁹ O cristão deve ser sal e luz em um mundo escuro e insípido⁵⁰ – quanto mais o pastor deve ser assim!

É, porém, necessário lembrar quem é o modelo a seguir. O modelo é Cristo. O padrão é Cristo. Ele é o sumo pastor. Não são pastores mais experientes, mais jovens ou os mais bem-sucedidos aos olhos das pessoas. É o verdadeiro pastor e ninguém mais. As pessoas são diferentes: “a igreja não é uma indústria religiosa planejada para produzir reproduções em massa numa linha de montagem” – o único padrão divino para o caráter é Cristo.⁵¹ Ou seja, o pastor não deve fazer isto ou aquilo porque o pastor anterior fazia ou mesmo porque outros estão fazendo. Ele deve ser obediente como Cristo era.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, quando o pastor está disposto a viver as Escrituras em seu dia a dia, seu ministério será bem-sucedido. É fundamental ter em mente que “tudo o que importa é a realidade do que somos diante de Deus”.⁵² Na época atual, “onde centenas de coisas servem para nos distrair e fazer que esqueçamos do Senhor, devemos nos lembrar dele de maneira deliberada e frequente”.⁵³ Por isso, “quando [Deus] sustenta o ministério, este é bem-sucedido, assim como o ministro escolhido por ele”.⁵⁴

Isso não significa uma forma tranquila de viver, pois mesmo os primeiros cristãos não desfrutaram disto. O Senhor “não nos chama para viver no conforto. Ele nos convoca a confiar nele de modo tão completo que perdemos o medo de passar por situações arriscadas”.⁵⁵ Somente assim, o pastor pode enfrentar qualquer desafio em qualquer sociedade e em qualquer época.

REFERÊNCIAS

AMORESE, Rubem. **A pós-modernidade e o desafio da aliança**. Disponível em: <http://www.amorese.com.br/hp/Blog/Entradas/2010/6/15_A_pos_modernidade_e_o_desafio_da_alianca.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

AMORESE, Rubem. **Cristianismo em perigo**. Disponível em: <http://www.amorese.com.br/hp/Blog/Entradas/2010/6/13_Cristianismo_em_perigo.html>. Acesso em: 14 fev. 2014.

BÍBLIA de estudo arqueológica NVI. **Romanos**. Tradução de Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse. São Paulo: Vida, 2013. 48 p. (Amostra).

⁴⁹ STOTT, John R. W. **Cristianismo básico**. Tradução de Flávia Brasil Esteves. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 171.

⁵⁰ SWINDOLL, 1983, p. 134.

⁵¹ SWINDOLL, 2009, p. 170.

⁵² CHAN, Francis; YANKOSKI, Danae. **Louco amor**: maravilhado com um Deus que nunca muda. Tradução de Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2009, p. 47.

⁵³ CHAN; YANKOSKI, 2009, p. 25.

⁵⁴ SWINDOLL, 2000, p. 371.

⁵⁵ CHAN; YANKOSKI, 2009, p. 122.

CHAN, Francis; YANKOSKI, Danae. **Louco amor**: maravilhado com um Deus que nunca muda. Tradução de Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. 169 p.

GONDIM, Ricardo. **Eu creio, mas tenho dúvidas**: a graça de Deus e nossas frágeis certezas. Viçosa: Ultimato, 2007. 205 p.

GRENZ, Stanley J.; GURETZKI, David; NORDLING, Cherith Fee. **Dicionário de teologia**: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2007. 142 p. Edição de bolso.

GUTHRIE, Donald; MOTYER, Stephen. As epístolas. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008. 816 p.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. 159 p.

MOTYER, Stephen. Paulo. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008. 816 p.

QUEIRÓS, Edison. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1998. 216 p.

RAMACHANDRA, Vinoth. Jesus numa sociedade pluralista. In: ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Lailah de Noronha. Barueri: SBB, 2008. 816 p.

REGA, Lourenço Stelio. O caráter estratégico da educação teológica e ministerial para a denominação e igreja. **O jornal Batista**, Rio de Janeiro, ano CXIII, n. 47, p. 15, 24 nov. 2013.

RIBEIRO, Bráulia. **Tem alguém aí em cima?** Viçosa: Ultimato, 2013. 143 p.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em crise**: decadência doutrinária na igreja brasileira. São Paulo: Mundo Cristão, 1995. 213 p.

STOTT, John R. W. **Cristianismo básico**. Tradução de Flávia Brasil Esteves. São Paulo: Vida Nova, 1991. 172 p.

SWINDOLL, Charles R. **Eu, um servo?** Você está brincando! Tradução de Myrian Talitha Lins. Belo Horizonte: Betânia, 1983. 231 p.

SWINDOLL, Charles R. **Moisés**: um homem dedicado e generoso. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 420 p. (Série Heróis da fé).

SWINDOLL, Charles R. **O despertar da graça**. Tradução de Emirson Justino. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. 319 p.

WASHER, Paul. **O poder e a mensagem do evangelho**. Disponível em: <<http://voltemosaoevangelho.com/blog/2013/05/um-evangelho-escandaloso-paul-washer-726/>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PAULO: VIDA, VIAGENS MISSIONÁRIAS E MORTE

Paulo: life, missionary trips and death

Gustavo Albernaz Dias Carreiro¹

RESUMO

Esse artigo trata sobre a vida do apóstolo Paulo, tendo como foco narrativo as suas viagens missionárias. Inicialmente apresenta-se uma hipotética biografia de Paulo, desde de sua juventude até sua primeira viagem missionária. Na sequência apresenta-se as viagens missionárias do apóstolo. E, por fim comenta-se sobre sua prisão e apresenta-se teorias sobre a sua morte.

Palavras-chave: Paulo. Biografia. Viagens Missionárias. Apóstolo Paulo. Morte do apóstolo Paulo. Missão paulina.

ABSTRACT

This article discusses the life of the apostle Paul, focusing on his missionary journeys. Initially, a hypothetical biography of the apostle is presented, from his youth to his first missionary journey. After that, the missionary journeys of the apostle are presented. At last, commentaries about his prison are made and theories about his death are presented.

Keywords: Paul. Biography. Missionary journeys. Apostle Paul. Death of the apostle Paul. Pauline mission.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo tratar sobre o apóstolo Paulo tendo como eixo principal as suas viagens missionárias. Para isso, primeiramente, apresenta-se uma hipotética biografia

¹ O autor é mestrando pelo programa de mestrado profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: gustavo.greenfruit@gmail.com

do apóstolo, partindo do seu suposto ano de nascimento até o início da sua primeira viagem missionária.

Adiante, trata-se sobre a primeira viagem missionária do apóstolo. Em seguida, trata-se sobre o Concílio de Jerusalém, já que este é muito importante para o prosseguimento da missão cristã entre os gentios. Na sequência, fala-se sobre a segunda e terceira viagem missionária, sendo que se levanta a questão se a terceira viagem foi realmente uma viagem missionária como as demais.

Por fim, apresenta-se o itinerário de Paulo desde a sua prisão em Jerusalém até a sua chegada em Roma. Como o Atos dos apóstolos não apresenta o final da vida de Paulo o último capítulo desse artigo é dedicado inteiramente para apresentar um pouco das teorias sobre sua morte e suposta visita a Espanha.

1. BREVE BIOGRAFIA DO APÓSTOLO PAULO

O apóstolo Paulo é uma figura importantíssima no Cristianismo, considerado por alguns como o “segundo fundador do cristianismo”²; isso se deve ao fato de quase um quarto de todo o Novo Testamento ter sido supostamente escrito por ele.³ Nessa primeira parte faz-se um breve panorama biográfico deste personagem que é sem dúvida uma das grandes personagens do Cristianismo.

Não é possível dizer com exatidão qual foi a data de nascimento de Paulo, entretanto, Murphy-O’Connor destaca a expressão que aparece, na carta que Paulo escreveu à Filêmon, no versículo 9, a saber “já velho”. Esta expressão em grego é *presbytês*, que segundo fontes de textos gregos paralelos indicam alguém com aproximadamente 60 anos de idade. Considerando que a carta a Filemôn possa ter sido escrita no verão de 53 d.C., segundo autor acima citado, Paulo teria por volta de 58 ou 59 anos quando escreveu esta carta, o que coloca a sua data de nascimento entre 6 ou 5 a.C., aproximadamente a data de nascimento de Jesus.⁴

Sobre a sua adolescência e juventude tem-se poucas informações, o que há de mais preciso é o relato de Atos 22.3, no qual Paulo afirma: “Sou judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade. Fui instruído rigorosamente por Gamaliel na lei de nossos antepassados, sendo tão zeloso por Deus quanto qualquer de vocês hoje”.⁵ Ao que tudo indica Paulo nasceu em família judaica que vivia na cidade de Tarso, onde hoje é a Turquia, e foi mandado posteriormente para a cidade de Jerusalém, onde estudou com Gamaliel, homem notável que era neto do famoso rabino Hillel, o ancião, principal representante da escola farisaica “liberal”.⁶ Nas suas cartas Paulo alude várias vezes ao fato de que era fabricante de tendas. Segundo uma regra rabínica “o homem tem o dever de ensinar a seu filho uma

² CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 241.

³ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 241.

⁴ MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo: vidas paralelas**. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 17-19.

⁵ BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Tradução: Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargisse. São Paulo: Vida, 2013, p. 1818.

⁶ PEREGO, Giacomo. **Atlas bíblico interdisciplinar: escritura, história, geografia, arqueologia, teologia: análise comparativa**. Aparecida: Santo Sudário; São Paulo: Paulus, 2001, p. 94.

profissão. Quem não lhe ensina uma profissão, o está convidando a tornar-se um ladrão”.⁷ O trabalho que Paulo exerceu durante sua vida era comum na região⁸, e deve tê-lo aprendido ainda jovem.

Tarso, segundo Perego era uma das grandes capitais do comércio e um porto internacional. Lá acontecia uma interseção entre o Ocidente e o Oriente, não somente pelo fato de ser esta a cidade onde Marco Antônio conheceu Cleópatra, mas porque o Ocidente levava até este grande centro a sua cultura, filosofia e arte, enquanto o Oriente levava as caravanas de especiarias, seda, tecidos, magia e astrologia. Paulo, portanto, respira os ares de “cidadão do mundo” que marcará para sempre a sua vida⁹, já que esta cidade onde cresceu podia “ostentar a fama de centro cultural de primeira grandeza”¹⁰, segundo Barbaglio.

Murphy-O’Connor afirma que em Tarso tinha uma comunidade judaica grande o bastante para proporcionar a educação necessária para qualquer judeu, mas provavelmente Paulo não parou seus estudos na escola elementar quando tinha 11 ou 12 anos, ele foi além. Os estudos secundários devem ter durado mais uns 3 anos, porque só assim ele poderia ingressar aos 14 ou 15 anos nas escolas de retórica, arte esta onde Paulo é universalmente conhecido.¹¹ Segundo este autor:

Paulo teria cerca de 19 ou 20 anos quando terminou seu curso de retórica. (...). Que iria fazer para o resto de sua vida? As opções que se lhe abriram estavam condicionadas pelo seu lugar no mundo greco-romano. Até aqui, tinha estado nele mas não era dele, e a pressão teria sido implacável. Que tipo de vida gostaria de viver? As coisas não seriam mais fáceis num mundo ao qual já pertencia, uma sociedade controlada pelas leis e costumes judaicos? Para testar essa hipótese, partiu para Jerusalém.¹²

Foi em Jerusalém então que Paulo aprendeu com Gamaliel a se tornou um grande fariseu, distinguindo-se pelo seu zelo e apego as tradições étnicas e religiosas do judaísmo¹³, como ele mesmo afirmou no relato de Atos 22.3. Zeloso neste caso pode indicar o uso da violência física e não apenas fortes sentimentos¹⁴, no mesmo sentido que Finéias é chamado de zeloso em Números 25.¹⁵ Muitos crimes hediondos têm sido praticados em nome de Deus. Com Paulo, não foi diferente. Ele mesmo foi um perseguidor implacável da igreja nascente (Gl 1,13). Ele usou sua influência e força para esmagar os discípulos de Cristo.¹⁶

Foi em um desses momentos de perseguição contra a igreja nascente que Paulo teve a experiência que mudou completamente a sua trajetória. No caminho de Damasco Paulo foi surpreendido por uma visão de Jesus, o que popularmente tem sido chamado de “a conversão de Paulo”. Perego faz uma constatação interessante: Paulo nunca fala de “conversão” (Gl 1.13-

⁷ PEREGO, 2001, p. 94.

⁸ PEREGO, 2001, p. 94.

⁹ PEREGO, 2001, p. 96.

¹⁰ BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo I**. São Paulo: Loyola, 1989, p. 16.

¹¹ MURPHY-O’CONNOR, 2008, p. 50-52.

¹² MURPHY-O’CONNOR, 2008, p. 53.

¹³ BARBAGLIO, 1989, p. 17.

¹⁴ WRIGTH, N. T. **Paulo: uma biografia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 179.

¹⁵ WRIGTH, 2019, p. 623-630.

¹⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 17.

17; 1Co 9.1 e 15.8), já que a palavra por si só “é imprópria, uma vez que a sua fé em Cristo não se opõe à fé do povo de Israel. Jesus é o Messias esperado por Israel”¹⁷ mesmo que este povo o rejeite. Essa tese de que o termo “conversão” é inadequada para o que ocorreu com Paulo é reiterado por Wright, quando afirma que este termo é usado quando alguém muda de religião, mas não foi isso que ocorreu com Paulo, já que, ele nunca deixou de crer no “Único Deus de Abraão, Isaque e Jacó”.¹⁸

Paulo após sua experiência miraculosa no caminho de Damasco voltou para Jerusalém (At 9.26-27)¹⁹, tentou se associar aos discípulos, mas ninguém acreditou nele, somente Barnabé, que o apresentou e convenceu os apóstolos que Paulo realmente não era mais um perseguidor (At 9.28-29). Depois disso, Paulo voltou a sua cidade natal (At 9.30), onde ficou 12 anos²⁰ (Gl 1.21-2.1), até que Barnabé voltou para buscá-lo (At 11.25), para darem posteriormente início a sua primeira viagem missionária. Na sequência essas viagens serão abordadas.

2. A PRIMEIRA VIAGEM MISSIONÁRIA (AT 13.1 - 14.28)

Nas seções que falam sobre as viagens missionárias do apóstolo Paulo deter-se-á a relatar os aspectos mais significativos que ocorreram em cada uma. A primeira viagem missionária teve início na igreja de Antioquia (At 13.1-5), que, ao que tudo indica, foi o local escolhido por Paulo para ser a sua “base operacional”²¹, já que é de lá que partem todas as suas viagens e para onde sempre retornava. Nesta primeira viagem foram Paulo, Barnabé e João Marcos (At 13.4-5).

Porém, João Marcos não seguiu toda a viagem com eles. Ao saírem de Pafos para Perge da Panfília, o jovem João Marcos desistiu da viagem missionária e retornou para sua casa em Jerusalém (At 13.13). Paulo e Barnabé então prosseguiram rumo a Antioquia da Pisídia.²²

Nessa cidade observa-se a pregação de Paulo e Barnabé surtindo muito efeito, tanto que uma semana após a sua primeira pregação na sinagoga as pessoas mal podiam esperar pela próxima pregação (At 13.44). O despertar espiritual foi seguido imediatamente de

¹⁷ PEREGO, 2001, p. 94.

¹⁸ WRIGTH, 2019, p. 991.

¹⁹ Ao ler o relato de Lucas em Atos 9.19-25, entende-se que Paulo passou apenas alguns dias em Damasco, já o apóstolo em Gálatas 1.17-18 diz que passou na cidade 3 anos antes de ir a Jerusalém. Isto é um problema de cronologia. É necessário que se entenda que Lucas está escrevendo com uma intenção teológica mais do que com uma intenção histórica e, por isso, essas divergências podem aparecer quando compara-se a cronologia de Atos com as das cartas de Paulo. Segundo François Vouga “as cartas paulinas permitem estabelecer uma cronologia relativa dos quinze primeiros anos da missão paulina, ao passo que os Atos oferecem uma outra cronologia relativa que vai da estadia do apóstolo em Éfeso até sua chegada a Roma. O trabalho do historiador consiste, primeiramente, em combinar essas duas cronologias relativas para construir a história das viagens e da produção literária do apóstolo; visa, secundariamente, a fixar essa cronologia relativa no calendário da história geral para obter uma cronologia absoluta” (MARGUERAT, Daniel (org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015, p. 175).

²⁰ “O texto bíblico fala sobre 14 anos, mas os antigos contavam como um ano inteiro o primeiro e o último, mesmo que estes fossem incompleto” (BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2032).

²¹ WRIGTH, 2019, p. 2635.

²² LOPES, 2009, p. 45.

implacável e cruel perseguição. Os judeus, tomados de inveja, com blasfêmia contradiziam o que Paulo falava. Quando viram que os judeus estavam rejeitando a mensagem, Paulo e Barnabé se voltaram aos gentios (At 13.46-47).²³ Este foi um marco na História Cristã: é neste momento que ocorreu o início da pregação cristã aos não judeus.²⁴

Outro evento marcante desta viagem foi a cura de um paralítico de Listra. Depois da cura realizada o povo achou que Paulo e Barnabé eram uma espécie de deuses, no caso Zeus e Hermes. Keener conta que segundo uma lenda local esses deuses visitaram a Frígia, mas não foram bem recebidos por lá, o que ocasionou um dilúvio naquela cidade. Desta maneira, os habitantes de Listra não quiseram repetir o erro e prestaram honras a Paulo e Barnabé por entenderem que eles eram Zeus e Hermes.²⁵ Paulo e Barnabé tiveram que corrigir o povo deste erro, mas mesmo tentando Paulo e Barnabé não tiveram êxito (At 14.8-18). Nos versículos seguintes do capítulo 14 (v.19-28) é registrado o fim da primeira missão, com a quase morte de Paulo por apedrejamento e a instrução para as igrejas plantadas na viagem. Na sua volta Paulo precisou participar de uma reunião que definiria o futuro da Igreja: o Concílio de Jerusalém. Esse é o assunto do próximo tópico deste artigo.

3. O CONCÍLIO DE JERUSALÉM (AT 15.1-35)

Ao se abrir a igreja para os não judeus muitos questionamentos começaram a serem feitos: “os não-crentes, antes de serem batizados, devem ou não conformar-se com a circuncisão e com as prescrições do Judaísmo?”²⁶ Esse tipo de questionamento era relevante porque ao participar da mesa dos pagãos os novos judeus cristãos eram tidos como “impuros, indignos de qualquer confiança, pecadores; surgiam daí divisões familiares, afastamento dos amigos, expulsão da sinagoga”²⁷ e de todos os serviços prestados pela sinagoga como “a biblioteca, o banho ritual, a escola e o tribunal”.²⁸ É necessário lembrar que a igreja de Jerusalém já havia passado por uma perseguição (At 8.1), e possuía seu próprio mártir Estevão (At 7).²⁹

Diante dessas interrogações Tiago, irmão de Jesus, líder da igreja em Jerusalém, disse que não deveria haver imposição, de costumes judaicos, sobre os gentios, mas propôs quatro exigências mínimas para a convivência destes grupos com base no Código da Santidade de Levítico 17-18 (At 15.20).³⁰

²³ LOPES, 2009, p. 48.

²⁴ BARBAGLIO, 1989, p. 22.

²⁵ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 432.

²⁶ PEREGO, 2001, p. 94.

²⁷ PEREGO, 2001, p. 94.

²⁸ PEREGO, 2001, p. 94.

²⁹ PEREGO, 2001, p. 94.

³⁰ BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 363.

Desta maneira, garantiu-se, pelo menos de maneira formal, a convivência de judeus-cristãos e pagãos-cristãos. Entretanto, ao que parece a questão não foi totalmente resolvida (Gl 2.11-14).³¹ A seguir neste artigo trabalha-se a segunda viagem missionário do apóstolo.

4. A SEGUNDA VIAGEM MISSIONÁRIA (AT 15.36 - 18.22)

Após o Concílio de Jerusalém Paulo tentou outra viagem missionária, mas ele e Barnabé tiveram um desentendimento para definir se João Marcos, a quem abandonou eles na primeira viagem, deveria seguir com eles. Paulo achava que não, Barnabé que sim. Eles se separaram³², Paulo seguiu viagem com Silas (At 15.36-40), e já no caminho escolheu também Timóteo para acompanhá-los (At 16.1-5).

A equipe missionária estava planejando avançar em direção à Ásia Menor (atual Turquia), mas segundo o relato do texto bíblico de Atos, o Espírito de Jesus não o permitiu (At 16.6-7). Durante a noite, Paulo teve uma visão, na qual um varão macedônio lhe rogava ajuda. Discernindo ser essa a vontade de Deus, imediatamente Paulo e os demais membros da caravana partiram para aquele destino (At 16.8-10).³³

Em Filipos, Paulo e Silas pregaram e se converteu uma adivinhadora que dava muito lucro a seus patrões. Enfurecidos, por não mais adivinhar, estes conseguiram que Paulo e Silas fossem presos. Na cadeia, Paulo e Silas não desanimam, antes entoam louvores a Deus e miraculosamente um terremoto abriu todas as portas da cadeia. O carcereiro com muito medo pretendia tirar a vida, mas Paulo não deixou. Esse carcereiro então se converteu (At 16.16-34).

No capítulo 17.16-34 observa-se que ocorreu um dos mais conhecidos episódios da história de Paulo. Foi quando ele chegou em Atenas e fez um discurso (17.22-34) tentando convencer eles que Cristo é o Senhor. Ao terminar a sua pregação, seu auditório se dividiu em três grupos: uns escarneceram, outros disseram que o ouviriam em outra ocasião e alguns creram.³⁴ Wright afirma que o Areópago, onde Paulo discursou, não era uma “sociedade de debatedores filosóficos”, antes era um tribunal, e Paulo estava sendo julgado, por introduzir divindades estrangeiras (crime semelhante ao de Sócrates, condenado séculos antes). Desta maneira não foi um fracasso o que Paulo experimentou depois do seu discurso, mas foi uma absolvição do crime que estava sendo supostamente acusado.³⁵

No capítulo 18.18-23 do texto bíblico de Atos, observa-se Paulo, voltando de sua segunda viagem missionária. Ele deixou grande saudade em Éfeso e visitou rapidamente Jerusalém e voltou para a cidade de Antioquia. O texto não deixa escapar a pressa com que o missionário Paulo voltará para mais uma viagem, desta vez para a Galácia e a Frígia (18.23).

³¹ PEREGO, 2001, p. 94.

³² CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 256.

³³ LOPES, 2009, p. 61.

³⁴ LOPES, 2009, p. 70.

³⁵ WRIGHT, 2019, pos. 3362-3573.

O Novo Testamento “nasce” nesta viagem. É nela que Paulo escreveu 1 Tessalonicenses, por volta de 50/51d.C.³⁶, o primeiro escrito de todo o Novo Testamento. Também pode-se afirmar, com certa segurança, que escreveu, 1 e 2 Coríntios e Romanos.³⁷ A seguir aborda-se a chama terceira “viagem missionária” de Paulo.

5. A TERCEIRA “VIAGEM MISSIONÁRIA” (AT 18.23 – 21.14)

O título ‘Viagem Missionária’, aqui aparece entre aspas porque, segundo aponta Perego, ela não é bem uma viagem missionária como as outras, mas antes uma visita às Igrejas fundadas com o objetivo de fortifica-las na fé.³⁸ Paulo atravessou de novo a Galácia e a Frígia antes de permanecer mais longamente na cidade de Éfeso, como havia prometido em At 18.20-21. Ele foi obrigado a deixar a cidade após uma revolta dos ourives de Ártemis (At 19.23-20.1), e voltou para a Macedônia e dali a Corinto. Em Mileto Lucas alocou o grande discurso de adeus aos anciãos (At 20.17-38).

A viagem terminou em Jerusalém, onde Paulo foi preso e de lá conduzido a Roma. Ele foi para Jerusalém enviar as doações que recebeu dos irmãos em sua viagem (Gl 2.7-10; 2 Co 8.1-4 e Rm 15.26-27). É interessante notar que Lucas descreveu a volta do Apóstolo à Cidade Santa, seguindo o mesmo esquema da subida de Jesus a Jerusalém: também a terceira viagem de Paulo tem o ritmo de três anúncios da paixão (At 20.22-24; At 21.4; At 21.10-14).³⁹ A seguir este artigo descreve como ocorreu a prisão de Paulo em Jerusalém e a sequência dos acontecimentos que levaram a sua morte.

6. A PRISÃO E MORTE DE PAULO (AT 21.15 - 28.31)

Paulo, após retornar de Mileto para Jerusalém, foi pego pelos judeus que viviam ali com a acusação de ter trazido ao Templo um gentio (At 21.27-29). No meio dessa confusão os centuriões romanos prenderam Paulo para sua própria segurança (At 21.30 – 22.29). No dia seguinte o soltaram para que comparecesse perante o Sinédrio (At 22.30). Seu discurso perante os líderes judeus não foi bem recebido, eles agora juraram que matariam Paulo (At 23.1-22). Sabendo disso o tribuno, responsável pela prisão de Paulo transferiu Paulo para Cesareia, onde Paulo encontraria com o governador Félix (At 23.23-34), que “historiadores antigos não retratam (...) de forma muito positiva”.⁴⁰

Félix era o procurador da Palestina porque desde da morte de Agripa I (44 d.C.), toda a Palestina tornara-se território romano, sendo administrada pelos procuradores romanos, até que Agripa II tivesse idade para tomar o poder. Na época de Félix destacam-se as figuras dos sicários, judeus nacionalistas que matavam soldados romanos. A prisão de Paulo coincidiu com seus dois últimos anos no poder.⁴¹

³⁶ BARBAGLIO, 1989, p. 63.

³⁷ MARGUERAT, 2015, p. 173.

³⁸ PEREGO, 2001, p. 98.

³⁹ PEREGO, 2001, p. 98.

⁴⁰ KEENER, 2017, p. 478.

⁴¹ PEREGO, 2001, p. 98.

Félix pouco fez por Paulo, para agradar os judeus manteve Paulo preso até o fim de seu mandato (At 24.27). Para substituir Félix, Nero mandou Pórcio Festo, que interrogou Paulo várias vezes até enviá-lo a Roma para ser julgado (At 25.1-12). Esse procurador morreu repentinamente, Jerusalém ficou alguns meses em anarquia total. Anás, chefe dos sacerdotes aproveitou essa situação e matou muitos dos seus inimigos, incluindo Tiago, apóstolo (At 12.2).⁴²

Finalmente Agripa II começou seu governo e, ao lado de sua irmã Berenice, com quem teve, ao que parece, dois filhos, ouve a defesa de Paulo.⁴³ Mas este nada pode fazer, a viagem de Paulo a Roma era inevitável (At 27.1-8). Nessa viagem houve um naufrágio, ao qual Paulo sobreviveu e finalmente chegou a Roma (At 27.9 – 28.16). Lá Paulo ficou em prisão domiciliar. Esse período parece ter sido frutífero já que nele Paulo provavelmente escreveu as cartas de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon.⁴⁴ Lucas, então, encerrou o texto de Atos de maneira enigmática. (At 28.30-31). Fica, portanto, aberta a questão: Como Paulo morreu?

No encerramento do livro de Atos não se tem a informação de como Paulo morreu, como já se observou. Mas a resposta parece estar em uma carta de Paulo, por isso é necessária atenção para o conteúdo de 2 Timóteo.

Conforme a segunda Carta a Timóteo, Paulo estava preso no cárcere (2 Tm 1.8-16) em Roma. Segundo Atos 28.30-31 Paulo estava detido e não encarcerado. Mas de acordo com 2 Timóteo Paulo estava algemado como um criminoso (2 Tm 2.9); fora abandonado por todos (2 Tm 4.16), de sorte que não esperava nada de bom na continuação do processo e se prepara para uma condenação à morte (2 Tm 4.6-8 e 18).⁴⁵

Em 64 d.C Nero acusou aos cristãos de terem posto fogo em 14 regiões de Roma. Com isso ele começou a perseguir os cristãos de maneira brutal. Em 65 d.C., um grupo de aristocratas tinha tentado matar Nero e colocar Gaio Calpúrnio Piso no trono, mas não deu certo. Cabeças rolavam por capricho. Parece que Paulo chegou em Roma novamente por essa época, e foi deixado de lado como mostra a carta de 2 Timóteo porque os cristãos dessa região tinham o apóstolo como um causador de problemas.⁴⁶

Eusébio, testificou, na sua obra *História da Igreja* (2.25), que Paulo foi decapitado por Nero em Roma. Desta maneira, o desejo de Paulo de “partir e estar com Cristo” (Fl 1.23) era finalmente realizado.⁴⁷ Sobre a hipotética ida a Espanha, querida por Paulo em Romanos 15.22-24 e 28, não está ligada às epístolas pastorais (1 e 2 Tm e Tt). E, por isso é muito difícil situar no âmbito da vida de Paulo este acontecimento, mesmo como testemunho de 1 Clemente.⁴⁸

Dessa maneira pode-se observar que muitas dúvidas ainda perpassam as circunstâncias que envolveram a morte do apóstolo Paulo. Ainda é tema de grande debate e divergências na

⁴² PEREGO, 2001, p. 100.

⁴³ PEREGO, 2001, p. 100.

⁴⁴ LOPES, 2009, p. 137.

⁴⁵ CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 61.

⁴⁶ MURPHY-O’CONNOR, 2008, p. 120-123.

⁴⁷ MURPHY-O’CONNOR, 2008, p. 126-127.

⁴⁸ CULLMANN, 2001, p. 63.

área acadêmica sobre essa questão. O que não se tem dúvida é que Paulo influenciou de maneira profunda o cristianismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida do apóstolo Paulo é cercada de mistérios. Desde o ano exato de seu nascimento, que apenas podem-se tecer hipóteses, até a sua morte, que ainda é tema de grande debate e controvérsias.

Porém, a vida desse homem influenciou o cristianismo de maneira definitiva, ao ponto de alguns o considerarem o “segundo fundador do cristianismo”. Tudo começou com a sua experiência miraculosa no caminho para Damasco, que não pode ser confundida com uma “conversão” de Paulo, mas como uma radical mudança na forma que esse homem compreendia os atos de Deus na História. Deus se manifestará na História de maneira definitiva por meio de Jesus Cristo.

Esse homem, antes perseguidor dos cristãos, se torna um seguidor de Jesus Cristo. De início não é bem aceito no círculo mais importante dos líderes cristãos, mas por meio de Barnabé essa barreira é rompida. É ao lado desse companheiro que Paulo emprega sua primeira viagem missionária.

Após o chamado Concílio de Jerusalém Paulo ainda emprega outras duas viagens missionárias ao lado de outros companheiros até finalmente voltar a Jerusalém para trazer as ofertas que este tinha levantado para os irmãos da Cidade Santa. Nessa cidade o apóstolo é preso e começa uma série de julgamentos que terminam em sua prisão. Após essa prisão Atos se silencia sobre a vida de Paulo. Essa lacuna é preenchida somente por 2 Timóteo que não parece indicar um fim glorioso como poder-se-ia conceber para esse grande homem.

A vida de Paulo é impressionante e deve ser considerada e estudada por todos aqueles que querem entender como o cristianismo se desenvolveu em seus primórdios, além de compreender uma grande parte do Novo Testamento que foi escrita por esse homem cuja influência pode ser sentida até hoje nas igrejas cristãs.

REFERÊNCIAS

BARBAGLIO, Giuseppe. **As cartas de Paulo I**. São Paulo: Loyola, 1989.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Arqueológica NVI**. Tradução: Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargisse. São Paulo: Vida, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CULLMANN, Oscar. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo: o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

MARGUERAT, Daniel (org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2015.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo: vidas paralelas**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PEREGO, Giacomo. **Atlas bíblico interdisciplinar: escritura, história, geografia, arqueologia, teologia: análise comparativa**. Aparecida: Santo Sudário; São Paulo: Paulus, 2001.

WRIGTH, N. T. **Paulo: uma biografia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019. Kindle.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONCEPÇÃO DO DEMONÍACO NO EVANGELHO DE MARCOS Demonic conception in the Gospel of Marks

Cleiton Góes da Silva¹
Ezequiel da Silveira de Souza²

RESUMO

A presente pesquisa é motivada pela divergência no entendimento do demoníaco no Novo e Antigo Testamentos. No Antigo Testamento o Satanás é um servo fiel de Deus, enquanto que no Novo Testamento ele é a representação das forças do mal e o inimigo de Deus. Especificamente, esse artigo analisa o viés usado pelo autor do evangelho de Marcos quando se referiu ao demoníaco. Esta é uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura, que parte da análise etimológica do termo *daimon*, caminha pela construção histórica da figura demoníaca até chegar à análise do contexto social e religioso em que o evangelho de Marcos foi escrito, buscando entender o uso da figura demoníaca pelo seu autor. A análise faz uma relação do demoníaco com o poder opressor humano, classificando as estruturas sociais da época como figuras demoníacas, as quais atuavam com injustiça e impiedade nas comunidades israelitas, por isso precisavam ser exorcizadas. Satanás e seus demônios no Evangelho de Marcos representam os judeus contrários ao Cristo de Deus e o poder do império romano.

Palavras-chave: Demoníaco. Evangelho. Marcos.

ABSTRACT

The present research is motivated by the divergence in the understanding of the demonic in the New and Old Testaments. In the Old Testament Satan is a faithful servant of God, whereas in the New Testament he is the representation of the forces of evil and the

¹ O autor é Bacharel em Teologia (Curso livre) pelo Seminário Batista do Nordeste/BA. Contato: claytongoes@hotmail.com

² O autor é Mestre em Teologia pela FABAPAR/PR, Especialista em Filosofia pela UEFS/BA. Contato: ezequieldasilveira@hotmail.com

enemy of God. Specifically, this study seeks to analyze the perspective used by the author of the gospel of Mark when he referred to the demonic. This is a qualitative research of literature review, which starts from the etymological analysis of the term *daimon*, walks through the historical construction of the demonic figure until arriving at the analysis of the social and religious context in which the Gospel of Mark was written, trying to understand the use of the demonic figure by its author. The study establishes a relation between the demonic and the oppressive human power, classifying the social structures of the time as demonic figures that acted with injustice and impiety in the Israeli communities, therefore they needed to be exorcised. Satan and his demons in the Gospel of Mark represent the Jews opposed to the Christ of God and the power of the Roman empire.

Keywords: Demonic. Gospel. Mark.

INTRODUÇÃO

De todas as personagens que povoam o universo do imaginário cristão, o Diabo constitui uma das principais, senão a principal, dominando o horizonte cultural e servindo de referencial na aceitação e rejeição de comportamentos e atitudes mentais.³ Atualmente, ainda se crê na possibilidade de humanos terem seus corpos possuídos por seres malignos, o que justificaria a necessidade de rituais de exorcismo.⁴ Isso, mesmo depois Freud⁵ atribuir os estados de possessão demoníaca às neuroses humanas, conseqüentes dos desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instituais que foram repudiados e reprimidos. Ainda segundo Freud,⁶ o homem⁷ elimina a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo.

A crença em determinadas entidades espirituais acompanha a humanidade desde os tempos remotos. No mundo antigo, a maioria das pessoas olhava para o universo e o via habitado por seres invisíveis que, embora transcendentem no sentido da impossibilidade de serem vistos ou tocados, sua presença interferia no mundo e na vida dos humanos.⁸

No entanto, a compreensão de como se estrutura a figura demoníaca no ocidente cristão carrega diretamente à tradição religiosa hebraica, responsável pela principal influência na gestação do cristianismo. Como religião dominante da coletividade ocidental, o cristianismo reuniu, sistematizou e determinou a figura, as atitudes e a esfera de ação do demoníaco, impregnando no imaginário cristão a representação maléfica, na pessoa do Satanás e seus demônios, como opostos a Deus.⁹

³ LAZARINI NETO, A. O Demoníaco: a Antiguidade e transformações do tema na tradição Judaico-Cristã. **Revista Oráculo**, São Bernardo do Campo, v. 3, n 6, 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5887>> acesso em: 10 de abril de 2017.

⁴ MARTINS, J. G. **Biografia do Diabo brasileiro**. Curitiba: ADSantos, 2015, p.15.

⁵ FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII, v. 19, 1923. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

⁶ FREUD, 1977.

⁷ Nesse artigo a expressão 'homem' diz respeito ao 'ser humano', quando não será indicado.

⁸ PAGELS, E. **As origens de Satanás**: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, p. 14.

⁹ NOGUEIRA, C. R. F. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru: Edusc, 2000, p. 13.

De acordo com Nogueira¹⁰, a figura do demônio é um fenômeno de caráter essencialmente histórico, considerando que a sua constituição se deu através da evolução histórica da religiosidade hebraica. Para esse mesmo autor, o demoníaco na vida religiosa de Israel não é próprio dos hebreus, mas foi adquirido em seu curso na história, principalmente, durante o exílio babilônico, quando Israel se envolveu com culturas de outros povos.

Diante das informações apresentadas, observa-se um desacordo no entendimento do demoníaco no Antigo Testamento e nos escritos do Novo Testamento, havendo a necessidade de se conhecer qual a linha interpretativa foi usada no contexto e literatura neotestamentária. No entanto, essa análise limita a sua pesquisa ao evangelho de Marcos. Nota-se que o evangelista, ou é conduzido pela crença do senso comum da sua época, ou rompe intencionalmente com o conceito do demoníaco presente no seu tempo, apropriando-se de uma linguagem simbólica ideológica para se referir à opressão dos inimigos dos judeus. Diante disso, pergunta-se: Qual a concepção do autor do evangelho de Marcos quando se refere ao demoníaco, representado por suas personificações?

A seleção do evangelho de Marcos consiste no fato de ele ser o primeiro dos evangelhos a ser escrito para a maioria dos estudiosos. Não faz parte dessa pesquisa a análise de uma ou mais narrativas que faz referência de forma direta ao demoníaco, mas, sendo esta análise qualitativa de revisão bibliográfica, parte da compreensão do ambiente, época e contexto geral em que o evangelho é escrito e as intenções finais do seu autor, a partir da exploração de livros e artigos que trazem dados que contribuem com a pesquisa.

Metodologicamente, a construção da abordagem começa em seu primeiro tópico com a etimologia do termo “demônio” e a sua evolução histórica no judaísmo, em que se compreende que a palavra “demônio” em seu sentido primeiro, aplica-se à divindade que controlava o destino de cada homem ou grupos sociais. A compreensão da palavra demônios como agentes espirituais da maldade, controlados por um maior, o Satanás, dá-se dentro da literatura judaica a partir do contato do povo israelita com o dualismo zoroastrista. É quando o demoníaco ganha uma personificação e passa a ser colocado como adversário de Deus e o responsável pela maldade na terra.

No segundo tópico apresenta-se o demoníaco no tempo de Jesus, observando a influência da literatura apócrifa produzida a partir do século III a.C., como principal fundamento para a consolidação na crença de Satanás e seus demônios como agentes do mal que duelam com Deus. O cenário da chegada do Cristo de Deus é marcado por dualidade, Deus versus Satanás, o bem contra o mal. O universo no tempo de Jesus é dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Diabo.

O terceiro ponto dedica-se à compreensão da figura demoníaca no evangelho de Marcos, a partir da análise das crenças presentes no imaginário judeu, do contexto social em que o texto foi escrito e da linguagem e organização das narrativas pelo autor. Observa-se que as referências ao demoníaco no texto do evangelista Marcos se referem a relatos históricos, mas, também, a uma ação simbólica/ideológica, elemento muito presente na cultura religiosa

¹⁰ NOGUEIRA, C. R. F. 2000, p. 13.

da época. Assim, a opressão demoníaca no evangelho de Marcos pode ser compreendida como uma opressão da elite religiosa judaica e do império romano aos judeus.

A pesquisa objetiva-se a analisar o viés usado pelo autor do evangelho de Marcos quando se referiu ao demoníaco, pois considera-se relevante conhecer, mesmo que de forma introdutória, uma leitura do demoníaco como todo e qualquer tipo de opressão religiosa e social no texto bíblico atribuído a Marcos. Essa é uma concepção que estará sempre contextualizada, independente da época, e, ainda, pode se tornar resposta a uma série de questionamentos acerca da pessoa de Satanás como entidade adversária de Deus e líder de exércitos demoníacos do mal, crença esta que, para maioria dos historiadores, é uma construção histórica com o fim de controle e opressão social.¹¹

1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA FIGURA DEMONÍACA NO JUDAÍSMO

A expressão demoníaco deriva-se da palavra demônio, que tem como sua origem o termo grego *δαίμων* [daimōn]¹², cuja a raiz pode ser encontrada intrinsecamente relacionada com as palavras da línguas indo europeias, como *dasyu dayate* (dividido – em indiano antigo), assim, “a palavra *daimōn* [demônio] designa o destino, espírito ou gênio que controla o destino”.¹³

Conforme Lira¹⁴, a palavra *δαίμων* [daimon] vem do adjetivo *δαίμονιος* [daimônios] e o seu diminutivo neutro *δαίμονιον* [daimônion]. Para esse autor, *δαίμονιον* era apenas uma variante da palavra *δαίμων*, as quais eram usadas no contexto religioso grego com a acepção de deidade ou divindade que presidia o destino de cada homem ou dos grupos sociais.

O *δαίμονιον* [daimonion] seria o adjetivo para se referir àquilo ou àquele que tem um ser divino, enviado pela divindade, isto é, o divino, o luminoso, a operação divina, o destino. *δαίμων* [daimon] era usada no sentido de deus, divindade, deidade, espírito, gênio, destino. Os *δαίμονιος* [daimônios] poderiam atuar ambigualmente, proporcionando o bem ou o mal, de acordo com a piedade ou o mal familiar.¹⁵

Na literatura judaica, as palavras *daimōn* e *daimonion* ganharam um censo diferente daqueles usados no contexto originário, adquirindo conotações totalmente negativas e maléficas. Essa nova concepção das palavras se deu pelo contato do povo de Israel com dualismo zoroastrista, no período do exílio babilônico e posteriormente. O Zoroastrismo pregava o combate entre as forças do bem lideradas por Ahura Masda e as forças do mal lideradas por Ahriman.¹⁶

¹¹ MUCHEMBLED, R. **Uma história do Diabo**: séculos XII – XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

¹² Cujas a forma primitiva *δαίσιμων* [daisimōn] apresenta uma relação com o verbo *δαίω*, *δαίωμα* ou *δαίνυμι* (dividir, distribuir, destinar).

¹³ RUSCONI, 2003, *apud* LIRA, D. P. A demonologia no ambiente do Novo Testamento: uma análise ideológico-conceitual da palavra *daimōn* no *Corpus Hermeticum*. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, v. 25, 2011. Disponível em: <periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/147/197> acesso em 18 de abril de 2017, p. 89.

¹⁴ LIRA, David. p. 2011, p.89.

¹⁵ LIRA, David 2011, p. 93.

¹⁶ LIRA, David 2011, p. 93-94.

O masdeísmo zoroastriano forneceu a base dualista que libertou o demônio do pensamento judaico e possibilitou, através da assimilação da crença em espíritos benéficos e maléficos, a composição de uma hierarquia angélica, transformando os anjos, anteriormente símbolos da manifestação divina, em entidades autônomas.¹⁷

O dualismo sempre foi rejeitado nos textos anteriores ao exílio babilônico (VI a. C.). No pensamento semita, o único autor do mal é *lahweh*¹⁸, o Deus de Israel. A teologia israelita atribuía a *lahweh* tanto o bem quanto o mal, tanto a bênção como a maldição. Até os espíritos maus são tidos como enviados por Javé¹⁹, inclusive os anjos exterminadores.²⁰

Pagels²¹ afirma que na Bíblia hebraica, assim como na corrente principal de judaísmo, até hoje, Satanás nunca aparece como líder do império do mal. A primeira vez que aparece na Bíblia ele não é necessariamente mal e muito menos inimigo de Deus. Nos livros bíblicos de números e Jó Satanás era um dos servos obedientes a Deus – um mensageiro, um anjo membro da corte real. O termo hebraico Satanás descreve um papel de adversário.

A palavra Satanás não é o nome de um personagem específico. Quando os contadores de histórias hebraicas, já no século VI a.C., mencionavam em algumas ocasiões um personagem sobrenatural que chamavam de Satanás, o que tinha em mente era um dos anjos enviados por Deus, com a finalidade determinada de bloquear ou obstruir a atividade humana. A raiz *stn* significa “um que é contra, obstrui ou age como adversário”.²²

No Antigo Testamento não existe uma concepção do mal de forma representada e autônoma, como há no Novo Testamento. Ao examinar o Antigo Testamento, praticamente, não se encontra citações que falam de um ser personificado e autônomo em relação a Deus atuando destrutivamente. O que prevalece é uma visão monista. Este monismo não dá espaço a nada que ofusque a soberania absoluta da divindade. *lahweh* é o autor de todas as coisas, sejam elas compreendidas como boas ou más pelo ser humano.²³

O mal representado em uma figura demoníaca só é concebida no judaísmo tardio. A constituição de uma demonologia hierarquizada ganha corpo no período do cativeiro babilônico, quando antigas tradições seriam reacendidas e crenças tribais seriam recuperadas, amplificadas, sistematizadas e ressignificadas à luz das tradições mesopotâmicas. Nesse ambiente a proximidade com povos inimigos agregaria novos representantes malignos ao imaginário judaico – a do dragão que simboliza o caos primordial. Nesse período se estruturam

¹⁷ ASSUMPÇÃO, Roberto Costa. A dialética do bem e do mal em Grande Sertão: Veredas / Roberto Costa Assumpção. [Tese] (Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras. – Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letas.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/20-AssumpcaoRC.pdf>. Acesso em 28/04/2017.

¹⁸ BÍBLIA, Isaías 45.7.

¹⁹ BÍBLIA, 1 Samuel 16.14-15.

²⁰ BÍBLIA, 2 Samuel 24.15-16.

²¹ PAGELS, 1996.

²² PAGELS, 1996, p. 36.

²³ RUSSELL, J. B. **As percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

também a tradição de Lúcifer e a ideia de Belzebu, que será associado ao chefe dos demônios.²⁴

Oliva²⁵ denomina o período entre o Antigo e o Novo Testamento como o ápice da evolução do pensamento do mal representado na pessoa de Satanás. Conforme Oliva, esse intervalo é marcado pela abundante produção literária no que diz respeito à personificação do mal, literatura esta que não entrou no Cânon cristão. Este fato criou a falsa impressão de ter havido uma lacuna entre os dois testamentos e, em consequência disto, fez com que as mudanças em relação ao mal não fossem percebidas de forma gradual. Essa visão vai determinar decisivamente o entendimento vigente da época de Jesus.²⁶

2. O DEMONÍACO NO TEMPO DE JESUS

Pouco antes do advento do Cristo em Israel, por volta do século II a.C. ao I d.C., por influência helenística, o mal em Israel é sistematizado e a comunidade judaica dá origem a uma demonologia vasta e complexa. Desenvolveu-se, sempre à margem da tradição erudita, uma rica literatura que deu origem a uma nova teologia: 1) A literatura apocalíptica que possui riquíssimas elaborações sobre o demoníaco. 2) A Literatura fundamentalmente apócrifa, repleta de citações dualistas relativas aos espíritos malignos que se opõem aos desígnios de Deus.²⁷

Dentre as obras apócrifas²⁸, destaca-se o “Livro dos Jubileus” (135-105 a.C.) e o Testamento dos Patriarcas (109-106 a.C.). No Livro dos Jubileus (135-105 a.C.) menciona a existência de espíritos malignos, acorrentados no “lugar da condenação”, bem como classifica os tais como demônios que provocam, em uma perspectiva rigidamente delimitada por Deus, ruína e destruição na terra, mas são igualmente os corruptores que levam os homens a cometer todos os pecados possíveis e imagináveis.²⁹

O fenômeno é mais acentuado no Testamento dos Patriarcas, no qual aparece, pela primeira vez, a menção clara à personalização da figura do demônio. Belial é colocado como chefe dos anjos caídos, adversário e rival de *Iahweh* e, ainda, disputa a soberania sobre os humanos, que os têm como seus subordinados, e incita-os à fornicação, à inveja, ao ciúme, à cólera, ao assassinato e, principalmente, à idolatria, ou seja, à adoração dos deuses estrangeiros.³⁰

A glória de Satã, antes negada no Antigo Testamento, encontra sua grandiosidade na literatura apócrifa e posteriormente na cristandade, na qual Satanás assume o lugar de príncipe das trevas, responsável pela perdição do gênero humano. Desenvolve-se então uma distinção mais nítida entre anjos e demônios, incorporados aos contatos com os povos

²⁴ NOGUEIRA, 1986.

²⁵ OLIVA, A. S. **A história do Diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

²⁶ OLIVA, 2007.

²⁷ NOGUEIRA, 1986.

²⁸ Livros não aceitos como canônicos na tradição cristã (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

²⁹ PAGELS, 1996.

³⁰ NOGUEIRA, 1986.

vizinhos, e esta constitui-se em uma doutrina escatológica³¹, até então ausente entre os hebreus, que prevê destinos diferentes para pecadores e os puros, e a noção de inferno passa a ser altamente elaborada na literatura.³²

A chegada do Cristo de Deus, Jesus de Nazaré, se deu em um momento em que o judaísmo vivia uma miscigenação de culturas e crenças. Deus já não era mais a origem do bem e do mal, *lahweh* agora possui formidáveis adversários na pessoa de Satã e sua corte de demônios, e o universo passa a ser dividido entre dois reinos, o de Cristo e o do Diabo, sendo que, tudo que possa afastar o homem de Deus é do Diabo.³³

3. CONTEXTO SOCIAL DO EVANGELHO DE MARCOS E A CONCEPÇÃO DEMONÍACA

O evangelho segundo Marcos foi escrito entre os anos 64 e 70 d.C. Em 66 d.C. iniciou a revolução judaica contra os romanos. Foi basicamente uma revolta camponesa. Os sacerdotes de nível inferior e alguns outros habitantes de Jerusalém participaram intensamente no começo, mas a participação de membros da aristocracia leiga ou sacerdotal era uma rara exceção. Inicialmente, os sacerdotes até assumiram a liderança da revolta e procuraram controlar a força rebelde do povo, como estratégia para tentar manter a paz com Roma. No entanto, não conseguiram manter o controle da situação por muito tempo e iniciou-se a Guerra Judaica. Com as intenções frustradas, muitos chefes de sacerdotes e judeus notáveis debandaram para o lado dos romanos.³⁴

A perda da liderança da revolução por parte dos sacerdotes permitiu que os camponeses rebeldes assumissem o comando de Jerusalém. O que era para ser uma luta contra os romanos em busca da liberdade nacional, passou a ser também uma luta interna entre grupos judeus rivais pelo controle da cidade. Eram três facções: o partido sacerdotal, que trabalhava pela paz; os revolucionários do campo; e, em luta contra ambos, um segundo partido anti-romano liderado por moradores eminentes de Jerusalém, homens do mais alto poder que queriam manter seus privilégios contra os radicais do campo. Enquanto se disputava o comando da cidade o horror e a miséria se instalavam na cidade.³⁵

Vinte anos após a guerra, Josefo, historiador judeu do século I a.C., “denomina a guerra judaica como não apenas a maior guerra daquele tempo, mas uma das maiores de todas as guerras documentadas até aquele período”.³⁶ Enquanto os partidos digladiavam pelo poder, o povo da cidade parecia um grande corpo retalhado, crianças arrancavam da boca dos pais

³¹ Doutrina que se refere aos fins últimos. Tudo que concerne ao fim do homem e da humanidade (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

³² NOGUEIRA, 1986.

³³ NOGUEIRA, 1986.

³⁴ HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1995.

³⁵ HORSLEY; HANSON, 1995.

³⁶ JOSEFO, 1926 *apud* PAGELS, 1996, p. 23.

os pedaços que eles comiam e, o que era ainda mais lamentável, o mesmo faziam as mães com os filhos pequenos. Até velhos e crianças eram torturados por roubarem alimentos.³⁷

No ano 70 a.C., o domínio do império romano se instaurou por meio de conquistas militares e deixaram os territórios invadidos completamente destruídos e sob governo de reis clientes, vassalos ou subservientes. Neste período, verdadeiras devastações, como queimas de aldeias, pilhagens de cidades, morticínio e escravidão da população também eram praticadas.³⁸ Com o tempo, as regiões ocupadas passaram a pagar tributos, a fornecer cereais para a capital e a ajudar na manutenção das tropas.³⁹

Para que houvesse uma permanência da paz conquistada e não acontecessem rebeliões e revoltas, mantinha-se a repreensão dos povos como garantia. As tropas romanas dominavam o povo e os obrigavam a se comportar como colaboradores do sistema, atuando como vigilantes da ordem estabelecida, assim qualquer pessoa que tivesse comportamento diferente era considerada rebelde.⁴⁰ Em meio a toda essa opressão, até adoração aos estandartes militares os povos eram obrigados a prestar.⁴¹

É visivelmente perceptível que no momento e ambiente em que o evangelho de Marcos foi escrito a comunidade vivia sob implacável e violenta opressão, praticada pelos próprios judeus e pelos romanos. Conforme Schiavo⁴², considerar o ambiente social em que o autor do evangelho de Marcos está inserido é de fundamental importância para compreender a sua relação com o demoníaco em seus escritos. Myers⁴³ contribui com esse pensamento ao afirmar ser essencial que a leitura e compreensão do evangelho de Marcos sejam feitas considerando a sua redação em um contexto de guerra.

Schiavo⁴⁴ destaca o fato do evangelho de Marcos ter sido escrito em um período próximo à guerra judaica, ele conserva mais que os outros evangelhos a dimensão escatológica e apocalíptica da história, como confronto decisivo entre o bem e o mal, Deus e o demônio, os grupos judeus rebeldes e as tropas romanas e de re-ocupação. Observa-se essa mesma visão em Pagels⁴⁵, quando descarta o fato do evangelho de Marcos ser uma mera biografia histórica, e afirma que o objetivo de Marcos era “mostrar o que esses fatos significavam para o futuro do mundo ou, em jargão erudito, escatologicamente”.

³⁷ JOSEFO, 1926 *apud* PAGELS, 1996.

³⁸ HORSLEY, 1995.

³⁹ MIGUEZ, 1990, *apud* ZURAWSKI, S. R. **Porcos ao mar**: uma interpretação crítica social, econômica e ideologia de Marcos 5.1-20. [Dissertação] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010, 100f. Disponível em: < <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/829> >. Acesso em 05 de maio de 2017.

⁴⁰ MALINA, B. **O evangelho social de Jesus**: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

⁴¹ ZURAWSKI, 2010.

⁴² SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007

⁴³ MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

⁴⁴ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁴⁵ PAGELS, 1996, p. 36.

Diferente de Schiavo⁴⁶, que enfatiza um embate entre os discípulos de Jesus e os romanos, Pagels⁴⁷, por sua vez, afirma que os discípulos de Jesus não tinham motivo de queixa contra os romanos, mas, sobretudo, dos líderes judeus – o conselho dos anciãos, o Sinédrio, os escribas e os sacerdotes de Jerusalém que haviam rejeitado o messias de Deus, assim como rejeitavam o evangelista Marcos e seus irmãos crentes, chamando-os de insanos ou possuídos por demônios, as mesmas acusações que haviam dirigido contra Jesus. Ainda segundo Pagels⁴⁸, os escritores dos evangelhos resolveram dissociar-se da maioria judaica e focalizar no conflito entre os judeus – especificamente em sua queixa contra os que resistiam às suas alegações de que Jesus era o messias.

É nesse contexto marcado pela guerra intra-judaica e judeus versus romanos que o evangelista Marcos escreve dizendo proclamar o evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus. Essa afirmação parece contraditória, considerando que o movimento iniciado por Jesus, anunciado por Marcos, tem um fim trágico com o próprio que se diz filho de Deus. Diante de um impasse de difícil resolução, Marcos resolve o problema colocando os fatos conhecidos sobre a vida de Jesus no contexto não apenas da luta contra Roma, mas da luta entre o bem e o mal no universo, conforme observado na declaração de Pagels: “Os acontecimentos da vida e morte de Jesus não poderiam ser entendidos sem referência ao choque entre as forças sobrenaturais que, acha, haviam se digladiado na terra no tempo de Jesus”.⁴⁹

O embate do bem contra o mal no ministério de Jesus começa a partir do seu batismo, quando este é exortado pelo poder de Deus a desafiar as forças do mal que dominavam o mundo. Logo, no evangelho de Marcos, a primeira ação registrada pelo autor depois do seu batismo é a condução de Jesus ao deserto pelo o Espírito de Deus, a fim de entrar em luta direta com essas forças. Finalizado o momento da tentação no deserto Jesus volta ao convívio dos homens, e os poderes do mal continuaram a desafiá-lo e atacá-lo em todas as oportunidades, e ele os repele e vence todos.⁵⁰

O ápice terreno dessa batalha se dá com execução de Jesus, mas que, em um fim escatológico, o Cristo conquista a sua vitória sobre o mal, conforme expõe Pagels

Todos evangelhos no Novo Testamento, com variações, descrevem a execução de Jesus como a culminação da luta entre o bem e o mal – entre Deus e Satanás – que começou no seu batismo... Como, afinal de contas, poderia alguém alegar que um homem traído por um dos seus próprios discípulos, e brutalmente executado sob acusações de traição contra Roma, não só era, mas ainda é, o messias enviado por Deus, a menos que sua captura e morte fossem, como insiste os evangelhos, não uma derrota final, mas apenas uma escaramuça preliminar em um vasto conflito cósmico que envolvia o universo? A batalha final ainda não fora travada, e muito menos vencida, mas era eminente. Como Jesus advertiu ao seu interrogado no

⁴⁶ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁴⁷ PAGELS, 1996.

⁴⁸ PAGELS, 1996.

⁴⁹ PAGELS, 1996, p. 32-33.

⁵⁰ PAGELS, 1996.

juízo, ele seria justificado quando o “Filho do Homem” voltasse nas nuvens (Marcos 14.62).⁵¹

O que o evangelho de Marcos faz é fundir uma forma biográfica com temas de conflito sobrenatural, tomadas de empréstimo da literatura apocalíptica⁵² judaica, para criar um novo tipo de narrativa. O evangelho de Marcos transmite a profunda convicção de que a execução de Jesus, que parece sinalizar a vitória das forças do mal, anunciava, na verdade, sua aniquilação total assegura a vitória final de Deus.⁵³

A guerra judaica serviu de base para que o evangelista identificasse as formas específicas mediante as quais as forças do mal agiam através das pessoas para produzir destruição violenta. A guerra cósmica servia principalmente para interpretar relacionamentos humanos. Desse modo, a figura de Satanás no evangelho de Marcos, assim como nos demais, tornou-se, entre outras coisas, uma maneira de caracterizar os inimigos reais como corporificação de forças transcendentais. Para que os cristãos reforçassem a própria identificação com Deus, eles demonizavam os seus adversários, fossem eles judeus, pagãos ou dissidentes cristãos. No evangelho de Marcos, especificamente, Satanás tende a expressar a transferência de culpa das nações para os membros do próprio povo de Jesus.⁵⁴

No embate presente entre os discípulos de Jesus e os grupos judaicos que eram contra o messias, os termos Satã, Satanás, Belial, Belzebu, Mastema são usados no texto do evangelho de Marcos para identificar as forças do mal que se apropriaram dos judeus que levantavam contra o Cristo. Conforme Nogueira⁵⁵, essa compreensão de Marcos tem como fundamento, justamente, as tradições que compartilhavam as seitas judaicas do primeiro século. Neste caso, o anjo que no Antigo Testamento é responsável por atacar as pessoas com o mal, com a permissão da divindade Israelita, é elevado a uma estatura de adversário de Deus, e agora, satanás deixa de ser ofício e passa a ser nome, conforme relata Pagels:

No processo, transformaram esse anjo desagradável em uma figura muito mais importante – e muito mais maligna. Deixava de ser um dos servos fieis de Deus e começa a tornar-se o que é para Marcos e para a cristandade posterior – o adversário de Deus. Seu inimigo, até mesmo seu rival. Esses sectários, lutando menos contra as “nações” do que contra os judeus, denunciavam os adversários como apóstatas e acusavam-nos de terem sido seduzidos pelo poder do mal, que chamavam por vários nomes – Satanás, Belzebu, Semihazah, Azazel, Belial, Príncipe das Trevas.⁵⁶

⁵¹ PAGELS, 1996, p. 33-34.

⁵² O mesmo que “revelar”. Trata-se de livros que pretendem trazer, por meio da revelação, um conhecimento secreto do passado, do presente e do futuro. Essa revelação desemboca no anúncio preciso do fim (Dicionário enciclopédico da Bíblia, 2013).

⁵³ PAGELS, 1996.

⁵⁴ PAGELS, 1996.

⁵⁵ NOGUEIRA, 1986.

⁵⁶ PAGELS, 1996, p. 75.

Theissen⁵⁷ e Myers⁵⁸, ao contrário de Pagels⁵⁹, interpretam o demoníaco no evangelho de Marcos como ações simbólicas do conflito público e social, em que facções rivais lançam mão de Satanás para justificar suas diferenças. Essa foi a forma que Jesus encontrou para fazer frente à miséria enfrentada pelo povo simples da época, na sua maioria camponeses endividados pela carga tributária exigida pelas diversas camadas de governantes imperiais ou ligados ao templo. Jesus não somente exorcizou, mas instigou os seus seguidores a continuarem exorcizando as forças malévolas da opressão.⁶⁰

Crossan⁶¹ faz uma leitura dupla, pelo o critério literário, percebe a cura de indivíduos, mas afirma ser difícil não perceber o simbolismo embutido nas narrativas em que envolve o demoníaco, que apontam para a libertação de uma sociedade ou um grupo de humano oprimido. Hütter⁶² classifica a possessão demoníaca como marginalização pela sociedade religiosa e civil. Alguém com o espírito maligno não é mais senhor de si, outro age por meio dele de forma desastrosa.⁶³ A exemplo, verifica-se o espírito impuro na sinagoga de Cafarnaum⁶⁴, que é transformado pelo evangelista Marcos no representante da instituição dos escribas, cuja autoridade sustentava a ordem social judaica dominante. Espíritos impuros ou demoníacos representam forças ou princípios ativos que procedem do exterior do homem; a aceitação da sua influência é um comando dado para que eles ajam em seu interior. Os espíritos demoníacos são forças ideológicas contrárias aos planos de Deus manifestado em Jesus Cristo.⁶⁵

Myers⁶⁶ chama atenção para a linguagem usada por Marcos. Esse mesmo autor denomina o demoníaco no evangelho de Marcos como um discurso simbólico-político que relata uma guerra de mitos, no qual se dá o enfrentamento de Jesus com as forças de dominação, quer sejam elas representadas pela elite sacerdotal ou pelas forças do Império Romano. O “discurso” mencionado por Myers é entendido como um conceito que se refere aos vários sistemas simbólicos/linguísticos e narrativos empregados na comunicação humana. Trata-se de comunicação humana que não é mera palavra, discurso, linguagem, mas carrega em si, acontecimentos sociais, como se a vida que entrasse no universo da linguagem e nela buscasse mecanismos de transformação das relações.

Destaca-se aqui, a narrativa em que o evangelista Marcos relata o exorcismo feito por Jesus em um homem na região dos gerasenos⁶⁷, segundo Horsley, uma narrativa realista, no entanto, portadora de uma ação simbólica/ideológica que atesta que a mensagem de Jesus e

⁵⁷ THEISSEN, G. **Sociologia do movimento de Jesus**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.

⁵⁸ MYERS, 1992. p. 181-193

⁵⁹ PAGELS, 1996.

⁶⁰ HORSLEY; HANSON, 1995.

⁶¹ CROSSAN, J. D. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁶² HUTTER, 2000 *apud* ZURAWSKI, 2010.

⁶³ HUTTER, 2000 *apud* ZURAWSKI, 2010.

⁶⁴ BÍBLIA, Marcos 1.21-28.

⁶⁵ MYERS, 1992.

⁶⁶ MYERS, 1992.

⁶⁷ BÍBLIA, Marcos 5.1-20.

a atuação da comunidade de Marcos estavam derrotando a possessão ou o domínio romano.⁶⁸ Marcos 5.1-20 retomou antigos símbolos e narrativas hebraicas de libertação, que ativavam a memória da presença libertadora de Deus na história, vencendo forças inimigas, bem como, o reavivamento da esperança de que a ordem de dominação estabelecida estava chegando ao fim.⁶⁹ Essa perícopes carrega todos esses elementos de combate escatológico ou apocalíptico com a consequente construção de uma nova ordem social.⁷⁰

Assim, o demoníaco em Marcos tem um duplo caráter. Por um lado, vem marcado por uma religiosidade fundamentada no imaginário místico apocalíptico comum àquela época e, por outro, representava também uma leitura das estruturas sociais e de poder que eram compreendidas como demoníacas e, portanto, objetos do exorcismo.⁷¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados permitem compreender demoníaco no evangelho de Marcos como uma luta do bem contra o mal, em uma perspectiva apocalíptica e escatológica. A guerra judaica também é uma guerra cósmica. Marcos atribuiu os acontecimentos a vida de Jesus à luta contra os adversários judeus e contra Roma, mas também, à luta entre o bem e mal no universo. As forças maléficas haviam se enfrentado na terra no tempo de Jesus por meio das pessoas para produzir extrema violência e destruição. Percebe-se a influência dualista no evangelho de Marcos, construída pela literatura apócrifa e fortemente presente no imaginário judaico. O Satanás no evangelho de Marcos é colocado como o representante dessas forças maléficas.

A figura de Satanás no evangelho de Marcos é uma maneira de caracterizar os inimigos reais como personificação das forças transcendentais do mal. Satanás e seus demônios são usados no texto do evangelho de Marcos, para identificar essas forças que se apropriaram dos judeus que se levantaram contra o Cristo. Dessa forma, o anjo designado para atacar as pessoas com o mal no Antigo Testamento, servo fiel a *lahweh*, assume o lugar de adversário do próprio *lahweh*. Satanás deixa de ser um ofício e passa a ser uma identificação de um ser, o nome do maioral dos demônios.

Entretanto, o demoníaco no evangelho de Marcos pode ser lido, também, como uma linguagem simbólica/ideológica que se refere aos poderes opressores da sociedade. Satanás e seus demônios representam os judeus contrários à obra do Cristo de Deus e o poder do império Romano. A possessão demoníaca é descrita como subjugação da pessoa pelas estruturas societárias opressoras, como as forças militares romanas e os líderes religiosos do primeiro século. Os possuídos por demônios podem ser identificados como toda uma

⁶⁸ HORSLEY; HANSON, 1995.

⁶⁹ MYERS, 1992.

⁷⁰ SCHIAVO, 1999, *apud* LAZARINI NETO, 2007.

⁷¹ CARDOSO, R. A. L. **O demoníaco em Marcos 3,20-35**. [Dissertação de Mestrado] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 153p. 2017. Disponível em < <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/334/1/Regina%20Cardoso.pdf>, > acesso em 15 de abril de 2017.

coletividade submetida às forças dominadoras, especialmente os habitantes das pequenas aldeias.

Portanto, as práticas exorcistas de Jesus no evangelho de Marcos, assim como todas as suas ações, alcançam ressonância no universo social, político, econômico e ideológico. O exorcismo das forças demoníacas realizado por Jesus promove a cura e a libertação do indivíduo e da sociedade. Em ações públicas ele liberta, cura, perdoa e inclui, convocando para o seguimento e/ou discipulado.

A pesquisa, embora tenha caráter introdutório, abre questões importantes como: Quem é Satanás e que mal ele representa para a sociedade? Os exorcismos de Jesus foram históricos ou narrativas simbólicas? É possível um cristianismo sem o Satanás como adversário do Cristo de Deus? As questões que decorreram da pesquisa indicam a possibilidade de ampliação da mesma, ou ainda, apontam caminhos para novas investigações referentes ao tema proposto.

Entretanto, a pesquisa levanta, também, questões no campo prático: Como identificar a face demoníaca ou a presença do mal no mundo de hoje? Quem seriam os possuídos? E como a atuação do Jesus exorcista ilumina, questiona e instiga a missão da igreja e dos seus seguidores junto aos endemoninhados do tempo presente? As práticas de Jesus devem impelir os seus discípulos a fazerem o mesmo. Isso implica que os seus seguidores identifique as forças demoníacas que afligem e oprimem as pessoas no seu tempo, sejam elas religiosas, estruturais, psicológicas, ou sociais, e promova cura, libertação, reestruturação e inclusão social. A final, “no âmbito da sociedade globalizada, as pessoas esperam ansiosamente ser curadas e libertadas de seus demônios”.⁷²

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Roberto Costa. **A dialética do bem e do mal em Grande Sertão**: Veredas / Roberto Costa Assumpção. [Tese] (Doutorado em Letras Vernáculas – Literatura Brasileira) Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Faculdade de Letras. – Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2014/20-AssumpcaoRC.pdf>. Acesso em 28/04/2017.

BÍBLIA, **Bíblia Sagrada**: edição revista e atualizada com novo acordo ortográfico e referências cruzadas. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARDOSO, R. A. L. **O Demoníaco em Marcos 3.20-35**. [Dissertação de Mestrado] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 153p. 2015. Disponível em < <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/334/1/Regina%20Cardoso.pdf>, > acesso em 15 de abril de 2017.

CROSSAN, J. D. **O Jesus Histórico**: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

⁷² RABUSKE, 2001, *apud* ZURAWKI, 2010. p.85.

FREUD, S. Uma neurose demoníaca do século XVII, v. 19, 1923. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

HORSLEY, R. A.; HANSON, J. S. **Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1995.

LIRA, David. P. A demonologia no ambiente do Novo Testamento: uma análise ideológico-conceitual da palavra *daimōn* no *Corpus Hermeticum*. **Protestantismo em revista**, São Leopoldo, v. 25, 2011. Disponível em: <periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/download/147/197> acesso em 18 de abril de 2017.

MALINA, B. **O evangelho social de Jesus: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTINS, J. G. **Biografia do Diabo Brasileiro**. Curitiba: ADSantos, 2015.

MUCHEMBLED, R. **Uma história do Diabo: séculos XII – XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

NETO, A. L. O Demoníaco: a Antiguidade e transformações do tema na tradição Judaico-Cristã. **Revista Oráculo**, São Bernardo do Campo, v. 3 n 6 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5887>> acesso em: 10 de abril de 2017.

NOGUEIRA, C. R. F. **O Diabo no imaginário Cristão**. Bauru, SP: Edusc, 2000.

OLIVA, A. S. **A história do Diabo no Brasil**. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

PAGELS, E. **As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

RUSSELL, J. B. **As percepções do mal da antiguidade ao cristianismo primitivo**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

THEISSEN, G. **Sociologia do movimento de Jesus**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1989.

ZURAWSKI, S. R. **Porcos ao mar: uma interpretação crítica social, econômica e ideologia de Marcos 5.1-20**. [Dissertação] (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010, 100f. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/829>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A CONTRARREFORMA: RESPOSTA CONTRA O PROTESTANTISMO E RENOVAÇÃO ECLESIÁSTICA DENTRO DO CATOLICISMO

The Counter-Reformation: response against Protestantism and ecclesiastic
renewal within Catholicism

Josemar Valdir Modes¹
João Vicente Diniz Höring²

RESUMO

Este artigo analisou o evento histórico conhecido como *Contrarreforma*, ou *Reforma Católica*. Foram abordados os motivos que levaram a Igreja Católica a realizar tal ação após anos de hegemonia de poder e influência na Europa, como também se fez um estudo sobre o *Concílio de Trento* e as tentativas de reconciliação entre protestantes e católicos. Por fim, se destacou a fundação da ordem dos Jesuítas e o seu papel na Contrarreforma.

Palavras -chave: Contrarreforma. Concílio. Igreja.

ABSTRACT

This study analyzed the historical event known as *Counter-Reformation*, or *Catholic Reformation*. The reasons that led the Catholic Church to take such action after years of hegemony of power and influence in Europe was approached, as was made a study on the *Council of Trent* and the attempts for reconciliation between Protestants and

¹ Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, tem especialização em Liderança e Gestão de Pessoas pela FABAPAR, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pela FABAPAR. É doutor em História pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio. Trabalha como Pastor na PIB Ijuí e como Coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

² O autor é aluno do quarto ano do curso de Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e estudante do curso de Licenciatura em História pela UNOPAR. E-mail: João Vicente joao.harry@outlook.com

Catholics. Finally, the foundation of the Order of the Jesuits and their role in the Counter-Reformation.

Keywords: Counter-Reformation. Council. Church.

INTRODUÇÃO

Após séculos de hegemonia católica no continente europeu, um homem se levantou contra práticas para as quais não via bases nas Escrituras. Martinho Lutero, com suas 95 teses, tentou reformar a Igreja Católica, e acabou condenou fortemente práticas como a arrecadação de indulgências, a infalibilidade papal, o culto aos santos, entre outras práticas, que ele considerou sem embasamento bíblico.³ Esta novidade teológica revolucionou o meio eclesiástico e fez com que, em debandada, muitos outros seguissem estes *hereses* reformistas.

Como resposta a esta revolta contra a cristandade oficial surgiu a Contrarreforma como um evento transcorrido no fim do período da Reforma Protestante ou até mesmo após a Reforma. A Contrarreforma é considerada a “resposta” ou “contra medida” da Igreja Católica em relação ao movimento Luterano.⁴

Tal iniciativa Católica começou com um “fraco pensamento” de uma possível “reconciliação” entre a Igreja Católica e as igrejas de cunho protestante. Tal medida, como uma “Contrarreforma”, foi tomada ao perceber que as igrejas luteranas, anglicanas e demais, que se denominavam protestantes (como as calvinistas), estavam tomando o controle de praticamente todo o norte europeu.⁵

O protestantismo já havia lançado bases sólidas na Alemanha, França, Escandinávia, Suíça e Inglaterra. Porém a Contrarreforma gerou uma “renovação interna” dentro da Igreja Católica que tornou possível parar momentaneamente o avanço do protestantismo na Europa.

Além de fazer oposição ao mundo reformista, a Contrarreforma teve também importância singular na expansão do catolicismo mundial. A reação enérgica moveu a igreja para diferentes lugares dando ao cristianismo a expressão mundial em termos geográficos. Internamente houve mudanças, mas elas foram mais uma forma de ratificar a doutrina já ensinada do que alguma inovação em termos de prática e funcionamento da Igreja. Os desdobramentos da Contrarreforma e seus efeitos nortearão o estudo que segue, analisando o contexto católico, o Concílio de Trento e a Ordem dos Jesuítas.

³ LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001, p. 91-94.

⁴ NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000, p. 211.

⁵ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 310-311.

1. O CONTEXTO DA IGREJA CATÓLICA

1.1 Contrarreforma ou Reforma?!

Antes de se abordar diretamente a respeito da Contrarreforma, é preciso analisar o contexto em que se estava a Igreja Católica. Até o período “pré reformista” a Igreja Católica não comandava e controlava somente a área religiosa da Europa, mas todos os âmbitos da sociedade, desde a área social até a área política e até mesmo militar de algumas nações.

Um bom exemplo do tamanho do poder e da influência que a Igreja Católica detinha está no artigo “Ser ou não Ser? Eis a questão!”,⁶ produzido por Kunz, no qual ele retrata a presença e o desejo de poder da igreja sobre as demais áreas da sociedade, desde influências políticas sobre os reinos europeus, como a decisão de casamentos entre as nobrezas dos países, e até mesmo a fomentação de conflitos entre reis. Da mesma forma, a igreja controlava tudo aquilo que se ensinava e descobria no meio científico, ou seja, controlava e decidia o que era e o que não era verdade através da Inquisição.

Porém, no momento em que Lutero rompe com a Igreja Católica, ele consegue desestabilizar essa “hegemonia de poder”⁷ e trazer à tona as práticas errôneas cometidas pela Igreja Católica na época. Lutero não fez um rompimento somente na área religiosa, mas também (e principalmente) na área política da Alemanha, que mais tarde iria influenciar todo o continente europeu. Isso causa uma grande confusão não somente para a Alemanha, mas para os próprios países ao seu redor.

Com o alvoroço causado pelo protestantismo, as bases do catolicismo foram abaladas, há muito elas já estavam danificadas pelos pré-reformadores e pelos próprios monges e cardeais que notaram a necessidade de uma reforma interna da Igreja Católica.⁸ O momento em que acontece a Contrarreforma é usualmente visto como a resposta católica ao protestantismo, porém segundo Daniel Rops, ele considera errôneo tal pensamento.⁹ Segundo Rops, não foi uma “contrarreforma”, mas sim uma “reforma católica” ou até mesmo um “renascimento” que já estava acontecendo a quase um século dentro do catolicismo. Tanto que essa é a discussão entre os historiadores: se foi uma resposta ao protestantismo ou se foi uma reforma interna da Igreja Católica.¹⁰

Mesmo antes de Lutero deixar suas teses na porta da igreja, um distinto e aristocrático grupo de Roma havia formado uma fraternidade chamada Oratório do Divino Amor. Sua principal crença era que a reforma da igreja e da sociedade começa na alma de cada um. A Oratório nunca teve muitos membros, 50 talvez, embora tivesse uma influência enorme. Ela estimulou uma reforma nas antigas ordens monásticas e ofereceu líderes para a igreja de Roma quando elaborava planos para um concílio geral que lidaria com uma reforma interna e com a heresia protestante. Dentre os membros da

⁶ KUNZ, Claiton André. Ser ou não Ser? Eis a questão! *Via Teológica*, 2002, p. 113-121.

⁷ NICHOLS, Robert Hastings. *História da igreja cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, p. 163.

⁸ MARTINA, Giacomo. *História da igreja: de Lutero a nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 188-189.

⁹ DANIEL-ROPS. *A igreja da Renascença e da Reforma (II): a Reforma Católica*. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984, p. 7-9.

¹⁰ NOLL, 2000, p. 211.

Oratório que mais tarde emergiram como figuras de importância encontravam-se Jacopo Sadoletto, que debateu com Calvino; Reginald Pole, que tentou, no reinado de Maria Sanguinária, fazer com que a Inglaterra novamente se voltasse para Roma; e Gian Pietro Caraffa, que se tornou o papa Paulo IV.¹¹

1.2 Ximénez e o humanismo espanhol

Segundo Dreher, a origem da Reforma Católica se encontrava na Espanha, onde o catolicismo estava totalmente ligado ao Estado, em um sentido de “dependência”, ao ponto de que a igreja espanhola ficava, quando necessário, em oposição à Roma. Foi neste contexto que Ximénez de Cisneros (1436-1517) procurou modificar a igreja.

Ximénez notou que os grandes problemas que estavam ocorrendo dentro da Igreja Católica eram a questão da moralidade e, segundo ele, a falta ou má qualidade de formação. Por conta disso, ele “reformou” as universidades de Salamanca e Valladolid, além de criar outras universidades em Alcalá de Henares, Sevilha, Granada e Toledo.¹²

A teologia se tornou o centro dos estudos nessas instituições, a *Suma Teológica* de Tomás de Aquino havia ocupado o lugar principal nos estudos. Da mesma forma, na época de Ximénez o humanismo estava muito presente, inclusive nessas universidades. Assim se construiu um tomismo com características humanistas que determinou e formou o catolicismo espanhol da época.¹³ Tais pensamentos são importantes para a Contrarreforma, pois eles estão presentes em Inácio de Loyola, o fundador da Ordem dos Jesuítas, que teve um papel extremamente importante dentro da Reforma Católica.¹⁴

É possível observar que antes mesmo de Lutero fixar as 95 teses que deram início a Reforma Protestante, já havia indícios de um processo sutil dentro do próprio catolicismo para uma reforma interna. Isso em parte se deve aos pensamentos humanistas da época, que defendiam que a igreja Católica deveria ser reformada, porém sem haver nenhum tipo de Cisma.¹⁵

Porém este é apenas parte do contexto em que estava a igreja Católica, esta “reforma interna” demorou muito para acontecer de forma oficial, e Lutero já estava se levantando contra dogmas, práticas e tradições católicas.¹⁶ Somente com o acontecimento da Reforma Protestante é que o catolicismo percebe a necessidade de uma reforma interna urgente, uma

¹¹ SHELLEY Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos.** Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2004, p. 304.

¹² DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma.** São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 116-117.

¹³ DREHER, 2002, p. 116.

¹⁴ NOLL, 2000, p. 206-209.

¹⁵ OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **História do cristianismo em esboço.** Recife: STBNB, 1998, p. 212.

¹⁶ GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a Era dos Reformadores.** São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 51.

necessidade que o Papa Paulo III¹⁷ procurou sanar o quanto antes, através do Concílio de Trento.¹⁸

Uma explicação para esta demora Católica em realizar a reforma interna advém de dois motivos centrais.

Uma resposta simples seria política. O imperador Carlos V e os papas travaram uma batalha incessante pela convocação de um concílio geral, que se estendeu por décadas. Lutero requereu um concílio da igreja no início de 1518. A ideia ganhou o apoio dos príncipes alemães e do imperador, mas os papas temiam tal assembleia. Eles se lembravam muito bem dos concílios de Constance e da Basileia. E também sabiam que muita gente na Alemanha desejava um concílio sem o papa. Igualmente importante para se entender a demora da igreja em reagir é o fato de que nas décadas de 1520 e 1530 os papas estavam preocupados com questões políticas e seculares.¹⁹

Realizar uma reforma interna por meio de um Concílio era um passo arriscado e demandava de muita disposição e desdobramentos internos, os quais nem todos os papas estavam dispostos a percorrer. Mas o Concílio de Trento foi uma necessidade para a cristandade católica e um marco na Contrarreforma.

¹⁷ “O PAPA PAULO III parecia a pessoa menos indicada para a liderança espiritual. Tinha uma filha e três filhos ilegítimos, quatro lembranças surpreendentes de sua busca de prazeres. Mas o saque a Roma parece tê-lo tornado mais moderado. Ele percebeu que havia chegado a hora da reforma na Casa de Deus. Começou por onde sentia que uma mudança de coração era mais necessária: no Colégio de Cardeais. Indicou para o colégio alguns campeões da Reforma. Dentre eles, estavam os líderes do Oratório do Divino Amor: Sadoletto, Pole e Caraffa. Paulo, então, indicou nove dos novos cardeais para uma comissão de reforma. O chefe da comissão era outro antigo membro do Oratório, Gasparo Contarini. Pacifista por temperamento, Contarini posicionou-se pela reconciliação com os protestantes e advogou um retorno à fé dos apóstolos. Após um estudo abrangente das condições da igreja de Roma, a comissão produziu um relatório formal em 1537, Conselhos (...) relativos à reforma da igreja. A desordem na igreja, dizia o relatório, poderia estar diretamente atrelada à necessidade de reforma. O ofício papal era secular demais. Tanto os papas como os cardeais precisavam dar maior atenção às questões espirituais e parar de se interessar tanto pelo mundo. Suborno de autoridades, abuso de indulgências, desobediência às leis da igreja, prostituição em Roma, tudo isso teria de acabar” (SHELLEY, 2004, p. 306-307).

¹⁸ OLIVEIRA, 1998, p. 220.

¹⁹ QUESTÕES POLÍTICAS QUE ENVOLVIAM OS PAPAS: “Clemente VII (1523-1534) é um exemplo evidente. Ele via os negócios relativos aos Estados Papais na Itália como lei suprema, e sua paixão pelas fortunas políticas papais o levou a fazer uma aliança com a França contra Carlos V, líder dos interesses de Habsburgo na Itália. A traição do papa e sua deslealdade enfureceram Carlos, e ele passou a ameaçar Clemente com um julgamento antes do concílio geral, a menos que ele quebrasse sua aliança com Francisco I, rei da França. Para mostrar ao papa que não estava brincando, Carlos ordenou que suas tropas marchassem sobre Roma. Mas as coisas foram além do que ele tinha planejado. Os comandantes de suas tropas foram mortos. Em consequência, os rudes e indisciplinados mercenários alemães e espanhóis ficaram sem líder quando entraram em Roma em 6 de maio de 1527. A pilhagem e os assassinatos na Cidade Eterna duraram semanas. O papa buscou refúgio no castelo de santo Ângelo, mas finalmente teve de se render e suportar meio ano de severa prisão. Muitos consideraram esse saque a Roma uma terrível visita de Deus, um claro convite ao papado mundano ao arrependimento” (SHELLEY, 2004, p. 304).

2. O CONCÍLIO DE TRENTO

2.1 A comissão da reforma Católica e o Colóquio de Regensburg

Por muito tempo o trono papal foi ocupado por homens que eram mais políticos do que pessoas religiosas. O Papa que estivesse no poder tinha tantos problemas e preocupações políticas que as verdadeiras preocupações, as espirituais, tinham sido deixadas de lado. Porém em 1534 isso muda, Alessandro Farnese torna-se o papa Paulo III, mantendo-se no poder até 1549. Após muito tempo, os desejos por uma reforma finalmente poderiam ser atendidos, e o problema com os protestantes talvez pudesse ser resolvido com uma reconciliação.²⁰

Já no início de seu mandato, em 1536 Paulo III proclamou que o concílio que estava sendo tão desejado se reuniria em Mântua em 1537. Pensando em tal concílio o Papa também preparou uma comissão de nove cardeais²¹ para preparar um relatório com pontos para a reforma da Igreja.²² Após dois meses foi formado então o *Consilium de emendanda ecclesia*²³, um documento que registrava abusos como nepotismo, simonia, acúmulo de benefícios, absenteísmo, imoralidade clerical e venalidade.

Porém o concílio que era tão esperado estava sendo adiado várias vezes por conta da falta de consentimento²⁴ sobre o local onde o mesmo deveria ocorrer.²⁵ Nesse meio tempo, graças ao *Consilium de emendanda ecclesia*, foi possível uma reaproximação entre líderes protestantes e católicos. Em 1541 foi realizado o colóquio de Regensburg, no sul da Alemanha, onde estavam presentes representantes católicos como Contarini, que desejava reconciliar protestantes e católicos, e líderes protestantes como Martin Bucer e Filipe Melancton, que também desejavam uma reconciliação entre as duas partes.²⁶

Surpreendentemente esse colóquio permitiu que, por um breve momento, católicos e protestantes entrassem em acordo sobre dois temas básicos, mas de suma importância: Deus é a única fonte de salvação e as boas obras humanas são uma resposta necessária ao ato redentor de Deus. Porém logo esse entendimento se perdeu, pois houve atrito quando o lado católico insistiu na defesa da transubstanciação²⁷, no poder exclusivo clero para interpretar as

²⁰ NOLL, 2000, p. 214.

²¹ Os membros dessa comissão era formado pelos cardeais Contarini, Carafa, Sadoletto e Pole e pelos bispos Fregoso, Aleander e Giberti, também pelo abade Cortese e por Badia, chefe do Sacro Palácio (LINDBERG, 2001).

²² LINDBERG, 2001, p 402.

²³ No caso: “*Conselho acerca da reforma da Igreja*”.

²⁴ ADIAMENTO DO CONCÍLIO ocorreu durante anos, e “não houve qualquer reunião do concílio porque Francisco I fez tudo o que estava ao seu alcance para evitá-las. Em seu afã de liderar a Europa, ele temia os concílios pois estes fortaleceriam Carlos. Francisco até mesmo parou de incitar os turcos contra o imperador. Duas guerras entre Francisco e Carlos adiaram a realização de um concílio até 1545, quase três décadas após o surgimento das teses de Lutero” (SHELLEY, 2004, p. 306).

²⁵ GONZALEZ, 1983, p. 198.

²⁶ NOLL, 2000, p. 215.

²⁷ Doutrina que afirma que o pão e o vinho da Eucaristia se transformam literalmente no corpo e sangue de Jesus Cristo (NOLL, 2000).

Escrituras e na autoridade suprema do Papa. Diante disso os acordos foram encerrados, e só haveria uma nova tentativa quatro anos depois, no Concílio de Trento.²⁸

2.2 O Concílio de Trento

“Este Concílio acabará dentro de semanas!”, havia exclamado um bispo italiano pouco antes do início do que seria o concílio ecumênico mais demorado da história da igreja Católica: o concílio de Trento (1545-1563). O Papa Paulo III, ao ver que a igreja de Roma havia perdido grande parte do seu território para as igrejas que haviam saído da reforma (calvinistas, anabatistas, anglicanos, e outras), viu-se obrigado a tomar alguma atitude para que o novo cisma pudesse ser controlado o quanto antes. Então, em 1545²⁹, são convocados todos os cardeais para se apresentarem na cidade de Trento, e teve início o concílio que no fim iria aumentar a separação entre católicos e protestantes.³⁰

A realidade é que as ideias protestantes já haviam dominado o sudeste da França, a Dinamarca, boa parte da Suécia, Noruega, Finlândia, Holanda, Suíça, Islândia, Escócia e Inglaterra. Embora estes países não seguissem o mesmo ramo protestante, todos tinham uma coisa em comum: haviam se separado ou estavam se separando de Roma.

O Papa tinha como objetivo resolver essa situação que havia se alastrado por toda a Europa, e de fato as discussões do concílio foram fervorosas, já que alguns cardeais simpatizavam com algumas ideias da Reforma³¹, como a justificação pela Fé³² e o fim das indulgências. Porém, mesmo assim, eles consideravam alguns fundamentos do protestantismo como errados, como a negação dos cultos aos santos e a não obediência ao papado.³³

Porém a maioria esmagadora do concílio era radicalmente contra as igrejas protestantes³⁴, ao ponto de que haviam partes que desejavam considerar todas as igrejas da reforma como heréticas. Mesmo assim, uma questão ganhou consenso no concílio: a Igreja precisava de uma reforma.

Ao fim do concílio que durou 28 anos, algumas questões sólidas do catolicismo foram reafirmadas: o papado era a representação visível de Cristo na terra, e a tradição estava em pé de igualdade com a Bíblia, questões fundamentais criticadas fortemente por Lutero. Da mesma forma a Justificação pela fé foi rejeitada, argumentando-se a partir da Epístola de Tiago que as obras também eram necessárias para a salvação. Assim também foi rejeitada a

²⁸ NOLL, 2000, p. 215-216.

²⁹ “Embora o concílio convocado por Paulo tenha se iniciado em 1545, ele se reuniu periodicamente até 1563, em três seções principais, as quais não tiveram boa aceitação, devido ao comparecimento não numeroso. As rivalidades políticas eram demonstradas às claras. Ainda assim, o concílio promoveu algumas mudanças” (CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo**: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003, p. 105).

³⁰ MARTINA, 1993, p. 239.

³¹ NICHOLS, 1997, p. 202.

³² NOLL, 2000, p. 215-216.

³³ DANIEL-ROPS, 1984, p. 74-172.

³⁴ GONZALEZ, 1983, p. 185.

predestinação e reafirmaram o livre-arbítrio (questões criticadas e combatidas não somente por Lutero, mas também por João Calvino).

Foram defendidas a transubstanciação, a crença no Purgatório e o culto aos santos. Para reforçar todas estas crenças foi aprovada a inclusão de mais 7 livros no cânon bíblico³⁵, livros que eram considerados apócrifos, são eles: Tobias, Judite, Baruque, Eclesiástico, Sabedoria de Salomão, os dois livros de Macabeus e adições de capítulos nos livros de Daniel e no livro de Ester. Tais livros não são aceitos nem pelos judeus ou por qualquer outra igreja cristã.³⁶

Foram revogadas e extintas as indulgências (maior crítica de Lutero contra a Igreja Católica); os bispos e padres foram obrigados a residir em suas igrejas e não mais em casas próprias longe de suas paróquias, e também foi ordenado que eles ensinassem melhor seus fiéis em relação às crenças católicas, para que assim não fossem convencidos facilmente pela doutrina protestante.

Embora o concílio de Trento tenha feito algumas mudanças “significativas” em relação a alguns princípios da Reforma, como as Indulgências e o ensinamento dos fiéis, no fim acabou somente aumentando as discordâncias e separando de vez as igrejas protestantes da Igreja Católica, tornando assim impossível um “reconciliamento” entre as duas igrejas.³⁷ Por outro lado, o Concílio serviu de base para uma força com comando militar, denominada Ordem dos Jesuítas, disposta a fazer com que as decisões do Concílio fossem seguidas e promulgadas no mundo inteiro.

3. OS JESUÍTAS

3.1 Inácio de Loyola

Enquanto a Inquisição foi a arma defensiva da igreja Católica em relação a novos ensinamentos e doutrinas, tanto antes quanto depois da Contrarreforma, já em contra partida a Ordem dos Jesuítas foi o seu instrumento de estratégia ofensiva. Esta Ordem foi fundada e aprovada pelo Papa em 1540. O fundador dos Jesuítas foi Inácio de Loyola que era de uma rica família de nobres bascos.³⁸

“Ainda menino, Inácio deixou o escuro castelo dos Loyola perto dos Pirineus para fazer parte da corte de um nobre amigo de seu pai”.³⁹ Após ter vivido a vida comum de um nobre rico (amores e jogos), ele procurou se tornar um soldado. Porém, sua vida como soldado não foi fácil, em 1521, teve sua perna esmagada em uma batalha contra os franceses na Batalha

³⁵ A LÍNGUA DA MISSA E DA TRADUÇÃO BÍBLICA vai em direção contrária ao protestantismo, que dava “importância ao culto nas línguas locais, que o povo falava, foi vencido pela missa em latim. Temendo o que poderia acontecer se todo camponês pudesse realmente ler as Escrituras sozinho, o concílio disse mais uma vez que somente a igreja poderia interpretar adequadamente as Escrituras, e se opôs ao uso da Bíblia na língua falada pelas pessoas comuns. A Vulgata deveria ser usada nas leituras públicas e nos textos doutrinários (CURTIS, 2003, p. 105).

³⁶ ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x protestantes: a guerra dos trinta anos (1618-1648)**. Edição do Kindle, posição 877-893.

³⁷ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

³⁸ DREHER, 2002, p. 118-119.

³⁹ SHELLEY, 2004, p. 307.

de Pamplona, e por um ano ele ficou no hospital tendo sua perna fixada no lugar. Nesse tempo ele se dedicou a leituras religiosas e foi quando supostamente teve uma experiência com Deus.⁴⁰

Após se recuperar, Loyola fez uma peregrinação para a Terra Santa, e o seu sonho que antes era se tornar famoso, agora era se tornar um santo como santo Domingos ou santo Francisco de Assis. Porém para isso ele teria que se tornar um homem de Deus, e isso ele não era.⁴¹

Após esta peregrinação, ele se entregou completamente ao estudo religioso, ele aperfeiçoou um curso de discipulado que mais tarde seria conhecido como *Exercícios Espirituais*.⁴² Tais exercícios estipulavam um período intenso de meditação e oração por uma semana, que consistiam em quatro passos: (1) meditação sobre o próprio pecado, (2) a realeza de Cristo, (3) a paixão de Cristo e por fim (4) a vida ressurreta de Cristo.⁴³

A devoção de Loyola havia chegado a tal ponto que em 1534 ele e mais seis companheiros⁴⁴ fundaram o núcleo da Ordem Jesuíta que em seis anos receberia a aprovação papal. Embora essa nova ordem religiosa iniciou somente com seis membros, em 1566 ela teve um total de 1000 monges a serviço do Papa. E um fato interessante é que o seu fundador, Inácio de Loyola nunca saiu de Roma, de seu quarto ao lado da Igreja de Santa Maria, de onde ele coordenou através de correspondências as funções de seus membros.⁴⁵

3.2 O Ordem dos Jesuítas

No período em que ocorreu a Contrarreforma, muitas ordens religiosas haviam surgido, como as ordens dos teatinos, barnabitas, somascos, camilianos e entre outras várias ordens de clérigos regulares. Porém a que mais se destacou nesse período, não somente em influência mas também em frutos, foi sem dúvida a Ordem dos Jesuítas.⁴⁶ “O objetivo da ordem era simples: devolver a igreja Católica Romana à posição de poder espiritual e influência temporal que ela tivera três séculos antes sob Inocêncio III”.⁴⁷

Alguns votos da Ordem dos Jesuítas se assemelham muito a Ordem Franciscana, como os votos de pureza, castidade e pobreza. Porém, havia alguns detalhes dessa ordem que

⁴⁰ DANIEL-ROPS, 1984, p. 7-9.

⁴¹ NICHOLS, 1997, p. 204.

⁴² EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS – “um dos exercícios espirituais de Loyola, por exemplo, consistia em tornar os horrores do inferno reais: ‘Use a imaginação e ouça os gritos e gemidos e blasfêmias contra Cristo nosso Senhor e todos os santos. Aspire, pela imaginação, os odores de enxofre e o fedor de imundice e corrupção. Saboreie, pela imaginação todo o amargor de lágrimas e melancolia e crescente consciência. Sinta, através da imaginação, o calor das chamas que queimam as almas.’ A mesma técnica, é claro, poderia ser usada para representar a beleza da Natividade ou as glórias do paraíso. Com disciplina apropriada, a imaginação poderia fortalecer a vontade e ensiná-la a cooperar com a graça de Deus” (SHELLEY, 2004, p. 307).

⁴³ NOLL, 2000, p. 206-208.

⁴⁴ Eram seus companheiros: Nicolás Bobadilla, Pierre Favre, Diego Laynez, Simón Rodríguez, Afonso Salmerón e Francisco Xavier (NOLL, 2000).

⁴⁵ MARTINA, 1993, p. 230.

⁴⁶ MARTINA, 1993, p. 214-228.

⁴⁷ SHELLEY, 2004, p. 309.

influenciaram muito o contexto da Europa, um deles era a fé e a obediência completamente cega no Papa.⁴⁸

O principal objetivo dessa ordem em sua fundação era buscar a conversão dos turcos muçulmanos na região de Jerusalém, porém caso isso não fosse possível eles se colocariam à disposição para qualquer outra ordem que o Papa lhes desse.⁴⁹ Como não foi possível realizar a viagem para o Oriente, os seus principais objetivos se tornaram outros, estes eram: a educação dos fiéis na doutrina católica, que foram reafirmados e ganharam incentivo no Concílio de Trento (ver o subponto anterior), as missões estrangeiras que tiveram influência por todo o mundo, como nas Américas, Índia e até mesmo China, e, por fim, o combate às “heresias” que estavam surgindo, nesse caso para a Ordem dos Jesuítas, os próprios protestantes.

Nenhuma missão daquela primeira geração foi mais decisiva do que o grupo de jesuítas que participou do Concílio de Trento. Apenas 31 autoridades do concílio, lideradas por três legados papais, estiveram presentes às cerimônias de abertura do concílio. Nenhum deles poderia imaginar que seu modesto início levaria ao mais importante concílio desde Nicéia (325) até o Vaticano II (1962-1965). Sob a influência dos jesuítas, Trento transformou-se numa poderosa arma da Contrarreforma. Dois cortesões, inteligentes e muito influentes membros da sociedade - Diego Laynez e Alfonso Salmeron - direcionaram cada vez a ordem do dia para as "atitudes corretas da igreja" formada pelos seguidores de Loyola.⁵⁰

Os Jesuítas trabalhavam com duas ferramentas de apoio⁵¹, a Inquisição e o *Índex*⁵². Dessa forma, grande parte da Alemanha retornou para a igreja Romana, assim como boa parte do sul da Holanda e da Polônia. A eficiência dos Jesuítas era imensa, porém foi essa eficiência e o desejo de servir cegamente aos desejos do Papa que os fizeram tomar decisões erradas.

Com essa grande missão de ganhar e retomar terras para a igreja, e também de combater toda e qualquer doutrina contrária às de Roma, que os Jesuítas começaram a se envolver politicamente. Eles começaram a se tornar conselheiros de diversos príncipes, reis e senhores, e por meio disso eles defendiam que todo e qualquer método era válido, desde que a Igreja de Cristo ganhasse no fim.

A influência Jesuítica era tão grande que o Imperador *Ferdinando II* foi ensinado por eles a odiar os protestantes, assim como *Maximiliano da Baviera*. Estes dois homens foram os que estiveram na primeira fase da Guerra dos Trinta anos, e foram fortemente fomentados pelos Jesuítas a combaterem contra os protestantes, alegando que se tratava de uma guerra santa.⁵³

⁴⁸ LINDBERG, 2001, p. 410-415.

⁴⁹ NOLL, 2000, p. 207.

⁵⁰ SHELLEY, 2004, p. 309.

⁵¹ NICHOLS, 1997, p. 206.

⁵² Lista de livros proibidos pela igreja Católica, criado em 1559 pelo Papa Paulo IV (NICHOLS, 1997).

⁵³ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se estudar a Contrarreforma é possível notar que ela não foi unicamente uma resposta ao protestantismo que surgiu na Europa, mas foi também, em alguns aspectos, uma reforma dentro da própria igreja Católica. Antes mesmo de Lutero, Ximénez procurava reformar o catolicismo na Espanha, através de uma forte moralidade e uma boa formação teológica baseada na Suma de Tomás de Aquino.⁵⁴

Com o surgimento da Reforma Protestante, tais desejos por uma reforma interna no catolicismo vieram à tona. Houve desejos e tentativas de ambos os lados, tanto católicos quanto protestantes, para que a igreja Católica fosse de fato reformada; houve debates e acordos para que ambos os lados viessem a se reconciliar, como o Colóquio de Regensburg que por um momento aproximou temporariamente e talvez unicamente protestantes e católicos, que entraram em acordo antes de novamente divergirem entre si.⁵⁵

Com a convocação do tão esperado Concílio de Trento, pelo Papa Paulo III, que havia notado a necessidade de uma mudança dentro do catolicismo, o desejo por uma resposta aos interesses internos por uma reforma católica, e também a última tentativa de uma reconciliação entre católicos e protestantes se fez presente. Porém, o que começou com uma tentativa de união veio no fim somente para separar de vez protestantes e católicos, sem grandes mudanças internas na igreja estabelecida.⁵⁶

O fruto de tais tentativas frustradas, de ambos os lados, somente incentivaram ainda mais o Ordem dos Jesuítas, que garantiram uma gigantesca expansão católica no ocidente, e também fechou as portas para qualquer tentativa de entrada por parte dos protestantes em países como Espanha, Portugal e praticamente toda a América Latina, sem mencionar que aumentaram as tensões entre os governantes europeus, que no século seguinte causariam a Guerra dos Trinta Anos.⁵⁷

Mas não se pode ver apenas os aspectos negativos da Contrarreforma. Os jesuítas foram, durante três séculos, a única força missionária da igreja cristã; em parte porque apenas eles tinham as oportunidades além-mar alcançadas pelas nações católicas; por outro lado, os protestantes estavam preocupados demais em discordarem entre si e estabelecerem as doutrinas corretas, segundo a sua perspectiva. Se o mundo experimentou o cristianismo, foi por causa do esforço da Igreja Católica em decorrência da Contrarreforma.

A Contrarreforma, ao mesmo tempo que em alguns aspectos foi uma resposta aos protestantes, diminuindo e impedindo os seus avanços não apenas na Europa, mas também nas Américas, também foi em outros aspectos uma reforma interna, gerando mudanças dentro do próprio catolicismo, mudanças que iriam permanecer por mais de 400 anos até 1961 com o Concílio do Vaticano II.⁵⁸

⁵⁴ DREHER, 2002, p. 116.

⁵⁵ NOLL, 2000, p. 215.

⁵⁶ MARTINA, 1993, p. 239.

⁵⁷ CAIRNS, 2008, p. 320-321.

⁵⁸ NOLL, 2000, p. 218.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Waldon Volpiceli. **Católicos x protestantes: a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)**. Edição do Kindle.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CURTIS, A. Kenneth. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. Tradução de Emerson Justino. São Paulo: Vida, 2003.
- DANIEL-ROPS. **A igreja da Renascença e da Reforma (II): A Reforma Protestante**. São Paulo: Sociedade de Publicações Culturais, 1984.
- DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- GONZALEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo: a Era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- KUNZ, Claiton André. Ser ou não Ser? Eis a questão! **Revista via Teológica**, v.6, dez. 2002.
- LINDBERG, Carter. **As reformas na Europa**. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- MARTINA, Giacomo. **História da igreja: de Lutero a nossos dias**. São Paulo: Loyola, 1993.
- NICHOLS, Robert Hastings. **História da igreja cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.
- NOLL, Mark A. **Momentos decisivos na história do cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira. **História do cristianismo em esboço**. Recife: STBNB, 1998.
- SHELLEY Bruce L. **História do cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da Igreja Cristã através dos séculos**. Tradução de Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2004.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaíes Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

SER PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO: OPORTUNIDADE PARA APRESENTAR CRISTO AOS ALUNOS

Being a religious teaching teacher: opportunity to present Christ to students

Rosilene Francisca Machado Sälzer¹

RESUMO

O presente artigo analisa o privilégio que é ser professor² de Ensino Religioso e evidencia as oportunidades que muitos cristãos, nem comunidades eclesiais conseguem obter por não terem acesso a essa realidade. A ordem de Jesus em levar o Evangelho em todos os lugares deve ser cumprida também nesse espaço específico. Atualmente as portas das escolas brasileiras estão escancaradas e clamando por ajuda, por isso, todas as oportunidades surgidas para levar Cristo ao coração dos alunos devem ser aproveitadas da melhor forma possível. Ensinar, amar, evangelizar e testemunhar são características que devem fazer parte do professor cristão para que ele cumpra seu papel como profissional e também servo de Cristo.

Palavras-chave: Aluno. Professor. Oportunidade. Evangelho.

ABSTRACT

The present study examines the privilege of being a teacher and having opportunities so unique that many other Christians and churches cannot. Jesus' command to carry the Gospel everywhere must also be fulfilled within the classrooms. Currently the doors of Brazilian schools are wide open and crying out for help, so all the opportunities that have arisen to bring Christ to the heart of the students should be harnessed in the best possible way. Teaching, loving, and evangelizing should be part of the Christian teacher so that he fulfills his role as a professional and also as a servant of Christ.

¹ A autora é formada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. É Pós-Graduada em Docência do Ensino religioso pela mesma instituição. E-mail: rosecomjesus@hotmail.com

² Neste artigo o termo 'professor' será utilizado para referir-se ao docente independente do gênero.

Keywords: Student. Teacher. Opportunity. Gospel.

INTRODUÇÃO

Existem no Brasil muitas portas abertas para levar o amor de Cristo as crianças nas escolas. As crianças podem ouvir de forma didática, bíblica e evangelística as preciosas verdades de Deus, através da vida do professor. É incrível o número de crianças e familiares que o professor pode atingir com a mensagem da salvação, número este, muito maior do que Igrejas alcançam em Escolas Bíblicas Dominicais.³ Por isso, ser professor de Ensino Religioso é uma grande oportunidade para estar em contato com pessoas tão especiais como são os alunos e ter o privilégio de influenciar através de suas vidas, muitas outras vidas na sala de aula e, conseqüentemente, fora dela também.

Através de alunos alcançados para Cristo, o ambiente escolar pode ser transformado e toda a família pode ser também influenciada e conhecer a Cristo. Viver o Evangelho também no âmbito profissional é uma oportunidade que não deve ser desperdiçada e cada professor cristão deveria tomar como ministério a ser cumprido a missão de levar Cristo ao coração de seus alunos.

Muitas famílias, escolas e alunos estão clamando por socorro, mas não sabem de onde virá essa ajuda e acabam se envolvendo em evangelhos falsos ou outro tipo de ajuda que tem levado muitos a destruição. Por vezes o professor é a “ferramenta” que Deus coloca na vida desses alunos para que eles tenham a chance de terem suas vidas transformadas. Ser professor cristão é muito mais que uma profissão, é uma oportunidade de levar Cristo ao coração dos alunos! Sendo assim, este artigo irá mostrar aquilo que envolve, tanto a missão do cristão no aspecto de proclamação do amor de Cristo, como formas de aproveitar as oportunidades que há, a partir da profissão desempenhada por docentes.

1. FALAR DE CRISTO: MISSÃO E ORDEM BÍBLICA

Quando se fala em ensinar a Bíblia, fala-se sobre a missão do indivíduo e da tarefa básica de ensinar a Palavra de Deus, pregar o Evangelho e preparar pessoas para um encontro com Jesus! “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” é a ordem do Senhor, registrada em Marcos 16.15, e os salvos por Cristo, estão neste mundo para falar e obedecer a Deus. Assim também deve ser a vida do professor cristão.

A razão primordial do professor cristão de Ensino Religioso, deve ser compartilhar o ensino da Bíblia, por preceitos e por exemplo. Muitos sistemas de ensino podem ensinar Português, Matemática, Ciências, mas nenhuma destas disciplinas tem valor eterno. Nas escolas deve-se recordar as lições de histórias bíblicas aos alunos para que eles amem a Deus e tenham interesse em coisas espirituais, e passem a interessar-se e aprender a amar a Palavra.

³ Disponível em: <https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLASCRECHES,HOSPITAIS,ETC#W0sFKK Bv80M>

Jesus ensinou que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos” (Jo 15.13). A morte de Jesus na cruz foi o ato máximo de seu amor *agapao* e também *phileo* demonstrado pelos pecadores.⁴ Baseado no exemplo de Cristo, nota-se que a sala de aula pode ser um grande trampolim para através do entrosamento ativo e amável com os alunos, pensando nos seus padrões, compreendendo a sua visão do mundo, ouvindo as suas perguntas e sentindo os seus problemas, reagir às suas necessidades e conseqüentemente alcançá-los para Jesus Cristo.⁵ O próprio Cristo buscou e salvou os perdidos através da sua amizade. Pode-se notar claramente na Bíblia o quanto Jesus investiu “em seus alunos” e os benefícios desta atitude. Jesus pode semear belas sementes com o objetivo de obter grandes frutos para o Seu Reino.⁶

É por intermédio do relacionamento professor/aluno que muitos podem ter acesso ao Evangelho e conhecer Jesus Cristo como Salvador. Uma vez as pessoas estando próximas, o Evangelho fluirá rapidamente através das teias de relacionamentos, pois os alunos aprenderão a confiar em Cristo através deste relacionamento com o professor.⁷ A influência do professor pode progredir até o ponto de outras pessoas no ambiente escolar realmente perguntarem como podem se tornar cristãos. Portanto, ser professor é ter oportunidade para comunicar porções do Evangelho e dar testemunho pessoal.⁸

Todo cristão, assim como todo professor, deve estar pronto para “lançar o anzol”. É necessário compartilhar as palavras do Evangelho com os alunos, pois é uma grande alegria conduzir pessoas ao conhecimento do único Salvador, que é Jesus Cristo.⁹

2. APROVEITANDO TODAS AS OPORTUNIDADES

Muitas crianças têm uma marcante ausência de orientação religiosa dentro dos seus lares por parte dos seus familiares. Nesse sentido, a aula de Ensino Religioso na escola acaba sendo uma ocasião para a criança ouvir verdades preciosas que poderão marcar e influenciar toda a sua vida. No Brasil, existe uma porta gigantesca aberta nas escolas para a pregação do Evangelho, pois muitas escolas estão clamando por ajuda. Essas são oportunidades que devem ser aproveitadas ao máximo para levar o Evangelho de Cristo!¹⁰ Desta forma, os subpontos que seguem abordarão esse aspecto.

2.1 Aproveitando as oportunidades para ensinar

É fascinante como o Senhor Jesus usou tantas situações informais como oportunidades de ensino e nesse sentido, fica o exemplo a ser seguido. Quando se trata de crianças, elas são

⁴ HANSEN, D. **A arte de pastorear**. São Paulo: Shedd, 2001, p. 134.

⁵ ALDRICH, Joseph C. **Amizade – a chave para a evangelização**. Tradução de la H. Kietzmann. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 59.

⁶ HANSEN, 2001, p. 134.

⁷ ALDRICH, 1981, p. 77.

⁸ ALDRICH, 1981, p. 190.

⁹ ALDRICH, 1981, p. 193.

¹⁰ Disponível em: <https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLASCRECHES,HOSPITAIS,ETC#W0sFKK Bv80M>

naturalmente predispostas ao ensino e na fase escolar estão prontas para aprender. A influência dos professores, especialmente nos quatro primeiros anos de estudo, é notórias. Por isso, levar as crianças a aprenderem semanalmente a Bíblia lhes ajuda a terem um encontro com Cristo e compreenderem o novo nascimento espiritual tão necessário.¹¹ Valorizar o ensino pautado pelos livros sagrados é, acima de qualquer coisa, valorizar os mais fortes valores da humanidade. Os valores da sociedade são colocados em prática por meio de ações; dessa forma, um ensino básico sobre religião deve começar desde cedo. O ensino religioso é uma das melhores formas de desenvolver e consolidar o caráter dos alunos e, conseqüentemente, torná-los adultos mais fortes, carregados de valores para a sociedade.

Hoje em dia, é cada vez mais comum presenciar pessoas mais individualistas e, em certos níveis, egoístas com o mundo à sua volta. O aprendizado de valores como os que são passados com o Ensino Religioso tem a chance de mudar este paradigma, uma vez que o foco é na formação de um cidadão inserido dentro de uma sociedade. Aprender a viver de modo colaborativo e saber que todos têm a mesma importância, bem como direitos e responsabilidades, dentro de uma sociedade, faz com que as atitudes e ações dos alunos sejam mais coletivas, em prol de um bem maior. É preparar as pessoas para se doarem mais ao próximo. O Ensino Religioso traz muitos benefícios para quem está formando as suas raízes e conceitos. Incluir esse tipo de disciplina nas escolas é poder transformar e multiplicar estes benefícios em algo muito maior, que atingirá um número mais avantajado de pessoas, espalhando a Palavra de Deus e os valores religiosos e éticos em uma sociedade que se tornará bem mais justa.¹²

2.2 Aproveitando as oportunidades para amar

Todos os tipos de amor são importantes, mas se tratando do relacionamento entre aluno e professor, o amor *phileo* é essencial, pois este amor está voltado para as pessoas, para o amor ao próximo. Ao amigo verdadeiro, o amor deve ser incondicional, ou seja, deve resistir em quaisquer circunstâncias ou condições, pois assim como Deus aceita o ser humano da forma como é, também é necessário amar e aceitar as pessoas incondicionalmente.¹³

Em relação ao amor, é fato dizer que apenas quem ousa amar é capaz de amar, como exemplifica a parábola do Bom Samaritano, em Lucas 10.29-37.¹⁴ O gesto do Samaritano nesta parábola ajuda a entender o que significa amar o próximo. Ele identificou a necessidade do homem desconhecido e se compadeceu dele. Não havia nenhum motivo lógico para tal ato, mas para amar não é necessário existir motivos. Deus nunca permite que um ato feito com amor se perca. Relacionado à parábola do “Bom Samaritano”, para os ladrões, o viajante judeu era uma vítima a ser explorada; para o sacerdote e o levita, era um incômodo a ser evitado;

¹¹ Disponível em: <https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLASCRECHES,HOSPITAIS,ETC#W0sFKK Bv80M>

¹² Disponível em: <https://www.erasto.com.br/noticias/beneficios-do-ensino-religioso-na-escola>

¹³ ENGSTROM, T. W. **Amigos de verdade**. Venda Nova: Betânia, 1986, p. 13.

¹⁴ SCHWARZ, Christian A. **Aprendendo a amar**. Tradução de Fred R. Bornschein. Curitiba: Esperança, 1998, p. 25-63.

mas, para o Samaritano, era alguém que precisava de amor e de ajuda, por isso cuidou dele.¹⁵ Não há nada melhor do que ter uma amizade verdadeira. Ter companheiros de luta que trazem conforto de sentir-se seguro ao lado de alguém, pois o amor ao próximo é uma das experiências mais agradáveis que a vida pode oferecer.¹⁶

O amor ao próximo transfere o cuidado de si mesmo para outra pessoa, desejando o seu bem-estar, tal como deseja o seu próprio bem-estar, fazendo sacrifícios e procurando protegê-lo. É pensar em como suprir as necessidades e desejar a felicidade do próximo. Ou seja, é fazer em prol da outra pessoa aquilo que faria por si mesmo. Quem sabe amar o próximo, descobre como transferir o amor-próprio para outras pessoas.¹⁷

A respeito do amor ao próximo, Schwarz relata em seu livro, “Aprendendo a amar”, o fato ocorrido com o pastor Heinrich Albertz, o qual foi prefeito em Berlim e sofreu um sequestro de um proeminente político alemão, o qual obrigou o pastor a acompanhar os sequestradores no avião como refém. O Albertz permaneceu durante 30 a 40 horas sentado em um avião apertado com os terroristas alemães, pessoas contra as quais se voltava a ira da maioria da população alemã, em uma situação que poderia ser de vida ou morte. Mesmo em meio a toda aquela situação, Albertz disse que não sentiu sentimentos ruins em relação àquelas pessoas. Deixou enfatizado que se relacionou com os terroristas os tratando como seres humanos. Concluiu com a frase: “poucas pessoas são criminosas e todos os criminosos são pessoas”.¹⁸ Esse é um belíssimo exemplo de amor ao próximo. O verdadeiro amor deve ser sem restrições e sem medidas. Deve ser como o exemplo desse pastor e principalmente como o grande exemplo de Jesus Cristo, que morreu na cruz por todos os pecadores, sem medir esforços, apenas fazendo tudo por amor ao seu próximo.

Na sala de aula o amor deve ser também sem medir esforços para que a vida dos alunos seja marcada não apenas pelo ensinamento, mas principalmente pelo amor demonstrado através da vida do professor. O professor que ama os alunos e que ama a sua profissão, é capaz de transformar vidas através desse amor.

2.3 Aproveitando as oportunidades para proclamar verdades eternas

Em um levantamento realizado em diversas igrejas, constatou-se que a maioria das pessoas se convertem exatamente na fase escolar. Mesmo levando em conta as pessoas que se desviam, aquelas que conheceram a Palavra de Deus quando alunos são as que têm mais chances de voltarem para o corpo de Cristo.

Por muitas vezes a evangelização é menosprezada, mas não foi isso que Jesus ensinou! Algumas pessoas se sentem constrangidas quando se fala em evangelização, pois se sentem inseguras, quanto a essa ordem de Cristo. Na verdade, muitos argumentos são desculpas para

¹⁵ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Tradução de Suzana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2007, Vol. 1, p. 275-276.

¹⁶ PARROT, Les e Leslie. **Relacionamentos**. 2.ed. São Paulo: Vida, 1999, p. 81-82.

¹⁷ CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006, Vol. 1, p. 139.

¹⁸ SCHWARZ, 1998, p. 55.

a pessoa que não quer evangelizar crianças e alunos, assim como se cria muitas desculpas para quem não quer sair para evangelizar adultos.

Uma das passagens mais conhecidas sobre a importância de ensinar a criança a andar no caminho certo está em Deuteronômio 11.18-21 e 4.9,10. Essas passagens ensinam que se deve ensinar os filhos e netos a andarem no caminho correto. É evidente que crianças que não aprendem a andar no caminho correto vão dar origem a uma geração sem limites e cheia de problemas. Uma passagem Bíblica sobre evangelização mais geral é o texto de Marcos 16.15, que diz que se deve pregar a toda criatura. Ora, sendo o aluno uma criatura, ele pode sim ser evangelizado.

Em 2 Reis 23.2¹⁹ também é demonstrado como a Palavra de Deus deve ser conhecida por todos, dos menores aos maiores. A criança deve ser estimulada a perguntar sobre Deus, seus feitos e tudo o que envolve a crença do professor. No livro de Deuteronômio, pode-se ler como isso era estimulado no povo judeu (Dt 6.20).

Um ponto de extrema importância, mas que poucos dão conta é que a criança também é pecadora. Este é um assunto que já gerou muita polêmica. Ainda hoje há quem discorde. mas o Salmo 51.5 mostra que todos precisam de salvação. Outros textos que reforçam a ideia de que todos são pecadores, inclusive as crianças, está registrado em Romanos 5.12 e Romanos 3.23.²⁰

Todo cristão deve desenvolver o seu papel de cumprir o mandamento de Cristo, que é anunciar o Seu poderoso nome em todos os lugares. Mas esta tarefa deve ser realizada com muito amor e de todo o coração, senão se tornará um peso.²¹ Em muitos lugares, o mundo tem sentido mais sede e desejo por ouvir a mensagem de Cristo, do que a própria Igreja em relação ao seu interesse em transmiti-la.²² Se o professor cristão se encarregar de transmitir a mensagem de Cristo através de um relacionamento autêntico com seus alunos, com certeza Deus agirá. O professor deve contentar-se em ser instrumento e fazer a sua parte, que é semear a Palavra de Deus através de seus relacionamentos. Existem inúmeras oportunidades para colocar o amor em ação e anunciar Cristo para os alunos. Quando o professor se coloca à disposição de Deus, Ele mostra pelo Seu Espírito a maneira certa de dizer as coisas e o momento adequado de agir, e assim, alcançar vidas para Ele.²³

Deus deseja dar a cada um as oportunidades necessárias, e talvez as mais incomuns para influenciar as vidas de pessoas com as quais o indivíduo relaciona-se. Cada pessoa tem essa capacidade de ser amigo e influenciar a vida espiritual das pessoas que a cercam, com o presente mandado por Deus que é conhecê-Lo.²⁴

A evangelização eficaz envolve visualização e verbalização: “... o Verbo se fez carne” (Jo 1.14). Deus não mandou um telegrama, ou uma chuva de livros sobre a evangelização ou um

¹⁹ Esse texto mostra que o rei subiu até a casa do Senhor e junto foram todos os moradores de Judá desde o maior até o menor.

²⁰ Disponível em: <http://www.materialgospel.com/evangelizacao-de-criancas-e-necessario/Evangelizacao>

²¹ HENDRICKS, H. G. **Comunique com amor**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1983, p. 111.

²² HENDRICKS, 1983, p. 122.

²³ HENDRICKS, 1983, p. 118.

²⁴ HENDRICKS, 1983, p. 126.

milhão de rótulos adesivos dizendo: “sorria Jesus, te ama!” Ele mandou um Homem, Seu Filho para transmitir a mensagem. A Sua estratégia não mudou. Ele ainda envia homens e mulheres – antes de usar folhetos e técnicas – para mudar o mundo. Estes homens e mulheres são os que formam a Igreja de Cristo.²⁵

Através de momentos agradáveis, de variadas conversas e uma amizade sincera e autêntica, é possível anunciar Cristo.²⁶ Um belo exemplo é a Igreja Primitiva, pois a mesma foi estabelecida graças aos ministérios da forte proclamação dos apóstolos. Eles pregaram nas esquinas das ruas, nas sinagogas e nas praças. Certamente o Evangelho é uma mensagem para ser pregada. Embora a abordagem proclamadora da evangelização tenha validade até a vinda de Jesus, não é um meio pelo qual a maioria dos cristãos atingirá seu próprio mundo particular. Deus dotou uma porcentagem muito pequena dos Seus filhos para executarem esta tarefa especial.²⁷

Para a evangelização, sensibilidade é a chave. A maioria dos programas de treinamento evangelístico defende uma evangelização de abordagem confrontadora. Porém, é ingenuidade supor que a maioria das pessoas aceita Cristo como resultado do testemunho de um estranho durante uma única conversa espiritual. A grande maioria não se torna cristã através de uma evangelização de confrontação entre estranhos. Além disso, muitos deixam de aceitar a Cristo por causa de más experiências com testemunhas zelosas, mas insensíveis. Grande parte do problema resulta de suposições falsas acerca do processo de aceitar Cristo.²⁸ A evangelização que não penetra naturalmente no mundo real do não-cristão pode tornar-se uma invasão, uma corrida ao território inimigo, seguida por uma rápida retirada para a segurança, em vez de ser a atuação de um próximo que ama.²⁹ As pessoas precisam saber como dizer as palavras do Evangelho.³⁰ A eficácia evangelística está diretamente relacionada com a habilidade de tornar-se, a habilidade de compreender e relacionar-se com as diferenças das pessoas. A diferença radical sobre a qual se fala precisa ser bíblica, para que a evangelização seja eficaz.³¹

Uma das histórias mais fascinantes da Bíblia é sobre o aleijado de nascença. Os amigos dele o levaram até Jesus, carregando-o numa cama. Mas, como a casa estava cheia e não conseguiram entrar, resolveram achar outra solução. Os amigos subiram no telhado da casa e abriram um vão onde puderam passar o amigo aleijado até onde Jesus se encontrava. Em Marcos 2.5-9 Jesus diz: “vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico... levanta-te, toma o teu leito e anda”. Aquele aleijado foi levado a Cristo pelo esforço de um grupo de amigos. Este é um grande ensinamento para os seguidores de Cristo.

²⁵ ALDRICH, 1981, p. 29.

²⁶ ENGSTROM, 1986, p. 124.

²⁷ ALDRICH, 1981, p. 71.

²⁸ ALDRICH, 1981, p. 72.

²⁹ ALDRICH, 1981, p. 62.

³⁰ ALDRICH, 1981, p. 72.

³¹ ALDRICH, 1981, p. 63.

Que o principal alvo dos professores cristãos possa ser também levar seus alunos ao encontro de Cristo.³² Cada um deve fazer sua parte e através de seus relacionamentos alcançar vidas para Cristo. Hendricks, na sua obra “Comunique com amor”, diz:

Nunca houve um banquete sem que antes tivesse havido um sacrifício. Isso aconteceu com Cristo que veio ao mundo. Não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. Isso também deve aplicar-se aos cristãos que morrem para si mesmos a fim de que possam transmitir Cristo para as almas famintas deste mundo.³³

2.4 Aproveitando as oportunidades para ser exemplo

A palavra “exemplo” também pode ser traduzida como “padrão”, “molde” ou “modelo”. Os seguidores precisam tornar-se iguais aos seus líderes, seguindo seus exemplos.³⁴ Este deve ser o aspecto natural e integrante na personalidade do crente.³⁵

Paulo foi um grande exemplo para a vida das pessoas que estavam ao seu redor. Através de sua vida, ele ensinava as pessoas e fazia grandes discípulos. Incrível o quanto Paulo exercia influência, pois, quando ele saía de um lugar, sempre deixava uma nova igreja fundada, a qual, na maioria das vezes, era firme e muitas vezes até crescia. Isso é ser exemplo. Fazer a diferença e fazer as pessoas também serem diferentes através de Cristo em suas vidas.³⁶ Quando os professores são exemplos de integridade com Deus, e buscam um estilo de vida que faz a diferença na sala de aula, o seu potencial para o verdadeiro testemunho e as possibilidades de alcançar vidas para Cristo aumentam significativamente. Por ser isto verdade, a evangelização é um modo bonito de viver e uma abertura do círculo de relacionamento para incluir o não cristão. Deus inicia o processo e os crentes são os instrumentos de Deus para dar continuidade ao “trabalho”.³⁷

Identificar-se com o mundo não é a mesma coisa que ser idêntico a ele. Cristo, como um excelente exemplo, foi eficaz por causa de sua identificação e diferenças radicais. Assim como Ele, para obter uma vida exemplar e que alcance vidas para o Reino de Deus, é necessária disciplina na vida cristã, a qual é essencial para que a identificação seja redentora, em vez de destrutiva.³⁸ No decorrer dos Evangelhos, nota-se que os fariseus em vários momentos presenciaram Jesus e os seus relacionamentos com vários tipos de pessoas, inclusive comendo e bebendo com a escória sacerdotal. Jesus, em todo momento, foi exemplo de vida santa e pura diante de todos, inclusive daqueles seus amigos desprezados. Os fariseus julgavam Jesus pelo fato dele ser amigo de pecadores, mas suas opiniões estavam totalmente erradas quando O consideravam pecador pelo fato de se relacionar com as pessoas com quem Ele tinha

³² HENDRICKS, 1983, p. 112.

³³ HENDRICKS, 1983, p. 123.

³⁴ ALDRICH, 1981, p. 130-131.

³⁵ HENDRICKS, 1983, p. 121.

³⁶ ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos**. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1979, p. 34.

³⁷ ALDRICH, 1981, p. 25.

³⁸ ALDRICH, 1981, p.49.

amizade.³⁹ Através de uma amizade “legal”, como Cristo tinha com as pessoas à sua volta, é muito mais fácil falar do Evangelho e alcançar as pessoas para Deus, pois muitas vezes manter uma conversa, testemunhando e insistindo em que a pessoa aceite Cristo, pode incitar mais dano que benefício. A maioria das pessoas responsivas reage negativamente a estas atitudes e, muitas vezes, de maneira bastante violenta a este tipo de assalto. Atitudes assim, ao contrário de bom testemunho, mostram uma falta de respeito fundamental pela dignidade e personalidade humana.⁴⁰

O exemplo de uma vida íntegra com Cristo pode ser relacionado em todas as áreas da vida humana, principalmente se a pessoa é de uma presença sadia, de bem consigo mesmo e com os outros ao redor, as probabilidades de aumentar o impacto da proclamação do Evangelho são ainda maiores, pois, exemplos de uma vida “correta” diante dos alunos, ajuda a predispor as pessoas a identificarem o Evangelho como Boas Novas.⁴¹

Em relação à vida com Cristo, Paulo em 1 Tessalonicenses 1.5, diz: ... “assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós, e por amor de vós”. Paulo neste texto, chama a atenção a um estilo de vida intencional, dizendo que a decisão de viver de uma maneira certa, como exemplo de Cristo, foi decisão própria. No versículo seguinte, Paulo diz... “vos tornaste imitadores nossos ...”, ou seja, ele viveu intencionalmente porque sabia que era o modelo deles e que se tornariam como ele.

Assim como Paulo, o professor cristão deve ter este desejo de ser exemplo de vida com Deus para que seus alunos também possam conhecer a Cristo.⁴² Este também é o desejo de Deus para a vida de todo cristão, que todos possam executar a obra deixada por Cristo. Isso só será possível se o cristão for exemplo de vida com Deus.⁴³

A busca por ser exemplo de vida com Deus é refletida principalmente através do amor *phileo*. Na medida em que o amor é visto, sentido e experimentado, de alguma maneira é associado com Cristo na mente do não-cristão. Jesus disse: “todos conhecerão que sois meus discípulos se tiverdes amor...” (Jo 13.35). Um relacionamento de amor genuíno focaliza a atenção do não-cristão na direção certa! Este é, provavelmente, o fator chave para mudar as pessoas de uma atitude negativa para uma positiva, em relação ao Evangelho.⁴⁴

A vida do professor deve ser um caminhar com propósito de anunciar Cristo sempre, permanecendo centrado no que realmente importa. O testemunho através do relacionamento com seus alunos pode alcançar a todos e essa oportunidade deve ser realizada através de todas as ocasiões oportunas, inclusive através dos contatos naturais que se tem. É necessário identificar estas oportunidades e buscar fazer a diferença através desse relacionamento com os alunos. É necessário demonstrar real interesse pelos alunos, lembrando sempre que eles são importantes especialmente para Deus. É preciso tentar

³⁹ ALDRICH, 1981, p. 67-68.

⁴⁰ ALDRICH, 1981, p. 72-73.

⁴¹ ALDRICH, 1981, p. 76.

⁴² ALDRICH, 1981, p. 93.

⁴³ MOORE, Waylon B. **Integração segundo o Novo Testamento**. Tradução de Elvira Moraes Lustosa. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1978, p. 14.

⁴⁴ ALDRICH, 1981, p. 121.

enxergar o que Deus pode fazer através de um testemunho verdadeiro transmitido através da convivência em sala de aula.⁴⁵

O testemunho é uma essencial característica de um verdadeiro cristão. Essa é a melhor maneira de romper a barreira que impede as pessoas de conhecerem Cristo. Não há nada mais importante do que a tarefa de atrair pessoas pecadoras e conduzi-las para a cruz de Jesus.⁴⁶ É preciso se concentrar no que é fundamental. É preciso se dedicar a testemunhar e partilhar da fé quando Cristo oferecer oportunidade. Todo dia e cada momento é precioso e importante.⁴⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar sobre o importante papel do professor cristão e o Ensino Religioso nas escolas, vê-se imensamente que essa tarefa é muito mais que uma profissão, é sim, um cumprimento da ordem deixada por Jesus. Pertencer a um país no qual existe essa liberdade religiosa nas escolas é um grande privilégio, o qual deve ser aproveitado com todas as forças. Muitas famílias estão sendo destruídas, tantas crianças totalmente desestruturadas e são tantos os casos de violências, drogas e prostituições. Tudo isso o professor pode lidar diariamente, e a liberdade para tudo isso, pode ser encontrada em Jesus Cristo. E Ele deseja usar a vida do professor na sala de aula.

Todo o cristão tem o dever de anunciar Cristo e aproveitar cada instante é obedecer a ordem deixada por Jesus. Cada oportunidade com os alunos pode marcar para sempre a vida dessas pessoas. Por isso, ensinar não se limita apenas a conteúdo, é viver, é se doar. Demonstrar amor verdadeiro aos alunos é o que muitas vezes eles mais precisam, pois muitos são carentes de amor de pai e mãe, muitos nem sabem o que é ser amado. E aproveitar as oportunidades para evangelizar deve fazer parte também da vida do professor, pois anunciar Jesus acima de tudo deve ser a missão do professor. Ser exemplo é muito mais do que mil palavras. É sim, com a própria vida poder testemunhar do amor de Jesus.

As escolas estão clamando por ajuda e o Ensino Religioso é uma grande porta aberta para anunciar sobre Jesus, não somente na sala de aula, mas em todo o ambiente escolar. Deve ser considerado como privilégio ter uma profissão que abre escancaradamente as portas para falar sobre o amor de Deus. Que cada dia mais haja professores cristãos que cumpram a ordem de Cristo e que seus corações possam arder por amor aos alunos e conseqüentemente o desejo que eles conheçam a Cristo.

REFERÊNCIAS

A MISSÃO da igreja e a ordem bíblica. Disponível em:

[https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLAS CRECHES, HOSPITAIS, ETC#W0sFKKBv80M](https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLAS%20CRECHES,%20HOSPITAIS,ETC#W0sFKKBv80M)> Acesso em: 27 de agosto de 2018.

⁴⁵ ALBRICH, 1981, p. 26.

⁴⁶ HYBELS, Bill. **Evangelização – agindo como sal e luz no mundo.** Tradução de Eduardo Pereira de Ferreira. São Paulo: Vida, 2000, p. 33.

⁴⁷ HYBELS, 2000, p. 63.

APROVEITANDO as oportunidades para ensinar. Disponível em: <
[https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLASCRECHES,
HOSPITAIS,ETC#W0sFKKBv80M](https://www.apec.com.br/evangelismo.php?page=ESCOLASCRECHES,HOSPITAIS,ETC#W0sFKKBv80M)> acesso em 27 de agosto de 2018

APROVEITANDO as oportunidades para amar. Disponível em: <
<https://www.erasto.com.br/noticias/beneficios-do-ensino-religioso-na-escola> > acesso em
27 de agosto de 2018

APROVEITANDO as oportunidades para evangelizar. Disponível em: <
<http://www.materialgospel.com/evangelizacao-de-criancas-e-necessario/> Evangelização>
Acesso em 27 de agosto de 2018.

ALDRICH, Joseph C. **Amizade – a chave para a evangelização.** Tradução de la H. Kietzmann.
São Paulo: Vida Nova, 1981. 219 p.

CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia.** 8.ed. São Paulo: Hagnos,
2006. Vol. 1, 1039 p.

ENGSTROM, Ted W.; LARSON, Robert C. **Amigos de verdade.** Tradução de Neyd Siqueira.
Venda Nova: Betânia, 1986. 131 p.

HANSEN, David. **A arte de pastorear.** Tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd,
2001. 208 p.

HENDRICKS, H. **Comuniquem com amor.** Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova:
Betânia, 1983. 133 p.

HYBELS, Bill. **Evangelização – agindo como sal e luz no mundo.** Tradução de Eduardo Pereira
de Ferreira. São Paulo: Vida, 2000. 102 p.

MOORE, Waylo B. **Integração segundo o Novo Testamento.** Tradução de Elvira Moraes
Lustosa. 4.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1978. 160 p.

ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. **Ser e fazer discípulos.** Tradução de Margarida
Oliva. São Paulo: Loyola, 1979. 126 p.

PARROT, Les e Leslie. **Relacionamentos.** 2.ed. São Paulo: Vida, 1999. 192 p.

SCHWARZ, Christian A. **Aprendendo a amar.** Tradução de Fred R. Bornschein. Curitiba:
Esperança, 1998. 135 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo.** Tradução de Suzana E. Klassen. Santo
André: Geográfica, 2007. Vol. 1, 602 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PESSOA DO CONSELHEIRO E A MORALIDADE DA PÓS-MODERNIDADE The counselor's person and the post-modernity morality

Bernardo Stollmeier Kuss¹

RESUMO

O artigo trata da prática do aconselhamento na Pós-modernidade, e sua relação com a moralidade desse período. As incisivas críticas e desconstruções pós-modernas, relacionadas à moralidade e às teorias totalizantes, para citar algumas delas, atingiram inclusive a área da moralidade humana, que julga o certo e errado e a relação do homem² consigo mesmo e com seus semelhantes. Assim, o ser humano ficou sem padrões e com mais problemas relacionais, emocionais e espirituais. Surgem aí as propostas seculares de aconselhamento, que tratam os sintomas desses problemas, mas não os resolvem de fato. Diante disso, chega-se ao modelo cristão de aconselhamento: embasado na Bíblia, seguindo os moldes de aconselhamento providos por ela, e contando com o auxílio do Espírito Santo, podem ser geradas, então, soluções reais.

Palavras-chave: Aconselhamento. Pós-modernidade. Moralidade. Bíblia.

ABSTRACT

The article discusses the counseling practice during postmodernism, and its relation with this period's morality. The incisive postmodern critics and deconstructions related to morality and totalizing theories, to show some of them, stroke still the human morality matter, which judges what is right or wrong and man's relation with himself and with his equals. Thus, the human being became without standards and with more relational, emotional and spiritual problems. There arise the secular counseling proposals that treat these problems' symptoms, but do not solve them indeed. That said, is reached the Christian counseling model: based on the Bible, following the counseling templates

¹ Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: bernkuss@hotmail.com

² Este artigo utilizará a expressão 'homem' para referir-se ao ser humano independente do gênero.

provided by it, and counting with the Holy Spirit's aid, therefore can be generated real solutions.

Keywords: Counseling. Postmodernism. Morality. Bible.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da prática do aconselhamento no período da Pós-modernidade, e sua relação com a moralidade desse período. Quão complexa é tal prática, visto que lida com problemas emocionais, relacionais e espirituais do ser humano! As discussões dos autores pós-modernos, como, por exemplo, Friedrich Nietzsche (um dos precursores do pensamento), Martin Heidegger, Jean-François Lyotard e Michel Foucault têm um clima crítico. O implemento dessas discussões veio em boa hora e trouxe mudanças positivas ao pensamento moderno vigente. Todavia, a crítica foi levada a tal nível que desestruturou até mesmo as concepções humanas mais basais. Verdade, razão, amor e afins são desacreditados em sua forma primeva, e entendidos como visões puramente individuais. Dito isso, a prática já delicada do aconselhamento se torna mais sensível ainda. Como ela deve ser abordada, então?

O objetivo da presente análise é rever as muitas opções de aconselhamento que são oferecidas, na Pós-modernidade. Sua esmagadora maioria tem em comum a busca pela resolução pontual de sintomas, instantânea, puramente analgésica. No entanto, isso resolve os problemas humanos? Se não resolve, há alguma solução real?

Chega-se à conclusão de que sim: através do aconselhamento cristão bíblico. Esse, por seu turno, oferece um acompanhamento pessoal e objetiva levar o aconselhado à salvação em Cristo, não apenas à aparente solução dos problemas pessoais. Nem de longe baseado em propostas ou capacidades somente humanas, o aconselhamento cristão bíblico se baseia nos princípios atemporais da Palavra de Deus. Tendo criado o ser humano, Deus o conhece profundamente, e revelou a ele Suas instruções de como lidar com seus problemas, na Bíblia. Mesmo com isso, Deus não deixa o homem desacompanhado, mas o supre com seu Espírito Santo, O Conselheiro. Analisa-se tudo isso também, à luz da própria Bíblia.

Propõe-se neste artigo um ensaio; hipóteses são apresentadas, e possíveis soluções. Não se espera concluir, resolver ou fechar o tema; longe disso, iniciam-se aqui discussões e pensamentos, que visam levar a discussões futuras.

1. DEFINIÇÕES PRÉVIAS DE CONSELHEIRO, MORALIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Ante o grande leque que se abre, ao se tratar sobre um tema tão vasto como a Pós-modernidade, dentro das também vastas e profundas áreas da Filosofia, Sociologia e Teologia, é preciso definir os termos empregados aqui. De maneira que não se entenda mal o que for aqui tratado, pergunta-se: quem é o conselheiro? O que é a moralidade? E Pós-modernidade, se refere a quê?

1.1 O conselheiro e o aconselhamento

O termo conselheiro tem sua origem no latim: *consiliarius*, que aconselha, derivado de *consilium*, conselho, e esse, por sua vez, derivado de *consulere*, tomar conselho, consultar, aconselhar-se.³ De forma geral, conselheiro é quem dá conselhos, quem é consultado por alguma outra pessoa com algum problema a resolver, e que a ajuda na resolução. Têm-se por lugar-comum imagens como a do rei com seus conselheiros reais, do mestre aconselhando seu discípulo, ou de um amigo aconselhando outro. Um conselheiro não é necessariamente um profissional com formação acadêmica e especialização na área de comportamento e pensamento humano; longe disso, qualquer indivíduo a quem outro conta um problema, e que tenta levar esse a encontrar uma resolução, faz-se um conselheiro – como se verá abaixo.

Neste artigo será abordado o aconselhamento *cristão evangélico*, portanto, recorrer-se-á à literatura deste meio para melhor definir esse tipo de conselheiro, e o processo do aconselhamento no qual ele se envolve, ou é envolvido. O conselheiro cristão é, acima de tudo, alguém convertido, que tem a Jesus Cristo como Senhor, e que crê na Sua ressurreição, e na Bíblia Sagrada como Sua palavra revelada ao ser humano. O conselheiro tem como foco principal levar quem ele auxilia a relacionar-se pessoalmente com Jesus, encontrando perdão e liberdade dos efeitos nocivos do pecado na vida humana. Ou seja, ele leva pessoas a Cristo, as quais levarão outras pessoas a Cristo também.⁴

Ainda que haja quem afirme que o aconselhamento é intrínseco à Teologia, é consensual que o conselheiro cristão não depende de formação profissional para exercer seu papel.⁵ Usualmente, sim, o trabalho de aconselhamento é delegado aos pastores das igrejas, somente; no entanto, isso não é regra. Qualquer membro pode ser um conselheiro.⁶ Aliás, a regra é que o *cristão* aconselhe. Assim como todos os cristãos dão testemunho de sua fé, e isso envolve uma pregação informal da Palavra (tanto no batismo, quanto na prática de vida), da mesma maneira todos os cristãos devem aconselhar.⁷ Note-se o imperativo: é dever cristão aconselhar seu próximo; esse dever está implícito (ou explícito?) na Grande Comissão de Cristo a Seus discípulos registrada nos evangelhos: “[...] vão e façam discípulos [...]”.⁸ Todo cristão deve se tornar um conselheiro dos seus irmãos na fé, por mais que o trabalho de aconselhamento como chamado específico seja atribuído aos pastores.⁹

Importante observar que o conselheiro sempre é motivado pelo desgosto com a dor das outras pessoas¹⁰, deixando claro que é (deve ser) alguém tratável e acessível,

³ SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 509.

⁴ COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília M, p. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 17.

⁵ LAMBERT, Heath. **Teologia bíblica do aconselhamento**. Tradução de Airton W. V. Barboza. Eusébio: Peregrino, 2017, p. 19.

⁶ MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: Aconselhamento. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 20.

⁷ ADAMS, Jay E. **The christian counselor's manual**. Grand Rapids: Baker Book House, 1973, p. 12.

⁸ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada**: Nova Versão Internacional. [S.l.]: Geográfica, [200-], p. 768.

⁹ ADAMS, 1973, p. 9.

¹⁰ LAMBERT, 2017, p. 32.

compreensível e sensível às necessidades e situações vividas por quem o cerca. Também é de suma importância que ele saiba guardar segredo daquilo que é aberto a ele, pelo seu aconselhando (pessoa a quem o conselheiro aconselha).¹¹ A partir disso, o conselheiro cristão deverá ser alguém que ajude as pessoas a lidarem com seus problemas circunstanciais de melhor maneira do que elas têm feito até então, conduzindo, encaminhando, orientando e levando-as ao desenvolvimento de uma solução.¹² Ou seja, a única exigência feita a ele é que, tendo desenvolvido uma cosmovisão que entenda o problema do aconselhado, formule, então, uma resposta a tal problema.¹³

Ora, é preciso trocar a concepção de que essa tarefa é somente delegada aos pastores, como tratado acima. Pastores, esses, que exercem o pastorado em tempo integral, já que, diante do dever de todo cristão de aconselhar seu próximo, todos os cristãos se tornam pastores do rebanho que pertence a Deus. Assim sendo, não somente perante o aconselhado, mas perante a sociedade e, acima de tudo, perante Deus, o conselheiro é responsável pelo que faz e diz.¹⁴ É o responsável pelo rebanho de Deus, o qual Cristo comprou com Seu próprio sangue. Há algo mais valioso do que isso? Haveria motivo mais nobre para impulsionar os esforços do conselheiro? Não. Dessarte, espera-se que ele, diante de tamanha responsabilidade, valha-se de ferramentas para melhor cumpri-la. Por exemplo: da mesma forma que é necessário manter um registro meticuloso e cuidadoso de uma conta bancária, também o deve fazer o conselheiro com as informações das pessoas que aconselha. O registro, a fim de conhecer e melhor tratar os problemas; o cuidado com as informações, a nível de segredo. Fato é que não haverá um supervisor a conferir se o conselheiro anotou ou não, se usou essas informações ou não. Ainda assim, Deus irá exigir prestação de contas do encargo que lhe foi confiado, de cuidar de almas imortais e valiosas, para Deus.¹⁵

É básico que, tal cuidadoso, o conselheiro seja flexível e resiliente. Os problemas dos aconselhados não podem ser resolvidos por meio de fórmulas e regras fixas, como numa ciência exata¹⁶, mas levam tempo e esforço, de forma processual, e isso demanda muita paciência e capacidade de lidar com intempéries. O conselheiro deve, como Cristo, apenas receber as pessoas e ouvir seus problemas, do jeito que elas estão, antes de recomendar qualquer mudança; feito isso, ele deve, então, “ensinar *tudo* o que Cristo ordenou e ensinou”¹⁷, sem manipular nem se intrometer na vida do aconselhado, desejando profundamente seu bem-estar.¹⁸

Isso dito, esclarece-se que a Grande Comissão é para todos os cristãos, inclusive no que tange ao prestar ajuda emocional e espiritual a quem estiver ao seu redor. Estão compreendidos os quesitos gerais necessários aos cristãos, no processo do aconselhar. Ora,

¹¹ HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996, p. 26-27.

¹² MOLOCHENCO, 2008, p. 22.

¹³ LAMBERT, 2017, p. 20.

¹⁴ HOFF, 1996, p. 29.

¹⁵ ANDERSON, Stanley E. **Cada pastor um conselheiro**. Tradução de Harold Renfrow. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963, p. 126-127.

¹⁶ MOLOCHENCO, 2008, p. 22-23.

¹⁷ COLLINS, 2004, p. 20. Ênfase do autor.

¹⁸ COLLINS, 2004, p. 38.

surge assim a pergunta: como o cristão o faz? Como o deve fazer? Em suma, o que é o aconselhamento?

Lambert, muito precisa e sucintamente, define que o aconselhamento “é uma conversa em que uma das partes com questões, problemas e dificuldades procura auxílio de alguém que acredita ter respostas, soluções, ajuda”¹⁹ e acontece sempre que uma pessoa do primeiro tipo procura conversar com alguém do segundo. Aconselhar é o processo de estimular quem está passando por perdas, decisões complicadas ou frustrações; pode, inclusive, melhorar a personalidade e a capacidade de enfrentamento das situações da vida.²⁰ Dito isso, entende-se que, assim como não se requer do conselheiro uma formação acadêmica nem específica, da mesma maneira o momento e o processo do aconselhamento podem ser tanto formais quanto não; tanto com um relacionamento entre as partes, como profissionalmente frio; ainda, com viés religioso, ou não.²¹

Do ponto de vista cristão, essas soluções das quais Lambert fala são supridas por Jesus Cristo. O aconselhamento, então, é um instrumento que pode dar a oportunidade ao indivíduo de ser capaz de enfrentar as pressões às quais está sujeito. Isso se dá a partir do momento em que ele entende o sentido da vida, e esse, entendido, permite que o indivíduo usufrua da vida “conforme as Escrituras propõem”.²²

Aos questionamentos sobre a validade ou eficácia do aconselhamento com viés religioso, refuta-se lembrando que o homem não poderá escapar de prestar contas a Deus. Por enquanto, as teorias que maquam, negam ou desviam a culpa humana diante de Deus até soam plausíveis, mas não se manterão. A real necessidade do homem é ser guiado por, e guiar sua vida de acordo com a Escritura. Para saber como fazer isso há o aconselhamento *bíblico* (ou cristão, como tratado em todo artigo). Ali, conselheiro e aconselhado se encontram em nome de Jesus Cristo, e podem contar com Sua presença autêntica como conselheiro-chefe, por meio da pessoa do Espírito Santo.²³

É crucial que se entenda assim o aconselhamento, já que somente Cristo pode realmente resolver os problemas emocionais e espirituais humanos. Sob esse ponto de vista, tempo de aconselhamento não é só sentir pena de quem tem problemas, e ouvi-los. É, acima de tudo, criar uma aproximação relacional, e buscar solucionar esses problemas,²⁴ levando o aconselhado a relacionar-se com Jesus²⁵ e realmente transferir toda a carga de problemas de si mesmo para Cristo. Tal questão será pormenorizada mais adiante.

1.2 A moralidade

Numa definição inicial de palavras, Sacconi afirma que *moralidade* é a qualidade daquilo que é moral; o certo ou o errado de uma ação, atitude etc. É a qualidade dos atos humanos

¹⁹ LAMBERT, 2017, p. 17.

²⁰ COLLINS, 2004, p. 17.

²¹ LAMBERT, 2017, p. 18.

²² MOLOCHENCO, 2008, p. 16.

²³ ADAMS, 1973, p. 4-5.

²⁴ LAMBERT, 2017, p. 19.

²⁵ COLLINS, 2004, p. 17.

segundo os princípios morais; decência. E *moral* é o que resulta da consciência ou do senso do certo e do errado. É a parte da filosofia que trata dos costumes, deveres e comportamento do homem para com os outros homens; ética. Conjunto de preceitos e regras que devem nortear as ações humanas, segundo a justiça; moralidade.²⁶

Indo para o rumo da Filosofia, Abbagnano define *moralidade* como o caráter do que se conforma às normas morais. Por sua vez, *moral* refere-se à doutrina ética e à conduta, fazendo-se assim suscetível à avaliação moral. Segundo ele, fala-se de atitude moral para referir-se a coisas positivamente valoráveis, boas - além de atitudes moralmente valoráveis.²⁷

Estudada pelo campo da ética, a moralidade pode ser sintetizada como estudo dos conceitos de valor (certo, errado, virtuoso, bom, mau, dever, por exemplo). Esses, por sua vez, são definidos segundo crença e avaliação do indivíduo quanto à motivação para tal ação, e se ela se revela como certa ou errada.²⁸ Diante do que é dito acima, será adotado neste artigo a definição de “moralidade” como senso de bem ou mal, certo ou errado. Logo, ao se aludir à “moralidade da Pós-modernidade”, p. ex., entende-se a maneira como tal filosofia faz julgamentos de certo e errado, o que ela julga virtuoso, ou não, e assim por diante. Até aqui, é consensual o sentido dos termos. Há discrepâncias quando se trata, no entanto, da origem dos valores e parâmetros de julgamento moral, já que eles precisam ser definidos pelo próprio indivíduo.

Gert e Gert muito bem explicam que o termo *moralidade* pode ser usado de duas maneiras, ou dois sentidos, a saber: (1) *descritivamente*, referindo-se a certos códigos de conduta adotados por uma sociedade ou grupo (religião, p. ex.), ou aceito por um indivíduo para seu próprio comportamento. Caso somente essa primeira definição seja adotada, corre-se grande risco de negar que exista uma moral universal comum aos seres humanos, uma vez que é cada grupo que define o que é moral. Moralidade também pode ser usada (2) *normativamente*, referindo-se a um código de conduta (uma norma) que, em condições específicas, seria adotado por todas as pessoas racionais. É necessário ressaltar, porém, que o fato de muitos fazerem uma escolha não torna uma ação moral.²⁹

Sabendo da existência desses dois sentidos morais possíveis, é vital conceituar o que significa “moralidade”, na definição deles. Em tentar fazê-lo, corre-se o risco de, em vez de definir o termo de forma neutra, aludir a uma concepção advinda de uma teoria moral. Melhor dizendo, é pender para um lado, que não se deve. Por exemplo definir “moral” a partir de um ponto de vista religioso. Há quem afirme que fazer isso deixa duvidosa a definição buscada.³⁰ Outros, todavia, consideram mais importante o fato de que uma pessoa, ou um grande grupo adota tal código de conduta no seu senso descritivo, para a partir disso definirem

²⁶ SACCONI, 2010, p. 1408.

²⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 682.

²⁸ MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 483.

²⁹ GERT, B.; GERT, J. The Definition of Morality. In. EDWARD N. Zalta (edit.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

³⁰ GERT; GERT, In. EDWARD, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

“moralidade”,³¹ como, por exemplo, Moreland e Craig, que adotam a descrição bíblica de moral como normativa. Eles afirmam que sim, existem propriedades morais imutáveis: além das características físicas, naturais (cor, tamanho, tipo), existem no universo propriedades morais (bem, mal, virtude e afins), as quais não dependem de opinião individual nem de contexto social para serem definidas. De fato, existem valores que não dependem de cultura, e são inerentes ao ser humano, ainda que distintos de sua natureza física. Para os cristãos, Deus sumamente possui essas qualidades, e os homens também, por mais que em grau reduzido.³²

1.3 A Pós-modernidade

Pode haver confusão entre os termos Pós-modernidade e pós-modernismo. Por isso é necessário defini-los. Isso posto, também é necessário descrever, ainda que brevemente, algumas características da Pós-modernidade e do pensamento predominante nesse período.

1.3.1 Pós-modernidade e pós-modernismo

Por mais que aparentem ser sinônimos, há diferença entre Pós-modernidade e pós-modernismo. A primeira é uma condição humana, uma situação social. Assim, é algo do qual o ser humano pouco ou nada pode fazer para escapar, e não ser influenciado. Já o segundo é uma visão de mundo, uma interpretação, um modo de pensar. Não necessariamente essa visão surge da Pós-modernidade, já que entre os próprios modernos (ou seja, antes da Pós-modernidade) já houve uma autocrítica que se caracteriza como pensamento pós-moderno.³³

O termo foi utilizado pela primeira vez na década de 30, por Federico de Onís, mas sua definição teórica começou a ser formulada na década de 1970, apenas. A proposta foi, desde o início, criticar o modernismo vigente, que criara um ambiente rígido, inflexível e formal, inicialmente no campo artístico. Face a essa inflexibilidade, artistas se autodenominaram pós-modernos.³⁴ Assim, desde o início, o pós-modernismo traz como identificação a crítica constante. Ele (como linha de pensamento) rejeita, principalmente, as ideias e as bases iluministas.³⁵ Assim, se faz necessário definir, ainda que muito brevemente, o projeto iluminista - o pensamento moderno.

Fortemente embasado no pensamento cartesiano e sua dúvida metódica, a filosofia modernista colocou o indivíduo como o centro: a *res cogitans* (coisa pensante), mais elevada e capaz de dominar tudo o que a cerca por meio de sua razão infalível.³⁶ Nesse período, o conhecimento e a ciência foram colocados em altíssimo nível de estima: “para o cientista

³¹ GERT; GERT, In. EDWARD, Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

³² MORELAND; CRAIG, 2005, p. 493.

³³ FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008, p. XII – 10.

³⁴ FONTENELLE, 2008, p. 15.

³⁵ GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 17.

³⁶ ROCHA, Alessandro R.; FERREIRA, Ebenézer S. **A teologia e os desafios contemporâneos**. São Paulo: Reflexão, 2010, p. 65.

moderno, a descoberta de que o conhecimento é sempre bom é axiomático”.³⁷ Foi formada uma certeza profunda, firme e aparentemente inquestionável a respeito da razão humana e de sua capacidade. “O ser humano moderno pode muito bem ser descrito como a substância autônoma e racional de Descartes, cujo habitat é o mundo mecanicista de Newton”.³⁸ Em suma, essa é a grande narrativa do sujeito unificado.³⁹ Ou seja: o homem como sujeito racional, capaz, pronto a descobrir todos os segredos do universo, por meio do estudo das leis que regem a natureza. O mundo é descrito como uma máquina, cujas constantes de funcionamento ainda não conhecidas pelo homem certamente seriam desvendadas, conhecidas e entendidas por meio do intelecto. O homem é o centro; a razão humana é tudo.

Outra característica marcante do pensamento moderno é sua ideia de separação entre corpo e alma. Sua adoção causou uma destruição humana considerável. Basicamente: de que a razão é tudo, segue-se que, se tal povo ou grupo não é considerado racionalmente tão elevado quanto o de quem analisa, eles viram objeto de uso, domínio.⁴⁰ Isso deu base para todo tipo de exploração humana, como escravidão, colonialismo, teorias racistas e afins. É a essas concepções inquestionáveis e irrefutáveis que o pós-modernismo vem ácida, tenazmente e com sucesso criticar.

1.3.2 Pós-modernidade, crítica e imediatismo

Como veio principal do pensamento pós-moderno, pode-se entender que há uma crítica “contra a noção de razão, de verdade, de totalidade, de identidade, [...] contra todas as aspirações de certeza e ordem do projeto moderno”.⁴¹ Houve inclusive uma transformação da própria noção de racionalidade vinda do modernismo.⁴² O pós-moderno também tira “o intelecto humano de sua posição de árbitro da verdade”, por mais que coloque a perspectiva de cada ser humano como centro/verdade. Não somente a razão, mas a emoção e a intuição também são caminhos válidos para o conhecimento.⁴³

Se a Modernidade gerou um olhar frio às sociedades menores e à natureza como objetos, a Pós-modernidade traz “uma maior valorização da natureza, um reconhecimento da linguagem para a existência humana, uma admiração refinada pela tecnologia, uma aceitação do desafio que outras religiões colocam para a tradição judaico-cristã, uma sensibilidade apocalíptica, uma sensação de deslocamento do homem branco ocidental e a ascensão dos despossuídos em virtude de seu sexo, raça, ou classe; talvez mais significativa ainda seja a conscientização crescente da interdependência radical da vida em todos os níveis e de todos os modos imagináveis”.⁴⁴ Ou seja, não se pode entender um ser humano como constituído de corpo e alma, separados e independentes. O homem é um todo, integral. A isso pode-se chamar de holismo, ou seja, considerar o homem como um inteiro. Muito da inversão

³⁷ GRENZ, 2008, p. 16.

³⁸ GRENZ, 2008, p. 14.

³⁹ FONTENELLE, 2008, p. 43.

⁴⁰ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 66.

⁴¹ FONTENELLE, 2008, p. 10.

⁴² ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 62.

⁴³ GRENZ, 2008, p. 20-21.

⁴⁴ GRENZ, 2008, p. 12 *apud* MCFAGUE, 1982, p. X-XI.

que se dá gira em torno da troca entre “penso, logo existo” para “penso porque existo”; o pós-modernismo enfatiza mais a existência composta de “intelecto, afeto, sensibilidade, intuição”, do que a racionalidade objetivamente reduzida a si mesma. Isso é uma vantagem, uma vez que quebra o mecanicismo frio moderno, que analisa o homem como coisa, para vê-lo, então, como ser, vivo, que existe, e pensa.⁴⁵

Advinda dessa concepção do homem que pensa porque existe, outra característica notável do pensamento pós-moderno é a sua abordagem e visão da comunidade. Enquanto o ser humano moderno ideal é autônomo e autossuficiente, o homem pós-moderno é, além de fragmentado (indefinido, a definir-se, vazio de absolutos, e cheio de incertezas), dependente do seu grupo. Tanto o modo pelo qual a verdade é vista e aceita pelo indivíduo, como a própria essência da verdade são relativos de acordo com a comunidade da qual ele faz parte.⁴⁶ O foco passa do “*eu* ensimesmado e estéril produzido pelo racionalismo fechado e sua separação sujeito-objeto, a um nós fértil e regenerativo”. A racionalidade agora é aberta, buscando a relacionalidade. Olhando positivamente, isso é parte do que a Pós-modernidade oferece, em detrimento à Modernidade.⁴⁷

2. PROBLEMAS PÓS-MODERNOS

Crítica e desconstrução são conceitos-chave ao se pensar em Pós-modernidade. Sua desconstrução da dureza do pensamento Moderno trouxe benefícios inegáveis, por exemplo, maior aceitação e atenção ao ser humano, rejeitando-se a visão de pessoas como objetos; maior cuidado e preocupação com o mundo, natureza; ainda, maior aproximação e valorização da comunidade que cerca o indivíduo. O que acontece, no entanto, ao se levar essa desconstrução a seus extremos? E se, tirada de cena a razão, a vontade individual passe a guiar as ações? O que se torna da relacionalidade quando os relacionamentos são descartáveis? E quando se desconstrói a própria verdade? O que o pós-modernismo propõe, uma vez que desmantela as demais posições? Tais questões serão destaques na sequência.

2.1 Menos razão, mais satisfação

A primeira objeção é feita à aplicação de “uma ideologia que se recusa a fazer julgamentos e a debater seriamente questões relativas a modos de vida viciosos e virtuosos, pois, no limite, acredita-se que não há nada a ser debatido. Isso é pós-modernismo.” Ou seja: uma vez que a verdade é relativa, não se discute o que cada um faz, seu modo de vida. Todos são livres para *buscar sua satisfação - mais, para definir o que o satisfaz, sem interferências*. A existência humana é pautada pela fluidez e descartabilidade.⁴⁸

Cada indivíduo lê a realidade de uma forma diferente. Assim, a realidade não tem apenas um significado, nem um centro transcendente. O que existem são pontos de vista e perspectivas diferentes. “Não há nada transcendente que seja inerente à realidade [...] e tudo

⁴⁵ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 64.

⁴⁶ GRENZ, 2008, p. 21.

⁴⁷ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 68-69.

⁴⁸ FONTENELLE, 2008, p. XII-XIII *apud* BAUMAN, 2004. Ênfase acrescentada.

o que emerge no processo do conhecimento é a perspectiva do eu que interpreta a realidade”.⁴⁹

Junto a isso, há um desprezo das instituições, característico da Pós-modernidade. À Pré-modernidade, a Igreja era a instituição modelo. Isso mudou na Modernidade, com a racionalização, onde a Universidade se tornou esse modelo; ainda hoje essa visão está muito em voga, se bem que tem dado lado à apreciação pós-moderna do indivíduo solitário, que faz a diferença, por meio da criatividade e inovação.⁵⁰ Isso reflete claramente o desprezo pelos absolutos, e a relativização dos valores. Em vez de os valores serem expressos por uma instituição, que guie as pessoas a um objetivo comum, eles são agora originados no próprio indivíduo, e a seu gosto.

Se a própria razão, eterna perseguidora da verdade, e as instituições que a guiavam nessa busca são desacreditadas, nada resta que defenda a própria verdade de ser desconstruída. Grenz lembra que a verdade, aos olhos pós-modernos, deixa de ser afirmações confirmadas pelo mundo externo.⁵¹ Inclusive a própria realidade deixa de ser prova de algo, já que depende da perspectiva da qual é julgada. Eagleton descreve como alvo da crítica da Pós-modernidade tanto as percepções de verdade e razão, como as ideias de progresso e as grandes narrativas explicativas. O mundo passa a ser visto como várias culturas, cada uma com interpretações diferentes e desconciliadas da verdade. Logo, *ninguém pode afirmar possuir a noção ou conhecimento prático da verdade*, mas uma das noções existentes, igualmente válida como todas as outras.⁵²

Assim sendo, não somente, mas principalmente, os problemas citados acima geraram um dos maiores dilemas aos quais a Pós-modernidade expôs o homem do seu tempo: a falta de bases sólidas. Ora, o iluminismo, que propunha uma base sólida, foi refutado; agora, cada indivíduo decide o que deseja fazer ou não, no que crê, ou deixa de crer. Isto é, cada um pode escolher *somente* o que lhe agrada – obviamente. Funciona tanto com indivíduos analisados socialmente, quanto com uma criança: entre salada (a opção melhor) e doces (a opção mais agradável), a escolha é prevista. Consequentemente, uma situação social assim gerou toda uma cultura “consumista [...] que favorece o produto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro”, na qual cada indivíduo tem pavor de postergar, preferindo a “satisfação instantânea”.⁵³

⁴⁹ GRENZ, 2008, p. 19.

⁵⁰ RENDERS, Helmut. A complexa relação entre éticas deontológicas, teleológicas e situacionais e as temporalidades pré-modernas, modernas e moderna tardia. In. **Caminhando**: Revista da Faculdade de Teologia Da Igreja Metodista, vol. 19, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2º semestre de 2014, p. 61.

⁵¹ GRENZ, 2008, p. 233.

⁵² FONTENELLE, 2008, p. 5 *apud* EAGLETON, 1998, p. 7. Ênfase acrescentada.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 21 e 26.

2.2 Quando o amor não é exemplo

Pode-se perceber que não só a verdade foi criticada pelo pós-modernismo. Inúmeros conceitos antes tidos como sólidos e definíveis, se tornam indefinidos, modeláveis, líquidos. Como exemplo, será analisado abreviadamente aqui o conceito pós-moderno de amor, conforme observado por Bauman.

A desconstrução pós-moderna do conceito milenar de amor foi tamanha que o que já foi definido por “até que a morte os separe”, se tornou sinônimo de uma noite de sexo. Como o amor em seu padrão tradicional é difícil de ser mantido, abaixa-se esse padrão. Isso vem, claro, como consequência de outras desconstruções pós-modernas; em especial, nesse caso, a das estruturas familiares às quais o “amor” se apoiava e dava apoio. Assim, pode-se dizer que se desaprendeu a amar;⁵⁴ em vez de fazer o amor durar, passou-se a desejar, como Vinícius de Moraes: “[...]que seja infinito, enquanto dure”.⁵⁵

Por mais que afirmem que sim, as pessoas não querem relacionar-se. Isso seria insustentável, desconfortável, duro demais, uma vez que traz consigo a certeza de sentimentos bons e ruins, e esses últimos são insuportáveis. O que as pessoas deveras buscam é “evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas”, a seu ver. Por isso, tamanha ênfase na mudança de terminologia pós-moderna. “Relacionamento” dá lugar a “conexão”: aquele engessa; essa une, mas deixa ao dispor a possibilidade de fuga e movimento. Sim, isso impossibilita um relacionamento de qualidade, profundo, mútuo e realmente satisfatório; no entanto, tais qualidades são tapadas com a quantidade⁵⁶ de inúmeras conexões. É como se trocar entre muitas peneiras melhorasse a cobertura para o sol.

“Desejo e amor. Irmãos”. Quando diz que o desejo é vontade de domesticar o que é externo, Bauman completa que, depois de conhecido o que era estranho (no caso, o parceiro amoroso), ele se torna refugio. Perde-se a alegria da satisfação, e se faz necessária uma nova busca por outro ideal estranho, que desperte o sentimento perdido, e assim segue o ciclo. Quebrar esse circuito flexível e constantemente renovado seria trocá-lo por um amor duradouro. Esse, todavia, não é para satisfação do desejo, mas a traz como bônus; traz, também, como principal ônus o compromisso de não desprezar o cônjuge, quando a paixão inicial é perdida.⁵⁷

Arquétipo do comportamento pós-moderno, o amor que antes era almejado, elogiado, idealizado e cantado, agora é visto como “amarrar o futuro”; comprometer-se em um relacionamento “pode estar fechando as portas a outras possibilidades românticas”.⁵⁸

⁵⁴ BAUMAN, 2004, p. 19-20.

⁵⁵ MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade**. [S.l.; s.n., 20-?]. Disponível em: www.pensador.com/autor/vinicius_de_moraes/. Acesso em 15 mai. 2020.

⁵⁶ BAUMAN, 2004, p. 11-13.

⁵⁷ BAUMAN, 2004, p. 24-25.

⁵⁸ BAUMAN, 2004, p. 25 *apud* JARVIE, 2002.

2.3 Outros reflexos negativos sobre o homem

Como qualquer projeto humano, o pensamento pós-moderno está passível de erros. Talvez o maior deles, que advém de todos os outros, é a falta de bases sólidas. O terremoto pós-moderno demoliu as bases antes sólidas do modernismo sem, no entanto, colocar nada no lugar. “Os intelectuais pós-modernos, de modo geral, não procuram apresentar novas propostas construtivas de quaisquer tipos que sejam”.⁵⁹

Lambert, conselheiro cristão, tratando do aconselhamento, cita um caso tratado e registrado por Kramer, o qual seguia linhas seculares de psicologia e aconselhamento. Nesse caso, Kramer tratou um casal com problemas conjugais segundo o seu método, e registrou os resultados. Os resultados foram documentados como muito positivos, advindos de um tratamento bem-sucedido. O próprio Kramer registra, no entanto, e ao mesmo tempo, que o marido estava depressivo e mais envolvido com drogas do que antes, e que a última impressão que Kramer teve foi que o casal estava à beira do divórcio. Lambert avalia:

Essa falta de padrão ocorre, porque Kramer está confuso sobre como avaliar os resultados do aconselhamento. Ele não sabe, porque não tinha referência *confiável*, e não tinha referência *confiável* porque ele não sabe onde achar uma referência além de suas próprias ponderações.⁶⁰

Perguntando-se como chega-se à conclusão de “sucesso” com resultados assim catastróficos, Lambert conclui: faltam absolutos. Diante de tantos indivíduos de convicções líquidas, percebe-se que o problema não é só não ter referência. É não saber mais onde encontrar uma! Se tudo é relativo, não há o que se possa ter por certo, inclusive na tão sensível e importante área da delimitação moral.

A moral individual é trazida à tona quando se faz necessária a tomada de decisões sem influências externas. Ora, a consciência já deveria ser parâmetro suficiente. Mas como sê-lo, se o único objetivo é a satisfação pessoal? Isso gera um problema, do qual o indivíduo pós-moderno tenta fugir: as consequências da satisfação imediata do seu prazer. E justamente aqui aparece a necessidade da manutenção de absolutos morais imutáveis e supra culturais: por mais que os cumprir não seja satisfatório e prazeroso agora, suas consequências são previstas e muito menores.

Corroboram Moreland e Craig ao discernir que o relativismo cultural ou individual não se sustenta como afirmação normativa. Apenas afirmar a preferência de escolha de um indivíduo, de um grupo ou sociedade, não constitui qualquer norma moral. É apenas uma afirmação de preferência. Aplicar o relativismo à ética é, ainda, declarar que cada indivíduo deve agir baseado apenas no seu próprio código moral. Afinal, o que é certo para uma sociedade, pode não ser para outra. E como definir uma sociedade? E se, como supõem Moreland e Craig, um homem da sociedade ‘A’ comete adultério com uma mulher da sociedade ‘B’, em um hotel da sociedade ‘C’? Como definir se a ação foi certa ou errada?

⁵⁹ GRENZ, 2008, p. 233.

⁶⁰ LAMBERT, 2017, p. 25. Neste trecho, o autor usa a palavra “autoritativa”. No entanto, essa palavra não existe em português; provavelmente transliterada do inglês *authoritative* no momento da tradução. Foi alterada aqui para “confiável”, sua tradução para o contexto em português.

Ainda: se um indivíduo participa de diferentes grupos, como família, clube, trabalho, igreja, cada um com um código de ética diferente, como determinar qual é relevante, e qual não? Esses são alguns exemplos de problemas do relativismo. Conclui-se que se faz mister, então, um “ponto de vista privilegiado que esteja fora e acima do código da sociedade (ou do indivíduo) do qual se faz julgamento”.⁶¹

Seja a Pós-modernidade, ou qualquer uma de suas predecessoras, cada época é idealizada por aqueles que não a vivem, e todas elas compartilham aspectos desumanos. Desses, deve-se fugir. Como? Usando um sistema ético unilateral, acima da cultura da época, “como se o nosso mundo fosse outro”.⁶²

A troca de ideias por meio de palavras perde seu espaço. Tudo tem de ser imediato, rápido, instantâneo – até mesmo as pessoas. Todos se sentem e são cobrados e pressionados a desempenhar o que se espera de cada um, e criticados se não o fizerem. Proporcionalmente à pressão, cresce a necessidade humana de contato com pessoas, e justamente esse diminui por causa da mecanização, informatização e individualização. Assim sendo, domina o sentimento de cada um buscar e se importar com o que é seu, e nada dos outros. Vive-se um momento que, ao mesmo tempo em que vê a verdade validada pela visão da comunidade local, valoriza muito mais o indivíduo solitário, que está acima das relações sociais e que pode rapidamente trocar, tão logo não o satisfaçam mais.⁶³

Bauman fala do fenômeno advindo dessa fragilidade relacional, o qual ele mesmo chama de “boom do aconselhamento”. Para ele, o aconselhamento é o pedido de ajuda de pessoas que não sabem lidar com seus relacionamentos problemáticos, a profissionais, que a oferecem mediante pagamento. O problema é que o que as pessoas esperam ouvir é “algo como [...] comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos”.⁶⁴

Ainda se cita que a mesma crítica aplicada aos conceitos supracitados também se aplica a um dos elementos prestigiados pelo pensamento moderno: as meta-narrativas, os sistemas totalizantes que buscam descrever a realidade de forma absoluta e total. Caindo em forte descrédito, emerge, em contraponto, o método que assume para essa tarefa de descrição da realidade as pequenas narrativas, determinadas, compostas e mantidas local e culturalmente. Qualquer grande discurso não pode ser considerado imperativo a não ser que aprovado pelas diversas ideias locais, em consenso.⁶⁵

As pessoas têm problemas em seus relacionamentos, e o aconselhamento oferece um caminho para a solução. Em um período no qual os relacionamentos são tão descartáveis, é lógico o aparecimento de cada vez mais problemas nessa área e da busca por suas soluções. Por sua vez, o aconselhamento não bíblico, que compõe o boom do qual Bauman fala, não resolve esses problemas. Ele se tornou apenas mais um serviço oferecido no mercado das soluções rápidas demandadas no pós-modernismo. Quer dizer: mais problemas surgem de

⁶¹ MORELAND; CRAIG, 2005, p. 491, 503-504.

⁶² RENDERS, 2014, p. 67.

⁶³ MOLOCHENCO, 2008, p. 13-21.

⁶⁴ BAUMAN, 2004, p. 9.

⁶⁵ ROCHA; FERREIRA, 2010, p. 68.

onde deveria vir a solução. Segue-se que o aconselhamento útil, e que traz alguma possibilidade de solução, é o aconselhamento cristão bíblico. Enquanto o conselheiro laico oferece ajuda impessoal, focado em prestar um serviço e conseguir lucro, o conselheiro cristão presta auxílio vivamente interessado no aconselhado, com foco invariável de levá-lo a encontrar a transcendência – a salvação em Cristo Jesus.

3. A BÍBLIA COMO POSSÍVEL RESPOSTA

Grande parte das ciências foi questionada, desconstruída, abalada. Questões que antes eram respondidas por ela precisam encontrar novas fontes de respostas. Então, “por ocasião dessa reavaliação da validade da ciência que o sobrenatural surge como alternativa altamente viável e satisfatória para a compreensão da realidade e para a resolução de seus problemas [...]”.⁶⁶ “A crise da razão e a decepção com a ciência imbuíram a geração pós-moderna um profundo pessimismo, impulsionando o homem a uma sede desesperada de segurança e de certeza [...]”.⁶⁷ Nessa lacuna de certeza, voltam-se a buscar respostas no que é transcendente e sobrenatural. Justamente a essa necessidade a Bíblia vem suprir.

No entanto, não está claro: como a Bíblia pode fornecer essas respostas? Já que é um livro, então por sua mera leitura, os problemas se resolvem? Ela já não foi lida por séculos, ainda assim coexistindo com problemas semelhantes aos já citados?

O que é impreterível, além da leitura da Bíblia (que por si só, já não é “mera”), é o acompanhamento, tanto humano, quanto espiritual. Como afirma Adams, o qual atua como conselheiro cristão e escritor da área, a Bíblia fala mais de aconselhamento do que, usualmente imagina-se.⁶⁸ Esse é o acompanhamento humano. O acompanhamento espiritual, por sua vez, se dá pelo próprio Espírito Santo de Deus. Sendo assim, os pontos que seguem abordarão o papel da Bíblia nesse processo, assim como as incumbências do Espírito Santo e do conselheiro humano no processo do aconselhamento cristão.

3.1 O papel da Bíblia

Nenhuma pessoa é imune a influências externas, nem neutra em suas suposições. Por isso, também, há uma necessidade tão grande de absolutos hoje. O ser humano, por si só, necessita de padrões e referências sólidos. Dessa forma, o conselheiro cristão age de forma diferente dos leigos; em vez de se basear nas regras relativistas humanistas, ele desenvolve e ajuda o aconselhado a desenvolver valores e conduta pautados pelos ensinamentos da Bíblia. Ao mesmo tempo, ele tem a obrigação de dar, ao aconselhado, total liberdade de fazer suas próprias escolhas e decisões.⁶⁹ Forma-se uma tensão no indivíduo, diante da necessidade de

⁶⁶ NOVAES, Allan M. de. A ciência na Pós-modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo. *In. Acta científica*. Ciências humanas, v. 1, n. 12, p. 6, 2007. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/456/458>. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁶⁷ NOVAES, 2007, p. 7, *apud* DORNELLES, 2003, p. 40 e 46.

⁶⁸ ADAMS, 1077, p. 10.

⁶⁹ COLLINS, 2004, p. 18.

fazer escolhas; ninguém pode fugir desse impasse. Ter padrões sólidos e lógicos, nos quais se basear para tomar tais decisões, é muito relevante nesse momento. Mas onde encontrá-los?

Uma vez que Deus é o criador do ser humano, Ele conhece todos os dilemas enfrentados por cada um. Melhor do que isso, Deus revelou um manual com as instruções para o funcionamento e solução de problemas humanos – a Bíblia. Aí há suprimento inesgotável de referências e auxílio.⁷⁰ “Uma das ferramentas mais poderosas nas mãos do conselheiro é a Bíblia”.⁷¹

Quando se ressalta a Bíblia como fonte de absolutos, ante a necessidade contemporânea dos tais, pode-se cair no erro de pensar nela como um livro de regras, como constituição legal de proibições a serem obedecidas. Isso não é verdade. No intuito de esclarecimento, serão citados e comentados, brevemente, três textos bíblicos (dentre incontáveis outros) que explicitam o papel da Escritura na vida humana e o interesse divino em inspirá-la.

O primeiro texto encontra-se no livro bíblico de 2 Timóteo 3.16-17, o qual diz: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”.⁷² Nenhuma parte da Escritura não é inspirada por Deus. A inspiração aqui se refere à comunicação divina da Sua verdade e vontade ao ser humano, para que fossem registradas. O propósito da Escritura não é meramente mental, filosófico; antes, nenhuma parte deste registro deixa de ser útil e essencial para ser aplicada à prática de vida humana.⁷³ Percebe-se o profundo interesse divino em dar a conhecer Sua vontade claramente ao homem, e prover um registro confiável dela.

O segundo texto encontra-se no livro bíblico de Romanos 15.4, o qual diz: “Pois tudo o que foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, de forma que, por meio da perseverança e do bom ânimo procedentes das Escrituras, mantenhamos a nossa esperança”.⁷⁴ Esse texto esclarece o propósito geral da Bíblia: dar perseverança, bom ânimo e esperança para quem crê nela como Palavra de Deus, e aprende o que ela ensina. O que poderia sanar mais um indivíduo pessimista, inseguro e incerto, do que a certeza de um Deus maior que tudo o que existe, inabalável, que se importa com ele e ainda se preocupa em provê-lo esperança?

Finalmente, o terceiro texto encontra-se no livro bíblico de Salmos número 19.7-8, o qual diz que a “A lei do Senhor é perfeita, e revigora a alma. Os testemunhos do Senhor são dignos de confiança, e tornam sábios os inexperientes. Os preceitos do Senhor são justos, e dão alegria ao coração. Os mandamentos do Senhor são límpidos, e trazem luz aos olhos”.⁷⁵ A palavra lei, aqui, não significa somente vários preceitos escritos, mas vai além, e inclui todos

⁷⁰ LAMBERT, 2017, p. 29.

⁷¹ HOFF, 1996, p. 93.

⁷² SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 940.

⁷³ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento, v. 2. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 328.

⁷⁴ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 889.

⁷⁵ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, [200-], p. 450.

os ensinamentos divinos. De modo igual, as palavras “testemunhos”, “preceitos” e “mandamentos”, que descrevem “a excelência da revelação de Deus [...]”.⁷⁶ Elas são como um mapa que guia o viajante, as instruções detalhadas e precisas sobre como viver a vida e enfrentar as dúvidas e as dificuldades humanas e nisso encontrar alegria.⁷⁷ Entende-se, a partir do exemplo desses textos, e de muitos outros mais presentes na Bíblia, que Deus se importa com o ser humano e com sua condição (cf. p. ex.: Sl 1.1-2; 8.4-5; 119; Jo 17.17; Hb 4.12; 2Pe 1.20-21).

Uma vez suprida a ausência de absolutos, então, com o embasamento na Bíblia, pode-se avaliar a liquidez moderna. Essa, avaliada biblicamente, esclarece que, seja em ações, seja em concepções, não leva a bons resultados deixar a vontade humana desenfreada guiar as decisões da vida. Assim, o que é necessário é controlá-la. Como? Levando os pensamentos cativos a Cristo (2Co 10.5-6), e sendo transformado pela renovação da mente (cf. Rm 12.1-2; Ef 4.22-24; Cl 3.10).⁷⁸

3.2 O papel do Espírito Santo

Por ser pecador e afastado de Deus (Rm 3.23), totalmente necessitado de direção (Jo 16.13), o ser humano, por si só, não compreende o propósito divino na Escritura. Ele precisa da ajuda de Deus. Por isso, Deus enviou Cristo ao mundo, o qual foi o primeiro Conselheiro divino (Is 9.6). Depois dele, foi enviado o Espírito Santo (o Espírito de Deus; Jo 14.16-17) que está em atuação até hoje.

“Um ministro [da Palavra] sem o Espírito Santo é como uma estátua. Pode ter a forma, mas jamais terá a vida”.⁷⁹ Esse é o conselheiro usando técnicas somente humanas; ele até causa a impressão de mudança, como uma estátua causa a impressão de um ser humano. No entanto, não há mudança real. É crucial a atuação do Espírito Santo, para ajudar o aconselhado.

A Bíblia é atemporal como revelação da palavra de Deus. Assim, é impossível deixar de lado o papel do Espírito Santo tanto na interpretação bíblica, quanto na aplicação dos seus princípios no processo do aconselhamento, durante o período histórico que for, sob a predominância da filosofia que for. O Espírito Santo guia o ser humano na leitura e compreensão da Escritura (cf. 1Co 2.10-11). O Espírito Santo é O Conselheiro, Deus junto dos homens, como foi Jesus. Ele opera o aconselhamento por meio dos seus agentes humanos; não porque depende deles, mas porque preferiu assim. Com efeito, são os humanos que dependem absolutamente dele, uma vez que é Ele quem dá os dons (capacidades), conforme quer (Ef 4.7-13).⁸⁰

⁷⁶ **Comentário Bíblico Moody:** Salmos. [S.l.; s.n.], p. 31. Disponível em: https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Salmos_Moody.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

⁷⁷ WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo:** Antigo Testamento, v. 3: poéticos. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 125.

⁷⁸ LAMBERT, 2017, p. 27.

⁷⁹ HOFF, 1996, p. 93 *apud* HAMILTON, 1975, p. 43.

⁸⁰ ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz.** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Fiel, 1977, p. 37-41.

3.3 O papel do conselheiro e do aconselhamento

A Bíblia fala do aconselhamento como resposta à incerteza humana. Adams afirma: “Nem uma só coisa pode ser aceita, do passado ou do presente, se não for autorizada pela Bíblia. O aconselhamento bíblico não pode ser uma imposição [...] de opiniões [...] à Escritura”. Mesmo que o aconselhamento dependa menos da capacidade humana do que do Espírito Santo, espera-se que o agente humano exerça sua função com todo esmero possível, inclusive conhecendo e usando a ciência – até onde ela concorda com a Escritura.⁸¹ Efetivamente, a ciência supre o conselheiro cristão com diversos dados, pesquisas e informações que, aliadas e testadas com o que a Bíblia ensina, são de grande ajuda.⁸²

Depois do relato do caso de aconselhamento conjugal feito por Kramer (descrito acima), que segue uma linha não religiosa de aconselhamento, Lambert o critica. Lambert afirma que, devido à sua linha de visão, Kramer não pôde ver diante de si dois seres humanos criados à imagem de Deus, nem que os claros problemas conjugais do casal eram conseqüências de pecados de ambos. Assim, entende-se quanto à psicologia (e qualquer outra ciência) que a graça de Deus é concedida ao ser humano no geral, não só a crentes, de modo que todos podem entender as coisas. Ademais, o que seria do mundo hoje sem as observações científicas corretas e úteis?⁸³ No entanto, até que haja acertos, há erros, e esses precisam ser corrigidos; também a psicologia, ou qualquer outra tentativa humana isolada de Deus não terá sucesso.

Adams, se referindo aos psicólogos e pesquisadores Mowrer e Glasser, afirmou algo que pode ser estendido a qualquer conselheiro que exerce sua função sem levar Deus em conta no processo: “[Tais psicólogos] deixam de levar em consideração a relação fundamental do homem com Deus mediante Jesus Cristo, negligenciam a lei de Deus [Bíblia] e ignoram por completo o poder do Espírito Santo na regeneração [...]”.⁸⁴ Molochenco afirma de forma categórica: “Aconselhamento é sempre relacionamento”.⁸⁵ Ora, se é relacionamento (e claramente é), se torna impossível que o conselheiro permaneça apático como o descrito por Bauman, e menos ainda que preste seu serviço somente visando o pagamento. Isso não é aconselhamento.

Isso posto, o conselheiro não deve ser guiado somente pela psicologia, mas se valer dela para complementar seu trabalho. Ele também não se baseia nas concepções mutáveis e relativas de cada indivíduo, grupo ou sociedade, mas somente nas Escrituras.⁸⁶ Além de perceber o aconselhado em potencial como um ser humano, completo, criado à imagem de Deus, é importante trazer em mente o fato de que todo o gênero humano está preso à sua imperfeição própria, e preso ao pecado (1Jo 1.8).⁸⁷ Consequentemente, o homem também fica preso a diversos problemas durante toda sua existência na terra; os problemas nunca o abandonaram, nem abandonarão, enquanto estiver aqui. O que a Bíblia propõe é uma nova

⁸¹ ADAMS, 1977, p. 16, 38.

⁸² COLLINS, 2004, p. 25.

⁸³ LAMBERT, 2017, p. 37, 32, 25.

⁸⁴ ADAMS, 1977, p. 15

⁸⁵ MOLOCHENCO, 2008, p. 24.

⁸⁶ ADAMS, 1977, p. 39-40.

⁸⁷ MOLOCHENCO, 2008, p. 108.

forma de abordá-los e encará-los. Para isso, e diante das respostas seculares de aconselhamento, percebe-se que a real necessidade do ser humano é, como afirma Lambert, se revestir do “novo homem”. Tal processo só é possível por meio do poder de Cristo. Ele criou todo o universo, Ele é o centro de tudo, e Ele sustenta tudo, conforme é ensinado em Colossenses. Tendo isso em mente, e somente assim, os problemáticos pensamentos humanos podem ser controlados, pelo poder e para a glória de Cristo (Cf. Cl 1-3).⁸⁸

Ao encontro disso vêm necessidade primordial do conselheiro cristão, segundo Adams: ser uma pessoa de fé e esperança. Fé, acreditando nas promessas de Deus, principalmente a de transformar a vida daqueles que se arrependem de seus pecados e andarem conforme Sua vontade – promessas reveladas nas Escrituras. E a esperança, que advém da fé: fé do conselheiro de que a Bíblia é verdadeira e transformadora, e fé como objetivo ao qual levar os aconselhados, com segurança. Isso resume: a orientação dada será sempre em direção a recursos de Deus, não humanos. De forma mais específica, espera-se do conselheiro profundo e vasto conhecimento das Escrituras e sabedoria divina em seus relacionamentos, além de genuíno interesse e cuidado pelas pessoas (cf. Rm 15.14; Cl 3.16).⁸⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar-se quem é o conselheiro, conclui-se que é alguém que presta ajuda, que guia outra pessoa ao entendimento e à resolução de algum problema dela. Esse é o processo do aconselhamento, que se dá tanto fora como dentro do meio religioso. Precisamente o conselheiro cristão não é somente um pastor – nem o deve ser – mas todo e qualquer cristão. Esse se depara com situações em que deve ter noção do que é certo, e do que é errado, para aconselhar, e tomar suas próprias decisões; ao exame do que define e como devem ser pautadas essas noções e decisões, chama-se moralidade. A moralidade, por seu turno, é constantemente reavaliada e reformulada, de acordo com as variáveis cosmovisões e filosofias. Assim o tem sido agora, pelo pós-modernismo. As ideias centrais debatidas pelos autores pós-modernistas caracterizam-se pelas duras críticas e desconstruções que fazem; seu primeiro e maior alvo foi o Iluminismo modernista e suas concepções gerais, tendo em vista suas falhas.

Com efeito, o modernismo teve e gerou problemas; a eles, muito bem-vinda e oportuna foi a crítica. Ainda assim, observam-se muitos outros problemas gerados justamente pelo pensamento pós-moderno. Partindo da desconstrução da ciência, foram criticados e negados vários conceitos, inclusive a própria verdade como universal, em prol de pontos de vista individuais. Um dos mais proeminentes reflexos das críticas foi a perda tanto dos absolutos quanto de qualquer fonte deles, à qual o indivíduo pós-moderno é sujeito. O ser humano necessita de bases; negada a ciência, ele passou a voltar-se novamente ao sagrado e transcendente em busca de certezas.

⁸⁸ LAMBERT, 2017, p. 29.

⁸⁹ ADAMS, 1973, p. 14-15.

Nesse ensejo, a Bíblia é apontada como alicerce e princípio de absolutos. Não só isso, mas também como fonte de princípio e absolutos que nunca foram alterados, nem o serão com o passar do tempo – afinal, eles não dependem de seres humanos e suas filosofias, mas são revelação da vontade de Deus. Surge, destarte, o aconselhamento bíblico como meio de mostrar as respostas aos problemas da liquidez e mobilidade pós-modernas.

O aconselhamento só alcança esse feito, posto que o Conselheiro divino trabalha junto do conselheiro humano, guiando-o com a Palavra divina. A mudança se dá pela transformação no indivíduo a partir do seu encontro com Cristo, do reconhecimento do pecado humano e da morte e ressurreição de Cristo como solução a isso (cf. Jo 3.16).

O caminho é mudar a visão dos problemas, não fugir deles, e isso se dá através do aconselhamento. Reitera-se: não o aconselhamento instantâneo que está na moda, e é meramente humano. Sim, o aconselhamento bíblico, fundado na Palavra de Deus imutável revelada ao ser humano, onde um ser humano é usado pelo Espírito Santo para se relacionar e ajudar outro ser humano a entender e resolver seus problemas. Soando desagradável, difícil, demorado, afirma-se: não há maneira fácil e rápida de fazê-lo. Soluções instantâneas são desejadas e oferecidas, mas seu resultado já é conhecido. Soluções possíveis e reais, no entanto? De forma alguma, se não pelo aconselhamento e acompanhamento, que incluem caminhar junto, dedicar tempo, discipulado cristão. Não há forma pela qual se dê um discipulado, se não com um mestre que discipula; nem um aconselhamento, sem um conselheiro. Assim, reforça-se a necessidade dessa figura, no processo de ajuda.

Falar do pós-modernismo vivendo numa cultura que o fortalece é extremamente complexo e arriscado. Foi possível, aqui, tocar em algumas das críticas pós-modernas que se deparam com o cristianismo; no entanto, sabe-se que essa discussão teve aqui apenas seu início. Melhor dizendo, apontou-se aqui, talvez, a ponta de um iceberg de discussões a respeito. Ademais, pode-se sempre contar com a certeza inabalável e imutável de que “a Palavra de Deus é um bálsamo de cura para os distúrbios mentais e emocionais. Ela continua falando às pessoas nos dias de hoje, e sua relevância para o trabalho do conselheiro e para a vida daqueles a quem ele auxilia é profunda e duradoura”.⁹⁰

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.

ADAMS, Jay E. **Conselheiro capaz**. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Fiel, 1977. 267 p.

ADAMS, Jay E. **The christian counselor's manual**. Grand Rapids: Baker Book House, 1973. 476 p.

ANDERSON, Stanley E. **Cada pastor um conselheiro**. Tradução de Harold Renfrow. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1963. 200 p.

⁹⁰ COLLINS, 2004, p. 23.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190 p.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Tradução de Lucília M. P. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 704 p.

Comentário Bíblico Moody: Salmos. Disponível em: https://files.comunidades.net/pastorpatrick/Salmos_Moody.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade**: trabalho e consumo. São Paulo: Cengage Learning, 2008. 104 p.

GERT, B.; GERT, J. The Definition of Morality. In. EDWARD N. Zalta (edit.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. [S.l.: s.n.], 2017. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2017/entries/morality-definition/>. Acesso em: 03 jun. 2020.

GRENZ, Stanley. **Pós-modernismo**: um guia para entender a filosofia do nosso tempo. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2008. 256 p.

HOFF, Paul. **Pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996. 288 p.

LAMBERT, Heath. **Teologia Bíblica do aconselhamento**. Tradução de Airton W. V. Barboza. Eusébio: Peregrino, 2017. 346 p.

MOLOCHENCO, Silas. **Curso Vida Nova de teologia básica**: Aconselhamento. São Paulo: Vida Nova, 2008. 176 p.

MORAES, Vinícius de. **Soneto de fidelidade**. [S.l.; s.n., 20-?]. Disponível em: www.pensador.com/autor/vinicius_de_moraes/. Acesso em 15 mai. 2020.

MORELAND, J. P.; CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005. 790 p.

NOVAES, Allan M. de. A ciência na Pós-modernidade: a falência das metanarrativas e suas implicações na construção do paradigma científico contemporâneo. **Acta científica**. Ciências humanas, v. 1, n. 12, 2007. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/view/456/458>. Acesso em: 05 jun. 2020.

RENDERS, Helmut. A complexa relação entre éticas deontológicas, teleológicas e situacionais e as temporalidades pré-modernas, modernas e moderna tardia. In. **Caminhando**: Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, vol. 19, n. 2. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2º semestre de 2014. 147 p.

ROCHA, Alessandro R.; FERREIRA, Ebenézer S. **A teologia e os desafios contemporâneos**. São Paulo: Reflexão, 2010. 195 p.

SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087 p.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional**. [S.l.]: Geográfica, [200-]. 984 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo: Antigo Testamento, v. 3: poéticos**. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 526 p.

WIERSBE, Warren. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento, v. 2**. Tradução de Suzana Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 796 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PROFETISMO E POLÍTICA: A INCORRUPIBILIDADE SOCIOPOLÍTICA COMO UM PRINCÍPIO ÉTICO PARADIGMÁTICO NA MENSAGEM DE *ISAÍAS*

Prophetism and politics: sociopolitical incorruptibility as a paradigmatic ethical principle in Isaiah message

Antonio Elias Silva Neto¹

RESUMO

Este artigo apresenta um referencial ético-crítico na doutrina bíblica, de oposição e combate à prática de corrupção na esfera social e política das nações, com base no contexto e mensagem dos capítulos 1 e 5 do profeta posterior *Isaías*, que estabelece a integridade moral como diretriz essencial para o alcance do ideal veterotestamentário de santidade e justiça social. Partindo das concepções históricas e etiológicas da corrupção, faz-se um breve exame dos indícios comprovativos de sua prática nas civilizações do Oriente Médio Antigo, vizinhas ao Antigo Israel. Em sequência, examina-se a influência repulsiva da corrupção na evolução das estruturas sociopolíticas israelitas, com ênfase analítica no contexto isaiano e na oposição profética paradigmática dos pontos supracitados. No último ponto analisa-se a recepção e a continuidade do paradigma profético “anticorrupção” pela fé cristã, e sua relevância para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Profetismo. *Isaías*. Corrupção. Política. Social.

ABSTRACT

This article presents an ethical-critical framework in the biblical doctrine of opposition and combat of the practice of corruption in the social and political spheres of the nations, based on the context and message of chapters 1 and 5 of the later prophet Isaiah, which establishes moral integrity as an essential guideline for achieving the old testament ideal

¹ Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Pós-Graduando em “Ciências Humanas: História, Filosofia e Sociologia” pela PUC/RS. Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos Bet-Hakam. E-mail: ant-netto@hotmail.com

of sanctity and social justice. Starting from the historical and etiological conceptions of corruption, a brief examination of the evidence that proves its practice in the civilizations of the Ancient Middle East, neighboring Ancient Israel, is made. Then, the repulsive influence of corruption on the evolution of Israeli socio-political structures is examined, with an analytical emphasis on the Isaian context and on the paradigmatic prophetic opposition of the points quoted above. The last chapter analyzes the reception and continuity of the prophetic “anti-corruption” paradigm by the Christian faith, and its relevance to contemporary times.

Keywords: Prophetism. Isaiah. Corruption. Politics. Social.

INTRODUÇÃO

Em plena corrida presidencial de 2018 no Brasil, uma das frases de efeito mais divulgadas pelos noticiários nacionais e reverberada internacionalmente era: “*o Brasil está em efervescência política*”. No mês de outubro do referido ano eleitoral, em uma publicação online na página da FECOAGRO², Ivan Ramos, diretor executivo da instituição, destaca esta “ebulição política” e a adesão voluntária de grande parte da população brasileira naquele pleito. Ramos também compartilha, segundo a própria experiência em viagens na época e diálogos com seus contatos no exterior, que a visão externa que os europeus tinham do Brasil, naquele momento, era a de “crise política provocada pelo mau comportamento dos últimos governos, mergulhados na *corrupção* e na incompetência”.³ Outro polo de análise das entrelinhas políticas da época – o nível socioeconômico – também não mostrava-se animador: segundo dados do IBGE⁴, havia em 2018, cerca de 13,5 milhões de pessoas em extrema pobreza no país, um percentual de 6,5% (considerando que em anos anteriores o percentual já aproximava-se desse valor).⁵ Um número significativo, que equivale à “população” inteira de países como Bolívia, Bélgica, Cuba, Grécia e Portugal.

Sem dúvida, a corrupção é um dos fatores mais críticos e motivadores da crise econômica. Segundo estudo publicado pela Fiesp⁶ em 2013, o custo médio anual da corrupção no Brasil representava até 2,3% do PIB, ou seja, chegava a R\$ 69,1 bilhões. Já em publicações de 2017, dados da ONU apontam que o Brasil perde cerca de R\$ 200 bilhões com esquemas

² FECOAGRO é a sigla da “Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina” (O post de Ivan Ramos foi publicado em 22 de Out 2018 no sítio: <http://www.fecoagro.coop.br/o-brasil-esta-em-efervescencia-politica/>). Acesso em 15 Julho de 2020.

³ A perspectiva político-econômica dos gestores do agronegócio nacional é relevante, uma vez que a agricultura e a pecuária brasileiras são responsáveis pela alavancada da economia do país. Em 2019, a soma de bens e serviços gerados no agronegócio chegou a R\$ 1,55 trilhões – equivalendo a 21,4% do PIB brasileiro – e 43% das exportações brasileiras foram de produtos do agronegócio. Ademais, segundo o IBGE, o setor absorve praticamente 1 de cada 3 trabalhadores brasileiros. (Dados disponíveis na página da *Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)*: https://www.cnabrazil.org.br/cna/panorama-do-agro#_ftn1> Acesso em 15 Julho de 2020).

⁴ Dados do IBGE disponíveis na homepage do órgão: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>>. Acesso em 15 de julho 2020.

⁵ O percentual de extrema pobreza já atingia os elevados 5,8% em 2012 (Vide o link citado na nota 3).

⁶ Dados disponíveis na “Apresentação” do Relatório: FIESP. **Corrupção: custos econômicos e propostas de combate**. FIESP. São Paulo. 2010. Relatório. 35p. Disponível em: <<https://www.fiesp.com.br/arquivo-download/?id=2021>> Acesso em 05 Out 2020.

de corrupção por ano.⁷ Embora este cenário repugnante de propinas e subornos seja um reflexo típico da realidade contemporânea, ele não é peculiar na história. A corrupção é patente nas dimensões sociopolíticas das mais antigas organizações sociais, sendo assimilada até mesmo pela própria cultura. No contexto sociopolítico de Israel no Antigo Testamento (AT), verifica-se que a corrupção é veementemente combatida pelo profetismo, como se observa na mensagem de Isaías, constituindo-se um ideal paradigmático de integridade, justiça e antagonismo à corrupção. Ensejando o conhecimento deste paradigma, parte-se do exame conceptual da “corrupção” a seguir.

1. CORRUPÇÃO E PODER: DEFINIÇÕES ETIMOLÓGICAS E ETIOLÓGICAS

De acordo com o relatório FIESP, o termo “corrupção” comporta algumas definições básicas: (1) um desvio dos deveres associados a um cargo público para o benefício privado, ou estendendo-se para (2) englobar o benefício a partidos políticos, familiares e classes.⁸ Etimologicamente, com ênfase na Era Moderna, Romeiro também confere o aspecto moral ao termo, empregado em sincronia com concepções físicas e biológicas:

Derivada do latim “*corruptione*”, que significa putrefação, decomposição e adulteração, a palavra conservou nas línguas vernáculas a acepção original latina [...] Na verdade, o emprego da palavra em um sentido metafórico, aplicada ao campo da moral, da justiça e dos costumes, encontra-se disseminado nos tratados políticos e morais da Época moderna, remontando a um período muito anterior, como se pode observar nas *Ordenações Afonsinas*: uma lei de 1314, por exemplo, estabelecia as penas aos que tentavam influenciar o julgamento das causas, recorrendo às peitas, “para corromper e impedir o andamento legal do pleito”. [...] Até o final do século XVIII, o emprego da palavra em sua acepção física ou biológica conviveu lado a lado com a sua acepção política [...].⁹

A despeito das flutuações semânticas do termo, percebe-se que a sua aplicação na área política sempre permeou o plano da moral e dos costumes (abordado no ponto 2), assimilando um aspecto degenerativo semelhante em outras ciências, como o sentido deletério no campo biológico. Segundo Cordeiro, verifica-se que “os filósofos da Antiguidade Clássica se referiam à corrupção como um fenômeno que desencadeava mudanças no estado natural das coisas para pior, ou seja, para destruir uma determinada ordem natural”.¹⁰ Esse caráter ‘deformador’ reflete tanto a lesividade quanto às motivações do fenômeno, pois este efetua-se por fatores

⁷ Tomando por base apenas alguns escândalos dos últimos anos: o Mensalão, com desvios na ordem de R\$ 100 milhões, e o caso da Petrobrás, com devoluções ‘individuais’ na ordem de R\$ 326 milhões. (Análise de Beatriz Seixas: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/economia/2017/05/saiba-qual-e-o-preco-da-corrupcao-no-brasil-1014059906.html>> acesso em 05 de Out. 2020).

⁸ FIESP, 2010, p. 7.

⁹ ROMEIRO, A. A corrupção na Época Moderna: conceitos e desafios metodológicos. *Revista Tempo*, Minas Gerais, 21. n. 38, 17 agosto 2015. p. 217. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v21n38/1413-7704-tem-21-38-00216.pdf>>. Acesso em: 05 Out. 2020.

¹⁰ CORDEIRO, C. P. B. S. A corrupção sob um prisma histórico-sociológico: análise de suas principais causas e efeitos. *Revista Eletrônica Direito e Conhecimento*, Arapiraca/AL, v.1, n. 2, Jul./Dez. 2017. p. 69. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/dec/article/view/670/552>>. Acesso: 13 out. 2020.

nocentes à boa gestão político-econômica. Em pesquisa recente, Dimant e Tosato constataram os principais fatores causadores da corrupção nos últimos anos, entre os quais constam: *o elevado nível de burocracia e estruturas administrativas ineficientes; a alta centralização do governo; os altos níveis de monopolização do mercado e política; pobreza; baixa transparência política; baixa liberdade econômica; o grande tamanho do governo e fracos direitos de propriedade*.¹¹ Observa-se que em todos esses fatores há a preponderância de aspectos vinculados ao *poder*, que influencia toda estrutura e ordem estabelecida na evolução histórica do Estado, como constata Bonavides ao instruir que:

A polis dos gregos ou a *civitas* e a *respublica* dos romanos eram vozes que traduziam a ideia de Estado, principalmente pelo aspecto de personificação do vínculo comunitário, de aderência imediata à ordem política e de cidadania. [...] e mais tarde entre os germânicos invasores, os vocábulos *Imperium* e *Regnum*, então de uso corrente, passaram a exprimir a ideia de Estado, nomeadamente como **organização de domínio e poder**. Daí se chega à Idade Média, que, empregando o termo *Laender* (“Países”) traz na ideia de Estado sobretudo a reminiscência do território.¹²

Adiante, este Estado dotado de *domínio* e *poder* se reveste de atribuições públicas protetivas, ou do *múnus* de zelar e tomar decisões em nome da coletividade.¹³ No entanto, na prática, observa-se o proveito do poder estatal por agentes políticos para benefício próprio, como a posse e desvio de recursos públicos. Isso indica o caráter dos poderes no uso da legitimidade, como ressalta Cunha, ponderando que os órgãos do governo são “[...] a expressão mais evidente do Poder. Pode haver poderes de várias índoles a que sejam sensíveis, que escutem, ou que os pressionem ou manipulem (a corrupção é um exemplo desse desvio do poder legítimo)”.¹⁴ Assim, visando as benesses ilícitas propiciadas pelo poder instituído, seus agentes violam a moralidade e o interesse público. Esta realidade persiste por toda evolução histórica das nações-Estados, como se observa a seguir, nas nações próximas ao antigo Israel.

2. PODER, ILICITUDE E INJUSTIÇA NAS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES

A partir da análise sociopolítica da história humana, pode-se constatar o comportamento corruptivo mesmo em indivíduos de estruturas sociais mais incipientes como clãs e tribos. Isto deve-se ao caráter inequívoco da própria natureza humana em garantir-se

¹¹ Os autores focam na apresentação e discussão de trabalhos empíricos recentes (na última década) sobre os antecedentes e os efeitos da corrupção (DIMANT, E.; TOSATO, G. Causes And Effects of Corruption: What Has Past Decade’s Empirical Research Taught Us? A Survey. *Journal of Economic Surveys*, Pennsylvania, v. 32, n. 02, 2018. p. 336-345). *Tradução minha*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304113926_Causes_and_Effects_of_Corruption_What_has_Past_Decade's_Empirical_Research-Taught_Us_A_Survey> Acesso em 20 Out. 2020.

¹² BONAVIDES, P. *Ciência Política*. 19.ed. São Paulo: Malheiros, 2012, p. 65 e 66. *Grifo meu*.

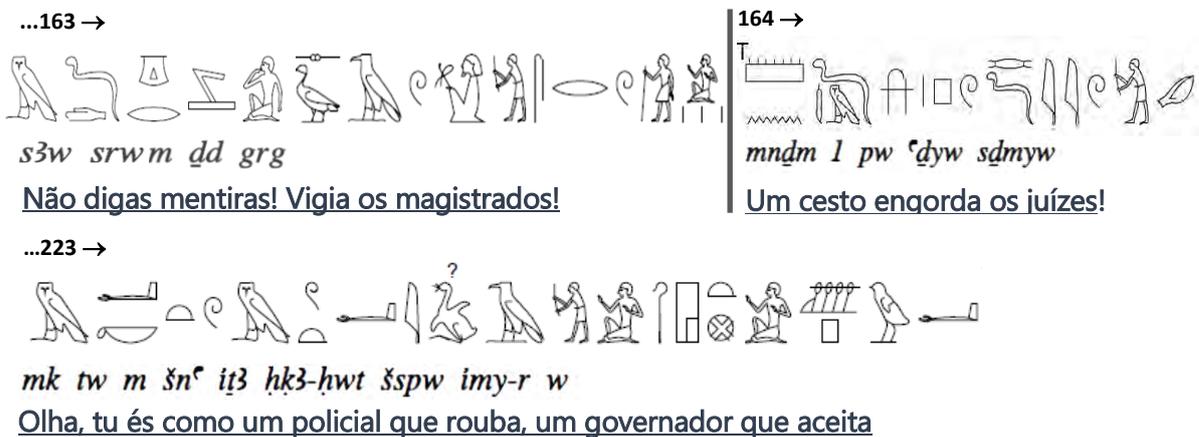
¹³ Segundo Cunha, o estágio mais aperfeiçoado é o Estado de Direito, democrático e social, ou Estado Constitucional, que se vale da soberania popular, dos direitos fundamentais e da dignidade humana (CUNHA, P. F. *Teoria geral do Estado e ciência política*. São Paulo: Saraiva, 2018, p. 90, 107, 174).

¹⁴ CUNHA, 2018, p. 51.

por meio de ilicitudes disponíveis no status do *poder* revestido, corroendo a ética e a justiça do grupo, como informa Cordeiro:

A corrupção é um fenômeno social muito antigo e, como tal, acompanha a evolução da humanidade **desde os primeiros agrupamentos sociais**. [...] Abordá-la sob o viés histórico possibilita uma análise mais realista do problema, uma vez que assim é possível entender o fato de que a corrupção não é um sintoma típico da modernidade: ao contrário, desenvolve-se junto com a humanidade e pode ser considerada, portanto, como um dos fenômenos mais recorrentes e típicos das organizações políticas. Isto porque a luta pelo **poder**, pelas formas de dominação do homem sobre o próprio homem, dificilmente se desenvolve sem a existência, por trás do cenário decisório, de atos de corrupção.¹⁵

Observa-se que o plano político das nações se desenvolve sempre em torno do *poder* instituído, que se materializa pela supremacia ou dominação de um indivíduo sobre outro(s). Desta forma, a corrupção surge como produto das relações complexas do poder instituído ou impositivo, gerando um ambiente propício às práticas ilícitas e um cenário ético-político amplamente reproduzido na história. Uma gama de indícios de corrupção consta em fontes variadas da Antiguidade¹⁶, como obras literárias e filosóficas. Uma fonte significativa é a obra literária egípcia “O Conto do Camponês Eloquente”, cuja narrativa situa-se na IX ou X dinastia (1º Período Intermediário: 2160–2055 a.C.). Abaixo estão expostos fragmentos das linhas 163, 164 e 223 da obra em sua versão hieroglífica original¹⁷, seguido de suas respectivas transliterações e traduções em língua portuguesa. Nota-se explicitamente as referências ao comportamento corruptivo dos poderes públicos naquele contexto (Vide nota 17).



¹⁵ CORDEIRO, 2017, p. 68, *grifo meu*.

¹⁶ “[...] é possível afirmar que já se fazia referência ao fenômeno desde a Antiguidade, no Código de Hamurabi, no Egito, na Bíblia Sagrada, no Código de Manú e em leis asiáticas” (CORDEIRO, 2017, p. 69).

¹⁷ Os fragmentos foram extraídos da obra: NEDERHOF, M.-J. **Eloquent peasant**. St Andrews: University of St Andrews, 2009, p. 35,46. Nederhof tomou como base os seguintes originais: (1) *hieróglifos* de R. B. Parkinson. **The Tale of the Eloquent Peasant**. Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford, 1991; e (2) *Transliterações* de R. Hannig. **Grosses Handwörterbuch Ägyptisch-Deutsch: die Sprache der Pharaonen (2800-950v.Chr.)**. Verlag Philipp von Zabern, 1995. A tradução da obra em língua portuguesa foi extraída da seguinte pesquisa: CANHÃO, T. F. O Conto do Camponês Eloquente. **CADMO - Revista de História Antiga**, Lisboa, n. 16, 2006. p.16, 18. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23988/1/Cadmo16_Artigo1.pdf?ln=pt-pt> Acesso em 10 de Nov 2020.

No tocante à expressão “Um cesto engorda os juízes!”, disposta na linha 164, o egiptólogo Telo F. Canhão elucida que, o seu significado implícito,

É uma referência à facilidade de corrupção dos juízes com um simples cesto de fruta ou de vegetais. [...] Os juízes nutriam-se de mentiras desde que «alimentados» pelos presentes daqueles que, independentemente da justiça, pretendiam os julgamentos resolvidos a seu favor.¹⁸

Corroborando essa perspectiva, Nederhof salienta que a expressão qualificava figuradamente os juízes como “ricos em subornos”, conciliando-se precisamente com a argumentação crítica do camponês.¹⁹ Em essência, o seu belo discurso acaba por expor características sociais e políticas fundamentais daquele contexto²⁰, como as práticas corruptas no âmbito das instituições públicas.²¹ Este cenário também sucede na Mesopotâmia, constatado por vestígios culturais como o *Hino a Šamaš*²², que remonta ao fim do milênio II a.C. e comprova a presença de práticas corruptas já no contexto da antiga Babilônia. Segue abaixo o fragmento²³ referente às linhas 98 a 100 do hino:

(Fragmento transliterado do Original)

(Tradução para a Língua Portuguesa)

98 *ma-ḥir ṭa-'-ti la muš-te-še-ru tu-šá-az-bal ar-na*
 99 *la ma-ḥir ṭa-'-ti ša-bi-tú a-bu-ti en-še*
 100 *ṭa-a-bi eli ḏšamaš balāṭa(ti.la) ut-tar*

98 Ao que recebe suborno, que perverte (a justiça), faz com que sofra castigo.
 99 O que não aceita suborno (mas) intercede pelo fraco,
 100 É agradável a Šamaš (e) enriquece (sua) vida.

Os fragmentos egípcio e acádio apresentados constatarem inequivocamente condutas corruptas nas sociedades próximas ao Antigo Israel. Contra este “mal” desenvolveu-se, “adiante”, mecanismos de combate como previsões normativas proibitivas e punitivas²⁴, identificando a corrupção como prática indecorosa (*a princípio*). Por outra via, apesar da difícil distinção entre suborno e presente no Antigo Oriente Próximo, verifica-se a tolerância ou

¹⁸ CANHÃO, 2006, p. 41.

¹⁹ NEDERHOF, 2009, p. 35.

²⁰ “[...] um conjunto de ideias fundamentais, verdadeiro pilar do pensamento e do modo de agir no Império Médio do Egito faraônico [...]” (CANHÃO, T. F. **Doze textos egípcios do Império Médio**: traduções integrais. Coimbra: Coimbra University Press, 2013. p. 102).

²¹ Durante e após a Era de Amarna (s. XIV a.C.), documentos judiciais revelam que o Egito era particularmente conhecido pela corrupção de seus funcionários (juízes, cobradores de impostos, e inspetores). Horemheb (1342-14 a.C.) teve que implementar medidas legais drásticas contra a corrupção (WILSON, M. R. Suborno. In: YAMAUCHI, E. M.; WILSON, M. R. **Dicionário da vida diária na Antiguidade Bíblica & Pós-Bíblica**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 1480).

²² *Šamaš* ou *Shamash* é uma deidade mesopotâmica nativa, o deus sol no panteão sumério, acádio, assírio e babilônico. É também o padroeiro da justiça, cuja figura foi gravada na própria Estela de Hamurabi, que contém o código de leis deste governante (KRIWACZEK, P. **Babilônia**: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 227-228).

²³ O texto original acadiano e a sua tradução foram extraídos respectivamente das obras: LAMBERT, W. G. **Babylonian wisdom literature**. Oxford: Oxford University Press, 1960, p. 132; e Ptitchard (1969) citado em MCCANN, C. J. [עֲצָרָה]. In: VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, vol. 1, p. 672.

²⁴ E.g., na Baixa Idade Média: “Aqueles que incorriam nesse crime, estavam sujeitos ao degredo e até mesmo à pena de morte (Ordenações Afonsinas, livro III, título 128)” (ROMEIRO, 2015, p. 218).

permissividade ao suborno na dimensão sociopolítica destes povos, como informa Wilson ao expor que:

Dar presentes era amplamente praticado, e presumia-se que todos os presentes vinham em “cordas” anexadas. Na verdade, esperava-se que o beneficiário retribuísse no devido tempo com um presente em bens ou serviço. A prática *quid pro quo* era considerada prudente e **moralmente aceitável** em quase todo o Antigo Oriente Próximo. **Era a norma na vida privada** e frequentemente se estendia aos juizes dos tribunais. Um presente era dado ao juiz a fim de fazer com que este ouvisse o caso de alguém e fizesse um julgamento favorável em benefício da pessoa. Depois disso supunha-se que, posteriormente, o litigante prestaria algum serviço recíproco ao juiz. Não era costume os códigos de leis do Antigo Oriente Médio distinguirem o suborno como ato especificamente proibido, uma vez que o ato de presentear era um modo de vida muito aceito. O Código de Hamurabi (nº 5), por exemplo, declara apenas que, se um juiz alterar sua decisão previamente proferida e selada, ele deve ser removido da cadeira de magistrado para nunca mais ser juiz. A lei não diz nada sobre o suborno ser a razão por trás de qualquer alteração em potencial.²⁵

Nota-se claramente que a corrupção não se limitava ao poder público, sendo exercida ou tolerada também pela sociedade em geral, imiscuindo na própria cultura e gozando de “legalidade” como “norma privada” e social.²⁶

3. A CORRUPÇÃO NO CENÁRIO ESPECÍFICO DO PROFETISMO NO ANTIGO TESTAMENTO

No contexto sociopolítico hebreu, também se verifica a manifestação deste fenômeno, embora seja notório o antagonismo moral e ético do código normativo hebreu às práticas corruptas, como ratificam Walton, Matthews e Chavalas ao declararem que:

De fato, a temática do "mundo de cabeça para baixo", encontrada no livro de Juizes e na literatura profética (1.23), descreve uma sociedade em que "as leis existem, mas não são cumpridas" (p.ex., no texto egípcio As visões de Neferti [c. 1900 a.C.]). [...] Em todas as épocas e lugares (veja Pv 6.35; Mq 7.3) é possível encontrar juizes e funcionários do governo sendo tentados a aceitar subornos. Essa acabou se tornando uma prática quase institucionalizada em ambientes burocráticos, à medida que partidos rivais procuravam prejudicar uns aos outros (veja Mq 3.11; Ed 4.4,5). [...] Em Êxodo 23.8, aceitar subornos e perverter a justiça são práticas proibidas e

²⁵ WILSON, 2020, p. 1479, *grifo meu*.

²⁶ Isto persiste na realidade sociopolítica atual, como informa o relatório do Banco Mundial em 2015, declarando que a corrupção “é uma crença compartilhada de que usar o cargo público para beneficiar a si mesmo e à sua família e amigos é comum, esperado e tolerado. Em outras palavras, a corrupção pode ser uma norma social”. (WORLD BANK, G. **Mind, society, and behavior: world development report 2015**. World Bank Group. Washington D.C. Relatório. 2015. p. 60. *Tradução minha*. Disponível em: <<http://documents1.worldbank.org/curated/en/645741468339541646/pdf/928630WDR0978100Box385358B00PUBLIC0.pdf>> Acesso em 05 Out. 2020. A world Bank Group Flagship Report).

consideradas uma ofensa contra Deus, contra os fracos e inocentes e contra toda a comunidade (veja Am 5.12).²⁷

Na realidade específica do Estado hebreu, a corrupção deparou-se com uma significativa resistência: **o profetismo**. Os profetas anunciaram o juízo de YHWH sobre a nação e a sua liderança por suas condutas pecaminosas – como o suborno na esfera política – sinalizando a santidade e os princípios morais de YHWH. Afirmando esta essencialidade do *profetismo* nas diversas esferas do antigo Israel, Von Rad instrui que:

A profecia contribuía justamente para restituir o controle da fé em Javé sobre enormes setores da existência que haviam perdido contato com Deus, sendo esta precisamente uma das razões ponderáveis da importância que teve o profetismo israelita antigo. Assim como no plano nacional os profetas mostraram o interesse de Javé na vida jurídica e econômica, expressaram também, mediante nova forma, a sua soberania e o seu direito de dispor independentemente da política mundial em que Israel estava envolvido.²⁸

Esta reivindicação do profetismo – a restituição do controle divino na nação – implica diretamente integração de sua moralidade nos próprios valores do Estado, e em todas as dimensões relacionais, quer social, política ou religiosa, com efeito *erga omnes*, pois trata-se da nação eleita, referência para as demais. Salienta-se que, embora o Antigo Testamento não especifique uma pena para o suborno, a condenação divina deste ato solidifica-se em toda a história política dos hebreus, precipuamente por meio da censura profética, configurando sempre uma relação adversativa entre o “profetismo” vigo atual e as instituições políticas ou do “poder”. Para examinar o processo histórico desta relação, mira-se nos primórdios da sociedade hebraica, na qual toda estrutura de liderança política, surge dos pequenos agrupamentos nômades, os quais, conforme Smith, constituíam-se de famílias, clãs e tribos.²⁹ E como releva o autor, estes “termos hebraicos que traduzem as várias unidades da sociedade [...] mostram-se com frequência ambíguos e se sobrepõem”.³⁰ Os documentos diplomáticos de Mari revelam o tráfico de *tribos* nômades, no início do segundo milênio, em regiões da Mesopotâmia. Este modelo caracteriza o modo de vida dos patriarcas, e das tribos na peregrinação à Canã.³¹ Neste plano histórico clânico, nômade e pré-monárquico, já se

²⁷ WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. Tradução de Noemi Valéria da Silva Altoé. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 766.

²⁸ VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: ASTE/Targumim, 2006, vol. 1, p. 102.

²⁹ Quanto à liderança “política” destas unidades sociológicas: As famílias (base dos clãs) são regidas pelos chefes, os *zeqenim* ou “Anciãos” (VAUX, R. D. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 26). Na estada do deserto o chefe tribal é o *nasi*’ (Nm 7.2), onde informasse que eram “os chefes das famílias, os líderes das tribos”, cf. Nm 1.16 (VAUX, 2017, p. 27).

³⁰ SMITH, Ralph. L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. Tradução de Hans F. Udo e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 243, 245-246.

³¹ Abraão, seu pai, tios, assim como Isaque e Jacó, foram nômades ou seminômades, pois conheceram também a vida sedentária (PINHEIRO, J. **História e religião de Israel: origens e crise do pensamento judaico**. São Paulo: Vida, 2012, p. 39). Os hebreus peregrinos também apresentam características do nomadismo (SMITH, 2015, p. 136; e MERRILL, E. H. Uma teologia do Pentateuco. *In*: ZUCK, R. B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís A. Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, Cap. 1, p. 76).

constata a experiência profética³² e referências à corrupção nos limites sociais e administrativos tribais, assinaladas em passagens normativas e proibitivas do Pentateuco, como memora Hanke, ao expor que “[...] a lei de Moisés proibia o suborno (Êx 23.8; Dt 16.19); aquele que o tomasse era descrito como amaldiçoado (Dt 27.25). [...] O Deus de Israel não é parcial (“não faz acepção de pessoas”) e não aceita suborno (Dt 10.17)”.³³ Aqui, o “maldito” junta-se aos idólatras e assassinos (Dt 27.15,24,25). Vaux observa que os membros dos tribunais populares de Israel “[...] não devem dar falso testemunho nem seguir a maioria contra o direito nem aceitar suborno; eles devem absolver o inocente e condenar o culpado”³⁴ (Êx 23.1-3,6-8; Lv 19.15,35). Grisanti e Mccann ainda destacam o caráter destrutivo do suborno, como prática que corrompe a justiça, “cegando” os juízes, “de modo que os julgamentos das causas deixam de fazer justiça e ameaçam a vida e o futuro do povo de Deus”³⁵ (Dt 17.2; Dt 19). Destarte, verifica-se o zelo de YHWH em prevenir o seu povo dessa prática, ainda nos primórdios de sua estruturação social e política, através de líderes profetas como Moisés, que compactuam com a moralidade de YHWH.

Com o processo de *sedentarização* das tribos israelitas em Canaã, há uma transição gradual na configuração do *poder* político nômade, para um modo centralizado, que se consolidará na instauração da Monarquia unificada e conseguinte fase dos Estados independentes.³⁶ Neste longo processo, o profetismo permanece atuante³⁷, e sobejam referências a atos de corrupção. Como exemplos: em Juízes 16.5 narra-se o suborno dos príncipes filisteus, prometendo à Dalila 1.100 moedas de prata pelo segredo de Sansão. Em 1 Samuel 12.3-5, o povo ratifica a integridade de Samuel como juiz, sem acusações de fraude ou corrupção. Em sentido oposto, um dos três casos específicos de corrupção no Antigo Testamento³⁸ é protagonizado pelos dois filhos do velho Samuel: Joel e Abia, que

³² Waltke elenca aqueles que experimentam revelações e audições divinas no contexto pré-monárquico de Israel (caracterizado pelo sistema tribal e nômade/seminômade antes da conquista): Enoque (Gn 5.22; Jd 14); Abraão (Gn 15; 20.7); Moisés (Dt 34.10); Miriã (Êx 15.20); Eldade, Medade e os 70 anciãos (Êx 24.9-11; Nm 11.24-29). (WALTKE, B. K. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 902).

³³ HANKE, H. A. Suborno. In: TENNEY, M. C. **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, vol. 5, p. 701.

³⁴ VAUX, 2017, p. 186-187.

³⁵ GRISANTI, M. A.; MCCANN, J. C. [שֹׁדֵד]. In: VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, vol. 4, p. 76.

³⁶ O processo de sedentarização é patente: a formatação da confederação das tribos “[...] se prolongou após a sedentarização durante o período dos juízes. [...] A vida social tornou-se uma vida de pequenas cidades [...]”. (VAUX, 2017, p. 26,92). O período que cobre da Conquista ao fim da Monarquia dividida é aprox. 1440–722 a.C. (CHISHOLM Jr, R. B. **Interpretação dos livros históricos: um prático e indispensável manual de exegese**. Tradução de Sandra Salum. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 104).

³⁷ Como destaca Pacheco nas passagens do Primeiro Testamento: um profeta anônimo (Jz 6.8); Débora profetisa e líder tribal; e uma série de menções a profetas em Samuel (1Sm 3.20; 9.9-19; 10.16). O autor salienta que a função de Débora é um indicador do papel social das mulheres no “Israel tribal e pré-monárquico”. (PACHECO, T. D. S. **Profetismo, religião e sociedade no Antigo Israel: formas de organização e conflitos**. **Religare**: revista do programa de pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB, Paraíba, v. 16. n. 2, 31 Dez 2019. p. 616. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/47074/29313/>>. Acesso: 09 Set 2020).

³⁸ Vide citação de HAMILTON, 2012, p. 15.

estabelecidos por ele como juízes em Berseba, “aceitaram subornos e perverteram o direito” (1Sm 8.1-13).

Durante o período da monarquia unificada³⁹ e dos subsequentes Estados nacionais divididos (1Rs 12), verifica-se o combate acirrado dos profetas (entre os quais Isaías) à corrupção sociopolítica, revelando sempre o conseqüente juízo e caráter de YHWH. Nesse contexto monárquico dividido, os subornos na esfera da política externa são típicos, como expõe Wilson ao referir-se à ocasião na qual Asa, rei de Judá, subornou o rei da Síria para que rompesse sua aliança com Baasa, rei de Israel, e lutasse ao lado de Judá⁴⁰ (1Rs 15.16-22), e mais tarde, quando Acáz suborna Tiglate-Pileser III da Assíria para salvá-lo da invasão sírio-israelita (2Rs 16.7-9). Ainda no âmbito da monarquia dividida, Donner, ao analisar o processo de desigualdade social no reinado de Jeroboão II, destaca que “O brilho do reinado de Jeroboão II encobriu só imperfeitamente os males sociais, a corrupção na administração e no exercício da justiça. Estes eram evidentes, sobretudo para Javé [...]”.⁴¹ Como fator decisivo para a instabilidade social e política da nação, a “evidente” corrupção no governo de Jeroboão II é repugnada por Amós (5.10-12; aqui usa-se *koper* [“resgate”] no sentido de suborno).

No quadro corruptor da Monarquia, os juízes parecem ser os mais suscetíveis a subornos, pois são escolhidos com mais frequência do que outros, tornando-se alvos constantes da condenação profética (cf. Mq 7.3). Isto tudo apenas evidencia o caos espiritual daquela sociedade⁴², notório em toda história sociopolítica do(s) Estado(s) israelita(s). Destaca-se o constante alerta profético: denúncia e intervenção política integravam a atuação preventiva dos profetas, como se observa na mensagem de Isaías.

4. ISAÍAS: PROFECIA E INTERVENÇÃO

*O ministério profético de Isaías abrange o intervalo entre 739-701 a.C., pelo menos até depois do cerco de Jerusalém por Senaqueribe. Os especialistas Walton, Matthews e Chavalas, observam que “essa metade de século foi bastante tumultuada e testemunhou o surgimento e domínio do Império Neoassírio que mais tarde foi responsável pela invasão do Reino do Norte, pela queda de Samaria e pela destruição maciça de Judá”.*⁴³ Tais conseqüências,

³⁹ “Israel se tornou um Estado durante o reinado de Saul, Davi e Salomão” (SMITH, 2015, p. 248). “Um reino é um Estado, [...] o reino tem capital, exército e administração” (CAZELLES, 2008, p. 121).

⁴⁰ WILSON, 2002, p. 1477.

⁴¹ DONNER, H. **A história de Israel e dos povos vizinhos**: da época da divisão do reino até Alexandre Magno. Tradução de Claudio Molz e Hans A. Trein. São Leopoldo: Sinodal, 2014, vol. 2, p. 328.

⁴² Semelhante ao contexto dos caps. 1 e 5 de Isaías (pontos 4-6), a raiz de toda tragédia social, econômica e política no reinado de Jeroboão II foi a excessiva pecaminosidade resultante da idolatria e degradação da moralidade públicas (SCHULTZ, S. J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 137). Ainda mais profunda é a descrição de Ewald do quadro hostil de pecaminosidade, no qual “O apetite veemente pela libertinagem e ostentação criou uma tendência igualmente poderosa à avareza e todos os tipos de opressão fraudulenta dos cidadãos mais indefesos [...] ele (Jeroboão II) deu o máximo de aprovação à adoração ao bezerro em Dã e Betel, que datava da fundação do reino” (EWALD, H. **The History of Israel: from the disruption of the monarchy to its fall**. 2.ed. London: Longmans, Green and Co, 1878, vol. 4, p. 125-26, citado por RAWLINSON, G. **The kings of Israel and Judah**. London: Molinari Press, 2017, p. 129-30. Edição do Kindle. *Tradução e grifo meus*).

⁴³ WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 757.

preditas na mensagem profética, decorrem da apostasia e (outra vez) abandono da lei divina. A suma influência do profeta Isaías neste cenário histórico-político, é sintetizada cirurgicamente por Vermeyleylen, ao expor que:

Isaías é uma das figuras políticas mais importantes de sua época. [...] sua voz repercute a cada vez que o futuro de Judá está em jogo e decisões vitais devem ser tomadas em matéria de política internacional. [...] Quando da crise siro-efraimita dos anos 735-734, ele se opõe à opção de Acaz, que quer apelar à Assíria. Mais tarde, ele condena a revolta antiassíria e a aliança militar com o Egito. Isaías não foi ouvido nem em 734, nem em 714, nem em 705. Em compensação, é possível que seus argumentos tenham tido enorme peso quando da crise de 727 (Judá não mudou), depois em 712, quando Ezequias apresentou sua submissão a Sargon II antes que fosse tarde demais. Nessa ocasião o profeta também se imiscui na política interna. Anuncia a destituição de Shebná, o “administrador do palácio” (22.15-18), favorável à revolta contra Nínive. Além disso, denuncia a extensão abusiva das grandes propriedades (5.8), a arrogância, o luxo e a ociosidade da nobreza (3.16; 5.11-12,22), a corrupção dos juízes (5.23; 10.1-2) e as injustiças cometidas em detrimento dos mais fracos (3.12a,15; 10.2).⁴⁴

Observa-se a preocupação holística do profeta Isaías com a fé e sustentabilidade do povo, ao abarcar todas as vertentes políticas⁴⁵ (nacional e internacional) do derrocado Estado de Judá. Ele resiste à política pífia dos frágeis reis⁴⁶, insistindo em trazer o coração do povo para Deus. O princípio do posicionamento de Isaías é que o Senhor da história é YHWH, a quem de fato se deve temer (Is 8.13) e não a faraó ou o rei de Assur. A sobrevivência de Judá, portanto, depende de sua confiança em YHWH, renunciando ao grande jogo da diplomacia ou da força, pois: “Se vocês não crerem, certamente não permanecerão” (Is 7.9b; NAA). *Esta mensagem reitera o caráter santo e soberano de YHWH, em face da incapacidade e iniquidades da nação, imersa na prática de corrupção. O combate profético à corrupção em diversas esferas do “poder” em Judá evidencia-se nos capítulos 1 e 5 da obra isaiana, analisados a seguir.*

⁴⁴ VERMEYLEYEN, J. Isaías. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; NIHAN, C. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. Tradução de Gilmar Saint Clair R. São Paulo: Loyola, 2010, Cap. 8, p. 412–413.

⁴⁵ Sobre a influência significativa do profeta, o autor ainda acrescenta: “[...] os redatores ulteriores do livro se apoiaram nessa **dupla pregação teológico-política** para anunciar uma mensagem muito mais focada em questões internas à comunidade fiel” (VERMEYLEYEN, 2010, Cap. 8, p. 413). Semelhante modo, Price cimenta a figura política do profeta ao declarar que “os séculos o têm reconhecido como um homem de percepção política aguçada e habilidade de estadista” (PRICE, R. E. Isaías. In: PURKISER, W. T. **Comentário bíblico Beacon: Isaías a Daniel**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, vol. 4, p. 23).

⁴⁶ Vermeyley salienta que **a relação entre fé e política**, o **messianismo** e o **‘ebed** são os temas mais importantes da obra de Isaías para o leitor atual (VERMEYLEYEN, 2010, Cap. 8, p. 412).

5. COMBATE À CORRUPÇÃO NOS GOVERNOS: PRÍNCIPES, SUBORNO E OPRESSÕES (IS 1.23)

A seção da obra que compõe o cenário histórico em análise (caps. 1–39)⁴⁷, tem como pano de fundo a época do próprio Isaías, no final do século 8 a.C. A subseção dos caps.1–5 apresenta um diagnóstico profético sobre o declínio espiritual de Judá. A ameaça externa naqueles dias era o combativo império Assírio, que pressionava e testava a confiança de Judá. Diante da circunstância, Judá optou por confiar em estratégias humanas de auto resgate ao invés das promessas proféticas da graça divina. Deste modo, confronta-se os pecados de Judá por todo o capítulo 1, e nos versos 21–23, têm-se a narrativa de abusos sociais. Estes versos se dedicam exclusivamente a Jerusalém (“Sião”), contrastando sua glória anterior como referencial de justiça com a sua condição pecaminosa atual. E o v. 23, semelhante aos versos 7 e 8, descreve as razões da ruína de Jerusalém, como informa Souza, ao expor que:

Nos versos 21–23, a cidade de Jerusalém, a "cidade santa", é chamada de "prostituta". A linguagem não podia ser mais clara. Trata-se de uma acusação contra as práticas corruptas dos líderes do povo [...] A imagem da prostituição é uma forma comum de os profetas retratarem a infidelidade do povo. Cidades são frequentemente comparadas a prostitutas (cf. Is 57.3; Jr 3.3; Ez 23.4; Na 3.4).⁴⁸

As acusações ético-políticas realizadas pelo profeta revelam, entre outros fatores graves, a *corrupção* dos líderes da nação através do **suborno**. Segundo o erudito da língua semita Davidson, o termo hebraico original [דָּחַשׁ]⁴⁹ (*šōḥadh*)⁵⁰ em Isaías 1.23 (e no versículo 5.23, analisado adiante), vem da raiz verbal [דָּחַשׁ] (*šāḥadh*) – oferecer presente, subornar – expressando assim o sentido substantivo da prática de “suborno”. Hanke também destaca o aspecto inerente de “acobertamento”, conceituando ‘suborno’ como “Qualquer coisa dada a uma pessoa para induzi-la a fazer algo ilegal, errado ou contra sua vontade”⁵¹. Isto aprofundou a crise em Israel, pois tal ilegalidade ou ilicitude implicava duplo crime: o ato imoral em si e o prejuízo grave a outrem – um “mal” ao necessitado. Segundo Oswalt, o “bem” (v. 17) “expressa aquilo que acompanha o plano da criação (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31; 2.18), enquanto o mal expressa o que não acompanha esse plano (Gn 6.5-7)”⁵². Desta forma, injustiça e opressão (que contrastam no vs. 17) se opõem à natureza da criação, que se firma no bem e valoriza as pessoas como faz o Criador. O profeta evidencia o zelo de YHWH por esta

⁴⁷ Informações introdutórias da estrutura da seção foram extraídas de artigo preliminar e notas na **Bíblia de Estudo NAA**. 3.ed. Barueri: SBB, 2018, p. 1154–1158, 1165.

⁴⁸ SOUZA, R. F. Julgamento sobre a impiedade: o resultado da opressão e da injustiça social em Israel é o empobrecimento geral da terra. **Expressão**: revista do aluno, São Paulo, Nº 59, p. 9, Ago/Out 2015.

⁴⁹ DAVIDSON, B. **Léxico analítico hebraico e caldaico**. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 1016.

⁵⁰ Translitterações extraídas do STRONG, J. **Dicionário Hebraico do Antigo Testamento**. In: GOMES, P. S.; PIVA, D. **Bíblia de Estudo Palavras-Chave Hebraico e Grego**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 1956. Salienta-se também o emprego do termo [בִּעְשָׂא - *beša'*] em Isaías 33.15, exprimindo a mesma carga semântica de *šōḥadh* – Os dois termos são praticamente sinônimos (MCCANN, 2011, p. 671).

⁵¹ HANKE, 2008, p. 701.

⁵² OSWALT, J. N. **Comentário do Antigo Testamento – Isaías**: capítulos 1 ao 39. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, vol. 1, p. 132.

área: a sua abominação pelos sacrifícios e o incenso, pelas reuniões do povo no templo, e a recusa de suas orações, pois suas mãos estavam cheias de sangue das suas vítimas humanas (v.15). A figura dos líderes representada pelos “príncipes” e as minúcias do problema social daquele contexto são bem retratadas por Chisholm, ao expor que:

Os cidadãos de Jerusalém precisavam “lavar” seus pecados (v. 16-17). Como? Transformando seu sistema socioeconômico. Nessa época, uma burocracia militar real opressiva se desenvolveu em Judá. À medida que essa burocracia se desenvolvia, comprava mais e mais terras e gradativamente capitaneava a economia e o sistema legal. Em diversos níveis administrativos, era convidativa a subornos e outras práticas desonestas (Is 1.23). As pessoas comuns, fora dos centros administrativos, por meio de impostos e confisco, conscrição, taxas de juros excessivas e outras medidas opressivas, eram gradualmente privadas de seus bens imóveis e, com isso, de seu meio de subsistência e seus direitos de cidadãos. O Senhor exigia uma mudança radical. As autoridades ricas tinham de desmontar a burocracia e restaurar os pobres em suas terras. Em vez de acumular riqueza e explorar os fazendeiros vulneráveis, os ricos tinham de promover a igualdade nos tribunais e no mercado. (...) **Os líderes e o povo não eram culpados apenas pela injustiça social, mas estavam também adorando deuses pagãos em seus jardins e quintais**, aparentemente como parte de alguma forma de culto à fertilidade.⁵³

Esta opressão desencadeada envolvia as figuras mais elevadas da sociedade, que em conchavo com os centros administrativos, obtinham favorecimento nas questões econômicas, em face da destituição dos meios de subsistência das pessoas comuns. Nota-se que a injustiça social aqui é reputada como consequência direta da recusa de confiar no Senhor, justo e amoroso⁵⁴ – a *idolatria doméstica*. A iniquidade da nação a conduziu ao quadro socioeconômico em que se encontrava, provocando desigualdades nas camadas sociais, como afirma Oswalt ao expor que:

A classe proeminente, a prata e o licor da sociedade (Delitzsch) se tomaram tão perversos, que aqueles que promovem a ordem e a obediência vêm a ser rebeldes, enquanto que aqueles a quem se fiou a responsabilidade pela justiça, por meio de sua própria cobiça, são ativos promotores da injustiça. A nação se prostituiu com outros deuses e a liderança se converteu em escória. [...] O que estão dizendo (**os profetas**) é que **a injustiça social é finalmente o resultado da recusa de fiar-se a um Deus justo e amoroso**. Sempre que as pessoas começam a crer que a ordem cósmica é basicamente desinteressada no bem-estar humano, e os bem-sucedidos são aqueles que sabem melhor como captar as forças cósmicas para seus propósitos pessoais (as atitudes subjacentes da idolatria), os relativamente mais desamparados e vulneráveis começam a ser esmagados.⁵⁵

⁵³ CHISHOLM Jr, R. B. **Introdução aos profetas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 19-20, *grifo meu*.

⁵⁴ Chisholm também destaca esta relação de consequência, afirmando que “No passado, uma “cidade fiel” e um centro de justiça, agora tomou-se “uma prostituta”, cheia de homicidas, rebeldes, ladrões, autoridades desonestas e idólatras. (...) O profeta lamenta a condição moral e ética de Sião” (CHISHOLM Jr, 2018, p. 19).

⁵⁵ OSWALT, 2011, p. 140-141, *grifo meu*.

O abandono da confiança no Senhor conduz inexoravelmente o povo ao abandono do espírito moral da lei, e conseqüentemente, a liderança se precipita e ruma ao caos ético, abraçando práticas vis contra seus semelhantes. O cerne da questão está no abandono da adoração exclusiva, da verdadeira devoção, e já não importavam as cerimônias, pois o verdadeiro significado da torá de Deus refere-se ao caráter, às atitudes e relações. Como Oswalt salienta, as cerimônias podem simbolizar esta relação *homo/Deo*, mas não deve substituí-la pois “(...) as atividades cerimoniais são apenas símbolos de espontâneas e responsáveis mudanças de atitude por parte tanto de Deus quanto do adorador”⁵⁶ (cf. Sl 51.17,18 [Ing. 16,17]; 66.18; Am 5.22-24; Mq 6.6-8). Diante da corrupção política, o profeta anuncia um ultimato de YHWH (v.18–20), oportunizando perdão para o pecado cometido. Além disso, a bênção divina na forma de paz e prosperidade agrícola dependeria da resposta à questão da justiça social. Caso contrário, em vez de comerem o bem da terra (v. 19) seriam “devorados” pela espada (v. 20). Este mesmo quadro sociopolítico ocorre posteriormente na obra, englobando o suborno em outras esferas da administração do governo, como a *judiciária* no contexto do capítulo 5 da obra isaiana.

6. COMBATE À CORRUPÇÃO NOS ÓRGÃOS DO GOVERNO: JUÍZES, SUBORNO E OPRESSÕES (IS 5.22–23)

Semelhante à ordem dos príncipes no capítulo 01 do livro de Isaías, a corrupção também atingiu o domínio jurídico israelita, que neste momento apresentava certo desenvolvimento em suas instituições. Vaux já observa esta evolução na gestão do rei Josafá, expondo que:

Este rei instituiu “em toda cidade fortificada, em toda cidade” juízes que deviam se mostrar incorruptíveis. Em Jerusalém, ele estabelece um tribunal de sacerdotes, levitas e de chefes de famílias israelitas que julgam em primeira instância os habitantes de Jerusalém (segundo o grego) e em segunda instância as causas que lhe transferiam as outras cidades.⁵⁷

A previsão da prática de corrupção jurídica é enfática, e a organização descrita do setor envolve um sistema efetivo, com procedimentos judiciais e penas definidos.⁵⁸ Esta prática ocorria num quadro de elevada desigualdade social, ligado à propriedade de terra. Neste quadro histórico-social, testemunha-se a opressão dos pobres por parte dos detentores do poder, uma elite aristocrática, altiva e influente. Assim, este abuso se concretizava por meios ilícitos, que acompanhavam as maquinações de um sistema corrupto, envolvendo os ricos

⁵⁶ OSWALT, 2011, p. 130.

⁵⁷ VAUX, 2017, p. 188.

⁵⁸ Vaux também detalha as características do procedimento judicial e penal das instituições jurídicas de Israel (VAUX, 2017, p. 190–195). Observa-se uma estrutura similar em outros Estados contemporâneos à monarquia dividida, apresentando “(...) uma estrutura formada por juízes e oficiais locais que tratavam de causas civis e criminais. Era tarefa deles ouvir depoimentos de testemunhas, investigar acusações, avaliar e examinar as provas e executar juízo (detalhes nas leis do Médio Império Assírio e no *Código de Hamurábi*)” (WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALLAS, M. W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. Tradução de Noemi Valéria Silva Altoé. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 766).

proprietários e a administração estatal, que através do suborno, se beneficiavam com a manipulação das soluções jurídicas.⁵⁹

O capítulo 5 pertence à seção introdutória que expõe o diagnóstico profético sobre o declínio espiritual de Judá (cap. 1–5; como se observou no ponto 2, Judá já se constitui um “Estado” no século VI a.C.), e divide-se em duas partes temáticas: (1) a parábola da vinha (5.1–7) e (2) as uvas bravas produzidas pela vinha (5.8–30). Neste capítulo, o profeta expõe com severidade a apostasia de sua geração e suas consequências. De acordo com Price, “o capítulo inteiro é escrito em forma de poesia, como pode ser observado em versões modernas”⁶⁰, transmitindo uma mensagem única, com destaque para três aspectos: A Vinha Digna (5.1–7); as uvas bravas (5.8–25) e a desolação (5.26–30). Segundo Macdonald, a parábola representa figuradamente a nação perante YHWH, pois:

No cântico que entoia ao seu amado (Jeová ou “amigo”; NVI), Isaías relata o cuidado temor do Senhor por sua vinha. Deus escolheu o melhor lugar, cultivou a terra e a plantou de vides escolhidas. Protegeu as vides e preparou um lagar, na expectativa de uma boa sega. Em vez da colheita esperada (obediência, ação de graças, amor, adoração, serviço), encontrou uvas bravas malcheirosas (desobediência, rebelião, idolatria). Indignado, o Senhor pergunta a Judá o que mais poderia ter feito e por que recebeu um retomo tão infeliz. Em seguida, anuncia o castigo iminente. Removera a sebe de proteção. A nação será invadida e pisada. Crescerão nela espinheiros e abrolhos e sofrera seca. Trata-se, sem dúvida, de uma referência ao cativo vindouro. A causa é evidente: quando Deus procurou justiça e retidão em Israel e Judá, encontrou apenas homicídio e o clamor dos oprimidos.⁶¹

A indignação e a frustração do Senhor são claramente expostas na parábola. Deus “esperou ver justiça, mas, eis derramamento de sangue; Ele esperou ver justiça, mas, eis gritos dos oprimidos!” (lit. vs. 7).⁶² Esta indignação resulta de vários crimes de Israel, apontados na seção subsequente com a predição de seis “Ais” e suas sentenças (5. 8–25). O sexto “Ai” (v.22–24), sumariza e conclui toda a passagem, e nele o profeta aponta, entre outros fatores graves, a prática do **suborno** entre os líderes daquele contexto. Como resposta à corrupção em Judá, o juízo de YHWH vem como fogo consumidor e podridão decadente contra toda impiedade (v.24). Semelhante à resposta divina, em face da condição de Judá no contexto do capítulo 1,

⁵⁹ Souza elucida que “Ao chamar os líderes corruptos de “heróis” e “valentes”, o profeta emprega ironia, porque nas situações em que realmente deveriam merecer esses títulos, isto é, na defesa dos pobres e na prática da justiça, eles apresentam atitudes pervertidas” (SOUZA, R. F. Julgamento sobre a impiedade: o resultado da opressão e da injustiça social em Israel é o empobrecimento geral da terra. **Expressão: revista do aluno**, São Paulo, Nº 59, p. 16-20, Ago/Out 2015. p.18). A condenação da embriaguez (vs. 22) pode se referir à perversão das faculdades de julgamento dos juizes: “No último “ai” (v. 22,23), Isaías destila o seu escárnio sobre os impotentes juizes, que não tinham a determinação ou a coragem de resistir ao suborno e à corrupção” (PAYNE, D. F. Isaías. In: BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo testamentos**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p.1002).

⁶⁰ PRICE, 2012, p. 38.

⁶¹ MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Antigo e Novo testamento**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 637.

⁶² Price destaca a expressão divina acentuada no fator literário, afirmando que “Isaías muitas vezes fazia jogos de palavras, como nesse caso: Deus procurava *mishpat*, mas, eis *mispah*; procurava *sedakah*, mas, eis *se’akah*!” (PRICE, 2012, p. 39).

Isaías revela que a razão da decadência aqui deve-se à rejeição da nação pela lei do Senhor (lei escrita) e a palavra do Santo (o oráculo falado). Assim, se acendeu a ira do Senhor contra o seu povo (v. 25), e os instrumentos de seu castigo foram declarados: a hostil nação assíria será convocada e responderá com desolação devastadora da terra e de seu povo.

Observa-se que o juízo divino revela princípios claros de seu caráter, que deveriam ser refletidos na conduta da nação: integridade ética e moral em todas as esferas. Nesse sentido, Greidanus sustenta que “a mensagem dos profetas não era somente uma mensagem de Deus, mas também uma mensagem acerca de Deus, sua aliança, sua vontade, seu julgamento, sua redenção, seu reino vindouro”.⁶³ Isto implica assimilação dos valores do próprio Deus, cujo Reino integra todas as dimensões da existência humana, excedendo os meros interesses ou anseios sociais e as necessidades humanas em sua aplicação. Destarte, segui-los é a prioridade da comunidade de fé. Devido a estes valores, os hebreus distinguiram-se de outras culturas (mérito da incessante repreensão divina por meio do profetismo), a despeito dos seus fracassos espirituais, como aduz Hamilton:

Dada a cobiça do homem em todas as épocas e civilizações, é interessante que no AT há menção de apenas três casos de suborno (com uso da palavra *shohad*): os filhos de Eli (1 Sm 8.3); os reis Asa e Ben-Hadade (1 Rs 15.19); e os reis Acáz e Tiglate-Pileser (2 Rs 16.8). **Uma vez mais se vê o caráter único do AT em contraste com as nações pagãs.** Em seu estudo de textos mesopotâmicos, Finkelstein pôde afirmar que “nos textos cuneiformes não há nenhuma lei conhecida que proíba especificamente o suborno” (p. 79) e que o suborno “era não apenas uma prática comum, mas era também **reconhecido como uma transação legal** (p. 80).⁶⁴

Essa peculiaridade moral do Antigo Testamento reflete a influência profética em todas as esferas da nação intervindo, denunciando e transmitindo a vontade de YHWH.⁶⁵ Como Palavra de Deus esse princípio se perpetua, incorporando distintamente o plano ético judaico e a fé cristã pela mensagem do Reino, como conclui-se a seguir.

7. PROFETISMO E ÉTICA CRISTÃ: O PARADIGMA ANTICORRUPÇÃO REITERADO

No decurso do tempo, verifica-se que os princípios proféticos se enraízam no ideal da práxis comunitária, e são assimilados pela própria ética cristã, que se efetiva pelo Espírito Santo.⁶⁶ O Novo Testamento atesta esta continuidade, como observa-se a seguir.

⁶³ GREIDANUS, S. **O pregador contemporâneo e o texto antigo**: interpretando e pregando literatura bíblica. Tradução de Edmilson F. Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 278, *grifo meu*.

⁶⁴ HAMILTON, V. P. [שֹׁחַד] (*shōhad*). In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L.; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2012, vol. 1, p. 1542-1543, *grifo meu*.

⁶⁵ “A condenação do suborno pelo AT é fundamental para a exigência de Javé de que Israel praticasse a justiça/equidade. [...] pois somente aqueles que recusam subornos entrarão na presença do Senhor (Is 33.15) e, sobretudo, porque o próprio Deus não aceita subornos (Dt 17.2; 2Cr 19.7; SI 15.5)” (GRISANTI; MCCANN, 2011, p. 76).

⁶⁶ Segundo Feinberg, a ética cristã “lida com o homem como decaído, sem capacidade de redimir a si mesmo, num mundo anormal, e postado em desesperada necessidade de interposição divina por meio da

7.1 A Continuidade do Paradigma Profético Anticorrupção e as Expressões da Corrupção no Novo Testamento

Segundo White, é o Espírito quem produz o caráter semelhante ao de Cristo, e “Esta transformação dos homens pela dinâmica interior do Espírito de Cristo é um dos temas éticos centrais do cristianismo”.⁶⁷ Guthrie sustenta que as raízes morais desta nova dinâmica se encontram na ética do AT, ao destacar que:

[...] a ética do NT está firmemente baseada no ensino ético do AT. Não há sugestão de que Jesus começou do zero. [...] ele aceitou a autoridade plena do AT e reconheceu, portanto, as reivindicações da lei, embora tenha acrescentado a ela suas próprias modificações. Já observamos a dinâmica proporcionada pela habitação do Espírito no crente, [...] é essencial ter em mente que nenhuma tentativa de levar a cabo a instrução ética de Jesus sem a ajuda do Espírito é uma proposição viável. **A ética de Jesus é, essencialmente, a ética do Espírito.**⁶⁸

Esta nova vida no domínio do Espírito determina a conduta ética idiossincrática do cristianismo, cujo caráter exprime a mesma base principiológica da mensagem profética, legitimada em todo o texto sagrado, compondo a Palavra de Deus una e infalível.⁶⁹ Nesta mesma senda, Mollegen, citado por Feinberg, destaca que “[...] a fonte da ética cristã se encontra no AT e no NT, onde caráter e ação provêm de um novo relacionamento com Deus”.⁷⁰ Isto indica uma integração evidente dos elementos paradigmáticos do Antigo Testamento no próprio arcabouço ético neotestamentário, sustentando o mesmo antagonismo às práticas corruptas, como afirmam Grisanti e Mccann acerca do *suborno* no âmbito do Novo Testamento:

Aceitar suborno também significa negar a soberania de Deus em outro sentido: somente a pessoa que não confia em Deus busca a segurança espiritual nos bens materiais. Os ensinamentos de Jesus apresentam os mesmos fundamentos acerca da soberania de Deus. Jesus diz: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza (*pleonexia*); porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). A palavra grega *pleonexia* significa um desejo ávido por mais coisas — ganância, insaciabilidade ou cobiça. Mas Deus proverá diariamente

regeneração”. Ou seja, pela ação do Espírito (FEINBERG, C. L. *Ética judaica*. In: HENRY, C. F. H. **Dicionário de ética cristã**. Tradução de Wadislau M. Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 262).

⁶⁷ WHITE, R. E. O. *Ética Bíblica*. In: ELWELL, W. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 89.

⁶⁸ GUTHRIE, D. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 900, 902, *grifo meu*.

⁶⁹ Kaiser argumenta no mesmo sentido: “Da mesma maneira que eles a anunciaram a lei moral de Deus para sua geração, aquelas mesmas palavras continuam a ser endereçadas a nossa geração, pois a natureza e o caráter de Deus não mudam nem diminuem nem nos são oferecidas com algum desconto” (KAISER Jr, W. C. **Documentos do Antigo Testamento: sua relevância e confiabilidade**. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 189).

⁷⁰ MOLLEGEN, A. T. *Ethics of Protestantism*. In: JOHNSON, E. **Patterns of ethics in America today**. New York: Colher, 1962, citado por FEINBERG, C. L. *Ética judaica*. In: HENRY, C. F. H. **Dicionário de ética cristã**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 261.

aqueles que buscarem “em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça” (Mt 6.33; cf. 6.31-33 e Is 33.15-16).⁷¹

O caráter do Reino implica a soberania divina como premissa do governo, renegando toda injustiça. Com base nisto, os autores identificam no Novo Testamento um elemento averso ao caráter do Reino. Observa-se que o genitivo *πλεονεξία* “*plēōnēxia*”, presente na passagem lucana (12.15), transmite um significado adjacente ao conceito veterotestamentário de *sohad* (suborno). Segundo a análise lexical de Robinson, o substantivo *plēōnēxia* traduz a ideia de “[...] cobiça, ganância por rebanho, que leva uma pessoa a defraudar os outros [...] ou seja, pensamentos cobiçosos, planos de fraude e extorsão (Lc 12.15) [...]”.⁷² A forma adjetiva é compartilhada em outras passagens paulinas como 1 Coríntios 5.10-11; 6.10 e Efésios 5.3, nas quais o termo *pleonéktēs* é aplicado ao idólatra (*πλεονέκτης* = avarento, defraudador, cobiçoso)⁷³, pois a avareza sujeita o indivíduo à um poder estranho (incluindo o ladrão – 1 Co 6.10).⁷⁴ Na literatura judaica grega, como a LXX, o termo “*plēōnēxia*” também é usado para “ganho (ilícito)”, sempre no sentido negativo de vantagem material e ganho desonesto (p. ex., usura e suborno).⁷⁵ E conforme Dellling, observa-se que “no Pseudo-Focílides, várias admoestações estão ligadas à questão, p. ex., não se prender a dinheiro, dar a cada um o que lhe é devido e evitar oprimir o pobre ou receber propriedade roubada”.⁷⁶ Este antagonismo à *plēōnēxia*, exposto especialmente pela ética cristã do Reino e do Espírito, remete-se à um marco ético-teológico cravado na mensagem isaiana: o princípio anticorrupção. Isto posto, é inequívoca a plena recepção deste paradigma pela ética cristã. Um legítimo referencial, objetivo a todas as nações.

7.2 A Relevância do Paradigma Profético para a Igreja Contemporânea

A clara congruência entre a ética política sustentada na mensagem de Isaías e a da fé cristã, refletem a linearidade ímpar dos valores das Escrituras. Traçando o papel vital desta continuidade para o cristianismo contemporâneo, Johnson afirma que:

O cristão que quiser viver como súdito consciencioso, deverá usar as oportunidades para influenciar os alvos e a política de seu sistema político. Nas nações, ele tem à sua disposição muitas maneiras para participação, e por isso, tem, também, a sua parcela de responsabilidade (por menor que seja) quanto ao comportamento de seu governo. Os mandamentos e as admoestações que Deus fez aos líderes e reis de Israel são, portanto, relevantes porque expressam os padrões universais para o desempenho do

⁷¹ GRISANTI; MCCANN, 2011, p. 76-77.

⁷² ROBINSON, E. *Léxico grego do Novo Testamento*. Tradução de Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 739-740.

⁷³ *πλεονέκτης*. In: STRONG, J. *A concise dictionary of the words in the greek testament*. New York: Abingdon Press, 1890, p. 58. *tradução minha*.

⁷⁴ DELLING, G. *Pleonexia*. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; *Dicionário teológico do Novo Testamento*. Tradução de Afonso T. Filho, João A. dos Santos, et al. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, vol. 2, p. 224.

⁷⁵ Na esfera da ética grega, “[...] encontramos sentidos tais como “tirar vantagem”, “tirar à força”, “violar” (p. ex., leis), “desejar (coisas) de forma gananciosa” e “afirmar-se”. Em Aristóteles, *pleonexía* significa “cobiça”. (DELLING, 2013, p. 224).

⁷⁶ DELLING, 2013, p. 224.

governo humano. É próprio e correto, para o cristão, procurar e obter cargo público; na verdade será um chamado honrado, se ele desempenhar bem suas responsabilidades para com Deus e para com seus concidadãos (SI 72.1-7).⁷⁷

Johnson proclama a universalização do paradigma profético, identificando a sua dimensão principiológica nos *mandamentos e admoestações* direcionadas aos governos israelitas. Isto é, o padrão objetivo para todo o que almeja atuar na esfera pública. Em sua obra acerca da relação entre igreja e Estado, Rushdoony também sustenta a essencialidade do padrão profético e da atuação cristã na esfera pública, ao expor que:

[...] a comunidade cristã deve declarar a prioridade da **Palavra-lei** de Deus como compulsória para **o todo da vida**, incluindo igreja, Estado e escola. Os cristãos devem mais uma vez assumir o governo na educação, bem-estar, saúde e outras esferas”. [...] Os profetas, os antigos pregadores de Deus, foram ordenados pelo Senhor a proclamar a Palavra-Lei de Deus com relação a todas as coisas, e corrigir e repreender reis e governadores [...] Não há limites para a extensão do governo, da lei e do controle soberano de Deus. Portanto, não pode haver limites à extensão do testemunho da igreja, de sua pregação e da responsabilidade ordenada por Deus.⁷⁸

A aplicação da Palavra-Lei à *o todo da vida* e à *todas as coisas*, não deixa margens para uma atuação cristã seletiva, pois o Reino abrange todas as dimensões da vida humana. Na esfera pública, a Palavra-Lei será um vetor orientador do Estado, congruente ao ideal profético isaiano que confronta, repreende e corrige governos. Pois em toda a história da ação salvadora de Deus nas Escrituras, “governar” compõe a responsabilidade criacional. Smith expressa a importância dos princípios do reino divino, manifestos nas ações históricas de YHWH, ao afirmar que:

As ações salvíficas de Deus na história são o cânon e o critério pelos quais fazemos juízos políticos hoje. Lemos e absorvemos a história bíblica de forma que ela nos capacite a discernir o que Deus está fazendo. [...] A teologia política deve ser subscrita pela especificidade da narrativa escriturística da obra salvadora de Deus em Israel e em Jesus, “**atestando a afirmação de que YHWH reina**”. [...] É por isso que a teologia política cristã é a um só tempo evangélica e escandalosamente histórica. “Profetas verdadeiros”, ele (*O’Donovan*) prossegue, “não podem falar apenas dos erros dos falsos profetas. Seu julgamento consiste precisamente no que eles têm a dizer sobre os propósitos divinos de renovação, de sua misericórdia até mesmo para com sociedades frágeis e débeis, como Israel e Judá, comunidades instáveis das quais depende o destino das almas. A teologia cristã deve assumir a tarefa do profeta e, ao aceitar a história como matriz em que a política e a ética tomam forma, afirmar que é a história da ação de Deus, não mera contingência, mas propósito”.⁷⁹

⁷⁷ JOHNSON, W. C. Governo. In: HENRY, C. F. H. **Dicionário de ética cristã**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 321, grifo meu.

⁷⁸ RUSHDOONY, J. **Cristianismo e Estado**. Tradução de Fabrício de Moraes Tavares. 2.ed. Brasília: Monergismo, 2018, p. 264, 270, grifo meu.

⁷⁹ SMITH, J. K. A. **Aguardando o Rei: reformando a teologia pública**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2020, vol. 3, p. 85-88, 181. Grifo meu. Com base na exegese de Oliver O’Donovan (*The desire of nations*),

A ação salvadora de YHWH na história de Israel é o que moveu o profetismo, o transmissor de Seu caráter (juízo, propósitos e misericórdia). Na esfera da ética cristã, os princípios paradigmáticos da mensagem isaiana continuam intrínsecos à “busca” pelo *Reino*, onde inexistem ganância, usura, e qualquer fator que estimule a corrupção – o próprio Filho garante a sua provisão nos dias daqueles que primeiro *buscam o seu Reino e a sua justiça* (Mt 6.33). Portanto, categoricamente, o paradigma anticorrupção do profetismo integra o arcabouço ético do próprio *evangelho*, que celebra o Reino neste mundo, influenciando as diversas dimensões da vida humana. Este princípio permanece vital para as nações, na formação de uma sociedade próspera e livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profetismo bíblico retrata não apenas as admoestações e juízos de YHWH. Antes, ele expressa o caráter de YHWH, revelando-o à nação, almejando que as práticas do povo se alinhem a Seu caráter. YHWH é o provedor que cuidou do povo de Judá quando eram estrangeiros, proscritos e desamparados, porque é isso que lhe agrada fazer. E refletindo a fidelidade de Seu caráter, este povo conseqüentemente logrará paz, prosperidade e igualdade social. Portanto, o combate às práticas de corrupção em uma sociedade caótica reflete a justiça do Reino de Deus, como se observou na análise dos capítulos 1 e 5 de Isaías. O princípio que emerge desta mensagem integra a ética do próprio *evangelho*, assumindo extrema relevância como paradigma sociopolítico de integridade e justiça, para a alegria das nações. Por fim, a mensagem de Isaías evidencia o caminho do arrependimento, de retorno ao coração de Deus. Ele é o verdadeiro Senhor da terra, dos reinos, principados e domínios deste mundo. Ele é santo, incorruptível.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA, P. **Bíblia de Estudo NAA**. 3.ed. Barueri: SBB, 2018. 2880 p.

BONAVIDES, P. **Ciência política**. 19.ed. São Paulo: Malheiros, 2012.

CANHÃO, T. F. O conto do camponês eloquente. **CADMO - Revista de História Antiga**, Lisboa, n. 16, 2006. 11-54. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/23988/1/Cadmo16_Artigo1.pdf?ln=pt-pt>.

CANHÃO, T. F. **Doze textos egípcios do Império Médio**: traduções integrais. Coimbra: Coimbra University Press, 2013. 239 p.

Smith apresenta o imaginário político da adoração cristã, no afã de propor uma “teologia política evangélica” que essencialmente porte os princípios proféticos [o que “O’Donovan chamaria de política “evangélica”: uma política moldada pela especificidade Cristológica do evangelho e pela especificidade encarnacional do corpo de Cristo” (SMITH, 2020, p. 145)]. Para este fim, Smith explicita o significado principiológico do juízo divino (presente na mensagem profética) no plano histórico da salvação: “A história de Israel deve ser lida como uma história de redenção, isto é, como a história segundo a qual certos princípios da vida social e política foram vindicados pela ação de Deus no juízo e restauração do povo” (SMITH, 2020, p. 87).

CAZELLES, H. **História política de Israel**: desde as origens até Alexandre Magno. Tradução de Cácio Gomes. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CHISHOLM Jr, R. B. **Interpretação dos livros históricos**: um prático e indispensável manual de exegese. Tradução de Sandra Salum. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 192 p.

CHISHOLM Jr, R. B. **Introdução aos profetas**. Tradução de Fernando Kerr. São Paulo: Cultura Cristã, 2018. 576 p.

CORDEIRO, C. P. B. S. A corrupção sob um prisma histórico-sociológico: análise de suas principais causas e efeitos. **Revista Eletrônica Direito e Conhecimento**, Arapiraca/AL, v.1, n. 2, p. 67-93, Jul./Dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/dec/article/view/670/552>>. Acesso em: 13 Out. 2020.

CUNHA, P. F. D. **Teoria geral do Estado e ciência política**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

DAVIDSON, B. **Léxico analítico hebraico e caldaico**. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1136 p.

DELLING, G. Pleonexia. In: KITTEL, G.; FRIEDRICH, G.; **Dicionário teológico do Novo Testamento**. Tradução de Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos, *et al.* São Paulo: Cultura Cristã, v. 2, 2013. p. 224-225.

DIMANT, E.; TOSATO, G. Causes And Effects of Corruption: What Has Past Decade's Empirical Research Taught Us? A Survey. **Journal of Economic Surveys**, Pennsylvania, v. 32, n. 02, 2018. p. 335-356. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/304113926_Causes_and_Effects_of_Corruption_What_has_Past_Decade's_Empirical_Research-Taught_Us_A_Survey>.

DONNER, H. **A história de Israel e dos povos vizinhos**: da época da divisão do reino até Alexandre Magno. Tradução de Claudio Molz e Hans A. Trein. São Leopoldo-RS: Sinodal, v. 2, 2014. Com um olhar sobre a história do judaísmo até Bar Kochba.

EWALD, H. **The History of Israel**: from the disruption of the monarchy to its fall. 2. ed. London: Longmans, Green and Co, 1878. Volume 4. Disponível em: <<https://books.google.bs/books?id=UnIAAQAAIAAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false>>.

FEINBERG, C. L. Ética judaica. In: HENRY, C. F. H. **Dicionário de ética cristã**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 261-263.

FIESP. **Corrupção**: custos econômicos e propostas de combate. São Paulo: FIESP, p. 35. 2010. Relatório. Disponível em: <https://www.fiesp.com.br/arquivo-download/?id=2021>.

GREIDANUS, S. **O pregador contemporâneo e o texto antigo**: interpretando e pregando literatura bíblica. Tradução de Edmilson F. Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 448 p.

GRISANTI, M. A.; MCCANN, J. C. [תַּוְשָׁה]. In: VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. Tradução de Equipe de colaboradores da editora Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 4, p. 75-77.

GUTHRIE, D. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 1080 p.

HAMILTON, V. P. [שְׁחָדָה] (*shōhad*). In: HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L. ; WALTKE, B. K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo; Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 2012. Vol. 1, p. 1542-1543.

HANKE, H. A. Suborno. In: TENNEY, M. C. **Enciclopédia da Bíblia**. Tradução de Equipe de colaboradores da Cultura Cristã. São Louís: Cultura Cristã, 2008. Vol. 5, p. 701.

JOHNSON, W. C. Governo. In: HENRY, C. F. H. **Dicionário de ética cristã**. Tradução de Wadislau Martins Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 608.

KAISER Jr, W. C. **Documentos do Antigo Testamento: sua relevância e confiabilidade**. Tradução de Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. 240 p.

KRIWACZEK, P. **Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LAMBERT, W. G. **Babylonian wisdom literature**. Oxford: Oxford University Press, 1960.

MACDONALD, W. **Comentário bíblico popular: Antigo e Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

MCCANN, C. J. [שְׁחָדָה]. In: VANGEMEREN, W. A. **Novo dicionário de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1, p. 671-673.

MERRILL, E. H. Uma teologia do Pentateuco. In: ZUCK, R. B. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Luís Aron Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. Cap. 1, p. 19-104.

MOLLEGEN, A. T. Ethics of Protestantism. In: JOHNSON, E. **Patterns of ethics in America today**. New York: Colher, 1962.

NEDERHOF, M.-J. **Eloquent peasant**. St Andrews: University of St Andrews, 2009.

OSWALT, J. N. **Comentário do Antigo Testamento - Isaías: capítulos 1 ao 39**. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1, 848 p.

PACHECO, T. D. S. Profetismo, religião e sociedade no Antigo Israel: formas de organização e conflitos. **Religare: revista do programa de pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB**, Paraíba, v. 16. n. 2, 31 Dezembro 2019. 615-635. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/47074/29313/>>. Acesso em: 09 Setembro 2020.

PARKINSON, R. B. **The tale of the eloquent peasant**. Oxford: Griffith Institute, Asmolean Museum, 1991.

PAYNE, D. F. Isaías. In: BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. p. 989-1058.

PINHEIRO, J. **História e religião de Israel: origens e crise do pensamento judaico**. São Paulo: Vida, 2012.

PRICE, R. E. Isaías. *In*: PURKISER, W. T. **Comentário bíblico Beacon: Isaías a Daniel**. Tradução de Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. Vol. 4, p. 19-244.

RAWLINSON, G. **The kings of Israel and Judah**. London: Molinarius Press, 2017.

ROBINSON, E. **Léxico grego do Novo Testamento**. Tradução de Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. 1032 p.

ROMEIRO, A. A corrupção na Época Moderna: conceitos e desafios metodológicos. **Revista Tempo**, Minas Gerais, 21. n. 38, 17 Agosto 2015. p. 216-237. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v21n38/1413-7704-tem-21-38-00216.pdf>>. Acesso em: 05 Out. 2020.

RUSHDOONY, J. **Cristianismo e Estado**. Tradução de Fabrício de Moraes Tavares. 2.ed. Brasília: Monergismo, 2018. 272 p.

SCHULTZ, S. J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. 512 p.

SMITH, James. K. A. **Aguardando o Rei: reformando a teologia pública**. Tradução de A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2020. Vol. 3, 256 p. Série Liturgias Culturais.

SMITH, Ralph. L. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. Tradução de Hans Fuchs Udo e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2015. 448 p.

SOUZA, R. F. Julgamento sobre a impiedade: o resultado da opressão e da injustiça social em Israel é o empobrecimento geral da terra. **Expressão: revista do aluno**, São Paulo, Nº 59, p. 16-20, Ago/Out 2015.

STRONG, J. Dicionário Hebraico do Antigo Testamento. *In*: GOMES, P. S.; PIVA, D. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico e Grego**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 1503-2012.

STRONG, J. **A concise dictionary of the words in the greek testament**. New York: Abingdon Press, 1890.

VAUX, R. D. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2017.

VERMEYLEN, J. Isaías. *In*: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; NIHAN, C. **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. Tradução de Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010. Cap. 8, p. 401-418.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: ASTE/Targumim, 2006. Vol. 1 e 2.

WALTKE, B. K. **Teologia do Antigo Testamento: uma abordagem exegética, canônica e temática**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015. 1232 p.

WALTON, J. H.; MATTHEWS, V. H.; CHAVALAS, M. W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento.** Tradução de Noemi Valéria da Silva Altoé. São Paulo: Vida Nova, 2018. 1088 p.

WHITE, R. E. O. Ética Bíblica. In: ELWELL, W. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 87-90.

WILSON, M. R. Suborno. In: YAMAUCHI, E. M.; WILSON, M. R. **Dicionário da vida diária na Antiguidade Bíblica & Pós-Bíblica:** completo em um volume A a Z. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. p. 1477-1483.

WORLD BANK, G. **Mind, society, and behavior: world development report 2015.** World Bank Group. Washington D.C. Relatório. 237p. 2015. Disponível em: <http://documents1.worldbank.org/curated/en/645741468339541646/pdf/928630WDR0978100Box385358B00PUBLIC0.pdf>. Acesso em 05 Out. 2020.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A MENSAGEM DE AMÓS: UMA DENÚNCIA A ESPIRITUALIDADE SUPERFICIAL DE ONTEM E DA CONTEMPORANEIDADE

The Amos message: a denunciation to the superficial spirituality of yesterday
and contemporaneity

Silvio Oliveira da Silva¹

RESUMO

O artigo oferece uma análise da mensagem de Amós e a denúncia que este homem de Deus faz tanto ao povo de Israel do seu tempo quanto à sociedade contemporânea no que se refere à vivência de uma espiritualidade superficial.² Para tal proposta, é utilizado o caminho teórico-metodológico da pesquisa bibliográfica, que recorre aos materiais já elaborados e sistematizados, como livros e artigos científicos. O texto do profeta de Tecoá é antigo, mas a mensagem é contemporânea. Atentar-se para o conteúdo das palavras proferidas aos israelitas do século VIII a.C. é *conditio sine qua non*³ para o cristão hodierno.

Palavras-chave: Amós. Mensagem. Denúncia. Espiritualidade superficial.

ABSTRACT

The article aims to offer an analysis of the message of Amos and the denunciation this man of God makes to the people of Israel of his time as well as to contemporary society regarding the experience of a superficial spirituality. For such proposal, the theoretical-methodological path of bibliographic research is used, which points to materials already elaborated and systematized, such as books and scientific articles. The text of the Tecoá

¹ Aluno especial do Mestrado Profissional em Teologia, da FABAPAR. E-mail: efisicasilvio@bol.com.br

² Uma espiritualidade superficial é caracterizada, sobretudo, pelo desconhecimento de Deus e, como resultado, ainda que o indivíduo tenha a intenção de adorar ao Senhor dos senhores, acaba tornando-se idólatra e apresentando um culto híbrido de vida e participando de um sincretismo religioso.

³ De acordo com o dicionário de português online, *conditio sine qua non* é algo extremamente importante, essencial; que não se pode nem se consegue dispensar; e indispensável. Veja mais sobre em <https://www.dicio.com.br/sine-qua-non/>. Acesso em 28-11-2020

prophet is old, but the message is contemporary. Paying attention to the content of the words spoken to the Israelites of the 8th century B.C. is *conditio sine qua non* for today's Christian.

Keywords: Amos. Message. Denunciation. Superficial spirituality.

INTRODUÇÃO

A mensagem de Amós é um convite de arrependimento para o indivíduo que vivencia uma espiritualidade superficial. Esta espiritualidade superficial foi o centro nevrálgico para os israelitas praticarem uma série de pecados abomináveis ao Senhor. O povo de Israel da época do profeta era idólatra, de modo que realizavam uma tentativa de associar a adoração a outros deuses com um culto ao Deus de Israel. Tal atitude demonstra a falta de conhecimento do seu Deus e, conseqüentemente, à medida que este sincretismo foi sendo concretizado no Reino do Norte mais se distanciavam de YHWH. Na contemporaneidade, assim como havia no Israel do século VIII a.C., a espiritualidade superficial está presente.

O presente artigo irá realizar uma análise da vida do profeta Amós e as características do seu tempo. Em seguida, expor-se-á a mensagem de Amós e a denúncia que este hebreu fez no que diz respeito a uma vida caracterizada por uma espiritualidade superficial, bem como as conseqüências geradas por tal modo de viver. Por fim, é apresentada algumas atitudes que o profeta de Tecoá indica tanto para os israelitas de seu tempo quanto para o indivíduo contemporâneo, a fim de que deixem uma espiritualidade superficial e sigam em direção a uma espiritualidade profunda, ou seja, marcada pelo contínuo conhecimento de Deus.

1. O PROFETA E SEU TEMPO

Por volta do século VIII a.C., Amós,⁴ um pastor de ovelhas,⁵ criador de gado e cultivador de sicômoros⁶ era um homem que vivia no Reino de Judá⁷ e por vontade divina foi chamado a levar uma mensagem ao Reino de Israel.⁸ Este profeta,⁹ de maneira soberana, designado

⁴ Amós em hebraico pode significar sustentado ou carregador de fardos. GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores:** introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 51.

⁵ Informação do texto bíblico de Amós 1.1.

⁶ Amós 7.14. O sicômoro, na época de Amós, era uma árvore que poderia chegar a treze metros de altura e se destacava pela sua importância na economia da região. Boa síntese sobre esse fato pode ser observado em: (GUSSO, 2017, p. 50.)

⁷ No que se refere à vida do profeta, Hernandes Dias Lopes, teólogo presbiteriano, afirma que “Amós não era procedente da classe rica e aristocrática, empoleirada no poder, mas oriundo das toscas montanhas de Tecoá, aldeia incrustada nas regiões mais altas da Judeia”. Ver mais sobre em LOPES, Hernandes Dias. **Amós:** um clamor pela justiça social. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 16.

⁸ Vale ressaltar que o Reino de Israel também era chamado de Reino do Norte. Houve a divisão de Israel após o rei Roboão assumir o trono. Jeroboão liderou o Reino do Norte com dez tribos e Roboão ficou à frente do Reino de Judá com duas tribos. Ver mais sobre em 1 Reis 12.1-20.

⁹ Os profetas eram homens chamados a levarem uma fiel mensagem proveniente do Eterno. Segundo Christopher Wright, renomado especialista em Antigo Testamento, os profetas tinham boca: eles falavam em nome de Deus; tinham ouvidos: eles escutavam a palavra de Deus; tinham olhos: eles viam as coisas do ponto de vista de Deus; tinham cabeça: eles possuíam mente própria; tinham coração: eles sentiam o que Deus sentia; tinham mãos: às vezes eles transformavam palavras em ações. Para Wright, os profetas tinham algo

pelo Senhor, era de uma vila denominada Tecoa¹⁰ que, segundo Gusso, distava aproximadamente dez quilômetros de Belém de Judá e dezesseis quilômetros de Jerusalém.¹¹

Nesse momento histórico, o rei Jeroboão II¹² liderava o reino para o qual a mensagem do Eterno seria direcionada. A região estava passando por um significativo momento de prosperidade econômica e tal fato poderia ser exemplificado por meio de suntuosas construções e negócios comerciais lucrativos. Quanto à situação internacional do Reino do Norte, Gusso destaca que

De 830 até 800 a.C., Arã (Síria) vinha oprimindo Israel (Reino do Norte). Aproximadamente na época que cobre o período que vai de 806-800 a.C., a Assíria conquista a Síria o que resultou em um conforto imediato para Israel que entrou em uma era de prosperidade. Israel conseguiu, inclusive, reconquistar, por intermédio de Joás, pai de Jeroboão II, algumas cidades que haviam sido perdidas para Bem-Hadade, rei da Síria (2Rs 13.25). A Assíria, na ocasião, não se preocupou com Israel. Desta forma, Jeroboão II, sucedendo a seu pai, pôde dar continuidade às obras que haviam sido iniciadas, administrando muito bem e reconquistando espaços perdidos em épocas passadas (2Rs 14.23-29).¹³

O marcante desenvolvimento da nação israelita era contrastado com uma espiritualidade superficial do povo, sobretudo, dos seus líderes e, como resultado, as suas relações estavam marcadas por injustiças¹⁴ e corrupções comerciais.¹⁵ A nação, de fato, não buscava o Deus que havia libertado os seus familiares da escravidão do Egito, antes procuravam os seus próprios interesses.

Durante o reinado de Jeroboão II,¹⁶ as pessoas estavam imbuídas em peregrinar até os santuários da região e participar das atividades religiosas de costume, porém as suas consciências se encontravam distantes do Senhor. Os indivíduos caminhavam em direção aos

em comum: falavam em nome de Deus. Ver mais sobre em WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento**. Tradução de Cecília Eller. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 172-180.

¹⁰ Esta região foi fortificada pelo rei Roboão e servia de referência para rotas de caravanas. Veja mais sobre em GUSSO, 2017, p. 51.

¹¹ GUSSO, 2017, p. 51.

¹² De acordo com Balanci e Storniolo, o reinado de Jeroboão II ocorreu entre 783 e 743 a.C. Nesse período, o Reino do Norte vivenciou um momento de tranquilidade, especialmente, pelo fato do império assírio, principal força militar, estar ocupado com a região de Damasco. Somado a isso, Jeroboão II conquistou alguns territórios perdidos anteriormente e, conseqüentemente, ocorreu uma espécie de “milagre econômico”. Ver mais sobre em BALANCI, Euclides M.; STORNILO, Ivo. **Como ler o livro de Amós: a denúncia da justiça social**. São Paulo: Paulus, 1991, p. 8.

¹³ GUSSO, 2017, p. 54.

¹⁴ De acordo com Lopes, o livro do profeta Amós é um dos maiores aportes literários no que diz respeito à justiça social. Ver mais sobre em LOPES, 2007, p. 16.

¹⁵ As relações comerciais que estavam sendo realizadas no meio do povo do Reino do Norte estavam prejudicando os pobres e os necessitados. Segundo Balanci e Storniolo, “os comerciantes são duramente criticados porque se enriquecem graças à fraude. Enquanto frequentam as festas e cerimônias realizadas no sábado, eles, na verdade, estão continuamente maquinando o que poderão fazer para conseguir mais lucro” (BALANCI; STORNILO, 1991, p. 25-26).

¹⁶ O rei Jeroboão II que é o décimo terceiro após a divisão de Israel em reino do norte e reino do sul, não pode ser confundido com o primeiro rei do norte de Israel, Jeroboão I. Esse, por meio de uma estratégia política e religiosa, nomeou alguns sacerdotes e construiu templos no Reino do Norte, a fim de que as pessoas não peregrinassem até o templo de Jerusalém (GUSSO, 2017, p. 53).

locais geográficos de adoração a Deus, mas não adoravam ao Eterno com as suas vidas. Apresentavam uma espiritualidade superficial, isto é, distantes dos ensinamentos ensinados proclamados pelos profetas.

Os templos frequentados pelo povo eram os de Berseba, Gígal e Betel.¹⁷ Esse era o que mais se destacava no que diz respeito a uma vida de espiritualidade desalinhada com uma transformação verídica do indivíduo. Lopes, indica que Betel, denominada casa de Deus, antes um lugar de transformação e orientação da vida, era o centro da idolatria do Reino do Norte.¹⁸

O sacerdote de Betel era um homem chamado Amazias. Desse religioso, esperava-se uma denúncia das práticas pecadoras daquele povo. Entretanto, este líder estava associado à pecaminosidade da nação¹⁹ e se opôs à mensagem de Amós. Essa atitude pode ser percebida a partir da leitura do texto de Amós 7.12-13, a saber: “Então, Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, fuge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza; porque é o santuário do rei e o templo do reino”.

O tempo histórico que Amós profetizou era idólatra e, por conseguinte, caracterizado por uma profunda relação com pecados. Desses, a injustiça social é o de mais fácil identificação no reinado de Jeroboão II. Para Lopes, “muitos se enriqueceram por meio da violência e rapina; pela opressão dos pobres e necessitados (Am 3.10). Credores sem remorso vendiam os pobres como escravos (Am 2.6-8)”.²⁰ Quanto mais o ser humano se distancia do Pai celestial mais enraizado ao pecado se demonstra.

2. A MENSAGEM DE AMÓS

O profeta traz a palavra do Altíssimo para um povo que vivia uma espiritualidade superficial, de modo que ofereciam holocaustos, ofertas pacíficas de animais, ofertas de manjares²¹ e religiosamente frequentavam os cultos, porém não colocavam YHWH em primeiro lugar nas suas vidas. Antes, tentavam conciliar pressupostos divinos e pagãos. Festas e assembleias solenes²² marcavam a sociedade do Reino de Israel, mas tais eventos não davam prazer ao Eterno.

O pastor de ovelhas convocado pelo Altíssimo iniciou o seu chamado levando uma mensagem de denúncia às nações²³ que estavam ao redor do Reino do Norte. As pessoas de

¹⁷ Informação do texto bíblico de Amós 5.5.

¹⁸ LOPES, 2007, p. 125.

¹⁹ Informação do texto bíblico de Amós 7.10-11.

²⁰ LOPES, 2007, p. 23.

²¹ Informação do texto bíblico de Amós 5.22.

²² Informação do texto bíblico de Amós 5.21.

²³ O termo frequentemente usado para a acusação de tais nações era: “por três crimes... e pelo quarto”. O sentido que a expressão aponta é que apesar de poder ser acusada de diferentes pecados, apenas o mais importante é o que seria exposto.

Damasco,²⁴ Gaza,²⁵ Tiro,²⁶ Edom,²⁷ Amom,²⁸ Moabe²⁹ e Judá³⁰ tiveram os seus erros e pecados apontados pelo profeta de Tecoa.³¹ No que diz respeito às nações gentílicas, Lopes aponta que todas pecaram por meio do egocentrismo,³² já a nação judaica pela rejeição à Lei de Deus e o abandono dos estatutos deixados pelo Altíssimo.³³

Damasco era a capital da Síria e local de abundante comércio. Possuía tanto riqueza quanto uma força militar destacável. O seu pecado, sobretudo, foi violentar e destruir Gileade de maneira cruel. Tratou o povo que atacou como uma coisa qualquer. O livro de Amós afirma que Damasco se movimentou sobre Gileade com trilhos de ferro.³⁴ A riqueza de Damasco resultou em avareza e a força em violência. A prosperidade e robustez dessa nação não serviram para o bem, mas para oprimir, invadir e esmagar os seus vizinhos que não podiam resistir a sua truculência.

Gaza³⁵ era uma das principais cidades da Filístia e caracterizada pelo abundante comércio escravagista. O pecado desta região era tornar o ser humano um instrumento de lucro. Não havia em Gaza o amor às pessoas, antes ao benefício que poderiam ter com a venda de seres humanos. Os sírios, especialmente da região de Damasco, trataram as pessoas como coisas. Já os filisteus, sobretudo de Gaza, atribuíram maior valor às coisas que aos seus semelhantes.

Tiro,³⁶ cidade fenícia, era considerada na época de Amós uma das mais cosmopolitas. Além disso, assim como Samaria, esbanjava uma vida de soberba e luxo. Pecou, sobretudo, quando rompeu uma aliança considerada de irmandade. As atitudes iníquas desta sociedade foram consideradas desumanas.³⁷ O tráfico escravagista era um pecado cometido não apenas por Gaza como também por Tiro, porém esse tinha um agravante que era a quebra de uma promessa, isto é, de uma palavra empenhada.³⁸

²⁴ Informação do texto bíblico de Amós 1.3-5.

²⁵ Informação do texto bíblico de Amós 1.6-8.

²⁶ Informação do texto bíblico de Amós 1.9-10.

²⁷ Informação do texto bíblico de Amós 1.11-12.

²⁸ Informação do texto bíblico de Amós 1.13-15.

²⁹ Informação do texto bíblico de Amós 2.1-3.

³⁰ Informação do texto bíblico de Amós 2.4-5.

³¹ Para Motyer, a denúncia enfatiza os pecados que elas cometiam nas relações entre as pessoas, isto é, do homem para o homem. Ver mais sobre em MOTYER, J. A. **A mensagem de Amós: o dia do leão**. Tradução de Yolanda MirDSA Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 2008, p. 23.

³² LOPES, 2007, p. 39.

³³ LOPES, 2007, p. 56-58.

³⁴ Informação do texto bíblico de Amós 1.3-5.

³⁵ Informação do texto bíblico de Amós 1.6-8.

³⁶ Informação do texto bíblico de Amós 1.9-10.

³⁷ Os fenícios de Tiro consideraram os israelitas como mera mercadoria. Esqueceram-se de uma longa história de fraternidade entre as regiões. Israel cumpria a sua aliança. Jamais declarou guerra contra tal povo. Ressalta-se que considerável parte do material utilizado na construção do templo dos hebreus realizada por Salomão é proveniente de Tiro. Esse, portanto, deixou uma antiga aliança e pecou oprimindo os israelitas.

³⁸ Tiro se esqueceu de uma aliança histórica com Israel. Na região onde estava localizado tanto Israel quanto os fenícios quando era realizada uma aliança entre reis, chamavam-na de aliança entre irmãos. Assim, os reis que firmavam tais alianças chamavam-se, de maneira cordial, de irmãos. Tal fato pode ser observado entre Hirão, rei de Tiro, e Salomão, rei de Israel (ainda como Reino Unido, ou seja, ainda não dividido). Em 1 Reis 9.13 pode ser constatado este costume.

As pessoas edomitas eram descendentes do irmão de Jacó, Esaú. Apesar do Reino de Edom fazer parte do comércio de seres humanos realizado tanto por Gaza quanto por Tiro, o pecado enfatizado e denunciado por Amós é o abandono do amor fraternal por seu irmão. O ódio de Esaú e seus descendentes acabou se perpetuando. Os edomitas, na maior parte da história destas nações, quando podiam dificultar a vida de Israel, assim o faziam.³⁹ Edom, de modo implacável, atacou à espada seu irmão.⁴⁰ Não praticou misericórdia, antes expressou sua indignação acumulada. Dessa forma, o pecado desta nação foi o ódio irracional ao seu irmão, entesourado na consciência dos edomitas, e que, conseqüentemente, gerou dificuldades para reconciliação com os israelitas.⁴¹

Amom⁴² era uma nação que se destacava pela sua idolatria. Adoravam, sobretudo, um ídolo denominado Moloque. Embora tal idolatria fosse contrária a vontade de Deus, o pecado denunciado e sobressaltado no livro de Amós foi a sua crueldade com os fracos. De fato, com o objetivo de alargar o seu território e ampliar a sua influência política, os amonitas colocaram em prática o plano de adquirir o território de sua vizinha geográfica, Gileade. Para o sucesso deste empreendimento, foram capazes de sacrificar mulheres grávidas. O povo de Amom eram pessoas que viviam afastadas do Senhor e não demonstraram nenhuma misericórdia e sensibilidade para com os desamparados, antes praticaram atos abomináveis contra os indefesos.

Moabe⁴³ era uma região localizada a leste do mar Morto e fazia fronteira com o território edomita. Os moabitas, assim como os amonitas, nutriam uma contínua aversão a Israel.⁴⁴ Desentendimentos políticos e interesses individualistas eram notórios entre estes três povos e, dessa forma, guerras estiveram presentes ao longo da história destes Estados. Em um dos conflitos ao longo da história, o rei de Moabe ordenou que o rei de Edom fosse queimado publicamente.⁴⁵ A vingança, de maneira venenosa, tomou a consciência do líder moabita e, conseqüentemente, praticou uma atitude selvagem. O profeta Amós, portanto, denuncia o ódio moabita concretizado com um ato de vingança.

Judá,⁴⁶ um esplendoroso centro religioso, foi denunciado pelo profeta Amós, sobretudo, pelo abandono da Lei. Esse era o elemento de ensino e prática que o judeu possuía para se distinguir dos demais povos. Deus instrui aos seus escolhidos por meio de uma relação docente e discente, ou seja, professor e aluno. A Lei proveniente do Altíssimo não era para gerar um legalismo, antes para resultar em um relacionamento. O profeta de Tecoá indica que

³⁹ Esta ira e indignação podem ser observadas em algumas referências bíblicas, tais como: Números 20.14,21, 2 Reis 16.5, Salmo 137.7 e Obadias 10.14.

⁴⁰ Informação do texto bíblico de Amós 1.11-12

⁴¹ Vale ressaltar que no livro de Deuteronômio havia uma ordem divina a Israel, a fim de que não aborresse ao seu irmão (Dt 23.7).

⁴² Informação do texto bíblico de Amós Am 1.13-15. Ressalta-se que Amom era uma nação proveniente de uma relação incestuosa com uma de suas filhas, a mais nova. Tal fato pode ser notado no livro de Gênesis (Gn 19.38).

⁴³ Informação do texto bíblico de Amós 2.1-3.

⁴⁴ Os moabitas eram um povo proveniente da relação incestuosa entre Ló e sua filha primogênita. (Gn 19.37)

⁴⁵ Destaca-se que a forma como ocorreu a morte tornava aquele que morreu como um maldito. Dessa forma, o rei moabita profanou, de maneira cruel e sem escrúpulos, o corpo do defunto em questão.

⁴⁶ Informação do texto bíblico de Amós 2.4-5.

os judeus rejeitaram e dispensaram os ensinamentos do Senhor. Em vez de entesourarem os estatutos⁴⁷ do Senhor em seus corações, deixaram-se levar pelos engodos de falsos mestres e, como resultado, tornaram-se idólatras. Assim, andaram de acordo com a mentira que os conduziu para longe do Senhor.⁴⁸ Judá pecou, especialmente, na rejeição da verdade divina que é imutável e soberana.

Motyer observa que as primeiras nações denunciadas pelo profeta de Tecoa, sejam a Síria, Filistia e Tiro, faziam parte somente do contexto político de Israel. Já, em proximidade, Edom, Amom e Moabe estavam dentro de um contexto mais familiar.⁴⁹ Dessa forma, Amós estava denunciando os pecados dos mais distantes para chegar nos mais próximos do Reino do Norte. Quanto aos pecados das sete nações vizinhas do Reino do Norte, Balanci e Storniolo fazem uma relevante síntese:

Damasco, capital do rei de Aram, é acusada de ter arrasado de maneira violenta e cruel o território de Galaad (Am 1.3-5); os filisteus praticaram tráfico de escravos (Am 1.6-8); os fenícios de Tiro violaram o pacto que haviam estabelecido com outra nação irmã (Am 1.9-10); Edom não teve compaixão, nem ajudou a nação irmã, quando esta sofreu a invasão de uma grande potência (Am 1.11-12); Amom trucidou até mulheres grávidas para conquistar o território de Galaad (Am 1.13-15); Moab recusou sepultar o rei inimigo, o que era considerado o máximo da imoralidade, pois assim o defunto se tornava maldito (Am 2.1-3); Judá não obedeceu a lei de Javé e praticou a idolatria.⁵⁰

Se o Senhor estava denunciando os pecados dos povos ao redor de Israel por ignorarem a consciência interior que todo indivíduo possui e praticarem tais atitudes repugnantes, ainda mais denunciaria os israelitas, escolhidos por Ele. Relativo às iniquidades praticadas pelo Reino do Norte, Lopes afirma que “o pecado do povo de Deus é mais grave, mais hipócrita e mais danoso que o pecado dos ímpios”.⁵¹ Após apontar os erros dos povos vizinhos, o Altíssimo denuncia, de maneira abrangente, os pecados da nação que escolheu revelar-Se.

Os israelitas apresentavam um claro desconhecimento do Eterno, em vez de darem ouvidos a palavra direcionada às regiões vizinhas e examinarem o seu modo de viver, antes continuaram como estavam, ou seja, pensando estar perto do Salvador, mas, de maneira verídica, permaneciam longe. Tinham uma falsa segurança no Dia do Senhor,⁵² pois, de fato, não conheciam Aquele que poderia trazer a verdadeira segurança.

Amós, diferentemente da maior parte do povo de Israel, conhecia a Torá e os seus ensinamentos envolvendo as questões morais. Por vezes, faz citações sobre tal preciosidade

⁴⁷ Em Êxodo 15.26, o Altíssimo ordena que o seu povo guarde os seus estatutos. Esse é considerado como um símbolo da Lei de Deus e traz um sentido de uma verdade que não se modifica, ou seja, imutável. Além disso, vale destacar que os estatutos do Senhor são imperecíveis e válidos como ensinamento em todas as épocas.

⁴⁸ As nações gentílicas foram julgadas pelo justo Deus. Quanto ao juízo do Senhor em relação a estes Estados, há uma relevante síntese em (LOPES, 2007, p. 35-52).

⁴⁹ MOTYER, 2008, p. 36.

⁵⁰ BALANCI; STORNILOLO, 1991, p. 18.

⁵¹ LOPES, 2007, p. 55-56.

⁵² Informação do texto bíblico de Amós 5.18.

abandonada constantemente pelos escolhidos de Deus.⁵³ O profeta, por exemplo, aponta as injustas relações comerciais,⁵⁴ a abominação de uma prostituição religiosa⁵⁵ e o aspecto do povo não guardar a Lei de Deus.⁵⁶

Além do boiadeiro chamado pelo Altíssimo conhecer bem o Cânon Hebraico, conhecia, de maneira exemplar, a história do povo escolhido pelo Senhor. O mensageiro de Deus cita situações que envolvem Isaque⁵⁷ e José,⁵⁸ relembra o período que o povo passou no deserto⁵⁹ e a posterior conquista de Canaã.⁶⁰ Infelizmente, o povo israelita passava por uma notória falta de conhecimento tanto do seu Deus quanto de suas referências históricas.

No que se refere à falta de discernimento dos israelitas, Silva indica que “Israel não se sente preocupado pelas ameaças e julga que sua conduta não é susceptível de nenhuma reprimenda... Afinal de contas, Israel não é o povo do Senhor? Não estaria, por isso, ao abrigo de qualquer condenação?”⁶¹ De maneira contrária às expectativas do povo do Reino do Norte, o profeta Amós, vigorosamente, iniciou um grave apontamento dos pecados da nação.

Amós, o homem chamado por Deus a levar uma mensagem do Altíssimo, expôs que os locais geográficos religiosos do Reino do Norte eram frequentados constantemente, porém Deus não tinha prazer nas vidas de tais frequentadores.⁶² Os altares construídos a ídolos estavam presentes na geografia do reino do Norte e na consciência de cada adorador. O principal sacerdote de Israel, Amazias, não estava imbuído em obedecer à Lei e os estatutos do Salvador, antes gastava energia, a fim de que o rei Jeroboão II e a sua casa real tivessem a sua reputação preservada.⁶³

Amazias, o sacerdote de Betel, representava a espiritualidade superficial que os israelitas vivenciavam. Não aceitou a mensagem do profeta enviado pelo Pai celestial, antes desejou silenciá-la. Arrepende-se era algo essencial para os israelitas, mas o seu mentor religioso queria que o “*status quo*”⁶⁴ espiritual vivido pela nação fosse continuado. O indivíduo que vive uma espiritualidade superficial não se arrepende dos seus pecados, antes permanece os praticando. Além disso, não conhece a mensagem de Deus, antes ouve e pratica o que os

⁵³ Havia entre os israelitas uma cultura de ensino tanto sobre a Torá quanto sobre a história do povo, porém neste momento histórico eles estavam deixando de realizar tal prática comum e relevante. No que se refere ao ensino realizado pelo povo hebreu, ver mais sobre no artigo Educação na Bíblia: Três exemplos influenciadores da educação geral destacados no Antigo Testamento, de Sandra de Fátima Kruger Gusso e Antônio Renato Gusso publicado na revista **Via Teológica**, vol. 17, n.33, Jun/2016, p. 13-29.

⁵⁴ Tal ensino pode ser visto no livro de Levítico (Lv 19.35).

⁵⁵ A aversão a esta pecaminosidade pode ser observada no livro de Deuteronômio (Dt 23.17-18).

⁵⁶ Esta afronta pode ser notada, também, no livro de Deuteronômio (Dt 17.19).

⁵⁷ Informação do texto bíblico de Amós 3.13.

⁵⁸ Informação do texto bíblico de Amós 7.16.

⁵⁹ Informação do texto bíblico de Amós 5.25.

⁶⁰ Informação do texto bíblico de Amós 2.9.

⁶¹ SILVA, Aldina. **Amós**: um profeta politicamente incorreto. Tradução de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 40.

⁶² Informação dos textos bíblicos de Amós 4.4; 5.5; 5.21-23.

⁶³ Informação do texto bíblico de Amós 7.10-13.

⁶⁴ De acordo com o dicionário online de português, o status quo é a condição de alguém ou estado atual de alguma coisa; e o estado ou circunstância que se mantém igual ou do modo como estava antes de alterações. Veja mais sobre em <https://www.dicio.com.br/status-quo/>. Acesso em 26.06.2020.

seus desejos indicam, tornando-se cada vez mais egocêntrico e afastado do Eterno. O deficiente conhecimento do Senhor leva a idolatria, que é um dos fundamentos do pecado.

A prosperidade do Reino do Norte era notória, assim como a concentração tanto financeira quanto de poder. O profeta do Senhor indica que os ricos possuíam casas e móveis luxuosos, além de viverem em prazeres supérfluos. O comércio estava marcado pela desonestidade dos seus agentes e a imoralidade⁶⁵ habitava entre os israelitas. Tais pecados eram resultado de um abandono da Verdade e uma falsa segurança nas suas práticas religiosas, que, de acordo com o livro de Amós, eram desaprovadas por Deus.

A mensagem de Amós é uma denúncia contra a sociedade israelita que deixou de adorar ao Eterno e dedicar as suas vidas em fazer a Sua vontade. A espiritualidade do povo, em síntese, era visualizada nos breves momentos de cumprimentos cúlticos. Os israelitas estavam ligados aos templos, festas e assembleias, mas em seu cotidiano apresentavam-se envolvidos com adoração a outros deuses, opressões aos pobres, violência, descaso para com os necessitados, soberba e, sobretudo, com a injustiça.⁶⁶ Lopes tece a seguinte observação:

Israel corrompeu-se em extremo. Os sacerdotes adulteravam dentro do templo. As mulheres viviam de forma fútil, em festas e bebedeiras. Os juízes amordaçavam a voz da consciência e vendiam sentenças para arrebatam o direito dos justos. Os ricos viviam nababescamente, dormindo em camas de marfim, bebendo vinhos caros ao som de música, tramando em seus leitos planos para saquearem os pobres, enquanto estes lutavam desesperadamente para sobreviver.⁶⁷

O Altíssimo desejava que o seu povo tivesse toda a vida dedicada a Ele. A forma como as pessoas se relacionavam deveria expressar o Deus justo e verdadeiro. O Eterno, segundo o profeta, indica que o ser humano deve o adorar em todo o tempo da sua vida e não apenas em alguns momentos ou lugares. A frequência tanto do povo quanto de seus líderes nos templos, nas festas e assembleias solenes deveria estar associada ao cumprimento da justiça. A oferta levada ao templo alinhada à oferta de vida ao próximo. Por um lado a espiritualidade superficial destaca-se pelo seu formalismo religioso e distância de uma transformação, por outro uma profunda espiritualidade é marcada pela entrega holística do ser humano a Deus, isto é, de todo o seu ser.

Deus chama os seus filhos a vivenciarem uma espiritualidade profunda que é caracterizada por uma vida obediente e dedicada totalmente a Ele. Seja na adoração realizada no templo seja no cuidado do necessitado. Ora glorificando ao Justo nas festas ora praticando a justiça com o seu irmão. O profeta expõe que o Altíssimo deseja que entre os seres humanos haja retidão.⁶⁸ Em hebraico, esse termo é *tsedaqah*, que traz um sentido de igualdade e justiça nos relacionamentos sem levar em consideração as diferenças, sejam elas quais forem.

Amós, o boiadeiro chamado por Deus, enfatiza que o Senhor dos Exércitos quer uma vida espiritual de profundidade e não de superficialidade. A mensagem do profeta chama as

⁶⁵ Am 2.7; 4.1; 5.11; 6.4-8; 8.5.

⁶⁶ Am 3.10; 4.1; 5.7, 26; 6.8.

⁶⁷ LOPES, 2007, p. 24.

⁶⁸ Am 5.24.

peçoas a deixarem a adoração a outros deuses e se converterem ao Eterno, de modo que abandonem a idolatria e conheçam, de maneira verídica, o seu Senhor e, assim, façam o que é reto de acordo com os estatutos do Senhor.

As palavras trazidas por Amós indicam que a vivência de uma espiritualidade superficial, isto é, praticada em partes e individualizada, leva o indivíduo a uma falsa segurança e a prática de pecados, como a idolatria. Esse pecado praticado, infelizmente, era comum na vida dos israelitas e os distanciavam do Eterno. Apesar de alguns reis, como Asa,⁶⁹ Josafá,⁷⁰ Joás,⁷¹ Amazias,⁷² Azarias⁷³ e Jotão,⁷⁴ descritos nas Escrituras Sagradas como homens retos perante o Senhor, ainda assim, não retiraram os altos⁷⁵ de adoração a deuses pagãos. Apenas Ezequias, de maneira exemplar, conseguiu retirar tais abominações praticadas por seu povo.⁷⁶

Não apenas em Judá como também em Israel, praticava-se uma religião de sincretismo e, de maneira problemática, apresentavam um culto híbrido, de modo que buscavam adorar tanto ao Senhor dos senhores quanto aos deuses pagãos. Para Perks, considerado o missionário da cosmovisão cristã, os israelitas acreditavam que adorar ao mesmo tempo ao Eterno, frequentar os altos e realizar sacrifícios de acordo com e para os deuses pagãos era a forma correta.⁷⁷ A falta de conhecimento do Deus que os chamou na história como seus escolhidos levava as pessoas do Reino do Norte a um afastamento do seu Senhor.

As pessoas abriam as suas bocas e apresentavam cânticos ao Eterno, mas Esse não aceitava, pois tais louvores eram provenientes de pessoas idólatras inundadas de pecados e que não se arrependiam de tais práticas, antes concretizaram uma forma sincrética de adoração. Nesse sentido, Stott acrescenta que

A Escritura muitas vezes destaca que a verdadeira adoração não é em si uma questão de formas, rituais e cerimônias. Precisamos atentar cuidadosamente para a crítica que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo de Marx e seus seguidores, denuncia mais a religião vazia que a Bíblia. Os profetas do século VIII e VII antes de Cristo eram claros em denunciar o formalismo e a hipocrisia da adoração israelita.⁷⁸

Segundo Aquele que chamou Amós, os israelitas deveriam praticar a justiça entre eles, de forma que o rei fosse justo com seus súditos e estes com o seu rei, os ricos com os pobres e estes com os mais abastados financeiramente, os comerciantes com seus trabalhadores e

⁶⁹ Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 1Rs 15.9-14.

⁷⁰ Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 1Rs 22.41-43.

⁷¹ Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 2Rs 12.1-3.

⁷² Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 2Rs 14.1-4.

⁷³ Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 2Rs 15.1-4.

⁷⁴ Informação que pode ser encontrada no texto bíblico de 2Rs 15.32-35.

⁷⁵ Os canaanitas ofereciam sacrifícios aos seus deuses em altares que eram plataformas geralmente elevadas. Tais ritos religiosos eram praticados em locais denominados altos. Esses ritos, infelizmente, foram associados à espiritualidade dos israelitas.

⁷⁶ Os reis citados são de Judá, mas vale o destaque, pois demonstra a dificuldade do povo hebreu de deixar tais práticas.

⁷⁷ PERKS, Stephen C. **A adoração a Baal: antiga e moderna**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2016, p. 17.

⁷⁸ STOTT, John. **A Igreja autêntica**. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013, p. 40.

estes com os seus empregadores. Entretanto, o que ocorria em Israel no tempo de Amós era a prevalência da vontade dos mais poderosos. Díaz sintetiza que

A sorte dos cidadãos modestos era tremendamente dura e o Estado fazia pouco ou nada para aliviá-la. Ocorriam tremendas injustiças e um contraste brutal entre ricos e pobres. O pequeno agricultor encontra-se muitas vezes à mercê dos agiotas e de sérias calamidades (seca, pragas, falhas da colheita), que o expunham à penhora dos bens e a ter que viver como escravo. Este sistema, duro em si mesmo, piorava por causa da ambição dos ricos e comerciantes, que aproveitavam as fianças dadas aos pobres para aumentar suas riquezas e domínios; falseavam os pesos e as medidas, recorriam a artifícios legais e subornavam os juízes. Como estes não se distinguiram por seu amor à justiça, a situação dos pobres tornou-se cada vez mais dura.⁷⁹

O povo israelita preocupava-se com o seu ego, suas conquistas e seus bens materiais. Para Motyer, “a prosperidade, a exploração e o lucro eram os aspectos mais marcantes da sociedade que Amós contemplava e na qual trabalhava”.⁸⁰ O rei, juízes, comerciantes, líderes religiosos e pessoas financeiramente mais abastadas colocavam as suas vidas em primeiro lugar. O Reino do Norte no século VIII a.C. era composto por pessoas idólatras que se tornaram individualistas e se afastaram do seu Deus. Hoje, a sociedade também se caracteriza pelo individualismo e distanciamento do Altíssimo, pois muitas pessoas, embora frequentam cultos, festas, assembleias e entregam regularmente os dízimos, colocam suas vidas em primeiro lugar. Na contemporaneidade, os cristãos não apenas os brasileiros como também de toda a humanidade apresentam atitudes semelhantes ao povo israelita da época do profeta Amós.

A verdadeira adoração ao Santo dos Santos resulta em uma atitude de amor ao próximo. O profeta Amós indica que a frequência aos cultos deve estar associada tanto a uma vida de devoção a Deus quanto de cuidado para com as pessoas que convivem com os filhos de Deus. No culto, nos momentos devocionais e nos estudos das Escrituras Sagradas, adora-se a Deus e assim se conhece a Ele gradativamente. A comunhão com o Pai celestial faz com que os seus discípulos o conheçam e passem a viver da maneira que Ele ensina.

A mensagem trazida pelo profeta Amós aponta que não apenas o israelita do século VIII a.C. como também os cristãos do século XXI devem estar com toda a sua vida consagrada a Deus. Uma vida dedicada, de maneira integral, ao Eterno, resulta em um indivíduo que deseja vivenciar uma espiritualidade profunda, de modo que ele cresça em graça e conhecimento e revele à fiel mensagem do Criador a comunidade que ele participa.

A sociedade do Reino do Norte estava marcada por pecados, opressões e soberba, mas por meio de uma mensagem trazida pelo profeta Amós, o Senhor dos senhores os chamou para o arrependimento. Convocou-os a deixar os seus pecados e viver uma vida segundo Aquele que os tirou do Egito. Assim como Deus chamou o Reino do Norte do século VIII a.C. a procurá-Lo e deixar as suas iniquidades, convoca as sociedades espalhadas pelo mundo a

⁷⁹ DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil Avelino Tilton. Rio de Janeiro: Vozes, 2016, p. 167.

⁸⁰ MOTYER, 2008, p. 1.

deixarem os seus pecados e renderem-se a Ele. Sobre a contemporaneidade dos ensinamentos de Amós, Lopes acrescenta que

A mensagem de Amós é atual, é oportuna, é necessária, é esperançosa. Arrepende-se e vive; ou tapar os ouvidos à voz de Deus e morrer. O caminho da obediência conduz à bem-aventurança, mas o caminho da transgressão, ainda que aparentemente seguro e aplainado pelo luxo e pela riqueza conduzirá, inevitavelmente, ao fracasso. Israel embebedou-se com o sucesso, com a riqueza, com o luxo e fechou os ouvidos à voz dos profetas de Deus e marchou célere para o cativeiro.⁸¹

As palavras trazidas por Amós visam alertar ao povo de Israel que as atitudes que estavam manifestando no seu cotidiano se apresentavam em desacordo com os princípios ensinados pelo Criador. Deus, o Salvador, em seus ensinamentos ao longo da história, indicou que a sociedade israelita deveria cuidar de todos aqueles que estão em situação de necessidade, seja o rico ou o pobre, seja o rei ou o súdito.

A mensagem de Amós indica que ele era um homem conhecedor da Torá e da história de Israel. Além disso, era alguém que conhecia, sobretudo, ao Deus que o chamou e que por vezes expôs tal conhecimento aos seus ouvintes. Em favor desses, intercedeu o profeta. Para que os israelitas pudessem vivenciar uma espiritualidade profunda, expôs que deveriam buscar ao seu Senhor e viver, bem como praticar o bem e aborrecer o mal.

3. A VIVÊNCIA DE UMA ESPIRITUALIDADE PROFUNDA INDICADA PELA MENSAGEM DE AMÓS

O profeta indicou que Israel deveria buscar a Deus e viver, além disso, praticar o bem e aborrecer o mal. Tais atitudes são esperadas de todos aqueles a quem o Eterno escolheu antes da fundação do mundo. Para que a pessoa seja capaz de vivenciar uma espiritualidade profunda, deve-se colocar o Rei dos reis em primeiro lugar nas suas escolhas, pensamentos, atitudes, vida cotidiana, enfim, o Salvador deve ser o Senhor de todo o âmago do indivíduo. Amós, no século VIII a.C., diagnosticou que os israelitas precisavam vivenciar uma espiritualidade profunda e, hoje, a sua mensagem ainda diagnostica tal fato.

3.1 Buscar a Deus e viver

O ser humano deve buscar a Deus em todo o tempo e conhecê-lo de forma gradativa e contínua. Não há sentido em uma vida longe do Salvador. No tempo de Amós e na atualidade, é notório que muitos indivíduos caminhavam e caminham em direção ao egocentrismo e que da mesma forma que procuravam, ainda procuram uma espiritualidade superficial que está de acordo com os seus desejos e ambições. Entre os israelitas havia uma predominante idolatria e, hodiernamente, observa que está ainda presente. Nesse sentido, Perks observa que

⁸¹ LOPES, 2007, p. 13.

Parece-nos tão óbvio que a idolatria contraria o verdadeiro culto a Deus, embora a maioria do povo de Israel não pensasse assim na época. E, na verdade, devemos parar e pensar antes de apontarmos o dedo, e nos indagarmos se também não somos culpados de transigências tão graves como essas do povo israelita a nosso próprio modo e nos nossos dias. Com efeito, devemos nos perguntar se, dada a revelação mais profunda hoje, quando comparada a eles, nossas transigências não são, de fato, pecados mais graves. O fato é que reconhecemos os ídolos e pecados das eras passadas e de outras culturas com mais prontidão que os pecados da nossa época e cultura. Eis o caráter tão nocivo do sincretismo.⁸²

Por não buscarem a Deus, o povo de Israel não o conhecia e, não o conhecendo, viviam em torno de uma religião sincrética e uma espiritualidade sem profundidade. Cada vez mais as pessoas caracterizavam-se e caracterizam-se pelo individualismo e indiferença ao seu próximo. Amós indica que o indivíduo deve viver em busca de um relacionamento constante com o seu Senhor e obedecer aos seus princípios ensinados.

A adoração a Deus deve ser realizada de acordo com o que o Eterno ensina e não da forma que o ser humano deseja realizar. Quando a pessoa busca o Salvador, Ele se revela e, conseqüentemente, vive-se de maneira que o seu Senhor aprova e, além disso, oferece uma adoração que o Altíssimo tem prazer. De acordo com Stott, a Escritura indica que a adoração do cristão deve ser bíblica, congregacional, espiritual e moral.⁸³

Buscar a Deus e viver é procurar a concretização da vontade do Salvador no cotidiano de vida. Para conhecer os desejos de Deus é necessário separar tempo de vida para ler as Escrituras Sagradas, meditar e ter uma vida de oração. Nesse sentido, Waltke afirma que “seus desejos devem ser consequência do seu tempo com Deus. Assim você poderá estar certo de seguir desejos piedosos e não meramente inclinações pessoais”.⁸⁴

Buscar ao Eterno é praticar a justiça e retidão provenientes d’Ele nas atitudes e escolhas diárias. Além disso, é conhecer a sua vontade e caminhar na direção dela, a fim de que possa realizar aquilo que é bom, perfeito e agradável ao Senhor. Israel não buscava a Deus e, como resultado, não conhecia os seus próprios pecados. Ouviram Amós denunciar as iniquidades dos vizinhos e esqueceram de deixarem os seus erros. O indivíduo ou povo que vive uma espiritualidade superficial não reconhece os seus erros, antes busca escondê-los. Já o discípulo do Altíssimo que vivencia uma espiritualidade profunda busca a Deus e pratica constantes reflexões sobre os seus erros, a fim de deixá-los e se converter ao seu Salvador.

A atitude dos israelitas é perceptível nos dias de hoje. O indivíduo contemporâneo aceita ouvir a denúncia dos pecados do próximo e até surpreende-se com a gravidade, mas possui aversão às pessoas que indicam os seus erros. Sayão, em seu livro que trata de uma teologia na prática, acrescenta que “... a grande verdade é que quando diabolizamos o outro sem

⁸² PERKS, 2016, p. 23.

⁸³ STOTT, 2013, p. 34-44.

⁸⁴ WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus: uma ideia cristã ou pagã?** Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 96-97.

qualquer convicção de nossos erros e limitações, nós o fazemos, apenas, para esconder o nosso próprio pecado”.⁸⁵

De acordo com a mensagem de Amós, o Senhor indica que a busca por Ele não apenas deve ser composta pelas reuniões realizadas conjuntamente com os santos, a fim de louvar e glorificar ao seu nome, como também realizada em cada atitude e escolha do seu cotidiano.⁸⁶ Uma vida que busca a Deus sempre o acha nas suas atitudes e escolhas diárias. Hoje, o indivíduo contemporâneo se encontra mais atarefado, secularizado e sem tempo, mas o cristão, neste tempo atual, deve colocar a Deus em primeiro lugar e buscá-Lo, a fim de conhecê-Lo e ter uma vida segundo a Sua vontade.⁸⁷

3.2 Praticar o bem e aborrecer o mal

O indivíduo que experimenta uma espiritualidade profunda com o Senhor dos senhores tem a sua vida marcada pela constante prática do bem. Por vezes o Salvador ensina que o ser humano deve estar realizando o bem para o próximo. Tal atitude faz parte de uma vida que verdadeiramente adora a Deus. Para Lopes, “ninguém pode pressupor que Deus está com ele, se não pratica o bem. Deus é o sumo bem. Deus é bom. Não há Nele treva alguma. Quem anda com Deus precisa refletir o seu caráter”.⁸⁸

O cristão faz o bem porque o seu Senhor assim ensina.⁸⁹ O aprendiz do Eterno obedece as Escrituras Sagradas, pois visa agradar ao seu Senhor. As palavras do profeta é tanto um chamado a concretização do bem quanto uma denúncia do mal. Além disso, é, sobretudo, um diagnóstico de uma sociedade sem Deus. Assim como os israelitas estavam sem Deus, hoje, as pessoas que apresentam uma espiritualidade superficial estão distantes do seu Criador. Nouwen e Roderick observam que na atualidade existem muitas pessoas que não buscam algo mais profundo. Estão com mais interesses em uma profundidade cultural e uma certa espiritualidade sem Deus.⁹⁰

Os moradores do Reino do Norte no século VIII a.C. podiam até observar as constantes práticas de injustiças, mas não as denunciavam. Demonstravam-se indiferentes. Depositavam em seus líderes, que representavam o Estado, a realização de algo diferente. No entanto, os

⁸⁵ SAYÃO, Luiz A. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 109.

⁸⁶ Vale ressaltar, que Deus indica os cultos e reuniões entre os santos, mas reprova quando tais realizações são transformadas em meros formalismos religiosos divorciados de uma vida de verdadeira adoração ao Salvador.

⁸⁷ O Salvador deseja que os seus aprendizes tenham um relacionamento diário e discipulador com Ele. Tal relação resulta em uma transformação contínua dos filhos de Deus. Jesus, o Deus encarnado, relacionou-se profundamente com os seus discípulos e os ensinou a buscar, de maneira constante, o Eterno. No que se refere à proximidade relacional entre o Pai celestial e seus filhos, há boa síntese em ZULUAGA, Diego A. Buritica. Uma lectura Del Evangelio de Juan Em Clave De Discipulado. **Kenosis**. Rionegro-Colombia. v.2, n.3, Julio-diciembre 2014, p. 88-102.

⁸⁸ LOPES, 2007, p. 130.

⁸⁹ Tal virtude deve ser praticada por obediência a Deus e não por emocionalismos inconstantes principalmente quando provenientes de um humanismo secular. Sobre isso, Percks indica que o atual humanismo secular exerce um significativo impacto na fé cristã, sobretudo, no que diz respeito à área educacional. Ver mais sobre em (PERKS, 2016, p. 31-50).

⁹⁰ NOUWEN, Henry J. M.; RODERICK, Philip. **Conversa espiritual: a beleza e a profundidade da espiritualidade cristã explicadas de maneira simples**. Tradução de Jorge Camargo Filho. Brasília: Palavra, 2009, p. 65.

representantes desejavam manter o *status quo* da vida cotidiana daquele povo.⁹¹ Na contemporaneidade, também, está presente tanto a injustiça quanto a indiferença e o depósito de mudança, assim como foi no século VIII a.C. em Israel, encontra-se no Estado. Percks destaca que

Em vez de fazer justiça, o Estado moderno entende que seu papel é fornecer educação, assistência médica e sistema de bem-estar neutros em sentido religioso. Todavia, a neutralidade religiosa é impossível. Na verdade, temos educação, assistência médica e sistema de bem-estar humanistas seculares; e, cada vez mais, os valores religiosos do Estado humanista se mostram antitéticos aos valores da fé cristã. Em vez de liberdade para vivermos nossas vidas de acordo com a vontade de Deus, a seu serviço, praticando as virtudes cristãs, temos agora o Estado humanista exercendo controle sobre todas as coisas e governando nossa vida de acordo com a sua ideologia religiosa. Entretanto, o Estado é incapaz de exercer a justiça compreendida pela cosmovisão cristã.⁹²

Deus, o Salvador, convoca o profeta de Tecoa a fazer uma série de graves denúncias contra o povo israelita. Para o Senhor dos senhores não bastaria aos seus escolhidos praticarem atitudes filantrópicas, antes indicava que eles deveriam deixar as suas práticas pecaminosas, como o exercício de balanças enganosas nas relações comerciais e, sobretudo, a idolatria. Os israelitas do século VIII a.C., de acordo com a mensagem de Amós, deveriam tanto buscar a Deus e viver quanto fazer o bem e aborrecer o mal. Tais atitudes são virtudes indicadas para a prática cotidiana não apenas do povo de Israel como também para o discípulo do Altíssimo que vive na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amós, inicialmente, apresentou uma mensagem de reprovação para os vizinhos de Israel. No entanto, surpreendentemente para os israelitas, as palavras de denúncia chegam até eles. O povo israelita, segundo o Altíssimo, pisoteava os pobres, prejudicavam os justos, desamparava os necessitados, realizavam imoralidades sexuais, corrompiam as relações comerciais e, sobretudo, praticavam a idolatria. Essa é a consequência de um deficiente conhecimento do Salvador.

A idolatria gerou tanto no Reino do Norte da época de Amós quanto nas sociedades contemporâneas uma espiritualidade superficial, de forma que o indivíduo imagina que está adorando a Deus, mas Esse não tem prazer na sua vida de adoração. No século VIII a.C., os israelitas buscavam conciliar a adoração a outros deuses, de maneira conjunta, com a

⁹¹ É relevante que o ser humano caminhe na direção tanto de conhecer a Deus quanto de se conhecer. Além disso, é essencial meditar nas Escrituras Sagradas e refletir se não há nenhum ídolo em sua vida. Dessa forma, o cristão precisa, de maneira contínua, destruir todos os ídolos que possam estar presentes na sua vida, como o estatal, o ideológico, o moral, enfim, qualquer ídolo que o afaste de um relacionamento integral com Deus. O Salvador ensina que os seus discípulos devem adorar somente a Ele.

⁹² PERKS, 2016, p. 50.

adoração ao Senhor. Hoje, o indivíduo caminha em direção a uma associação entre os pressupostos cristãos e os direcionamentos do humanismo secular.⁹³

Os israelitas apresentavam um formalismo religioso e uma espiritualidade superficial, fruto do sincretismo instalado em suas vidas. O povo do Reino do Norte estava distante do seu Criador, pois o desconheciam. O profeta indica que eles deveriam buscar a Deus e viver em conformidade com os ensinamentos aprendidos em tal relação. Além disso, deveriam no seu cotidiano praticar o bem e aborrecer o mal. Tais atitudes levariam os israelitas a deixarem os seus pecados e converterem-se ao Senhor tanto deles quanto da humanidade. Infelizmente, na época de Amós, haviam conversões rasas, ou seja, que não geravam transformações. Assim como havia conversões superficiais ao Senhor no tempo do profeta Amós, há também na contemporaneidade. O indivíduo secularizado não aceita toda a palavra de Deus, mas apenas as partes que não o levam a uma significativa mudança de vida. Para Sayão, “a tendência atual é aceitar o Evangelho de modo superficial, como mais uma ajuda espiritual. Nunca houve tantas “conversões” evangélicas; mas nunca foram tão superficiais”.⁹⁴

O atual discípulo do Altíssimo deve, constantemente, refletir quanto à presença de prováveis ídolos contemporâneos na sua vida, a fim de não viver uma espiritualidade superficial, assim como o Reino do Norte vivenciou. Somado a isso, o cristão hodierno deve, assim como ensinado aos israelitas, buscar a Deus e viver de acordo com o resultado de tal relacionamento, de modo que conheça a Deus e viva sempre praticando o bem e denunciando o mal.

Infere-se, então, que a mensagem de Amós é eloquente não apenas para os israelitas do século VIII a.C. como também para os cristãos das comunidades contemporâneas. O profeta apresenta uma ressonância magnética da atualidade quando denuncia os pecados do Reino do Norte. De fato, o conteúdo das palavras proferidas ao povo de Israel apresenta e denuncia as atitudes reprováveis não apenas dos hebreus escolhidos pelo Senhor dos senhores como também do indivíduo hodierno.

A mensagem de Amós é tanto atual quanto oportuna para a sociedade contemporânea, visto que essa prática semelhantes pecados em relação ao auditório ouvinte do profeta. A denúncia do homem chamado pelo Eterno toca em problemas e pecados sociais, políticos e, sobretudo, espirituais. Esse sendo a medula das demais iniquidades. Dessa forma, a maior urgência do indivíduo contemporâneo é a busca de Deus, fonte de águas vivas, a fim de que possa viver uma espiritualidade profunda, ou seja, de conhecimento contínuo de Deus e práticas cotidianas ensinadas pelo seu Mestre.

REFERÊNCIAS

BALANCI, Euclides M.; STORNILOLO, Ivo. **Como ler o livro de Amós: a denúncia da justiça social**. São Paulo: Paulus, 1991.

⁹³ É válido ressaltar, que o humanismo secular leva a associação da Igreja contemporânea a três elementos idólatras: o cientificismo, a pedagogia humanista e o estadismo (PERKS, 2016, p. 8).

⁹⁴ SAYÃO, 2012, p. 137.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo de Genebra**. 2.ed. Almeida Revista e atualizada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DÍAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao profetismo bíblico**. Tradução de Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

GUSSO, Antônio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017.

GUSSO, S. F. K.; GUSSO, A. R. Educação na Bíblia: Três exemplos influenciadores da educação geral destacados no Antigo Testamento. **Via Teológica**, vol. 17, n.33, Jun/2016, p. 13-29.

LOPES, Hernandes Dias. **Amós**: um clamor pela justiça social. São Paulo: Hagnos, 2007.

MOTYER, J. A. **A mensagem de Amós**: o dia do leão. Tradução de Yolanda Mirdsa Krievin. 2.ed. São Paulo: ABU, 2008.

NOUWEN, Henry J. M.; RODERICK, Philip. **Conversa espiritual**: a beleza e a profundidade da espiritualidade cristã explicadas de maneira simples. Tradução de Jorge Camargo Filho. Brasília: Palavra, 2009.

PERKS, Stephen C. **A adoração a Baal**: antiga e moderna. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília: Monergismo, 2016.

SAYÃO, Luiz A. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012.

SILVA, Aldina. **Amós**: um profeta politicamente incorreto. Tradução de Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 2001.

STOTT, John. **A Igreja autêntica**. Viçosa: Ultimato; São Paulo: ABU, 2013.

WALTKE, Bruce. **Buscar a vontade de Deus**: uma ideia cristã ou pagã? Tradução de Haroldo Janzen. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WRIGHT, Christopher J. H. **Como pregar e ensinar com base no Antigo Testamento**. Tradução de Cecília Eller. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

ZULUAGA, Diego A. Buriticá. Una Lectura Del Evangelio de Juan Em Clave De Discipulado. **Kenosis**. Rionegro-Colombia, v.2, n.3, julio-diciembre/ 2014, p. 88-102.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A HISTÓRIA QUE FAZ DIFERENÇA

IGREJA BATISTA EMANUEL. **EMANUEL: envolver-se faz a diferença.** Panambi: Igreja Batista Emanuel, 2016. 224 p.

Jaqueline Bresch¹

Emanuel, envolver-se faz a diferença, é o livro que conta a história da Igreja Batista Emanuel de Panambi ao longo dos 110 anos desde a sua fundação. O autor evidenciou que várias pessoas ajudaram com materiais para descrever alguns marcos importantes durante este período, e com certeza contribuíram para a expansão do Reino de Deus. O grande marco da igreja está no envolvimento de muitas pessoas, que fizeram e ainda fazem a diferença.

A obra foi dividida em duas partes, sendo que a primeira parte apresenta uma perspectiva da história e a segunda apresenta alguns destaques sobre trajetórias e ministérios. A história dos Batistas em Panambi começou com movimentos dos povos europeus que estavam vindo da América, entre eles os alemães, que imigravam para o Brasil em busca de uma vida melhor. A missão Batista começou pelos próprios cristãos de origem alemã, trazendo a tradição “cada batista, um missionário”. A imigração para Panambi começou com Hermann Meyer, empresário alemão, que montou um empreendimento privado, vendendo lotes férteis para os estrangeiros que chegavam na cidade de Panambi, conhecida na época como Colônia de Neuwürttemberg. O sonho de reconstruir a vida exigiu trabalho árduo, porém havia esperança da bênção de Deus, sendo que o lema daqueles imigrantes era “ore e trabalhe”.

A trajetória espiritual teve seu início anos antes da chegada deste povo em Panambi, na cidade de Porto Alegre, pois ali existia um círculo de comunhão da Igreja Evangélica chamada

¹ A autora é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: jaque.bresch@hotmail.com

Immanuel, o qual tinha o canto como ponto forte do grupo. Alguns membros do coral vieram para Panambi, e o envolvimento com o canto continuou. Logo, organizou-se um novo coral, a fim de, alegrar os corações e elevar o louvor a Deus. Posteriormente solicitou-se um pastor para auxílio do trabalho nas igrejas, e com sua chegada nasceu o primeiro campo missionário de Karl Roth no interior de Panambi.

Em 1903, os Batistas e os Luteranos se uniram para a construção da primeira escola da comunidade. Neste mesmo ano, o casal Herrmann e Christine Gaiser também vieram à Panambi, e ali se converteram. Logo sentiram a necessidade de reunir todos os Batistas para o estudo das Escrituras Sagradas, e assim nascia uma pequena comunidade de Batistas em Panambi. Em 1904 esse casal preocupou-se com o ensino bíblico e também com seus filhos, e assim surgiu a EBD, a qual consistia num momento de ensino para as crianças, evangelizando-as e promovendo missões.

No ano seguinte, surgiu a necessidade de construir uma capela para melhor reunir as pessoas e para os momentos de adoração ao Senhor. O levantamento da capela foi um grande marco, pois foi construída no topo do morro sendo o único templo até 1923. Com a origem da Igreja Batista Emanuel, também foi fundada a Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, de origem alemã.

Após já existir uma escola para as crianças, voltaram-se então para outra questão (preocupação): a juventude e, em 1914, foi criada a União de Mocidade da Igreja Batista Emanuel, contando com 23 jovens. Em 1921, também surgiu o grupo das senhoras, contando com 20 senhoras. Ambos os grupos foram criados por influência do casal pastoral.

Os membros ajudavam-se e envolveram-se com o trabalho da igreja, e assim também fundaram congregações dentro e fora do estado de Rio Grande do Sul. O crescimento da igreja foi lento, porém constante e seguro. O ano de 1925 terminou com 93 membros, e em 1931 a igreja já contava com 150 membros que mantinham 4 escolas bíblicas e 5 pontos de pregação. Ainda em 1925, foi construída a casa pastoral, e em 1927 foi inaugurado um espaço para os jovens se reunirem. Em 1936 a igreja comprou um terreno grande para os membros poderem reunir-se com as famílias e amigos, tornando-se o *Ausflugsplatz*, o qual atualmente é o parque Batista Emanuel. O parque Batista Emanuel é testemunho de que a Igreja Batista Emanuel nasceu como uma família e continua assim.

Porém em 1937, o Brasil viveu a ditadura do Estado Novo, sendo que as medidas tomadas pelo Governo atingiram diretamente os descendentes alemães, e com isso houve impossibilidade de continuidade das atividades em Escolas Bíblicas e Campos Missionários, por isso surgiram diversas dificuldades. Felizmente, este período cessou e a comunhão voltou ao normal.

A bênção de Deus se revela de diversas formas, e com o crescimento da igreja surgiu a necessidade da construção de um novo templo. Executar a obra foi uma tarefa difícil, mas todos se envolveram, desde crianças até adultos, e a construção foi levantada em três anos. Além da igreja ter membros empenhados na obra, ela também mantinha uma participação intensa nas ações da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil. Em 1950 deu-se o

início da ação social da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil, fundando a Sociedade de Beneficência Tabea - Lar do Idoso.

A Igreja Batista Emanuel sentia a necessidade das mudanças, e entendia que a língua alemã não poderia permanecer como padrão da igreja. Mudanças foram necessárias, e lentamente surgiam novos comportamentos sociais e espirituais. Entre as mudanças pelas quais a Igreja Batista Emanuel precisou passar estava a transição da língua, a reorganização do estatuto, emancipação das congregações. Novas ações missionárias surgiram (novas congregações), e entre elas a construção de um novo prédio para as EBD's, pois havia preocupação com a educação religiosa.

A Igreja Batista Emanuel passou por períodos difíceis. Diante dos modismos de um mundo em crise sentiu o baque no seu rol de membros, registrando um decréscimo de membros da sede, embora nas congregações houvesse aumento. No início de 1990 muitas igrejas chegaram a Panambi, trazendo e oferecendo novidades que resultaram em um cristianismo individualista, e com isso tudo o que era de fora parecia melhor, e a reverência perdeu seu espaço.

O individualismo tornou-se tão forte e como consequência, após o culto os membros imediatamente voltavam para suas casas, e assim a correria do mundo contemporâneo entrou no cotidiano da fé. A chegada do novo milênio trouxe a sensação de novidade, mas as novidades também vinham acompanhadas de dificuldades. Diversos ministérios se desenvolveram, houve troca de pastores durante este período e muitos membros migravam para outras cidades, enquanto outros chegavam.

Em 2006 foi comemorado o centenário da Igreja Batista Emanuel, e durante todo o ano foram realizadas diversas programações. Na semana do centenário ocorreram diversas festividades. A relação entre a Igreja Batista Emanuel e Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil sempre permanecendo a mesma oportunizou que no mesmo ano fosse realizada a 85ª Assembleia da Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil na Igreja Batista Emanuel. Muitos membros se envolveram para tornar o evento inesquecível.

A Igreja Batista Emanuel passou por diversos períodos, mas o envolvimento dos membros fez a diferença. Há inúmeros marcos durante todos estes anos, contextos diferentes e mudanças significativas, mas levar o Evangelho para todas as pessoas sempre foi o principal objetivo. A obra *História da Igreja Batista Emanuel* é um material de fácil leitura e compreensão, bem como de grande valia para o aprendizado e para conhecimento do legado deixado pelos irmãos que se envolveram nessa obra.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.